



Universidade Federal do Rio Grande



Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

Associação Ampla FURG / UFRGS / UFSM

FLORES DE ENERGIA: A experiência do NEMA - Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental na constituição de intelectuais orgânicos

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, com associação entre UFRGS/UFSM/FURG.

Linha de pesquisa: Educação Científica: Produção científica e avaliação de produtividade em Ciência.

Orientação: Prof. Dr. Danilo Giroldo
Co-orientação: Prof. Dr. Vilmar Alves Pereira

Carla Valeria Leonini Crivellaro

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Programa de Pós-graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

Doutorado em Educação em Ciências

TESE DE DOUTORADO

FLORES DE ENERGIA: A experiência do NEMA - Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental na constituição de intelectuais orgânicos

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, com associação entre UFRGS/UFSM/FURG.

Linha de pesquisa: Educação Científica: Produção científica e avaliação de produtividade em Ciência.

Orientação: Prof. Dr. Danilo Giroldo
Co-orientação: Prof. Dr. Vilmar Alves Pereira

Carla Valeria Leonini Crivellaro

RIO GRANDE
2013

FLORES DE ENERGIA: A experiência do NEMA - Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental na constituição de intelectuais orgânicos

BANCA EXAMINADORA DA TESE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

Orientador: Prof. Dr. Danilo Giroldo
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências Ambiental da
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Co-orientador: Prof. Dr. Vilmar Alves Pereira
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências Ambiental da
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi
Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Prof^a. Dr^a. Débora Pereira Laurino
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof. Dr. Marcos Villela Pereira
Programa de Pós-Graduação em Educação
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

RIO GRANDE, 2013

**Dedico este trabalho a tudo e a todas as pessoas
do meu mundo
real, imaginário, absoluto!**

**Ao NEMA de todos os dias;
Meus sobrinhos amados que são sete,
Beatrice, Gabriel, Clarissa, Giovana, Luca, Enzo e Catarina
Meu pai Crivellaro que é único;
Minha mãe Marília adolescente de espírito;
Giancarlo pela música;
Joana pelo trabalho;
Jéssica pela quietude;
Eloise a maninha;
Tice pela distância que me ouve;
Leandro pelo carinho;
Meu Bolaxa de tantas pessoas;
FURG pela oportunidade;
CAPES por me manter;
Danilo pela coerência de fazer ver;
Vilmar que me faz vibrar;
Professores do Programa de Educação em Ciências:
Paula Ribeiro, Sheyla Rodrigues, João Alberto;
Da Educação Ambiental: Minasi;
Carla Gonçalves Rodrigues que fez a diferença;
Amigos queridos; Leo, Kleber, Henrique e Gordinho;
À equipe guerreira: Rita, Ramiro, Cláudia e Luciane;
Amigas Doidivas:
Alice, Juliana, Ana Carolina,
Maria Luíza, Adriana, Diana, Melina, Dédi, Raquel e Débora;
A outras queridas: Soledad, Camila, Silvina;
Donise e Sildes para todas as horas;
Às musas espirituais: Bali, Jacque, Lelena e Kika;
Colegas que compartilharam espaço e tempo de devaneios;
Meu grupo de EaD;
Às feras: Beth Schmidt e Maria do Carmo Galiuzzi;
A todos que passaram em mim;
Ao meu amor mais lindo
Isaias;
Arcanjo Miguel;
Círculo metálico de proteção!**

RESUMO

Este estudo visa compreender a experiência do NEMA – Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental na constituição de intelectuais orgânicos. A pesquisa busca identificar por meio de relatos das pessoas que formaram e formam o NEMA, bem como da trajetória que o Núcleo vem desenhando no cenário ambiental, como esse espaço constitui intelectuais orgânicos. O conceito de intelectuais orgânicos partiu de Antonio Gramsci (1882 – 1937), que desponta como um dos grandes teóricos da teoria social marxista. Para Gramsci o intelectual é mais do que uma pessoa das letras, ou um produtor e transmissor de ideias. Os intelectuais são também mediadores, legitimadores, e produtores de práticas sociais; eles cumprem uma função de natureza eminentemente política. Este aspecto interessa uma vez que o NEMA surgiu nesse movimento de resistir ao conhecimento e práticas sufocantes que constituem nossas práticas sociais. Intelectuais transformadores que aglutinam outros, a fim de romper com a opressão, fornecendo dessa forma a liderança da ética, da política e da pedagogia para a criticidade da realidade. A pesquisa com base qualitativa permitiu estabelecer os referenciais teóricos, a pesquisa em documentos e outras formas de informação e a apropriação da Análise Textual Discursiva – ATD para organizar o *corpus* por meio dos relatos de 30 pessoas que tiveram a experiência do NEMA. Os resultados possibilitam afirmar que os intelectuais orgânicos do NEMA se constituem em *Ondas*, isto é passam de uma reflexão sobre si mesmo – *Quem eu sou?*, estabelece uma relação de pertencimento com o lugar que atuam – *O lugar onde vivemos*, lidam com uma diversidade de pessoas, instituições e situações – *Biodiversidade*, estabelecem diálogos e se fazem representar em espaços de discussão – *Biosfera e Ecologia* e buscam a continuidade de suas ações por meio de novos projetos – *Planejamento Ambiental*. O estudo vislumbra que a experiência do NEMA contribua na vanguarda da construção dialógica do saber com os movimentos sociais para que estes saberes possam ser implementados na práxis destes movimentos, no fronte da relação natureza e sociedade.

Palavras-chave: Intelectual Orgânico, Educação Ambiental, Organizações Não Governamentais

ABSTRACT

The present study aims to understand the experience of NEMA (*Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental*) in the formation of organic intellectuals. The research seeks to identify through the narrative of people who had enjoy and still in NEMA as well as the trajectory that the center has been designing in the environmental scenario how this space is creating organic intellectuals. The concept of organic intellectuals came from Antonio Gramsci (1882 - 1937) who had emerged as one of the greatest theorists of Marxist's social theory. For Gramsci the intellectual is more than a person of letters, or a producer and transmitter of ideas. Intellectuals are also mediators, legitimating, and producers of social practices, they serve as political eminent. This aspect interest, since NEMA appeared in this movement to resist to the knowledge and practices, which were stifling our social practices. Transformative intellectuals who aggregate others, in order to break oppression, thus providing leadership in ethics, politics and pedagogy for the criticality of reality. The qualitative research based allowed to establish the theoretical landmark, research documents and other forms of information and ownership of Discourse Textual Analysis - DTA to organize the corpus through the reports of 30 persons who had the NEMA experience. These results enable us to state that the organic intellectuals of the NEMA are *waves*, this is nothing more than a reflection about yourself - Who am I?, Establish a relationship of belonging to the working place - the place where we live, deal with a diversity people, institutions and situations - Biodiversity, establish dialogues and to represent themselves in discussion spaces - Biosphere and Ecology and seek continuity of their actions through new projects - Environmental Planning. The study envisions that the experience of NEMA contributes in the forefront of dialogical construction of knowledge with social movements so that this knowledge can be placed in practice, in the front between nature and society relationship.

Keywords: Organic Intellectual, Environmental Education, Non-Governmental Organizations

SUMÁRIO

SENTIDOS.....	7
1 INTUIÇÃO.....	11
1.1 Muitas flores e muita energia.....	13
1.2 Sentidos e sentimentos.....	15
1.3 Eu e o NEMA.....	18
1.4 Ajuste do foco.....	22
2 CORES.....	28
2.1 Costuras sem arremates.....	29
3 TOQUES.....	41
3.1 O fazer acontecer a pesquisa.....	42
4 SABORES	50
4.1 NEMA natural cultural, sem medo de ser livre.....	51
4.2 As bases conceituais: buscas e encontros.....	61
4.3 Caminho do fazer.....	62
4.4 Os caminhos do fazer pelos Projetos continuados.....	64
5 PERFUMES.....	68
5.1 Cronos de um delírio.....	70
5.2 Território – Laboratório vivo.....	77
5.3 Significados do NEMA.....	88
5.4 Organicidade.....	104
6 SONS.....	122
6.1 O movimento em Ondas na formação do intelectual orgânico no NEMA.....	123
REFERÊNCIAS.....	134
ANEXOS.....	141

SENTIDOS



Gustav Klimt
The Kiss, detail women, 1907-1908

O que eu sinto e não ajo
O que ajo não penso
O que penso não sinto
Do que sei sou ignorante
Do que sinto não ignoro
Não me entendo
E ajo como se
Me entendesse.

Clarice Lispector

Esta é uma tese, de uma história, de muitas vidas, de descobertas e satisfação, de um ponto de mutação, de sentidos e sentimentos, de força e coragem, perseverança e audácia, de dias de vento e areias solares, de mar verde e algas chocolate, de meus pensamentos, de muita gente, de solidão, da família, dos amores, da estrada vazia, da roupa molhada, de mim, para todos, todos os dias...

É uma pesquisa em Educação em Ciências e Educação Ambiental - EA. Vejo-a como uma pérola, um ato natural, complexo e belo que forma com simplicidade a metáfora para essa dupla possibilidade. Natural porque respiro e transpiro Educação Ambiental. Como não poderia fazer uma tese em EA? Simples, porque transito com naturalidade na EA e a faço emergir no texto. Complexo, pois o ato de escrita o é, e minha escrita é fundamentada em uma teoria entremeada pelo meu viver e ainda expressa por uma linguagem contagiante e fazer isso é complexo. E belo porque é preciso beleza em ser e escrever.

A partir deste cenário e sob o enfoque ambientalista¹ inicio com inspiração, a trajetória para apresentar o trabalho intitulado *Flores de energia: A experiência do NEMA - Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental na constituição de intelectuais orgânicos*.

O estudo está focado no NEMA e seus intelectuais orgânicos. Busco a compreensão do significado do NEMA na captação e (trans)formação de pessoas que viveram o NEMA sob o conceito gramsciano de intelectuais orgânicos. Para tanto apresento a questão central da pesquisa:

Qual a percepção das pessoas que formam o NEMA e por ele são formados sobre sua própria formação nesse espaço?

¹ O que é ser ambientalista? Refiro-me às pessoas que por convicção ou profissão estão ligadas à preservação do meio ambiente e engajadas a buscar melhores condições de vida e de existência no planeta. Uma atitude de vida, uma filosofia pessoal, que busca ações conjuntas, engajamento político e bases sustentáveis para a mudança.

Pela trajetória do NEMA e pelos resultados alcançados com amplo impacto social e ambiental defendo nesse estudo que espaços experienciais, que realizam projetos ambientais e sociais e que apostam na intuição, na autonomia e na criatividade são potenciais para a formação de intelectuais orgânicos.

A escolha da temática deve-se a trajetória que o Núcleo vem consolidando no cenário ambiental, há 27 anos, com ações de conservação e Educação Ambiental. E como isso vem afetando o modo de perceber e compreender o meio ambiente pela sociedade.

Além disso, durante 20 anos participei dos rumos da instituição e por isso meu constituir aparece fortemente no trabalho. Penso, falo e escrevo como uma intelectual orgânica. O fluxo dessa constituição passa pelo conhecimento, descobertas e revelações, resistência e embates, por meio de uma prática orgânica que reconhece o ser humano como um ser integral.

A abordagem qualitativa permeou toda a elaboração do trabalho. Permitiu compreender o contexto de surgimento do NEMA, bem como o impacto das experiências no espaço do NEMA e sobre a vida fora dele.

Com base na Análise Textual Discursiva – ATD, o *corpus* da pesquisa foi elaborado a partir de 30 relatos das pessoas que formaram o NEMA até os dias atuais, respondendo a pergunta O que o NEMA significa ou significou na sua vida? Disso, emergiram três categorias que são discutidas nos metatextos.

A tese está estruturada em seis capítulos. O Capítulo Intuição abre o trabalho apresentando a reflexão acerca desse tema e como a intuição fez parte da trajetória da pesquisa. O Capítulo Cores, a introdução, apresenta os objetivos, as justificativas e sua organização. O Capítulo Toques trata da metodologia de trabalho. O Capítulo Sabores apresenta a trajetória do NEMA, o campo da pesquisa. O Capítulo Perfumes traz as categorias emergentes e a discussão teórica juntamente com as falas dos sujeitos. O Capítulo Sons, as considerações finais, faz uma reflexão acerca do desenho da espiral dos intelectuais orgânicos constituídos no NEMA.

É com inteireza que proponho um olhar para dentro do NEMA, sua capacidade de desorganização, interação, organização e reorganização permanente, o que permite ser diferente e continuar presente. Esta é uma possibilidade da construção de sentidos vitais à produção do conhecimento ligada à produção da vida.

A intuição e os cinco sentidos representados pelos capítulos pretendem um desencadear de percepções para além do físico. Emancipar os sentidos tendo a intuição e a espiritualidade integradas aos processos de constituição dos intelectuais orgânicos.

É necessário ser inteiro: no corpo, em ciência, em meditação, na consciência. A matéria sozinha não é nada, assim como a espiritualidade só, também não é. A inteireza está na união das coisas.

Àqueles que me honrarem com a leitura desse trabalho convido a reconectar e religar seus sensores e com inteireza compreendê-lo.

Boa leitura.

A handwritten signature in blue ink, consisting of several loops and flourishes, positioned in the lower right quadrant of the page.

1 INTUIÇÃO



*Gustav Klimt
The Virgin, 1913*

Tudo quanto
penso,
Tudo quanto
sou
É um deserto
imenso
Onde nem eu
estou.

Extensão parada
Sem nada a estar
ali,
Areia peneirada
Vou dar-lhe a
ferroada
Da vida que vivi.

Fernando Pessoa

Tomei o café amargo e sentei em frente à porta envidraçada. Dali podia ver os cavalos esfumaçados pelo vapor. A luz daquele dia estava diferente, com uma umidade tão densa que coloria o céu com um arco-íris.

O momento era 2013, na iminência de um doutoramento. Livros, livretos, artigos, atas, teses, eram a companhia e davam ao quarto um ar de tempo de seriedade. Além de todo o material digital acessado guardado na memória, a possibilidade de discutir com as pessoas *on line* sobre determinados conceitos e estranhamentos, acalentava a solidão.

Falar da intuição é refletir sobre o quanto o ato de intuir me tornou pesquisadora. Até chegar aqui passei por muitas metamorfoses, como pessoa, como profissional. Independente do momento a intuição nos move para trilhar o desconhecido, como energia mais primordial do ser. Daí abrir o trabalho falando da intuição, o ato de intuir a pesquisa que está encharcada de sentimento, experiência e dedicação.

No pensamento de Henri Bergson (1859 – 1941), um dos precursores do inconsciente, há uma relação profunda entre o desenvolvimento da criatividade e a expressão da intuição. A criação surge de uma situação de liberdade.

Educar é fomentar a liberdade, proporcionar que o ser humano se energize em atos com toda a sua alma. Educar é, para Bergson (1974), levar o homem a se expor na sua ação, a criar, através da ação.

A intuição no espaço do NEMA foi um tempero a mais, um diferencial em determinadas ações e o impulso vital para que uma ideia fosse colocada em prática.

Com Bergson me permito refletir e dialogar no contexto em que pude desenhar minha espiral como intelectual orgânica. Eu fruto de um tempo, de uma cultura, de uma sociedade com motivação suficiente para fazer despertar condições reais de um desejo imperioso de solucionar um problema, de acumular ricos conhecimentos práticos e teóricos, de trabalhar e pensar longa e intensamente, de passar rapidamente de uma atividade à outra e de ter a mente flexível e aberta ao novo, cheguei até aqui e a intuição abre este espaço de relato.

Intuitivamente escolhi Gustav Klimt (1862 – 1918), para ilustrar com suas pinturas *Art Nouveau*, a abertura dos capítulos. Pensei em imagens que pudessem transmitir esse visceral abraço, os sentidos perpassando a carne e

veio à mente a imagem do *Beijo*. Aí vieram as outras: as *Serpentes I*, *Serpentes II*, *A árvore da vida*, *Flores no jardim* e fui me apropriando das suas cores, toques, sabores, perfumes e sons na possibilidade de estabelecer uma conexão estética entre forma e conteúdo do trabalho. As Flores de Energia!

1.1 Flores de energia: muitas flores e muita energia

As Flores de Energia! Metáfora que se refere ao movimento *Power Flowers*, que respondia à expectativa de maior liberdade e criatividade. Uma explosão de juventude em todos os aspectos, que influenciados pelas ideias de liberdade "On the Road" [título do livro do *beatnik* Jack Keurouac, de 1957] da chamada geração *beat*, começavam a se opor à sociedade de consumo vigente, influenciando novas mudanças de comportamento jovem, como a contracultura e o pacifismo do final da década.

Contestava seus sistemas de ensino e a cultura em diversos aspectos, como a sexualidade, os costumes, a moral e a estética. Os anos de 1960 chegaram ao fim, coroados com homem na Lua, em julho de 1969, e o festival "Woodstock Music & Art Fair".

Conforme Hohlfeldt (1999), a principal característica da década de 1960 é a contradição. As variadas e múltiplas posições são expressas nos campos da atividade política, econômica e cultural. Daí a perspectiva de oposição entre diferentes princípios e ideologias, que acaba se expressando numa tensão constante.

Nesse movimento o novo ambientalismo deu expressão à contracultura, e o movimento *hippie* se apropriou da moral ambientalista com as "verdades essenciais", num mundo materialista.

O movimento tinha objetivos e demandas bem definidos e consciente da dimensão política dos mesmos, chamava a atenção para as consequências devastadoras que um desenvolvimento sem limites estava provocando.

De acordo com Camargo (2003), 1968 foi o primeiro sinal de grave descontentamento popular com o modelo de capitalismo industrial no final do seu ciclo, com a eclosão do protesto estudantil em cadeia, iniciado em Paris, em maio de 1968, passando por Berkeley, Berlim e Rio de Janeiro.

Apontava para mudanças radicais que iriam se estender a vastos domínios, influenciando não apenas a economia e a sociedade como também o próprio modelo civilizatório, com seus usos e costumes. Para onde vamos?

No Brasil, desde as décadas de 1910, 1920 o movimento antropófago de Oswald de Andrade (1890-1954) já tencionava para a construção de uma identidade cultural onde as particularidades de cada cultura fossem reconhecidas. O Manifesto *Poesia Pau-Brasil* (1924) e o Manifesto *Antropófago* (1928) foram a demonstração da descoberta do Brasil a partir da cultura popular e da Amazônia. Digerir qualquer influência estrangeira e permitir que a identidade nacional se manifestasse. Outra cultura estava se configurando.

Jovens brasileiros, vivendo a ditadura militar instaurada em 1964, desafiaram o governo militar e a sociedade conservadora que lhe sustentava, a ousar, acreditar e tentar realizar suas “utopias”.

De acordo com Hohlfeldt (1999) a repressão dos anos anteriores, a falta de acesso a informações, a censura a livros, discos e filmes não enterraram uma geração, mas, pelo contrário, criaram um momento de mudança, de desafio, de contestação. A música foi uma das formas de expressão desses sentimentos e atingiu outras esferas culturais (artes plásticas, cinema, poesia), surgido no Brasil no final da década de 1960. “Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão” daria início ao que se chamaria de *cinema novo* brasileiro, sob a inspiração de uma *Estética da fome*, na acepção de Glauber Rocha (1965). Plínio Marcos, com *Jornada de um imbecil até o entendimento* (1968), a que se seguiriam, apesar das proibições, *Navalha na carne*, *Quando as máquinas param*, *Barrela*, *Dois perdidos numa noite suja* (HOHLFELDT, 1999, p. 46).

O Tropicalismo foi inovador ao mesclar aspectos tradicionais da cultura nacional com inovações estéticas como, a *pop art*. Para os tropicalistas a inovação estética musical já era uma forma revolucionária.

A partir de 1979 o debate cultural brasileiro é oxigenado com a volta de intelectuais e esquerdistas do exílio como Fernando Gabeira que introduz valores pós-materialistas na cultura de massas, em particular na juventude (GABEIRA, 1985a). Começa a pairar na atmosfera brasileira um clima social favorável para o florescimento do movimento ecológico. Aos poucos um setor da população vai passando de uma situação de desinformação com respeito a questões de meio ambiente e a conseguinte percepção do movimento

ecológico como minoria folclórica, para uma postura de certa atenção para a relevância do problema e consequente respeito dos ecologistas.

O Rio Grande do Sul em especial se configura no contexto dos movimentos ecológicos com a criação em 1971 da AGAPAN² e José Lutzenberger à frente da questão do desenvolvimentismo e do consumo desenfreado, propondo uma redefinição da palavra progresso, não somente como aumento constante do fluxo de materiais e dinheiro, mas progresso como aumento da soma da felicidade humana e manutenção da integridade, harmonia e sustentabilidade do grande Caudal da Vida neste astro. Daí decorrerão novos e fundamentalmente diferentes modelos de desenvolvimento (LUTZENBERGER, 1978).

Os anos de 1980 marcaram a participação dos jovens nos destinos do País. O NEMA foi uma utopia que se concretizou pelas rupturas e determinações de um grupo que chegava à cidade do Rio Grande em busca do mar, do conhecimento científico sobre sua dinâmica. Um oceano de desejos, de se rebelar, buscar liberdade de expressão embalados pelos tropicalistas, pelos Mutantes e o reagge contestador de Bob Marley.

As roupas coloridas, os cabelos e os sonhos explodiram em flores de energia que refloresceram em outras gerações e definiram um espaço único de tato e contato, persistência e resistência. São muitas flores com muita energia!

1.2 Sentidos e sentimentos...

Ser natureza me é presente desde muito tempo. Nasci e cresci em meio aos livros de minha mãe e da relação pura e de sustento com a natureza de meu pai. Descobri em Rio Grande durante a graduação em Geografia e Oceanologia que o paraíso perdido era aqui, meu vizinho, o quintal de minha casa, a praia cor de chocolate, os montes de areia que tem vida, o estuário que gera sustento a milhares de pessoas, enfim, isso precisava ser dito, divulgado, compartilhado.

Guardado isso ficou e passadas todas as etapas da vida humana até este momento, construí um ideário de amor à natureza que naturalmente desenhei e me encontro hoje como educadora ambiental.

² Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural.

Chegando à cidade do Rio Grande em 1983 fui para o cursinho pré-vestibular PVI. Ali comecei a tecer minha rede de amigos e um caminho. Nossas pescarias de camarão de madrugada na praia do Cassino, estudos, conversas...estávamos com 17, 18 anos e nossas aspirações ainda estavam latentes sem nesse momento ter alguma certeza do que se queria ser e ter. Queríamos ter liberdade isso sim. Comer quando tinha fome, dormir quando tinha sono, andar de bicicleta na noite escura em meio às dunas como se fossem paisagens lunares com crateras, tomar banho de mar em pleno agosto de madrugada encantados com o brilho dos noctiluca, zooplânctos bioluminescentes que nos cobriam de luz. As festas, os namoros, as altas conversas de descoberta em nós mesmos. Tanta diversidade de lugares, de ascendência, de formação... Mas naquele momento éramos todos iguais na imensidão de vida que vinha à frente.³

Fazer o vestibular para Oceanologia em 1983 foi a minha estratégia de sair de casa. Daí minha primeira tentativa de ingresso no curso foi fracassada. Em 1985 retornei para o Cassino e apesar de novamente fracassar em ingressar na Oceanologia aceitei encarar minha segunda opção: a Engenharia de Alimentos.

O ano e meio que cursei me transformaram, pois crescia em mim a cada dia a sensação de estar enganando a mim e aos meus pais que me sustentavam com esforço de assalariados. Aquilo não era para mim, pegar o ônibus do porto, campus cidade, chegar lá e estudar muitos cálculos e muita química. Não podia mais suportar essa vida. Estava doida pela universidade, sabia que seria um novo momento de minha vida.

Após três tentativas em Santa Maria duas para Farmácia e uma para Educação Física e depois aqui na Oceanologia parecia que não tinha o perfil para ingressar na universidade, daí vem a Engenharia como oportunidade de acesso e de saber realmente o que eu não queria. Era a única garota da turma, ali fiz bons amigos que me cuidavam e me tratavam com carinho e afeto.

³ Para saber mais sobre minha trajetória como pesquisadora educadora ambiental consultar MADEIRA, M. C. S. *A história de Carla, uma educadora ambiental*. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2004.

No ano de 1986 comecei a trabalhar num restaurante no Cassino. Minha renda aumentou 100%, mas a Engenharia acabou! No meio do ano foram disponibilizadas vagas para troca de curso e a Geografia foi um desses cursos. Imediatamente pedi a transferência a qual foi aceita e nesse momento mudou tudo.

Com o ingresso na Geografia a primeira coisa que me dei conta foi que : “como não tinha feito isso antes, como não tinha me dado conta que a geografia me constituía.” Passei toda a infância no meio dos mapas e livros de Geografia da Marília. Minha mãe era geógrafa e respirava geografia todo o dia e eu acompanhava isso tudo e agora estava eu no curso de Geografia!!!!!! Que beleza! Que alegria!

Assim, me empenhei muito, estudando, pesquisando, monitorias, saídas de campo. Tudo mudou até o meu humor, estava satisfeita, mas ainda a meta da Oceanologia pairava no ar. Segui o fluxo do tempo e em 1988 fiz mais um vestibular porque ganhei uma inscrição. De novo a sina da segunda opção aconteceu. Ingressei então na Educação Artística. Fiz muitas disciplinas aproveitáveis para Geografia. Mas também cursei disciplinas específicas como Teatro, Expressão Dramática e História da Arte, pois quem sabe essa experiência pudesse me lançar no mundo das artes dramáticas, ser uma atriz de *Hollywood*? Era uma alternativa caso o mundo da ciência fracassasse.

Bem, essa veia artística, as peças de teatro e os filmes super 8 é outra história. Segui fazendo os dois cursos e quando foi no segundo semestre de 1988, abriram vagas para a Oceanologia e dessa vez mudei de curso: troquei a Educação Artística pela Oceanologia e com muito empenho e dedicação havia conseguido chegar ao meu objetivo.

Aproveitei muitas disciplinas da área geológica e passei a viver na FURG. Manhã, tarde e noite. Foram os anos mais produtivos na minha vida acadêmica. Ganhei uma bolsa do CNPq junto ao Projeto Lagoa dos Patos. Ali comecei a entrar no mundo da pesquisa. O subprojeto estrutura e organização dos pescadores artesanais na margem da Lagoa dos Patos, coordenado pelas arquitetas Lydia Habiaga e Marta Saint Pastous Madureira, foi meu campo de trabalho durante três anos. Aprendi muito com elas e com a equipe do professor Haroldo Asmus. Meu rol de amigos foi se ampliando cada vez mais.

Mais dedicada do que nunca, agora fazendo dois cursos ao mesmo tempo e com uma bolsa de iniciação científica. Em 1991 me formei na Geografia.

1.3 Eu e o NEMA

Desde 1989 já era voluntária no NEMA, dando aulas de geologia marinha nos cursos de fundamentos de ecologia costeira. Assim, com a conclusão do curso em 1991, o Éder Paulo me chamou para assumir o Projeto de Educação Ambiental do NEMA: a Proposta de Educação Ambiental para a Zona Costeira do RS: Mentalidade Marítima.

A primeira etapa do Programa havia sido concluída e assim minha função era dar continuidade no trabalho agora em levar a proposta para as escolas se apropriarem. Essa missão passou a consumir meus dias e noites, com a elaboração de projetos e a aquisição de uma bolsa de especialização da FAPERGS⁴ durante dois anos.

No final de 1993, foi criado o Curso de Mestrado em Educação Ambiental e nele ingressei despercebidamente. A partir de 1994 então passei a fazer os créditos e além da continuidade do trabalho no NEMA que já começava a frutificar. E o meu curso de Oceano começou a não ser mais a prioridade da minha vida. Não conseguia dar conta de tudo, pois o momento que me encontrava no curso era o das exatas e aí travei. Quando desisti minha orientadora Judith Cortesão me disse que devia um dia voltar e terminar, pois tinha grandes contribuições a dar na área da oceanografia. Não voltei até hoje...

Continuo esta escrita como primeiro momento de expressar um *modus vivendi* no âmbito da pesquisa da Educação Ambiental. Difícil ter essa consciência de ser pesquisadora. Como esse fenômeno se dá?

Quando me graduei em Geografia em 1991 fui direto trabalhar no NEMA. Eu não sabia de nada de pesquisa, pois durante a graduação meus estágios e monitorias não delinearão conscientemente um perfil de pesquisadora. Sabia dos oceanos, dos continentes, da dinâmica das relações tróficas dos seres vivos. Sabia um pouco da vida também. Mas de

⁴ Todas as instituições que apoiaram o NEMA estão listadas na página 57, nota 16.

pesquisa....nada. Assim, os projetos foram elaborados em busca de financiamento para sua continuidade.

Neste momento histórico alguns órgãos financiadores davam pareceres negativos aos projetos, pois não considerava a EA como pesquisa. Como assim Educação Ambiental não é pesquisa? Não era pesquisa por quê? Não tinha método científico capaz de ser replicado? Não possuía indicadores de avaliação com critérios quali quantitativos definidos? Isso demonstrava os órgãos de fomento possuíam visões de ciência muito específicas. Não tínhamos poder para questionar tais pareceres até que outras agências de fomento deram a oportunidade de realizar a “pesquisa”.

Parecia andar na beira do abismo da ciência. Assim foi que comecei a me constituir como pesquisadora empírica. Vestir uma roupa que era absorvida pela minha pele. O campo me deu a oportunidade de ouvir, falar, entender, acertar e errar. De me deparar com situações e proposições que sequer imaginei encontrar e o rumo mudava, era readequado, era replanejado, era desconstruído.

Tempo e vento, novas políticas, novos eventos: Conferência Nacional de Educação Ambiental, Fórum Nacional de Educação Ambiental, Rio 92, Agenda 21, Fórum global, Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, Política Nacional de Educação Ambiental. Tudo isso fortaleceu e modificou o fazer EA, com novas concepções, saberes que não havíamos materializado ainda como prática. O espaço político colocou as questões ambientais num outro patamar e contribuiu para que recursos governamentais fossem investidos em projetos de EA.

O projeto Mentalidade Marítima, criado em 1987, seguiu para as Ondas, em 2001, as quais se abriram como tentáculos de um polvo ampliando a sua atuação com outros grupos e lugares. Foi possível constituir um grupo interdisciplinar com profissionais das áreas das ciências do ambiente, arte e educação física. Começamos em 1994 a pesquisa com cara, nome e metas a fim de elaborar uma metodologia capaz de abarcar tudo que havia sido experienciado por nós e com a academia nos possibilitando dialogar com filósofos e pensadores que identificávamos como “leitores” das nossas ações.

Muitas experimentações, manipulações, chegada de novos saberes oriundos da relação que se constituía com crianças, estudantes, professores,

comunidades deram novos rumos à pesquisa. O resultado desse processo foi a publicação do livro Ondas que te quero mar: Educação Ambiental para comunidades costeiras⁵.

A metodologia de Educação Ambiental do NEMA passou então a ser um referencial para programas de EA realizado em projetos de conservação e preservação ao longo da costa brasileira.

Isso permitiu contextualizar minhas experiências em outros lugares, gerando subsídios para o conhecimento e valorização da capacidade criadora humana vinculada à natureza circundante, possibilitando encontrar soluções simples e práticas que vislumbrassem programas alternativos de melhoria e de bem-estar com a vida.

Neste meio tempo andei por todo o nordeste, norte e sul do Brasil entre 1995 e 1997, recolhendo e trocando informações preciosas o que possibilitou dar início ao Projeto Praia Viva, numa perspectiva de valorizar e divulgar a biodiversidade ecológica e cultural do povo do mar.

Este trabalho abriu meu horizonte para novas experiências e foi fonte de inspiração para a realização de minha dissertação de Mestrado em Educação Ambiental: as Visões Marinhas: vertentes e signos para Educação Ambiental em comunidades costeiras sob a orientação da Prof^a. Dra. Judith Cortesão e co-orientação do Dr. Kleber Grüber da Silva do NEMA.

Sob a ótica interdisciplinar, este estudo objetivou a elaboração de uma metodologia em Educação Ambiental capaz de identificar, resgatar e valorizar peculiaridades ambientais, culturais, históricas, sociais, políticas e étnicas, a partir do conhecimento coletivo de comunidades costeiras, definido como um conjunto de **visões marinhas**. Através do desenvolvimento do **método vivencial**, foram indicadas as **vertentes** (áreas do conhecimento presentes em uma determinada vivência) e sua representação através de **signos** (elementos) que as caracterizam.

O **método vivencial** contribui para levantar subsídios básicos, abordando aspectos socioambientais, históricos e culturais, que constituem a identidade de um lugar, levando à identificação, autovalorização e conexão

⁵ CRIVELLARO, MARTINEZ NETO & RACHE, 2001.

com outras realidades. Favorece o intercâmbio entre a teoria e a práxis, uma vez que trabalha com os elementos originais da comunidade. Abre espaço para um trabalho interdisciplinar, valorizando profissionais das diversas áreas do conhecimento, pois enfatiza os signos que retratam as visões marinhas utilizando noções provenientes de várias disciplinas como a geografia, a oceanografia, a antropologia, a psicologia, a arte e a literatura.

Vislumbrei que com este trabalho quem faz Educação Ambiental possa buscar com as comunidades alternativas que minimizem conflitos que comprometam sua qualidade de vida. Tive a pretensão de que o trabalho pudesse fornecer subsídios para a implantação, evolução e conexão de projetos de educação ambiental na zona costeira, visando um grande projeto de EA Costeiro, dentro do Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro - PNGC, valorizando assim, a partir destas **visões**, ilhas de **especação cultural**.

Foram muitas as leituras de mundo e esta experiência foi uma sistematização do processo que deve ocorrer para quem deseja imergir num contexto e lidar com todo o repertório natural e cultural para produzir novos olhares, criar alternativas para melhoria de qualidade de vida, fazer o que deve ser feito em conjunto com as comunidades.

Foi um novo aprendizado ligado às questões sociais e ambientais, no qual teoria e prática foram inseparáveis. Ciência, metodologia e experiência prática são a tônica de inovação do como fazer.

A experiência adquirida no NEMA somada ao aporte teórico do Mestrado de Educação Ambiental, associada aos saberes compartilhados com todas as pessoas que conheci me lançou para a execução de projetos de gestão ambiental, tendo como princípios a Biologia da Conservação e a sustentabilidade.

Foram 10 anos de envolvimento na implementação do plano de ações prioritárias para a sustentabilidade das comunidades do entorno da Estação Ecológica do Taim. Paralelo ao Projeto Taim, atuei no Programa Costa Sul, com a atividade de promoção e oportunidades de ecoturismo na Ilha dos Marinheiros e com os Vagoneteiros dos Molhes da Barra e realizando também atividades de Educação Ambiental junto ao Projeto Dunas na praia do Cassino, em Torres, Osório e Santa Vitória do Palmar.

Em todos estes projetos está presente a dimensão da Educação Ambiental. Ela está articulada com o contexto social, cultural, histórico, político, ideológico e econômico das comunidades com vistas à informação, organização e representatividade social destas, necessários para a transformação. Foi um trabalho diverso e envolvente e que necessitava de aprofundamento teórico frente às problemáticas de organização social, representatividade, informação e manejo compartilhado.

Nos anos de 2009 e 2010 assumi a diretoria do NEMA e enfrentei a carga burocrática e administrativa que me aborreceram, pois não fazia mais o que me dava maior prazer: o campo.

Foi neste envolvimento que percebi ser o momento para decolar atrás de maior conhecimento, buscar na academia explicações consistentes para a minha prática, que conforme Boaventura de Souza Santos (1995), *precisamos de outro tipo de produção científica mais multicultural. Multiculturalismo emancipatório.*

Venho de um espaço com cor e certamente ali nunca seguimos uma linha de pensamento, um teórico. Nossos referenciais foram sendo construídos a partir da prática. Referenciais teóricos da Educação Ambiental, da Biologia da Conservação nos permitiram criar um laboratório vivo sem saber se era de base empírica, marxista, hermeneuta, fenomenológica, entre outros. Apesar disso, tomamos um rumo tanto técnico como pedagógico de nossas ações, mas sem estar determinado por alguma teoria educacional.

1.4 Ajuste do foco

No início de 2009 tive contato com a coordenação do Programa de Pós-graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde e pelo fato das características deste, com uma proposta vanguardista e de valorização dos vários saberes, me senti motivada a participar da próxima seleção. Já havia participado da seleção para o doutorado em Educação Ambiental, sem sucesso. Refleti e busquei na minha consciência a minha trajetória e o que isso me levaria a atender os princípios fundamentais para a pesquisa acadêmica. O ineditismo e a inovação foram inicialmente os focos.

A reflexão do que deveria propor diante a minha vivência em ações na área ambiental me levou a pensar nas pessoas, em função do momento em que a dinâmica dos elementos que compõe a Terra superou e quem sabe detonou uma crise ambiental planetária de caráter econômico e ético. Como elas configuram no cenário atual e do amanhã quando a informação científica produz conhecimento, que se torna sabedoria e ação. Este pensamento não tem fim.

Muito satisfeita pela conquista de ingresso no doutorado, dei início ao processo, motivada pelo reconhecimento e merecimento de mim mesma. A mim me pertence e assim abriu-se uma universidade. Dou continuidade às conversas com o meu orientador Danilo, e a partir daí fomos tirando do baú autores, pensadores, filósofos, na tentativa de compartilhar com eles o desejo pela sabedoria. Para contribuir com nossa pesquisa convidei o Prof. Vilmar a fazer parte da equipe e este, motivado pela proposta, aceitou trazer seus princípios filosóficos para complementar nossa caminhada.

O curso garantiu minha participação em diferentes espaços disciplinares. Neles me permiti sobrevoar por Deleuze (1996) o desejo e a diferença, Maturana (2001) e a biologia do conhecer, Marx (1998) e o materialismo histórico, Bachelard (1985) e o novo espírito científico, Piaget (1972) e as teorias da aprendizagem, Pêchoux (1990) e a análise do discurso, Hall (2001) e os Estudos Culturais, Larrosa (2001) e a experiência como passagem da existência, Suchodolski (1992) que apresenta com genialidade a pedagogia e as grandes correntes filosóficas das teorias da educação, as leituras de Freire (2005), os Argonautas da metodologia científica, com Marques (2006) orquestrando a escrita, Galiazzi e Moraes (2007) e as pesquisas qualitativas de análise textual discursiva.

Esse retorno à Universidade rendeu também experiências valiosas. O convite para o ingresso no grupo de professores do Curso de Especialização em Educação Ambiental a Distância – UAB/SEaD - FURG, coordenado pela tríade das professoras Maria do Carmo Galiazzi, Débora Laurino e Elisabeth Brandão Schmidt e a participação no Projeto Anchoita, coordenado pelo Dr. Lauro Saint Pastous Madureira, com a proposta inovadora de pesca sustentável e produção de latas de Anchoita para introdução na alimentação escolar. A EA foi incorporada por meio de palestras nas escolas em Rio

Grande, além do acompanhamento nos testes de aceitabilidade da Anchoita pelos estudantes.

De volta à pesquisa. O projeto inicial não combinava com minha trajetória e como que enfeitiçada comecei a questionar seu sentido. Qual trajetória ela iria configurar, anos em cima de documentos que não necessariamente serviriam para alguma coisa, para estabelecer uma transformação institucional em termos de conteúdo e prática na universidade voltada para o ecossistema costeiro. Entrei em crise, do por que estar simplesmente abdicando da minha experiência, das minhas verdades mesmo que não fossem aceitas totalmente, mas se constituíam de práticas que precisava fundamentar.

Eis que a partir de uma conversa com a mestra Dra. Cleusa Peralta Castell, que além de ter constituído a diretoria do NEMA comigo, é uma associada efetiva e é uma referência na minha trajetória como educadora ambiental, externei meu momento de questionamento e crise acerca da minha pesquisa.

- Carla, disse ela, tu deverias falar sobre o NEMA, os intelectuais orgânicos que ele forma, de acordo com Antonio Gramsci (1882 -1937). E estes intelectuais orgânicos como transformadores da realidade. Tudo isso a partir do movimento que gerou as organizações de base e no caso do NEMA, o movimento ambientalista. Ufa! Essa conversa renovou minha alma, acalentou meu tormento, redirecionou minha pesquisa. O foco estava quase ajustado.

Dessa forma, elaborei melhor meu pensamento fiz um esqueleto de uma nova proposta e a apresentei para meu orientador, que percebeu a relevância e o meu envolvimento com a nova temática. Agora sim estávamos começando a falar uma linguagem mais próxima do que havíamos conversado em nossos encontros.

Fizemos o resgate de nossas experiências. Passamos então para outra fase dessa etapa que chamei de diálogos interdisciplinares, isto é, discutir estas ideias com pessoas de diferentes áreas no espaço da universidade que poderiam contribuir com novas ideias e críticas para que pudesse fazer minhas próprias escolhas.

Conversei, ouvi, pensei... À medida que se davam os encontros discutia com o orientador as impressões obtidas nas conversas e assim começamos a construir as bases da pesquisa. Bases teóricas, e metodológicas.

Pensamos nas justificativas para elaborar um trabalho com esse. O NEMA! Uma Associação, entidade privada sem fins lucrativos de utilidade pública municipal que possui 27 anos de atuação na zona costeira do RS e do Brasil, que forma e difunde profissionais, que representa os interesses coletivos em espaços interinstitucionais, que promove a educação e a informação, que realiza pesquisa e projetos já possuindo resultados validados e pertencentes à comunidade: EA presente na rede municipal de ensino; recuperação de dunas costeiras; produção de arroz orgânico; criação e implementação de unidades de conservação... e a maior delas a minha trajetória de 20 anos na instituição.

Assim, a primeira tarefa foi escrever o novo projeto. O novo pensamento começa a tomar forma. Foi então definido inicialmente o tema da pesquisa: O NEMA produz e populariza conhecimento científico e transforma a realidade social e ambiental no extremo sul do Brasil, por meio dos intelectuais orgânicos que constitui.

No contexto da pesquisa, após o processo de elaboração da sua estrutura, objetivos e hipótese, assumi o desafio em ancorar o diálogo teórico, que me proponho a realizar, com o pensador, político prático e intelectual Antonio Gramsci.

Conhecer o pensador foi a primeira ação. Sua trajetória como revolucionário italiano de Sardenha, fundador e dirigente do Partido Comunista daquele país, condenado a vinte anos de prisão pelo regime fascista de Mussolini, demonstra o homem de ação que foi Gramsci. Ação libertadora dos homens concretos, reais, como eles são historicamente e como historicamente poderão vir a ser.

O marxismo de Gramsci se apresenta como uma interpretação "**filosófica**" distinta do marxismo conhecido, sendo uma tentativa contemporânea de renovação da teoria marxista. Sua produção intelectual conferiu grande importância à cultura, à ideologia, à política e à religião como dimensões fundamentais do processo histórico, passando pela práxis revolucionária e discutindo o papel do partido numa sociedade dividida em

classes. Revolucionou o pensamento marxista, cuja repercussão até hoje se faz presente.

Dentre as categorias gramscianas, está sociedade civil, bloco histórico, hegemonia, catarse, intelectuais orgânicos, entre outras, e conforme Gramsci (1982) essas devem ser compreendidas como um instrumental lógico que se apropria da historicidade engendradora do real.

À priori Antonio Gramsci pode fornecer um referencial de análise bastante pertinente para a compreensão da constituição de intelectuais orgânicos e sua função institucionalizada nos espaços de atuação da sociedade civil organizada.

Minha missão é encontrar teorias, pensadores que possam referenciar a pesquisa e que me deixem à vontade e confortável em dialogar com as problematizações levantadas. Penso em quantos autores posso valer-me para dialogar com meu tema, que possam interagir com ideias pouco dissertadas. É minha tese, meu escrever, com estilo de quem possa ler e reconhecer nas frases e palavras minha imagem.

Como poderei criar uma trama de pensamentos, alguns utópicos, com tantos filósofos que são de tempos diferentes e de momentos históricos também. Como trazê-los para mim, para algo construído também no mundo material, uma vivência, um ponto de vista, uma estratégia de consagrar na academia um viver?

Na história da humanidade muita coisa entre o céu e a terra, ocidente, oriente envolveram o natural e o cultural numa trama complexa de ver e sentir o mundo, de participar no espaço tempo e dar sentido a partir da experiência.

O vórtex do pensar não para e despontamos na contemporaneidade com inúmeras leituras para pensar a vida. A ciência da observação e da experimentação, absoluta e quantificável geraram em seu próprio campo um movimento para os novos paradigmas: a modernidade líquida de Baumann (2001), na “nova aliança” e da metamorfose da ciência de Prigogine (1984), a nova física e o Ponto de Mutação de Capra (1994), Jantsch (1998) com a auto-organização e Boaventura (2009) e a emergência de elementos de um Paradigma Emergente: *Conhecimento prudente para uma vida decente*. Guattari (1998) propõe que as bases biológicas para a compreensão humana de Maturana e Varela (2001) sejam ampliadas para todas as áreas de

produção de saberes, formando uma rede de compreensão da realidade, pois, para esses autores, todo conhecimento é uma ação no ambiente, assim como toda ação efetiva é um conhecimento. Começa-se a considerar a interação entre as diversas áreas e a valorizar o saber popular – conhecimento construído pelas relações de convívio da comunidade entre si e com a natureza.

São muitas escolhas. As descobertas do trabalho levaram-me a ajustar meu foco, ver e enxergar a pesquisa. A reflexão que acompanha o trabalho, que vai responder as questões aqui formuladas, segue um rumo do pensar sistêmico, nas relações e interações e como estas se dão no contexto do NEMA. Como as ideias dos intelectuais orgânicos de Gramsci de fazer a “revolução em si” tocam por quem passou pela experiência do NEMA, um espaço experiencial na realização de projetos sociais e ambientais que aposta na intuição, autonomia e criatividade e revela-se potencial para a formação de intelectuais orgânicos.

E eu? Tenho buscado um caminho para a criação e autonomia de ideias. O teatro, a música, a natureza, as pessoas e o trabalho coletivo me inspiraram.

Mas foi o NEMA que resgatou minhas possibilidades de inteligência inteligível. Deu-me matéria prima à imaginação incontrolável. E a inteligência indomável? Vim conquistá-la neste espaço ecumênico da academia. Buscar e compartilhar entendimentos de como as informações externas pode gerar decisões com efeitos altamente transformadores, intermediados pelo processamento das informações nos diferentes sistemas cerebrais. Nossas ricas experiências, perfumes, sons, imagens, sentimentos, dores e paixões. Eu, uma intelectual orgânica?

A seguir, no capítulo Cores, abro os olhos para as cores que pintam esse jardim com flores de energia. Apresento *as costuras sem arremates*, isto é, o movimento dos rumos da pesquisa que o leitor vai encontrar. O fenômeno a explicar, uma teoria que me apoia a explicar, um método, mecanismo que gera o fenômeno a explicar, ou seja, uma forma de gerar esse fenômeno NEMA.

2 CORES

Eu não tenho filosofia,
tenho sentidos...

Se falo na natureza não
é porque saiba o que
ela é,
mas porque a amo, e
amo-a por isso,

Porque quem ama
nunca sabe o que ama.

Nem sabe porque ama,
nem o que é amar...

Amar é a eterna
inocência

E a única inocência é
não pensar.

Alberto Caeiro

Gustav Klimt
Flower Garden, 1905 - 1907



2.1 Costuras sem arremates....

Era verão... E enquanto as formigas caminhavam pelo jardim, o Planeta Terra conspirava e transpirava pela sobrevivência. Chegamos ao século XXI com florestas devastadas, milhares de espécies da fauna e da flora em acelerado processo de extinção, miríades de chaminés e automóveis lançando gases tóxicos na atmosfera, rios, riachos e lagos contaminados por metais pesados, escassez de água em áreas outrora férteis, lixo urbano, atômico e espacial, democrática doença compartilhada por todos. Tufões, furacões enchentes: mais fortes e mais frequentes. Degelo nos polos e nas neves eternas. Mares desaparecendo, estoques pesqueiros em processo de exaustão, vórtices de lixo à deriva, plataformas de gás e petróleo perfurando frágeis ecossistemas, milhares de embarcações deixando sujas pegadas pelos sete mares, redução das massas de fitoplâncton e alterações do nível do mar e das correntes, além de bilhões de pessoas à beira-mar minerando os recursos naturais; cidades, indústrias e portos famintos, devorando dunas, mangues, praias, marismas, recifes, falésias e praias arenosas. Insaciável sede de consumo humano, sem falar das dezenas de guerras étnicas, religiosas e territoriais.

O cenário atual de mazelas sociais e ambientais foi deixado por uma espécie que há 70 milhões de anos, na idade dos mamíferos, iniciava uma trajetória incansável de perguntas e respostas. À medida que a espécie humana evoluía, problematizações deram chance para buscar respostas sob vários pontos de vista. Seres aprendentes⁶, frutos de uma investigação empírica que começava a constituir-se. O fogo, a roda, a escrita.... O estopim incessante dessa corrida. Uma evolução da espécie, da cultura e da tecnologia. Buscar as normas da vida levou muitos à fogueira, uma caça às bruxas e aos hereges.

A partir da modernidade, quando o pensamento é colocado sobre outras bases, principalmente com Descartes, em um pensamento pautado pelo sujeito, nada mais se pôde afirmar sobre o objeto do conhecimento, a não ser o

⁶ Brandão (2005, p. 86 - 87) aposta na perspectiva de uma comunidade aprendente, pois "[...] olhando de perto e de dentro, podemos pensar que ninguém ensina ninguém, porque o aprender é sempre um processo e é uma aventura interior e pessoal. Mas é verdade também que ninguém se educa sozinho, pois o que eu aprendo ao ler ou ao ouvir, provém de saberes e sentidos de outras pessoas. Chega a mim através de trocas, de reciprocidades, de interações com outras pessoas".

conteúdo imanente do sujeito pensante. Prioriza-se a realidade da natureza para fundar a realidade do sujeito. O realismo se transforma em racionalismo. A “existência passa ser dada na própria dúvida”, já que existo porque penso, isto o faz negar a si mesmo (JOLIVET 1972 a. p. 78).

Com a dúvida, nasceram problemas que não existiam numa realidade em que não se questionava a permanente existência da relação objetiva entre homem e ser. Além de negar a apreensão objetiva do conhecimento, a razão perde sua regulação moral objetiva e, assim, a modernidade se depara com a “crise da verdade” (PIERPAULI, 2004). A verdade deveria ser o fundamento e aspiração da existência humana. “No entanto, quantas contestações, negações, falsificações, sofismas, adulterações, controvérsias, contradições” (PIERPAULI, 2004).

Com o progresso da complexidade dos saberes, esse afastamento da relação objetiva com a natureza se intensifica. Ao conservar e perpetuar através do tempo conceitos que não correspondem à realidade fora da mente, o intelecto humano, que, em parte se alimenta de si mesmo, passa a embasar suas composições e raciocínios nessas premissas, as quais, a priori, negam o conhecimento objetivo da natureza e, por isso, passa a supor realidades subjetivas. Daí decorre elaborações de cunho ideológico, desvinculadas com a ordem da natureza.

O breve histórico do progresso, mantém uma relação com a exploração do homem pelo próprio homem e da natureza pelo homem. Tal modelo começa a mostrar-se ineficaz para o desenvolvimento biológico, social, cultural e econômico. Paralela a essa análise observa-se que as questões ambientais estão intrínsecas às questões sociais. Assim, a pobreza, a escassez de recursos e a expansão populacional combinam-se para a degradação e colapso dos ecossistemas urbanos e sociais.

A pedagogia da natureza no domínio investigativo das ciências sociais tinha como intuito definir as bases da vida dos e entre os homens, o sistema natural e cultural. A busca por uma nova compreensão do universo fez ressurgir a ciência natural, a ciência da natureza (SUCHODOLSKI, 1992). Esse novo enfoque caminhou rápido libertando o ser humano de pressupostos metafísicos dogmáticos e de uma forma de conhecimento com resultados pouco práticos e eficazes.

Muitos desses resultados moveram a humanidade a buscar outros sentidos, outros significados de viver. Inato ou adquirido, essência e existência, mundo criado, mundo que sempre existiu. Qual a vida que se almeja? Qual o cenário que se sonha e que motivação/ação é capaz de nos levar a transformar algo? Quem são as pessoas que podem dar conta dessa demanda da contemporaneidade? Considero que, primeiramente, essa transformação precisa acontecer nos espaços de formação: abrir-se ao novo, a novas possibilidades.

Os espaços de formação se constituíam desde a Antiguidade como espaços para a troca de saberes. Para Sócrates eram os espaços públicos da antiga Grécia como as ruas, os mercados, as praças e os templos. No período Clássico, após fracassar em suas tentativas de implementar o seu ideal do filósofo rei, Platão, fascinado por um agradável bosque dedicado ao herói *Academus*, construiu nele um templo que mais tarde passou a ser chamado de *Academia*, onde foram criados alguns dos mais belos diálogos da Antiguidade.

Em Atenas (334 a.C), Aristóteles abre uma escola, o Liceu, nome derivado de um templo que ficava próximo aos edifícios da escola dedicados ao deus Apolo da Lícia. No Liceu foram preservados os escritos esotéricos do filósofo que consiste em uma parte de sua obra destinada somente a esse círculo.

Observa-se que o problema da classificação do saber, deu muito que pensar aos homens: “desde Platão e Aristóteles, Tomás, a Bacon e Comenius, a Hegel e Cournot, e também a Engels e a quantos tiveram de abordar o problema prático das disciplinas escolásticas ou das faculdades da universidade” (MANACORDA, 1997, p. 127). Manacorda (1997) observa a dinâmica das disciplinas – conjuntos como produto da evolução dos conhecimentos humanos e das tentativas de melhor sistematiza-los. Com o surgimento das primeiras universidades na Europa medieval, a cultura do conhecimento, do conhecimento objetivo, do conhecimento científico foi formalizada.

O mundo mudou, sonhou, girou, pensou, agiu. Outros espaços potenciais de formação das pessoas aconteceram. Espaços com cor, numa era interglacial. A cultura do conhecimento científico formalizado nem sempre dá conta de nossos desejos, sonhos e perspectiva profissional e uma

possibilidade de ter uma experiência revolucionária, com uma visão integral da vida, viver num paradigma utópico mas concretizável mediante uma ação, uma práxis no mundo.

Uma geração teve audácia e determinação para deflagrar um movimento que poderia dar outro sentido às suas vidas e a do Planeta. Essa assistiu ao novo ambientalismo surgir nas décadas de 1960, 1970, com objetivos e demandas bem definidos e consciente da dimensão política dos mesmos. Nem todos foram embriagados por essa compaixão.

A chamada para as consequências devastadoras que um desenvolvimento sem limites estava provocando foi percebida por pessoas com um ideário diferente das manifestações ideológicas do capitalismo selvagem e da vida, simplesmente.

Rompendo as muralhas da cidadela econômica, o ecologismo, e aqui também no sentido filosófico e engajado com a preservação, passa a questionar a racionalidade econômica em termos de seus próprios critérios.

A “Primavera Silenciosa”⁷ precisava ser barulhenta, forte e sensível como o cantar dos pássaros ao amanhecer. Os Estados, a sociedade civil e os indivíduos, cada um no seu espaço precisava fazer e ser a “mola” que resiste a este processo.

Os anos de 1960 encontraram um Brasil mais sofisticado e mais complexo. Surgiam novas necessidades e novos desafios, quase num moto-contínuo em que progresso e diversificação geravam mais diversidade e desenvolvimento.

Nessa ebulição nascem no Brasil os grupos organizados de intelectuais, artistas e poetas, que com o pólen da contracultura americana desejava mudanças na esfera dos direitos civis, liberdades individuais, pacifismo e estilo de vida; ou seja, na esfera da micropolítica, ou “política do cotidiano”.

Esse gérmen foi assimilado e no espaço acadêmico, jovens puderam fazer alguma diferença, seja no âmbito da militância política, seja nas novas perspectivas de um futuro profissional que pudesse transformar o que estava corrompendo essa geração: a ditadura militar.

⁷ Refere-se ao *Best-seller* escrito por Rachel Carson, em 1962.

No extremo sul da Planície Arenosa Sul Rio-grandense, onde o “mar lambe saborosamente a areia”, está a cidade do Rio Grande. Área de Segurança Nacional, a cidade surtou com sua condição industrial-portuária e geopolítica de defesa do litoral brasileiro. Desempenhou ao longo da década de 1970, sob a égide do slogan ufanista Brasil: ame-o ou deixe-o, um papel relevante para os planos desenvolvimentistas do regime militar, além de ser o berço do General Golbery do Couto e Silva, iminência parda e mentor do regime militar.

Nesse “samsara”⁸ foi criada a Fundação Universidade do Rio Grande, a FURG. Em 1970, com o primeiro curso de Oceanologia do Brasil, a FURG abre espaço para acolher pessoas de todo o país e do exterior, trazendo uma diversidade de ser e de pensar. Para alguns o pensar científico da academia foi o suporte para uma nova ciência. Uma ciência com conexão com a realidade.

Assim, a conservação ambiental tomada por alguns desses estudantes garante a constituição de espaços governamentais para a proteção de espécies ameaçadas como as tartarugas marinhas e o peixe-boi-marinho.

Eram intelectuais que tiveram a academia como fonte de conhecimento. Desconstruíram a forma aceita de fazer ciência e foram para fora fazer a conexão desse conhecimento com a sociedade, diante da necessidade de agir no mundo real.

Os anos já eram de 1985, o Brasil recém-liberto de uma ditadura militar ainda não concebia a liberdade de expressão e a autonomia de buscar um ideário diferente da representação ideológica de um regime autoritário. O Antropofagismo havia deglutido a cultura americanizada, só sobrou Carmen Miranda. Janis Joplin não cantava mais *Sumertime*, Hendrix estava além do *The Experience*, mas Bob Marley insistia no *This is Love*. A tropicália, o movimento *beat*, a liberação feminina e a “paz e o amor” já haviam sido experimentados pelos exilados jovens políticos, músicos e pensadores. Neste contexto, os movimentos sociais e ambientais se organizam e buscam um

⁸ O Samsara (sânscrito-devanagari: संसारः, perambulação) pode ser descrito como o fluxo incessante de renascimentos através dos mundos. É visto como a ignorância do verdadeiro eu, Brahman, e sua alma levada a crer na realidade do mundo temporal e fenomenal. Algumas tradições identificam o Samsara (ou sa sâra, lit. "seu caminho") como uma simples metáfora.

resgate da cidadania e da consciência crítica nacional. Outra forma de pensar e agir estavam se desenvolvendo.

A praia arenosa, marismas, dunas, lagoas e banhados, o mosaico de ecossistemas começava a dar respostas aos maus tratos humanos. Animais marinhos mortos por óleo ou emaranhados em redes de pesca, as dunas costeiras sendo removidas por caminhões à luz do dia, as crianças, a comunidade do Cassino, não sabia nada sobre o lugar onde vivia. Tudo por fazer.

Foi nesse cenário, que a história do Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental – NEMA⁹ teve início. Foi quando um grupo de estudantes de Oceanologia preocupados com a situação ambiental mobilizou-se junto ao Departamento de Oceanografia da FURG e a Prefeitura do Rio Grande – Autarquia do Balneário Cassino – ABC, num ato de intuição e criatividade. Iniciaram as ações de Educação Ambiental - EA e realizar projetos de monitoramento costeiro, implantação de unidades de conservação, pesquisa e elaboração de metodologias para recuperação de áreas degradadas.

Na atmosfera do barraco de madeira, sua sede à beira mar na praia do Cassino - Rio Grande, RS, as pessoas e as ideias conduziram o NEMA a assumir personalidade jurídica no ano de 1987 - Associação privada sem fins lucrativos – solução para autonomia e continuidade de seus desafios. No mesmo ano tornou-se instituição de utilidade pública municipal e em 2005 obteve a qualificação de OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, outorgado pelo Ministério da Justiça e de âmbito nacional.

Sua declaração de princípios definiu seu rumo filosófico, técnico e jurídico e estabeleceu como prioridades: a harmonização da relação ser humano-ambiente; a melhoria da qualidade de vida; o despertar de uma consciência conservacionista na comunidade; a orientação do desenvolvimento no sentido de minimizar os conflitos; a conscientização dos valores e limitações

⁹ Durante sua trajetória o NEMA tem elaborado e publicado, por meio da Editora NEMA, materiais educativos que tem contribuído para divulgar as belezas, riquezas e fragilidades da costa brasileira. Neles é possível conhecer os resultados das ações em Educação Ambiental, recuperação de áreas degradadas e conservação da fauna. Entre os principais estão: Ondas que te quero mar: educação ambiental para as comunidades costeiras, Taim, banhado de vida! Dunas Costeiras: manejo e conservação, Descubra a Lagoa Verde, Resgatando Valores, Lixo o que nós temos a ver com isso, Cartilha do Pescador, Boletim do Plano Nacional de Conservação de Albatrozes, Agroecologia: um caminho amigável de conservação da natureza e valorização da vida. Além destes, teses, dissertações e monografias realizadas no âmbito dos Projetos do NEMA podem ser acessados em www.nema-rs.org.br ou na sua sede na Rua Maria Araújo, 450, Praia do Cassino, Rio Grande, RS. nema@nema-rs.org.br.

do ser humano, sua cultura e a defesa do patrimônio histórico e a pesquisa para preservar o ambiente como um todo, seja em relação a água, solo, ar e paisagens, incluindo os aspectos sociais, econômicos e culturais.

Ao longo de sua trajetória de 27 anos de atuação na zona costeira, centenas de pessoas das diferentes áreas do conhecimento, vivenciaram o dia-a-dia do NEMA, com criatividade e livre pensar, fortalecendo a missão institucional e fundamentando os conceitos do fazer. Experiência, intuição, leitura e pesquisa levaram a instituição a internalizar e adotar conceitos como alicerces essenciais para a sua práxis.

Eu fui uma dessas pessoas que compartilhou durante 20 anos este espaço com cor, livre de paredes, autônomo de ser e pensar. Ali me constitui pesquisadora, educadora. Com o NEMA aprendi a trabalhar em equipe e buscar com autonomia de ideias ações/soluções para as questões ambientais – locais, regionais e nacionais. Ele foi o grande mestre para o meu fazer Educação Ambiental.

Foi nesse envolvimento que percebi ser o momento para decolar em busca de maior conhecimento, voltar para a academia e qualificar minha prática, a prática dentro do NEMA. Quais os elementos socioculturais e humanísticos deram vida a essa ideia e fizeram do NEMA um espaço de tantas realizações, não só na proteção do meio ambiente e Educação Ambiental, mas também na formação e realização muitas das pessoas, inclusive eu?

Refleti sobre a formação e difusão de profissionais que o NEMA tem como proposta. Quantas pessoas passaram por ali, pensaram o NEMA, no dia-a-dia ou na forma de monografias, dissertações e teses. Algumas ficaram décadas, outros anos, semestres, meses. As perguntas surgiram: Qual a motivação das pessoas para chegarem ao NEMA? Qual a predisposição? Rupturas, inquietudes, busca de novas experiências? Como se deu esse tempo de aprendizagem para todos nós? Quantas vezes nos deparamos com situações que necessitavam ser transformadas? Como, no curso de uma trajetória profissional, processa-se esse se decidir pelo ambiental? Quais as vias pelas quais se dá o acesso, a opção ou a conversão ao ambiental? Quais as consequências dessa escolha? Como se reconfiguram, no campo ambiental, outras experiências profissionais e existenciais do sujeito que aí se insere?

Lembrei-me da chuva de argumentos: O NEMA tem potencializado o belo e o valor intrínseco da natureza. Abre espaço para o diálogo. Comunica. Populariza ciência. Transforma. Qualifica processos. Mostra alternativas. Relaciona-se com a coletividade, fazendo com que ela reflita e busque soluções conjuntas, compartilhadas. Demanda políticas públicas. Constrói novos cenários de convivência. Esse é o mundo que vivo. Organizações sociais. Conhecimento que vem da margem para o centro. E vice-versa. Desafia o capitalismo. E o que seria o capitalismo em tempos contemporâneos? Seriam os suíços capitalistas? Não se vende. Não se seduz pelo capital. Dá voz a todos e todas. É aberto. Tem bem-querência. Forma opinião. É interdisciplinar nos seus saberes e descobertas. Constrói realidade a partir de cada indivíduo. O mundo objetivo, subjetiva-se.

Sonorizou-se então o mantra principal: O NEMA forma intelectuais orgânicos! O que é um intelectual orgânico? Falo aqui de um intelectual “transgressor”, pouco conhecido. É aquele intelectual que vai atuar no mundo do saber, da gestão de processos que geram transformação. Usa todos os seus sensores, transforma o intuitivo no fazer e com isso trabalho no mundo real.

Será que chegamos pré-dispostos ou tem a ver com as experiências de vida? Orgânico, um termo genérico para processos ligados à vida, pode também estar associado a organizações complexas fora do campo da biologia, onde associações de pessoas, regras, leis ou até elementos arquiteturais atuam e interagem entre si como os componentes de um organismo, e os processos ligados a esses casos também podem ser chamados orgânicos.

Intelectuais orgânicos. Assim, trago para o diálogo o pensador Antonio Gramsci que dará o suporte teórico para a investigação sobre os intelectuais que o NEMA forma. O conceito de Gramsci de intelectual orgânico se aplica ou não aos intelectuais formados pelo NEMA?

Precisava descrever o fenômeno, discutir a sua essência, seu fundamento a partir das práticas sociais que me permitiriam comunicar uma leitura de mundo. Que transformação se pretende, que outra forma esse contexto pode gerar outros comportamentos, outras atitudes, outros hábitos?

Essa é a questão. A contemporaneidade batendo à porta, mas a modernidade está sentada à mesa. Essa trajetória não poderia ser reduzida a

uma adjetivação, mas na busca por pensadores que pudessem dar a tinta e o pincel para que eu pintasse meu próprio quadro. Esse dilema fez surgir a imagem do diálogo do poeta com o político e a cientista, no filme *O ponto de mutação*, de Bernt Capra (1990).

...Os cientistas podem nos dizer quais as metáforas para a vida, sejam microchips ou relógio. Os políticos podem nos dizer de que forma devemos viver, mas eu me sinto tão reduzido sendo chamado de sistema quanto sendo chamado de relógio. A vida não é condensável assim. Um grupo de pessoas usa certas palavras para mudar o mundo, aí outros chegam com outras palavras para mudá-lo... Mas lembrem-se: a vida sente a si mesma. A vida sente a si mesma. Diferentemente de suas palavras, talvez, e até com as melhores intenções, você errará se esquecer que a vida, a vida é infinitivamente mais que as suas ou as minhas obtusas teorias a respeito dela. Sentir o Universo é um trabalho interior.

Ser NEMA e trazer para a academia uma história que pudesse ser validada como um registro científico de boas práticas, num contexto histórico, com pessoas que se tornam história também, foi minha justificativa para a escolha do tema, do fenômeno.

Motivação, ação, conhecimento...

Chego então à questão central da pesquisa:

Qual a percepção das pessoas que formam o NEMA e por ele são formados sobre sua própria formação nesse espaço?

Nesta pesquisa busco compreender o significado do NEMA na captação e (trans)formação de pessoas sob o conceito gramsciano de intelectuais orgânicos. O desdobramento deste objetivo principal permitirá também compreender o contexto de surgimento do NEMA e a relevância/sustentabilidade da filosofia de implantação, bem como o impacto das experiências no espaço do NEMA sobre a vida fora dele.

Morte e vida das hipóteses, diz o Manifesto Antropófago de 1928. *Da equação eu parte do Cosmos ao axioma Cosmos parte do eu. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia.*

Pela trajetória do NEMA e pelos resultados alcançados com amplo impacto social e ambiental defendo nesse estudo que espaços experienciais, que realizam projetos ambientais e sociais e que apostam na intuição, na autonomia e na criatividade são potenciais para a formação de intelectuais orgânicos.

Nesse contexto, trago a compreensão gramsciana de intelectual focando o significado de orgânico. Falar das diferentes funções deles na sociedade hoje, mais especificamente no cenário do NEMA.

O conceito de intelectuais orgânicos partiu de Antonio Gramsci (1882 – 1937), que desponta como um dos grandes pensadores da teoria social marxista. Os intelectuais constituem um grupo social autônomo e independente, ou cada grupo social possui sua própria categoria especializada de intelectuais? (GRAMSCI, 1982, p.3).

O intelectual é mais do que uma pessoa das letras, ou um produtor e transmissor de ideias. Os intelectuais são também mediadores, legitimadores e produtores de ideias e práticas sociais; eles cumprem uma função de natureza eminentemente política. (GIROUX, 1997, p.186).

Segundo Simionatto (1995), há no referencial gramsciano, duas categorias de intelectuais: os intelectuais tradicionais e os intelectuais orgânicos. Os orgânicos são os que estão vinculados organicamente a uma classe social, participando efetivamente de um projeto junto às classes fundamentais na sociedade. Os radicais, que vão à raiz, fornecem as habilidades pedagógicas e políticas que são necessárias para criar-se consciência política na classe trabalhadora, e para desenvolver liderança e envolver-se na luta coletiva.

O NEMA surgiu nesse movimento de resistir ao conhecimento e práticas sufocantes que constituem nossas práticas sociais. Intelectuais transformadores que aglutinam outros, a fim de romper com a opressão, fornecendo dessa forma a liderança da ética, da política e da pedagogia para a criticidade da realidade.

Minha pesquisa vai encontrar os sujeitos que formam e formaram o NEMA. Cada um com seu conhecimento prévio, idades variadas, vivendo em épocas diferentes, em contextos sociais e históricos. Certamente ela vai me encontrar em diversos pontos da tese e a minha história será um elemento importante para compreender quem são os intelectuais que o NEMA forma e como eles constituem o NEMA.

Juntamente com o pensar a pesquisa, a organização do estudo foi desenhada. O resultado dos encontros com as pessoas NEMA, com os teóricos e com as metodologias qualitativas, está apresentado em seis

capítulos. Os seis capítulos, Intuição, Cores, Sabores, Toques, Perfumes e Sons, que instigam o leitor a abrir o universo perceptual, tiveram algumas fontes de inspiração: Italo Calvino em *Sob o sol-jaguar*, no qual o autor dedica o olfato, o paladar e a audição na aventura da narrativa de transformar em conto as intuições de uma mente analítica.

Também a emancipação dos sentidos que Paulo Freire trata com propriedade na sua educação progressista e por fim uma nova descoberta que veio complementar o sentido que estava querendo dar à tese: O sentido dos sentidos, de Duarte Jr.. O autor trata da educação (do) sensível, a necessidade de reverter a “anestesia” que sofre o homem contemporâneo por meio de uma educação da sensibilidade. Esse material possui uma conexão forte com a maneira de ser e pensar do NEMA. A reflexão entrou noite à dentro e sua luz refletiu em como estava sendo viver a pesquisa.

Capítulo 1 – Intuição. Começar pela intuição, o que em algum momento no processo de escrever foi o final, é refletir sobre o quanto o ato de intuir e sonhar me tornou pesquisadora e como o trabalho se estruturou nessa trajetória. Neste capítulo me coloco dentro da pesquisa trazendo minha trajetória e o movimento feito para a concepção da pesquisa.

O Capítulo 2 – *Cores* apresenta as questões, os objetivos, a hipótese e a justificativa da pesquisa.

No Capítulo 3 – *Toques está* o fazer acontecer na pesquisa, isto é, o caminho metodológico adotado para compreender os intelectuais orgânicos do NEMA e o processo para chegar até as narrativas.

No Capítulo 4 – *Sabores apresento* o campo da pesquisa, o fenômeno, o NEMA, sua história e trajetória no universo da educação, conservação e gestão ambiental, sendo este um espaço potencial na constituição de intelectuais orgânicos.

No Capítulo 5 – *Perfumes apresento* os resultados da ATD, a partir das falas dos intelectuais orgânicos do NEMA. Os metatextos elaborados a partir das categorias emergentes com a discussão teórica.

O Capítulo 6 – *Sons* trata do que reverbera sobre como os intelectuais orgânicos constituem-se e a contribuição do NEMA na vanguarda da construção dialógica do saber com os movimentos ambientais e como estes saberes poderiam ser implementados na práxis destes movimentos, no fronte

da relação natureza e sociedade. Nesse sentido, as considerações finais foram apresentadas na forma de uma narrativa que mostra a constituição dos intelectuais orgânicos em Ondas: ondas que te quero mar.

As cores foram reveladas, agora sigamos para os toques da pesquisa, o processo de compreensão por quem é tocado pela experiência do NEMA.

3 TOQUES



"Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero uma verdade inventada."

Gustav Klimt
Water snakes II, 1907

"... estou procurando, estou procurando. Estou tentando me entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi.
Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda."

Clarice Lispector

3.1 O fazer acontecer a pesquisa

Sou uma educadora ambiental pesquisadora. Meu espaço de constituição na pesquisa aconteceu na adaptação de metodologias específicas, ou seja no exercício do pesquisador para a elaboração de projetos visando o apoio de órgãos de fomento, que possuíam visões diferenciadas do que é ciência.

Para desenvolver tecnologias em Educação Ambiental - EA, como as Ondas, saídas de campo, palestras, cursos de formação, oficinas de arte e entrevistas, estiveram sempre impregnadas de vivências, ajustes e redescobertas metodológicas que tornaram viável o fazer EA na escola e com as comunidades.

Lendo Marques, (2006) compartilho sua reflexão “Nesta nossa civilização das conquistas consolidadas é atrevimento jogar-se na aventura do efêmero. Mas é desafiante esse radical começar pelo começo, e sempre de novo”.

Assim, começo a descrever o modo de fazer acontecer esta pesquisa. Como descrever tantas experiências, percepções, significados e aprendizados num espaço potencial de formação de intelectuais orgânicos?

A abordagem qualitativa é a base para a realização do trabalho. Ao conceber o processo de pesquisa como um mosaico que descreve um fenômeno em sua totalidade a ser compreendido, permite-me entender que as peças individuais representam um espectro de métodos e técnicas, que precisam estar abertas a novas ideias, perguntas e informações (TRIVIÑOS, 2001).

A pesquisa qualitativa permite interação, considera a subjetividade dos sujeitos levando a compreensão de resultados individualizados e da dinâmica interna de programas e atividades além de possibilitar a compreensão de múltiplos aspectos da realidade.

Conforme Minayo (2001), as técnicas de análise qualitativa utilizadas na investigação de uma determinada pesquisa possuem um limite na percepção e compreensão dos resultados. Diante disso, alia-se a escolha dessas técnicas à criatividade e experiência profissional do pesquisador.

O trabalho vem se apoiando em uma revisão bibliográfica que trata das questões delineadas nos objetivos. Os documentos foram fundamentais para o resgate e a reflexão do tema da investigação. Foram pesquisadas atas, registros, relatos, matérias jornalísticas, documentários, materiais impressos que possibilitam contar a trajetória do NEMA no tempo e no espaço, aliado à minha memória, pois foram 20 anos de intenso envolvimento.

Não era adivinhação, precisava do método para produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos. Esse é o pressuposto da Análise Textual Discursiva – ATD, que na disciplina do mesmo nome me mostrou o avesso, “o avesso do avesso do avesso”, como diz Caetano Veloso. A ATD proposta por Moraes e Galiazzi (2007), foi o método escolhido para analisar os discursos dos intelectuais orgânicos do NEMA, constituindo assim, o *corpus* da pesquisa.

A ATD consiste de uma forma inteligente e surpreendente de análise, uma vez que o caos do processo emite sinais de novas compreensões do que se quer estudar. Produzir e expressar sentidos clareia a perspectiva teórica que se quer adotar, mesmo que ainda não haja consistência teórica, pois permite também a construção de teorias a partir do material analisado. Para Galiazzi e Mello (2005),

É importante traçar relações entre o estudo realizado e questões sociais significantes, buscando e construindo teorias, de forma que o estudo tenha um significado na sociedade e que possa contribuir efetivamente para discussão, entendimento e busca de caminhos para as questões sociais relevantes. GALIAZZI e MELLO (2005, p. 16).

O perfume da pesquisa são os intelectuais orgânicos formados no espaço do NEMA. Para tal, enviei 40 mensagens de e-mail aos integrantes e ex-integrantes, com a seguinte pergunta: o que o NEMA significa ou significou na sua vida? Das 40 mensagens enviadas obtive 30 respostas.

Esperiei por respostas de algumas pessoas em especial. Mas a verdade é que todas as respostas foram especiais. As pessoas que se manifestaram representam bem três momentos, o ciclo de três décadas bem marcadas no NEMA: pessoas dos anos de 1980, 1990 e dos 2000.

As pessoas sentiram-se muito honradas em serem questionadas sobre o significado que o NEMA tem em suas vidas, valorizadas por entrarem nessa história e na validação desse trabalho. E isso as fez refletir:

Querida Carlinha, você é mesmo uma pessoa impressionante. Acho que a tua proposta de projeto reflete muito o teu interesse - que me parece (pelo pouco tempo que convivemos) muito forte de autoconhecimento, de crescimento interior, de compreensão das coisas que ocorrem dentro de ti, que te formam, completam, e claro - ainda mais no teu caso, extravaaazam...

O NEMA é mesmo um caldeirão mágico, porque ele atrai pessoas diferentes, mas integradas ou muito sensíveis ao mundo e à vida. A energia da natureza, principalmente das crianças e do mar catalisa tudo, e só se vê saírem coisas boas daí - e não vou nem falar do que acontece com a gente - os loucos que ralam e são privilegiados que passamos por ele.

Bom, eu nunca pensei muito nisso, no que acontece com a gente e com quem está na volta no NEMA. Não tentaria explicar, mas é como eu te falei, as pessoas são diferentes, eu não penso quase nunca diretamente em me auto-conhecer, entender detalhadamente o que está acontecendo, eu vou fazendo as coisas, intuitivamente e da melhor forma possível. É da minha natureza. Valorizo muito a tua proposta, ela é muito interessante e bonita. Pelo que te conheço você vai amar desenvolvê-la e vai te proporcionar muito prazer e crescimento (além de um trabalho do cão). Acho que você também deve considerar bastante os teus objetivos com o doutorado, aonde quer chegar no meio acadêmico e profissional.

Li rápido o projeto, acho que poderei te ajudar na parte do histórico do NEMA, se precisares. Em explicar o que ocorreu e ocorre ali, é como te disse: só sei que acontece. Mas estou à disposição, queridinha. Te desejo tudo de bom. bjs. D¹⁰.

Para Moraes e Galiuzzi (2007, p. 11)

Pesquisas qualitativas têm se utilizado cada vez mais de análises textuais. Seja partindo de textos já existentes, seja produzindo o material de análise a partir de entrevistas e observações, a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação.

Nesta pesquisa minha proximidade com os participantes é total, uma vez que além de estar estabelecida uma confiança mútua, conheço o lugar do qual eles falam, além de ter me constituído nele. Segundo Galiuzzi e Mello (2005, p. 02) neste tipo de pesquisa, “o objeto de estudo é a experiência, estudada de forma narrativa, porque o pensamento narrativo é uma forma fundamental de

¹⁰ Carta recebida pela Danielle Paludo depois que enviei o convite para participar da pesquisa.

experiência e também de escrever e refletir sobre ela”. É como escrever um roteiro de uma peça de teatro, precisa inspiração, personagens, cenário, argumento e o fundamental: fazer parte dessa história. Escrever sobre a experiência é imergir na narrativa elaborada, como um holograma (Wilber, 1991) em que qualquer pedaço da narrativa pode reconstituir a narrativa inteira. Eu faço parte de todos e todos fazem parte de mim.

Conheço as pessoas, apenas poucas não haviam compartilhado num mesmo tempo o NEMA. Pessoas que fundaram, passaram, persistiram ou que tem os referenciais filosóficos do NEMA na sua prática. A maioria das pessoas são “estrangeiros”, vindos de outros estados brasileiros em busca da “novidade que veio dar na praia”.

Conheço o espaço e vivi o tempo vivido pelos investigados. A imagem da realidade social é processual e socialmente construída pelos sujeitos da pesquisa. Necessito compreender, descrever, caracterizar e apontar relações de associação, que todas as pessoas são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimento e/ou produzem práticas adequadas para intervir nos problemas da pesquisa. A estratégia da coleta de dados foi por meio de uma pergunta aberta, A técnica de tratamento dos dados prima pelo significado dos conteúdos analisados. A preocupação central da pesquisa está em compreender estes significados em virtude de tratar cada indivíduo como um universo, começo a delinear as etapas para constatação de minha hipótese.

Imaginei uma espiral ascendente como todos os elementos que iria identificar nestas falas e como um holograma¹¹ faria a sobreposição dessas falas produzindo narrativas, causadas por esses relatos. Já tinha um pré-julgamento de todas. Então li todos os 30 relatos sem identificação. Aquele era um momento muito especial da pesquisa. Era dali que viria a essência para chegar ao objetivo, isto é compreender de que maneira o NEMA forma intelectuais orgânicos. À medida que ia lendo, começava a sair do papel, como flashes de luz, as primeiras manifestações do significado do NEMA para elas, dando também a dimensão de tudo que estava prestes a analisar. Assim,

¹¹ O físico David Bohm (1971) afirma que o holograma é um ponto de partida para uma nova descrição da realidade: a ordem implicada (1991). A realidade convencional física (clássica) focaliza manifestações secundárias explicadas das coisas e não a sua essência ou fonte. Implicar é explicar, implícito. A implicação faz parte, igualmente, da teoria da auto-organização e da ontologia que a põe como premissa. O paradigma holográfico e outros paradoxos (Wilber, 1991) mostra que a organização do Universo, bem como a natureza da mente humana, pode ter sua realidade primária (implícada) como um domínio de frequências um holograma, portanto em que qualquer pedaço pode reconstituir a imagem inteira.

despertei para a análise desses fatos. Desmontar e desconstruir esses textos. Dei início ao meu processo.

A ATD pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem a partir de uma sequência recursiva de três componentes: a desconstrução dos textos do "corpus", a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar o emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada Moraes e Galiazzi (2007, p.45).

É inevitável escrever várias versões, a qual poderá sempre ser modificada para melhor. Para Galiazzi e Mello (2005, p. 03) “o que nós escrevemos na pesquisa narrativa é sempre uma tentativa, um trabalho em desenvolvimento, sempre aberto a revisões e modificações”.

A impregnação nos materiais nos faz pensar muito e permite um movimento recorrente sempre que necessário. Apesar de consistir de um método trabalhoso e complexo foi fundamental a realização do exercício para a impressionante descoberta das categorias emergentes. À medida que adentrava no *corpus* da pesquisa, os relatos, e realizava as etapas propostas – unitarização (fragmentação), subcategorização e categorização, desestabilizavam os pressupostos que havia criado antes de dar início ao processo.

Cheguei uma e saí outra. O cérebro assume outra forma de funcionamento em que a intuição é instigada e o inconsciente é acessado com doses homeopáticas de revelação. Para Moraes (2007), toda leitura de um texto é uma interpretação e que não há possibilidade de uma leitura objetiva e neutra. Assim, assumir a autoria dos textos é também assumir meu papel como sujeito histórico à medida que vou intervindo nos relatos investigados.

O exercício metodológico se deu entre tropeços e gaguejos. Fiz o caminho em duas etapas. A primeira antes da qualificação da tese, onde realizei todo o processo proposto pelo método. Inicialmente, desconstruí 15 dos 30 relatos, gerando as unidades de significado. Cada unidade recebeu um título, os quais foram agrupados por semelhança temática, constituindo 15 subcategorias. Agrupei-as e entre muitas idas e vindas, num processo de constante recursividade resultando em três categorias emergentes: Território – Laboratório Vivo, Significados do NEMA e Organicidade.

A primeira opção escolhida para a comunicação de parte dos resultados da pesquisa foi a elaboração de narrativas, uma vez que esta permite produzir, mediar e interpretar sentidos na constituição dos sujeitos em uma comunidade (CUPELLI, 2009). Para Hart (2005, p. 20), “a narrativa é tanto uma via para nosso próprio conhecimento como um caminho para organizar e comunicar as experiências de outros”.

Conforme Cupelli (2009), as narrativas suscitam sempre novos sentidos resultantes da combinação entre textos. Dessa forma, os textos são constantemente interrogados, produzindo ações. É como se a produção de uma narrativa estimulasse a produção de outra e esta de outra e assim por diante. O texto final surge a partir de movimentos recursivos de categorização e de expressão das novas compreensões, sempre em interlocução com teóricos e com a realidade empírica, visando argumentos válidos e aceitos em comunidades de especialistas nos temas tratados (MORAES, 2007).

Assim, busquei construir conhecimentos por meio dos relatos das pessoas NEMA e, como expõe Hart (2005, p. 45), “(...) extrair significado da experiência mais do que descrever a experiência como foi vivida”, trazendo as experiências à consciência e utilizá-las como parte do processo desta pesquisa. Nesse sentido, produzi a narrativa *Cronos de um delírio*, como um dos resultados da categoria Território – Laboratório Vivo.

Após a qualificação dei continuidade ao tratamento dos relatos. Continuei de onde tinha parado. Já tinha as três categorias emergentes. Parti então para a desconstrução dos outros 15 relatos. Reuni toda análise em tabelas do Excel organizando as 603 unidades de significado e as 20 subcategorias representadas nas três categorias emergentes já identificadas anteriormente. Anexo I.

CATEGORIAS	TERRITÓRIO Laboratório Vivo	SIGNIFICADOS DO NEMA	ORGANICIDADE
Subcategorias	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Animais, praia, lugar ✓ Parcerias institucionais ✓ Barraco ✓ Projetos ✓ Academia ✓ Determinação ✓ Rupturas 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Significados ✓ Educação Ambiental ✓ Arte e Ciência ✓ Amigos, pessoas, ✓ Diálogos ✓ Filosofia ✓ Transformação 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aprendizado ✓ Referência ✓ Formação de gerações, ✓ Caminhos profissionais ✓ Coletivo ✓ Experiência

Agora meu *corpus* estava (des)organizado, pronto para próxima fase. Os relatos foram suficientes para compor o denso *corpus* da pesquisa. À medida que fui avançando na análise dos relatos, desconstruí e reconstruí a base teórica. Esse fato foi a primeira surpresa que tive. Assim, a partir das categorias emergentes que brotaram da análise de parte dos relatos das pessoas do NEMA, descobri a pesquisa em mim. Isto é, as categorias Território – Laboratório Vivo; Significados do NEMA e Organicidade, já faziam parte do meu repertório por ser campo de estudo da Geografia, da Educação Ambiental e da Ecologia. O desafio agora é trazer Gramsci a dialogar por meio dos relatos com os autores que se revelaram durante a análise e comigo tecendo essa rede entre todos os envolvidos na pesquisa.

Dessa forma, optei em redigir um metatexto para cada categoria emergente, inclusive para a categoria Território – Laboratório Vivo, a qual gerou a narrativa *Cronos de um delírio*, realizando assim a discussão teórica. Optei por esta estratégia por dois motivos: Primeiro, fiquei em dúvida como iria discutir a narrativa. Não queria poluí-la com a discussão teórica e também não me pareceu claro que as falas dos sujeitos do NEMA estavam ali. O segundo motivo é que não queria ter um capítulo específico com minhas motivações teóricas e percebi que seria mais interessante diluir meus referenciais na discussão dos resultados.

A categorização pode encaminhar-se a partir de dois processos localizados em extremos opostos. Um deles, de natureza mais objetiva e dedutiva, conduz às categorias denominadas “a priori”. O outro, indutivo e mais subjetivo, produz as denominadas categorias emergentes. Em qualquer de suas formas, a categorização corresponde à construção de uma estrutura de categorias e subcategorias, conduzindo à produção de meta-textos (NAVARRO e DIAZ, 1994), constituídos de descrições e interpretações dos materiais analisados. Especialmente a abordagem indutiva implica em uma construção gradativa do objeto da pesquisa, constituindo a categorização elemento central nesse processo (MORAES E GALIAZZI 2007, p.45).

Comecei escrevendo o metatexto da categoria Significados do NEMA, no qual inicialmente tracei um percurso narrativo com base nas subcategorias. Reuni todas as falas da categoria num texto contínuo (Anexo II), e fui entrelaçando com a teoria. Dei identidade às falas das pessoas por meio de fontes diferentes, como forma de distinguir os sujeitos pesquisados. No Anexo III, estão os 30 relatos na íntegra.

Já nos metatextos, relacionados a categoria Organicidade e Território – Laboratório Vivo, apesar de também traçar um percurso a partir das subcategorias, fiz o inverso, comecei com a teoria e fui inserindo as falas.

As categorias emergentes – Território - Laboratório Vivo, Significados do NEMA e Organicidade, fazem parte da minha constituição como geógrafa e educadora ambiental e me deixaram mais confortável para estabelecer a mediação teórica com o pensador que puxa a tese: Antonio Gramsci e os intelectuais orgânicos.

De acordo com Wertsch (1998), o autor do texto se desafia a produzir novas ideias a partir de leituras de diferentes autores, inserindo-as em seu caldeirão, seja em forma direta de “citações dos autores”, seja, e talvez principalmente, em formas reconstruídas em que se inter-relacionam suas próprias ideias com as dos autores, marcando ele as vozes dos outros com suas próprias intenções.

O Território me permite explorar conceitos da Geografia e discuti-los na perspectiva da constituição das multiterritorialidades de Haesbaert.

Os Significados do NEMA fazem deste novo Território a possibilidade de pensar e fazer uma educação emancipatória com Paulo Freire e Frederico Loureiro.

E a Organicidade como resultado de todo esse movimento, as organizações vivas de Fritjof Capra para o pensar sistêmico e o recomeçar a partir da minha experiência. A inteireza no processo.

Assim, a partir dos próximos capítulos apresento os resultados da pesquisa. Os sabores do NEMA, campo de investigação que foi constituído pelos intelectuais orgânicos que forma.

Neste texto, trago as falas dos sujeitos que auxiliaram a contar a trajetória do NEMA, seus desafios, rupturas e determinações para a consolidação de um espaço de lutas e fazeres por uma melhor qualidade de vida da sociedade.

4 SABORES

Passa uma borboleta por diante
de mim
E pela primeira vez no Universo
eu reparo
Que as borboletas não têm cor
nem movimento,
Assim como as flores não têm
perfume nem cor.
A cor é que tem cor nas asas da
borboleta,
No movimento da borboleta o
movimento é que se move,
O perfume é que tem perfume no
perfume da flor.
A borboleta é apenas borboleta
E a flor é apenas flor.

Alberto Caeiro



Gustav Klimt
The Kiss, 1907-1908

4.1 NEMA Natural Cultural sem medo de ser livre...

A história do NEMA começa como NEA – Núcleo de Educação Ambiental, que na perspectiva de criar um espaço para tratamento e resgate de animais marinhos possuía a educação como meta. A base científica biológica foi a intenção de sua criação em virtude da formação na área da oceanografia de seu idealizador.

Continuava, nessa época, frequentando a praia independentemente do tempo e da estação do ano. Não me recordo bem como se deu, mas que, ao longo desse ano - mediante convite do Badanha ou Joca - aproveitamos algumas idas ao navio para surfar e registrar animais mortos na praia.

Os doentes, ou com óleo no corpo levávamos, Badanha e eu, e vários companheiros e companheiras lógico, que teria que fazer uma lista enorme, para a Vila Vozinha, onde moraram muitos, ou para a casa de alguns felizardos que conseguiam casas com piscinas, ou que tinham algibre (deposito subterrâneo) de água de chuva para que os lobos marinhos, pinguins, petreus, etc pudessem se recuperar e voltarem aos mares. Apenas uma atitude de cuidar dos bichos.

Recordo-me, inclusive, de uma *Dermochelys coriacea*, com quase mais de 400 kg e sem uma nadadeira anterior, que, com muito esforço, colocamos dentro para ser levada para o Museu. Sem esquecer do querido Brusque, que também, vez ou outra, participava colocava seu carro na roda para fazer esse tipo de atividade.

Intensificamos os trabalhos na praia com um Gurgel velho, presente do meu velho pai, sem portas e capota rasgada, no ameno inverno riograndino. Mas fizemos a capota de lona e as portas de madeira e seguimos percorrendo as praias, resgatando animais e registrando as ocorrências, no meu caso focando mais as tartarugas agora, e quase matando Vooren de pneumonia.

Os anos eram de 1985, o Brasil começava respirar os ares da democracia e com ela exilados jovens políticos, músicos e pensadores começavam a retornar à Pátria amada. Nessa volta, os movimentos sociais se organizam e levantam as bandeiras dos sem terra, dos sem casa, dos sem nada e do movimento ecológico.

A I Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em 1972, pela Unesco, em Estocolmo, reconheceu que a defesa e a melhoria do meio ambiente constituem um objetivo urgente para a humanidade, em suas gerações presentes e futuras. Previu-se que a Educação Ambiental teria grande importância ao promover a consciência do meio ambiente global e

ajudar a motivar uma sensibilização que levaria a uma melhor compreensão dos problemas que viessem a afetar o meio ambiente, gerando assim, comportamentos positivos de conduta em relação à natureza e à utilização racional de seus recursos pelo homem.

O NEMA estava sendo criado e Estocolmo já tinha 13 anos. Quando um novo grupo assume o espaço do barraco idealizado em 1985, pela tribo do Joca Thomé – Alexandre Fillipini (Badanha), Gil Sales, Odair Claro entre outros e com o apoio do superintendente da Autarquia Balneário Cassino na época, Renato Tubino Lempeck. O Joca se forma e vai navegar por outros mares, o Beto Tagliani fica com a coordenação e também vai navegar nas águas da academia. O grupo que já estava na volta o Régis Pinto, a Danielle Paludo, o Régis Müller, o Ricardo Soavinski, o Paulo Garreta e o Renato Carvalho assumem a ideia NEMA e passam a buscar sua formalização com personalidade jurídica. A Educação Ambiental então é a fonte de inspiração para isso.

Assumi a coordenação do então NEA, creio que em 1985 (O Joca pode confirmar das datas) quando o Joca "me passou o cetro".

Por quê? Por que a comunidade escolar demandava obter um conhecimento do ambiente marinho local que não estava escrito nos livros didáticos, nem nas estrelas.

Acho que todos que estávamos no NEMA naquele tempo dávamos o melhor de nós, fazíamos da melhor forma que nos era possível, com gosto.

O dia-a-dia do NEMA era compartilhado entre todos. Fechar e abrir o barraco, receber pessoas, cuidar dos aquários, que eram três, assessorar a ABC com as dunas que na época já haviam sido retiradas e agora a meta era recuperá-las e realizar o monitoramento da praia. Depois do Gurgel do Joca, o carro de outros amigos como o Luciano Brusque e o Garreta foram disponibilizados para fazer resgates de animais e percorrer alguns quilômetros de praia. Com a compra do Jipe vermelho ficou mais viável atualizar-se das condições da praia, com planilhas que até hoje são utilizadas para essa atividade.

O monitoramento tem o propósito de manter os profissionais do NEMA atualizados em relação aos fenômenos naturais e antrópicos inerentes ao

ambiente costeiro. Essas informações são passadas através dos programas de educação ambiental e para a administração pública visando o planejamento ambiental.

O olhar mais apurado, o amor pelo ambiente e por sua diversidade e o conhecimento científico permitiram que eu criasse as imagens – desenhos e pinturas – Desenhar a diversidade significou ampliar a percepção do ambiente.

Esse bem querer, o encantamento e a vontade de continuar nesse rumo levou o NEMA em 6 de agosto de 1987 a assumir sua personalidade jurídica como associação privada sem fins lucrativos e de utilidade pública municipal, permitindo aos profissionais envolvidos a autonomia administrativa necessária à agilização de instrumentos jurídicos de cooperação interinstitucional¹².

Sua declaração de princípios:

O NEMA _ Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental surgiu em março de 1986, idealizado por um grupo voluntário de acadêmicos de Oceanologia, para executar um convênio de mútua colaboração entre a Autarquia do Balneário Cassino _ ABC e o Departamento de Oceanografia da FURG _ Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

A ideia principal é a harmonização da relação ser humano-ambiente, através do reconhecimento do seu habitat e da conscientização dos seus valores e limitações, chegando-se a um equilíbrio que otimize os benefícios mútuos, melhorando a qualidade de vida.

Conforme aprovado na sua ata de instituição, inspiram sua criação:

- a) Contextualizar o ser humano em seu meio ambiente;
- b) Despertar uma consciência conservacionista na comunidade;
- c) Orientar o desenvolvimento no sentido de minimizar os conflitos ser humano-ambiente;
- d) Incentivar a pesquisa no sentido de preservar o ambiente como um todo, seja em relação a água, solo, ar e paisagens, incluindo os aspectos socioeconômicos.

O NEMA começou com uma estrutura funcional que compreendia um Conselho Geral, composto pelos fundadores, sendo um espaço de discussão e acompanhamento dos rumos técnicos e filosóficos do NEMA, tendo sido Presidente por muitos anos o Prof. Carolus Maria Vooren do Departamento de Oceanografia da FURG. A estrutura operacional era composta de um

¹² São fundadores do NEMA Ata nº 1: Danielle Paludo, Renato Visintainer Carvalho, Régis Pinto de Lima, Régis Rodrigues Müller, Renato Tubino Lempeck, Carolus Maria Vooren e Antônio José Monteiro Neto.

Superintendente, um Superintendente Adjunto, Secretária e Tesoureiro. Atualmente, a estrutura funcional do NEMA¹³ é constituída da Assembleia Geral¹⁴; da Diretoria¹⁵ (Diretor, Tesouraria e Secretaria); de um Conselho Fiscal e da Coordenadoria de projetos - Técnicos executores; Estagiários e voluntários.

O NEMA para mim hoje é um orgulho! Acompanho o seu crescimento de longe, através de notícias, informações de amigos e pesquisa. Nas minhas visitas aos filhos aí no Rio Grande, indo ao Cassino, faço questão de pelo menos passar na frente do antigo barraco. Se a porta estiver aberta entro, porque sempre rola o saudoso chimarrão e a volta a um passado que para mim foi muito feliz.

A trajetória de sucesso está relacionada com a aprovação do primeiro Projeto do NEMA, a Proposta de Educação Ambiental para a Zona Costeira do Rio Grande do Sul: Mentalidade Marítima – MM, em 1987. Com ele vieram também melhores condições de trabalho, equipe recendo e a compra de equipamentos: máquina de escrever, armários, televisão, vídeo cassete, binóculos, máquina fotográfica. Também a contratação da Anahí, nossa secretária e tesoureira eterna, fiel aos princípios do NEMA, que dedica até hoje seus trabalhos ao Núcleo, mesmo tendo sido surpreendida no primeiro dia de trabalho com uma cobra saindo de dentro do armário.

O Mentalidade Marítima tinha como objetivo fazer a conexão do conhecimento científico com a comunidade.

¹³ Em 2004 com o novo Código Civil Brasileiro, o Conselho Geral atualiza o Estatuto para tornar mais flexível a busca de recursos e a qualificação como OSCIP para a realização de Termos de Parceria com órgãos governamentais.

¹⁴ Associados Fundadores, Beneméritos e Efetivos (2013): Alexandre Krob, Alice Fogaça Monteiro, Ana Carolina de Oliveira Salgueiro de Moura, Anahi Vaz da Silva, Antônio Monteiro, Carla Valeria Leonini Crivellaro, Carolus Maria Vooren, Cláudia Louro Barbosa, Cleusa Helena Guaita Peralta Castell, Danielle Paludo, Danielle da Silveira Monteiro, Derien Lucie Verneti Duarte, Éder Paulo dos Santos, Eduardo Resende Secchi, Eliandro das Neves, Euclides dos Santos Filho, Gilberto Sales, Haroldo Asmus, Henrique Horn Ilha, Ieda Maria Lopes da Silveira, Jacqueline Rogério Carrilho Eichenberger, Joca Thomé, José Carlos Xavier Carvalho, Juliana de Azevedo Barros, Kleber Grübel da Silva, Leonardo Tortoriello Messias, Lilian Brum Wetzell, Luciane Germano Goldberg, Marcos Jacques Fonseca, Maria Helena Reinhardt de Almeida, Mônica Brick Peres, Paulo Fernando Garreta Harkot, Paulo Roberto de Castro Beckenkamp, Paulo Roberto Armanini Tagliani, Ramiro Martinez Neto, Régis Pinto de Lima, Renato Tubino Lempeck, Renato Visintainer Carvalho, Ricardo Soavinski, Rita Patta Rache, Rodrigo Barreto Menezes, Rodrigo Moreira da Silva, Sérgio Curi Estima, Tiago Borges Ribeiro Gandra.

¹⁵ Dirigiram o NEMA nesses 27 anos: Régis Pinto de Lima, Leonardo Tortoriello Messias, Éder Paulo dos Santos, Henrique Horn Ilha, Sérgio Curi Estima, Renato Visintainer Carvalho, Carla Valeria Leonini Crivellaro e Kleber Grübel da Silva.

Foi um ato de pura intuição e criatividade que deu início ao processo pedagógico do fazer EA do NEMA. Produzir conhecimento sobre a zona costeira, os oceanos, mares, ecossistemas, atividades humanas, e... todo o universo do planeta água.

Oportunizou um aprofundamento e um entendimento científico desses ambientes levando-me a uma valorização mais profunda desse lugar que habitei por boa parte da minha vida e que me habita, que pulsa dentro de mim.

Eu conseguia enxergar no trabalho que desenvolvíamos no NEMA e nos projetos, como a Oceanografia se relacionava com a realidade de Rio Grande e como ela poderia ser realmente útil para transformar a realidade e não apenas se resumir a projetos e trabalhos científicos, publicados e engavetados, de uma Universidade-ilha.

O MM também estreitou os laços com a Universidade – FURG com a promoção das Semanas do Meio Ambiente e dos Projetos de Extensão e validação dos certificados dos cursos de formação realizados pelo NEMA. O NEMA passa a apoiar o processo de criação do COMDEMA _ Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente no município do Rio Grande em parceria com a Secretaria de Agricultura Pesca e Meio Ambiente e organizações não governamentais como o CEA – Centro de Estudos Ambientais, que já militava no campo das questões ambientais locais.

Outros oceanólogos como o Leonardo Messias e o Éder Paulo dos Santos passam a fazer parte dessa nucleação, além também de pessoas de outras áreas do conhecimento como a Geografia com a Maria Helena Reinhardt, da Arte com a Cleusa Peralta, da Filosofia com o Marcos Vilella Pereira e com o José Flores nos bastidores, deixando sua contribuição com a arte da logomarca da garça do NEMA e do menino do mar do Projeto Mentalidade Marítima.

Pessoas importantíssimas se juntaram a esta iniciativa, que tenho medo de esquecer alguém, mas Éder, Leo, Henrique, Cleusa Peralta e seu marido, Lelena e o professor de fisiologia, Euclides, ajudaram em muito não só no dia a dia (lembro que a 1ª. função do Éder foi de cuidar dos aquários....),

A aproximação com o NEMA se deu através da Cleusa e do Zezé, que moravam no Cassino e já estavam envolvidos com o grupo (na época, coordenados pela Dani e pelo Pinto). Minha primeira experiência foi

justamente em uma das Oficinas do recém nascente Projeto Mentalidade Marítima. O lance era a vivência de situações de consciência ambiental em sintonia com práticas de sensibilização e expressão. Arte e Educação Ambiental.

Nessa fase do NEMA o interesse pela prática de vanguarda em que a interdisciplinaridade é a tônica do fundamento pedagógico, gera curiosidade e interesse de um grupo de uma Universidade alemã.

Então, vamos para o que pode parecer mais objetivo, mesmo que seja outra pura ilusão. Em finais da década de 1980 e início de 1990 aconteceu o Projeto Água, tornado possível por um convênio com o IPN, um instituto da Alemanha que mandava uns caras estranhos e cheios de teorias metodológicas para o Brasil, mas com as mentes abertas ao ponto de encontrarem naquilo que a equipe FURG/NEMA estava fazendo o objeto prático que as teorias deles estavam buscando. Durante algum tempo, isso deu samba e algumas sinfonias beethovenianas, até que os discos ficaram arranhados, por assim dizer. Lembro de algumas rugas que prefiro não detalhar, com os lados endurecendo a conversa, ora um, ora outro, num claro cenário de disputa por espaço, por domínio, por comando, temperadas por questões muito mais delicadas do que estas. O saldo, no entanto, sem aprofundar a análise, me parece que foi positivo, não sei da parte do pessoal do NEMA.

Tendo a equipe constituída na primeira etapa do MM cumprido seus objetivos, essa se lança para o ingresso em órgãos governamentais como o IBAMA, hoje o ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, e ocupar cargos administrativos e técnicos junto ao Ministério do Meio Ambiente, Centros como o TAMAR e o Peixe-Boi- Marinho, espaços esses que já vinham sido conquistados por uma geração anterior de oceanólogos formados na FURG.

Ficam os remanescentes, Leo, Lelena, Gordinho e Éder e o NEMA passa a ampliar sua atuação com o Projeto na Lagoa do Peixe, em Mostardas com o intuito de realizar um levantamento preliminar das ações de educação ambiental para implementar o Parque. Com a conclusão desse trabalho o NEMA se esvazia e tendo o Leonardo e o Éder alternando na condução do NEMA e coordenando os Projetos Mamíferos Marinhos do Litoral Sul e Dunas Costeiras chegam eu, Carla, o Henrique Horn Ilha, o José Oriel e o Paulo Beckenkamp. Os rapazes se alternam na continuidade do Projeto Lagoa do Peixe e Dunas Costeiras e eu assumo o Mentalidade Marítima, que estava

pronto para ir para as escolas com a proposta de inserção da EA no ensino formal.

Foram anos de vacas magras. Apesar de estar aberto a doações, não se investiu muitos esforços. Nosso único colaborador, deste sua fundação, o Seu Juca, José Carlos Xavier Carvalho foi muitas vezes nossa salvação nesses tempos difíceis.

Empenhamos-nos muito em aprender a escrever Projetos cada vez melhores, agora numa máquina de escrever elétrica. Também o que nos deu sustento nestas entressafras foram os cursos Fundamentos de Ecologia Costeira, que eram ministrados para grupos de escolas privadas da capital e arredores. Os cursos de verão e acampamentos no Camping do Leopoldo na praia foram talvez nosso maior espaço de recrutamento dos novos. Neles se criaram o Dimas e Kahuam Gianuca, o Pedro Fruet e a Maíra Arruda. Todos hoje mestres e doutorandos na área ambiental. Fora a centenas de crianças que puderam fazer parte da experiência NEMA e isso com certeza guardado ficou. Hoje essas “crianças” levam seus filhos para participar de cursos ou simplesmente conhecer o barraco do NEMA.

Aprovados os Projetos, estabelecemos parcerias com a Prefeitura do Rio Grande, Secretaria de Educação e Cultura e Autarquia do Balneário Cassino por meio de Convênios, com recursos para sua execução¹⁶.

Já estávamos nos anos de 1993, um grupo retorna e retoma o fluxo dos Projetos que o NEMA havia consolidado e amplia suas ações para outras áreas

¹⁶ O NEMA nesses 27 anos realizou convênios e parcerias com as seguintes instituições: * Centro de Mamíferos Aquáticos – CMA/ICMBio, * Comissão Interministerial para os Recursos do Mar – CIRM, * Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, * Fish and Wild Life Service – FWS/US, * Fundação AVINA, * Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS, * Fundação Estadual Proteção ao Meio Ambiente – FEPAM, * Fundação Pró-TAMAR, * Fundacion Vida Silvestre Argentina - FVSA, * Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE/MEC, * Fundo Nacional do Meio Ambiente – FNMA/MMA, * Instituto Albatroz, * Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais – IBAMA, * Ministério da Educação e do Desporto – MEC, * Ministério do Meio Ambiente dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal – MMA, * Ministério da Pesca e Aquicultura – MPA, * Organização das Nações Unidas para a Ciência, Educação e Cultura - UNESCO, * Órgão Gestor de Mão de Obra do trabalho portuário avulso do porto avançado do Rio Grande - OGMO, * Prefeituras de Rio Grande, São José do Norte, Mostardas, Santa Vitória do Palmar, Tavares, Palmares do Sul, Torres e Osório, * Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - PADCT/CAPES, * Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira - PROBIO, * Proyecto Karumbé – Uruguai, * Secretaria Especial do Cassino – SEC, * Secretaria Estadual de Educação e Cultura - SEC-RS, * Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Rio Grande – SMEC, * Superintendência do Porto do Rio Grande - SUPRG, * Universidade Federal do Rio Grande, RS – FURG, * WWF- World Wildlife Foundation.

do município como a identificação de áreas de interesse ambiental, o que mais tarde, em 2005, resultou na criação da Área de Preservação Ambiental da Lagoa Verde e Arroio do Bolaxa.

Num segundo momento, já formado e rodado, significou uma redenção e uma volta do filho pródigo, após experiências no mundo capitalista selvagem.

Com um grupo maior atuando, novos Projetos aprovados, foi possível dar um pulo tecnológico com a aquisição do primeiro computador, um 486. Um detalhe, o barraco estava se consumindo na maresia cassineira. Também a falta de segurança para os equipamentos era uma preocupação.

Após inúmeros projetos enviados a diversos órgãos para a ampliação e reforma do NEMA fomos “às próprias custas” melhorar nosso espaço físico. A reforma durou uns cinco anos e nesse espaço de tempo ocupamos duas salas junto à ABC, na casa onde antigamente foi a Delegacia de Polícia e as duas salas ocupadas por nós era a cadeia do Cassino.

Enquanto isso investíamos esforços para adquirir material de construção, e mão-de-obra, o barraco foi sendo revestido de tijolos, ampliamos um pouco mais sua área e no final literalmente dobramos o barraco de madeira e o que estava bom ainda foi para o Viveiro Florestal do NEMA.

Como matéria, o NEMA é uma casa simples, sem luxos. Preserva a simplicidade de suas paredes sem reboco, pintadas de cal com muita criatividade.

O piso sim que está um luxo, graças a uma doação.

Por dentro, mesas, cadeiras, armários... nada modulado, mas muito bem aproveitado e utilizado.

A área do Viveiro foi cedida pela ABC no fundo do Horto Municipal do Cassino, para a produção florestal de espécies fixadoras das dunas costeiras e de mudas de mata nativa, servindo como apoio aos plantios nas escolas e nas áreas urbanas do município com o viveirista e cassineiro Eliandro das Neves, sempre no apoio. Uma conquista importante foi a ABC não mais cair o tronco dos Eucaliptos da Avenida Rio Grande.

De volta à sede, o grupo se amplia com o Kleber Grüber da Silva, já qualificando-se como Mestre em Oceanografia Biológica e atual Diretor, a chegada da Jacqueline Carrilho e do Sérgio Estima que iniciam como estagiários e logo passam a executores de projetos de conservação.

Continuam as empreitadas para a Lagoa do Peixe agora com a Rural azul que se desmanchou e mais tarde com a Rural amarela com câmbio em cima, e depois os jipes Lada Niva que deram muito trabalho aos condutores.

Muitas “roubadas”, ficar empenhado no meio da praia, uma frente fria entrando, andar 20 quilômetros para pedir ajuda, mas encontrar uma placa fóssil de *Gliptodonte*¹⁷ ou ver redemoinhos de areia em suprema sintonia terra, mar e ar, isso fazia valer tudo à pena. Com o tempo, a frota evoluiu para uma Toyota, a “Joinha” e depois a Land Rover doada pelo Centro de Mamíferos Aquáticos do IBAMA.

Na Educação Ambiental, a equipe interdisciplinar retoma o Mentalidade Marítima com a volta da Lelena, comigo que vinha fazendo um trabalho compartilhado com os rapazes e o ingresso da Cláudia Louro Campestrini, nas Artes e do Ramiro Martinez Neto na Educação Psicofísica. Mais tarde, a Rita Patta Rache e a Luciane Goldberg, arte-educadoras, vêm concluir as Ondas conosco. Percorremos a Planície Costeira de Parati, paranós....De Torres ao Chuí, marcando nosso espaço na criação de Unidades de Conservação como foi o Refúgio da Vida Silvestre do Molhe Leste, a implementação da Ilha dos Lobos em Torres, e nas ações de EA junto aos Projetos Mamíferos Marinhos, PED – Ecoturismo na Planície Costeira e Dunas costeiras.

Cada vez mais estudantes procuravam o NEMA em busca de um espaço para atuar nas áreas da educação e conservação ambiental, o qual não haviam encontrado na Universidade. Assim, o Marcello Lourenço, o Roberto Cavalcanti, o Gabriel Nunes, a Luciana Giroux, a Karina Sarrilho, a Varlésia Obelar, a Fabiane Pianowski, Rodrigo Menezes, a Bruna Lima, a Cristina Contreira, o Fabrício Pomar, a Melina Galvão e muitos outros que permaneceram por pouco tempo ou acabaram ficando como é o caso da Danielle Monteiro, da Ana Moura, do Rodrigo Moreira, da Lilian Pieczarka e da Ieda Maria Lopes, a Mara.

¹⁷ O **gliptodonte** - *Glyptodon clavipes*; é um mamífero extinto, relacionado através de um ancestral comum com os atuais tatus, era nativo das Américas. O gliptodonte media cerca de 3 metros de comprimento e pesava cerca de 1,4 toneladas, sendo equivalente em forma e tamanho a um Volkswagen Fusca. Durante milênios, inúmeras dessas carapaças permaneceram vazias ao longo das planícies do Rio Grande do Sul e da Argentina, provavelmente servindo de abrigo para humanos primitivos da região.

Comecei, efetivamente, o curso de oceanografia. E, logo de cara, a constatação que preocupações afeitas à causas ambientais não faziam parte do currículo explícito do curso e, nem tampouco, das preocupações dos professores e colegas. Demorei um pouco para entender o porquê desse alheamento com a realidade por parte de alunos que, comungando em comum o mesmo gosto e admiração pelo mar, eram insensíveis aos problemas já perceptíveis.

Os estágios e as disciplinas do curso de Oceanologia na FURG faziam com que a gente escolhesse uma área e se especializasse nela. E o meu tour pelas "Oceanografias" não me fazia sentir que eu pertencesse àquele lugar.

Os intelectuais do NEMA continuam sua qualificação na academia com a produção de monografias, dissertações e teses, pois tinham no NEMA um campo muito fértil e diverso para desenvolver suas pesquisas. Foi fundamental a participação do NEMA no reconhecimento do Mestrado em Educação Ambiental da FURG junto a CAPES, uma vez que eu, Lelena e Cleusa fomos da primeira turma do curso e contribuímos com nossa experiência prática e teórica e consagrando o NEMA como referência do fazer EA. Nesse meio tempo, mais um ciclo de partidas e chegadas e novamente o Núcleo se reconfigura, se reorganiza.

A aprovação do Projeto Taim e do lendário Costa Sul dá um fôlego novo, dá sustentabilidade aos NEMAs e melhora as condições. Também o Projeto Tartarugas Marinhas adquire autonomia técnica e financeira e a chegada da Alice Fogaça Monteiro, da Juliana Barros e da Dérien Verneti que vem na perspectiva de constituírem-se educadoras ambientais e pesquisadoras, e assim o fizeram.

Hoje a minha opção pelo mestrado em educação ambiental está encharcada do NEMA e das pessoas que o constituíram e o constituem, nesse movimento contínuo.

Assim, o monitoramento costeiro, a implantação de unidades de conservação, a pesquisa e elaboração de metodologias para recuperação de áreas degradadas e do carro chefe do NEMA, a Educação Ambiental cada vez mais vem se projetando nas conquistas ambientais. Nesses anos os intelectuais orgânicos do NEMA não perderam a conexão. Hoje esse grupo especial continua se cruzando, nos espaços de decisão que atuam – Ministérios, Unidades de Conservação, Universidades e Organizações Não

Governamentais compartilhando com os outros atores a capacidade e sensibilidade de ser ou ter sido tocado pela experiência NEMA e atuar com ética e conhecimento para a resolução das questões ambientais brasileiras.

Paro aqui, em 2010, ano que me despedi da direção do NEMA e me afastei para dedicar-me ao doutorado. Mesmo assim, como secretária do Núcleo há dois mandatos sigo acompanhando, opinando e prestando serviços esporádicos.

4.2 As bases conceituais: buscas e encontros¹⁸

Experiência, intuição, leitura e pesquisa levaram a instituição a internalizar e adotar conceitos como alicerces essenciais para a sua práxis.

Incorporamos o conceito de meio ambiente definido por Reigota (1994), sendo:

O lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído. (REIGOTA, 1994).

Este conceito vinculado à visão sistêmica descrita por Capra (1994), a qual “fundamenta-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência de todos os fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais”, nos leva à nossa concepção de Educação Ambiental.

Quando fazemos Educação Ambiental, acreditamos num processo permanente que pode acontecer em qualquer lugar: no interior do ser humano, em casa, na escola, no trabalho, nas manifestações culturais, em áreas naturais e urbanas.

O conceito de EA estabelecido em Tbilisi, 1977 foi nosso referencial inicial, o qual considera que a Educação Ambiental como

A dimensão dada ao conteúdo e à prática da educação orientada para resolução dos problemas concretos do meio ambiente, através de enfoques interdisciplinares e de uma participação ativa e responsável de cada indivíduo e da coletividade.

¹⁸ Este texto foi elaborado juntamente com o amigo e colega de muitos trabalhos Dr. Kleber Grüber da Silva faz parte do artigo *Olhando para o mar: Práticas de sustentabilidade na zona costeira*, publicado em 2012 no livro *Conservação da Natureza: e eu com isso?* (Palazzo Jr. & Carbogim, 2012), da Rede Marinho-Costeira e Hídrica do Brasil.

Integramos também o Tratado de EA do Fórum Global, no qual a EA incorpora “as dimensões sócio- econômica, política, cultural e histórica, de cada país, região e comunidade, permitindo a compreensão da natureza complexa do meio ambiente e a utilização racional dos recursos do meio na satisfação material e espiritual da sociedade no presente e no futuro”.

Educação Ambiental é querer um mundo diferente, com cidadania, paz, alegria, comida, educação, emprego, liberdade... É buscar ações de transformação para uma vida melhor no presente e no futuro. É olhar para a natureza com os olhos do coração e respeitar todas as formas de vida, considerando a inter-relação e interdependência entre todos os elementos presentes no meio ambiente.

Importante em nossa trajetória foi a identificação de nossas práticas com a visão de Soulé (1986) da Biologia de Conservação: ciência que trata da escassez e da diversidade dos recursos vivos e ecossistemas, considerando que a integração criativa das áreas das ciências naturais, sociais e políticas são essenciais para implantar medidas de proteção dos sistemas naturais onde o homem faz parte da paisagem.

No mundo real, a maioria dos problemas ambientais possuem validade provisória e é imprescindível a tomada de decisões antes mesmo de se ter dados que suportem completamente a decisão, uma vez que os riscos da não ação podem ser maiores do que uma ação inadequada.

Não existem caminhos prontos quando se necessita tomar alguma decisão, porém é fundamental utilizar a experiência, a criatividade, as informações disponíveis e o bom senso tendo em mente os princípios da humildade, precaução e reversibilidade para garantir a efetividade e o sucesso da conservação da natureza (SOULÉ, 1986).

4.3 Os caminhos do fazer

Transformar o conhecimento em sabedoria e a sabedoria em ação é um desafio diário que exige criatividade, persistência, continuidade e autonomia. Também é essencial conhecer o lugar onde se vive e contextualizá-lo nos processos regionais e globais para estabelecer as estratégias de ação. Os princípios, os conceitos e as experiências realizadas definiram nossos caminhos do fazer.

A representação de interesses coletivos trazendo à público as ideias e uma análise crítica e propositiva para uma sociedade melhor é realizada continuamente nos espaços de discussões, fóruns e conselhos. Além da participação em audiências, grupos de trabalho, câmaras técnicas e reuniões públicas, que acontecem no dia-a-dia da sociedade, temos participação efetiva em diferentes Conselhos locais e regionais: COMDEMA – Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente, Colegiado do Mar da Reserva Biosfera da Mata Atlântica, Conselho Consultivo da Estação Ecológica do Taim e do Parque Nacional da Lagoa do Peixe, Comitê da Bacia do Canal São Gonçalo e Lagoa Mirim, Comitê Gestor do Projeto Orla, Rede ASO de Tartarugas Marinhas e Comitê de Planejamento da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Outro fazer fundamental é a formação e difusão de profissionais. Muitos jovens encontram no NEMA um espaço para realizar estágios, elaborar monografias, atuar nos Projetos de educação, conservação e gestão ambiental. Neste processo dinâmico de interação, valorização e qualificação das pessoas, muitos profissionais que exercem atividades ligadas à conservação da zona costeira no Brasil e no exterior têm o NEMA como referência e inspiração.

A Educação Ambiental é o elo integrador de todas as atividades do NEMA. São desenvolvidas metodologias e materiais educativos. Também são produzidos folders e cartazes que valorizam e sensibilizam sobre os ecossistemas costeiros, fauna e flora, vídeos e programas de rádio que permitem o acesso e a popularização do conhecimento produzido para a comunidade.

O NEMA pode ser sim uma expressão de mídia radical alternativa, analisando que ela se comunica de forma diferenciada dos meios convencionais e observando que o radical não pressupõe de radicalismos puros e simples. Tratamos aqui do radical que vem de raiz, da base, da estrutura de alguma coisa. E, quando falamos que uma ONG ambientalista como no caso do NEMA trabalha a parte ecológica através da educação ambiental estamos mostrando que sua comunicação é de base, de raiz, portanto radical. Ao contrário do que se pode ver nos meios convencionais o NEMA faz comunicação mesmo sem saber, cria campanhas de conscientização, livros, se faz presente na comunidade onde atua como foi demonstrado na pesquisa de opinião, mesmo sem ser foco de muita atenção nas mídias locais (WITTENBERG, 2006, p.147).

Na perspectiva acadêmica são elaboradas monografias, dissertações, teses e artigos científicos com base nas ações, resultados, coleta de dados, interação com a comunidade e experimentos nos Projetos de educação, conservação e gestão ambiental¹⁹. Todo esse fazer tem sido divulgado em eventos nacionais e internacionais.

A criação e implantação de áreas protegidas é uma diretriz muito importante, uma vez que garante espaços de proteção dos ecossistemas e da biodiversidade. Os profissionais do NEMA protagonizaram a criação do Refúgio da Vida Silvestre do Molhe Leste, em São José do Norte e da Área de Proteção Ambiental da Lagoa Verde. Também são realizados esforços continuados para a implementação do Parque Nacional da Lagoa do Peixe, do Refúgio da Vida Silvestre da Ilha dos Lobos e da Estação Ecológica do Taim.

Todas as atividades estão integradas aos Projetos continuados de Educação Ambiental, monitoramento, pesquisa e conservação desenvolvidos principalmente na região costeira do Rio Grande do Sul. Assim, são realizadas parcerias, convênios, acordos de cooperação técnica e contratos com instituições públicas e privadas e continuamente participando de editais no intuito de dar continuidade e propor novos Projetos e manter o metabolismo basal do Núcleo.

4.4 Os caminhos do fazer pelos Projetos continuados

A apresentação dos Projetos é uma maneira de demonstrar quantas experiências o NEMA proporciona. São espaços de formação em que todos os referenciais podem ser explorados em que as pessoas podem transitar pelas várias iniciativas, incorporando assim novas situações e desenvolvendo no cumprimento dos seus objetivos a persistência, a criatividade, a autonomia e a satisfação.

¹⁹ Os trabalhos elaborados podem ser acessados no site www.nema-rs.org.br ou diretamente na sua sede na Rua Maria Araújo, 450 – Cassino, Rio Grande, RS.

Ondas que te quero mar: educação ambiental para comunidades costeiras – 1987...

O Projeto objetiva inserir a dimensão da Educação Ambiental na escola e em espaços comunitários. Através do desenvolvimento de metodologias e práticas educativas interdisciplinares envolvendo ciências do ambiente, arte, valores humanos e educação psicofísica – Metodologia das Ondas, o Projeto realiza assessorias às Secretarias de Educação e escolas na elaboração de seus projetos de Educação Ambiental; a formação continuada de educadores e de adolescentes em situação de vulnerabilidade social, o que tem permitido a compreensão da realidade social e ambiental com base na reflexão e na ação.

Mamíferos Marinhos do Litoral Sul – 1988...

Visa a conservação, o manejo e pesquisas dos mamíferos marinhos e a proteção dos ambientes associados. Suas principais atividades são a avaliação do status de conservação dos pinípedes e dos cetáceos, o monitoramento das praias do RS, dos Refúgios da Vida Silvestre do Molhe Leste e da Ilha dos Lobos (censos, impactos e mortalidade), bem como atividades de Educação Ambiental junto às comunidades costeiras.

Dunas Costeiras – 1989...

O Projeto busca a conservação deste importante patrimônio natural: as dunas costeiras. Desenvolve metodologias para a recuperação, fixação, manejo e planejamento entre as áreas urbanas e o sistema de dunas costeiras no litoral do RS. Dentre os resultados obtidos está a recuperação de extensos cordões de dunas e o planejamento de ações de conservação desse ecossistema em vários municípios do RS. As atividades de Educação Ambiental do Projeto tem sensibilizado a comunidade para a bem querência deste ambiente costeiro.

Conservação da Lagoa Verde – 1992...

O Projeto consiste de um programa de proteção e conservação dos sistemas de banhados e lagoas dos Arroios Bolaxa e Senandes e Lagoa Verde, o qual inclui o monitoramento da qualidade ambiental, esforços para a criação e implantação da APA – Área de Proteção Ambiental da Lagoa Verde

(2005) e atividades de planejamento e Educação Ambiental para as comunidades dos arredores.

Viveiro Florestal – 1994...

Surgiu com o intuito de produzir mudas nativas da restinga destinadas a arborizar o Balneário Cassino e atender à demanda do Projeto Dunas. Recuperação de mata ciliar, palestras e assessorias em escolas, são ações realizadas que incentivam a agricultura ecológica e técnicas silviculturais.

Taim Banhado de Vida – 2002...

O Projeto tem possibilitado a implantação de ações sustentáveis que conciliam desenvolvimento social e conservação. As principais ações são: o estabelecimento de diretrizes para o ordenamento territorial; a implantação de um sistema de visitação orientada; a viabilização à participação das comunidades na gestão da pesca artesanal; o fomento à iniciativas agroecológicas com a produção do Arroz Amigo do Taim e a implementação de um programa de Educação Ambiental.

Tartarugas Marinhas no RS – 2003...

O litoral do RS é uma importante área de alimentação para as tartarugas cabeçuda, verde e de couro. Por meio de atividades de pesquisa, Educação Ambiental, envolvimento comunitário, monitoramento costeiro e monitoramento da captura acidental na pesca, o Projeto visa diminuir a mortalidade das tartarugas marinhas e promover a pesca responsável e práticas sustentáveis com as comunidades costeiras.

No fluxo da corrente do fazer do dia-a-dia institucional outras iniciativas vão surgindo como novas possibilidades ou como ações complementares aos Projetos. Destaco algumas como a produção e comercialização de arroz ecológico e a implantação de uma feira ecológica envolvendo produtores de hortigranjeiros.

Iniciativas de desenvolvimento comunitário são realizadas através da formação de grupos de artesanato voltado à conservação da biodiversidade local e geração de renda - Artesanato da Conservação. Também a formação

de monitores locais para acompanhamento de grupos durante a realização de trilhas interpretativas, na valorização dos ambientes costeiros.

O grande desafio do dia-a-dia é a sustentabilidade institucional. Há que trabalhar com muito afinco e determinação para captar os recursos necessários para manter a nossa autonomia e estrutura filosófica perante as instabilidades e mudanças políticas que atingem a sociedade brasileira.

O NEMA é um espaço potente na formação de intelectuais orgânicos. Sua história mostra a resistência em manter alerta sua missão institucional e o cuidado com seus parceiros e colaboradores. Os espaços de atuação, os Projetos, permitem a experimentação.

Os sabores do NEMA vêm acompanhados dos perfumes do trabalho, as pessoas, que expressam em palavras o que o NEMA significa ou significou nas suas vidas. Assim chegamos ao capítulo 5 – Perfumes e nele o tear teórico aperta suas fibras e toma consistência nessa essência.

5 PERFUMES

Gustav Klimt
The Tree of Life, 1909



Agora que sinto amor
Tenho interesse nos perfumes.
Nunca antes me interessou que uma flor tivesse cheiro.
Agora sinto o perfume das flores como se visse uma coisa nova.
Sei bem que elas cheiravam, como sei que existia.
São coisas que se sabem por fora.
Mas agora sei com a respiração da parte de trás da cabeça.
Hoje as flores sabem-me bem num paladar que se cheira.
Hoje às vezes acordo e cheiro antes de ver.

Fernando Pessoa

5.1 *Cronos de um delírio*²¹

Ismael nunca tinha visto o mar... Saiu de sua cidade no interior em busca de novas possibilidades para ir atrás do que mais queria: melhorar o mundo! Escolheu estudar o mar. Um sonho que tinha desde que leu, aos 10 anos, Moby Dick, romance norte americano sobre o cachalote enfurecido, de cor branca e a batalha entre a razão humana e animal. Também o mundo marinho de Jacques Cousteau levaram-no a navegar com o Calypso pelos mares do Planeta. O ambiente descrito e suas sensações lhe levaram a querer conhecer cada vez mais o universo marinho.

Início dos anos de 1980, ditadura em vigor, abertura despontando, jovens de todas as partes do mundo, ambiente acolhedor (não o clima), tudo contribuindo para as iniciativas brotarem.

Quando chegou à cidade cor de cinza o cheiro de amônia e peixe deixou-o preocupado. Mesmo assim a velha cidade tinha uma beleza clássica com casarios portugueses e as embarcações balançando nas ondas do cais. Teve a sensação de ter voltado ao tempo. Era uma península que adentrava nas águas salobras de uma grande lagoa. Na travessia daquele além-mar via as figuras esculpidas pelo vento trabalhado. A areia fina e clara secava sob o sol do Atalaia que, aquecido a óleo, observava o molde das sinuosas e maleáveis formas de proteção das ondas de Netuno. Todo dia era uma paisagem diferente que crescia e dava à costa personalidade ao lugar. Nada era igual. A dinâmica do vento e as águas tingidas de iodo conduziam embarcações que com seus petrechos de pesca saíam dominadas pela promessa do pescado farto. Enquanto isso, em terra quase firme a música das óperas embalavam o sono incompreendido dos artistas, das mulheres e dos homens que compunham sinfonias nas grandes fábricas que processavam a produção pesqueira.

Estava naquela tarde com seu pensamento esquecido no horizonte sem fim. O vento fazia soar ondas de esperança. Trabalho e possibilidades. Vida na península pantanosa. Novos acontecimentos...

A cidade cor de cinza era um local de referência para quem queria estudar o mar. Quando chegou à costa marinha, não acreditou na imensidão da praia. Sentiu medo. Ela era quase selvagem e guardava um mistério com montanhas de areia fina e

²¹ Esta narrativa elaborada na primeira etapa de análise dos relatos sob a luz da ATD, refere-se a categoria Território – Laboratório Vivo. Consiste de uma “ode” ao NEMA, o começo de tudo, a motivação, o estranhamento, a continuidade, o novo território que funda seus alicerces diante a solidariedade com a vida.

um mar cor de chocolate. Um frio quase polar circulava em meio às infinitas aves que voavam e sobrevoavam os cardumes de tainha.

Foi morar em Cassandra, um balneário que na época era habitado apenas pelos destemidos, quem desejava ter experiências desafiadoras e claro, ficar próximo do mar.

Cassandra, banhada pelo oceano, viu trens e locomotivas levarem e trazerem pessoas para contemplar suas areias finas e brancas. O verde corredor de imensas árvores australianas plantadas por portugueses dirigia ao mar por meio de vilas e vivendas, chalés com eira e sem beira que ornavam o passeio durante os meses de sol escaldante. As brancas areias acumuladas pelo vento esculpiram montes, cômodos que como uma barreira, protegia Cassandra das tempestades e ressacas marinhas.

Passou a estabelecer uma relação de convivência com o mar através das caminhadas matinais, vespertinas ou noturnas, na praia, a pé, de bicicleta, ou mesmo a cavalo, nas costas da égua Lindinha, grande companheira das noites estreladas, a lhe aquecer no frio do minuano.

*Também com o ingresso na Academia do Mar passou a realizar saídas de campo para observar as aves com o professor Espinosa, um naturalista, amável e carismático que lhe acolheu. Havia ganhado do velho pai antes de sair rumo ao seu destino, um binóculo antigo que costumava contemplar a natureza. Observavam no binóculo os talha-mares (*Rhincops nigra*) a voarem maravilhosos, literalmente cortando os mares, e a responder ao mestre. Qual a cor das penas primárias? Das secundárias? Lindo não? A cada dia o lugar fazia mais parte da sua vida.*

Durante as excursões marinhas, o que mais lhe impressionava eram os arrastões que deixavam, após a seleção das espécies de interesse comercial, centenas de quilos de espadas, corvinas, bagres, pescadas amarelas e papa-terra de menor tamanho. Além disso, a quantidade de objetos provenientes de navios como pellets, tambores plásticos e de metais, muitas bóias de vidro e petrechos utilizados nas atividades pesqueiras.

Muitas vidas, poucas humanas, inverno, praia deserta. Muitos bichos, peixes, mamíferos, quelônios, aves..., costeiros e marinhos. Muitos mortos, ou doentes... E começaram assim, cuidando dos bichos doentes. Ismael encontrou um parceiro para essas empreitadas. Felipe, que já tinha uma sensibilidade para contemplar a natureza, além de morar numa casa com muito espaço no quintal, a Avozinha. A Avozinha era uma entidade em forma de casa. No seu avarandado aranhas desenhadas no ladrilho hidráulico compunham uma teia vermelha e rosa. Na primavera, uma chuva lilás de flores da trepadeira cobria com frescor os raios de sol na varanda. Os plátanos do

jardim sombreavam a sala iluminada como um aquário colorido que recebia as pessoas a jogarem-se nos sofás enormes ou ao redor da mesa cor de ébano, na qual foram pensadas, ouvidas e planejadas a criação do novo território. Tudo isso com a boa música que dava ritmo às viagens, sonhos e perspectivas, como se alguém estivesse por chegar.

Continuava a frequentar a praia independentemente do tempo e da estação do ano. Com a chegada de outros parceiros de aula que já tinham o hábito de surfar, passaram a percorrer distâncias maiores de praia, atrás das ondas gigantes e nessas idas passaram a registrar os animais mortos na praia.

Numa dessas saídas foram contados mais de 70 pinguins mortos, 30 pinípedes e umas 20 tartarugas marinhas, além de aves e alguns peixes ao longo dos 12 km de praia, entre Cassandra e o navio encalhado. Não tinham ideia do que podia ser, mas as conjecturas apontavam para algo que, necessariamente, não deveria ser bom.

*Ficaram conhecidos como os urubus da praia, pois além de resgatar animais vivos, traziam alguns mortos, como a *Dermochelys coriacea*, uma tartaruga de couro, com mais de 400 kg e sem uma nadadeira anterior, que, com muito esforço, colocaram dentro do um carro de um dos parceiros, para ser levada para o acervo do museu da Academia do Mar.*

Traziam para as casas dos amigos que conseguiam casas com piscinas, ou que tinham algibre (depósito subterrâneo) de água de chuva, os lobos marinhos, pinguins e petreus, para se recuperarem e voltarem aos mares. Apenas uma atitude de cuidar dos bichos.

O tempo foi passando, intensificaram-se os trabalhos na praia com um Gurgel velho, vermelho, presente do velho pai de Ismael, sem portas e capota rasgada, no ameno inverno. Mas fizeram a capota de lona e as portas de madeira e seguiram percorrendo as praias, resgatando animais e registrando as ocorrências, e quase matando o professor Espinosa de pneumonia.

Enquanto isso, na Academia do Mar, um espaço acadêmico se constituía como polo da pesquisa do mar, Ismael passa então a fazer parte do Conselho, como representante dos estudantes, sem direito a voto, mas com voz. Trêmula mas com voz... Foram tempos difíceis. Além disso, não estava fácil empolgar-se com o que tinha visto e vivenciado na escola e nas oportunidades de aprendizado por ela possibilitados.

A ideia que começava a materializar era que os professores da escola capacitassem os estudantes, para que eles capacitassem professores e estudantes das escolas do lugar. Ideia simples, mas de execução complicada. Constatou que

preocupações afeitas às causas ambientais não faziam parte do currículo explícito do curso. Demorou um pouco para entender o porquê desse alheamento com a realidade por parte dos professores e colegas que comungavam o mesmo gosto e admiração pelo mar. Eram insensíveis aos problemas já perceptíveis. Muito pouco, para ser otimista, poderia esperar dos professores quanto ao enfrentamento das questões ambientais, ainda não cientificamente fundamentadas. Mesmo assim, cada vez mais estava determinado a fazer sua parte, como estudante e cidadão, fazendo-se representar nos espaços de discussão da escola e entre os estudantes, tentando auxiliá-los na sua mobilização para cobrar, junto à Escola, respostas para questões importantes relacionadas às atividades pesqueiras já que, como era fácil se constatar, a instituição estava "de costas" para essa realidade e os pesquisadores, com raras exceções, encontravam-se encastelados em seus laboratórios gerando informações que, na maioria das vezes, não tinham aplicação prática para os maiores interessados nelas, a população pesqueira.

O apoio na organização de encontros, os primeiros na Academia do Mar, teve a possibilidade de conhecer pessoas de fora que o incentivaram a se candidatar como voluntário de um trabalho pioneiro de proteção das desovas de tartarugas marinhas no litoral distante dali. Ismael e Felipe foram sem pensar. Era um desafio. Proteger animais ameaçados, lidando com a realidade de quem se alimentava dos mesmos. Ensinaamentos que universidade nenhum propicia.

Retornaram do estágio e passaram a realizar o levantamento de tartarugas mortas na praia do sul, também faziam anotações de aves e mamíferos. Esse trabalho da mortalidade de tartarugas foi apresentado na primeira semana estudantil da Academia do Mar, a qual apoiaram na sua organização.

Cada vez mais pessoas se aproximavam das iniciativas do grupo. Não tinham dinheiro para continuar o trabalho de monitorar a praia, só o carro. Decidiu então buscar ajuda na subprefeitura de Cassandra, onde tiveram a felicidade de conhecer o seu administrador. Zedek havia herdado uma administração que pouco caso dava ao meio ambiente, apenas um órgão de fiscalização da Marinha, vez por outra realiza uma vistoria na praia, a fim de combater a comercialização de areia, na época uma constante. Não culpava as administrações anteriores, vislumbrava apenas sinal de ignorância com o ambiente, tendo em vista que o trato com o meio ambiente era novidade.

Chamou então os jovens cabeludos da novel Academia do Mar e prontamente propôs disponibilizar combustível para as saídas. Um porém: ele só tinha disponível álcool ou etanol e o carro da rapaziada era a gasolina. Isso não foi problema. Prontamente, em casa mesmo, sob orientação de um parceiro entendido em

mecânica, o motor foi desmontado, foram ao ferro velho e compraram pistões de álcool, e transformaram o velho Gurgel. O reservatório de água se transformou no de gasolina para a partida nos dias frios. Coisas de maluco...

Tinham então melhores condições de monitorar a praia, na verdade carro e álcool... Muitos estudantes, além de amigos que foram sendo feitos no lugar, como Claro, o selvagem da motocicleta, participavam das saídas maravilhosas à praia. Foi importante para experimentar uma forma alternativa de se fazer pesquisa de campo sem o apoio formal da Academia do Mar.

A relação com a subprefeitura de Cassandra e seu administrador Zedek melhorava à medida que ele via que estavam fazendo um bom trabalho na praia. Além de monitorar a praia, iniciaram dois trabalhos em parceria com Zedek. A deposição dos galhos de poda para recomposição das dunas na frente do Balneário, na verdade uma experiência mais ao sul e a instalação, imaginem só, de um sistema alternativo de tratamento de esgoto com aguapé. Faziam pequenas bacias aos longos dos valões de Cassandra e introduziam aguapé para que purificassem a água e assim chegasse melhor à praia.

Zedek sentia a necessidade de um assessoramento na área do meio ambiente. Na época, praticamente não existiam órgãos governamentais que assessorassem os administradores públicos neste sentido.

Propôs então contratar Ismael e lhe pagar um salário mínimo e este pagava o resto das despesas, como peças de reposição para o carro, pois tinham um mecânico em casa, além de comprar madeira para fazer as portas do carro, etc.

Em contrapartida, a subprefeitura de Cassandra receberia assessoramento na área do meio ambiente, tais como: orientação na poda de árvores, retirada de areia da praia para aterro nas ruas do Balneário, preservação das dunas, orientações sobre a remoção de areia na implantação de loteamentos entre outros. No início não foi fácil, seus funcionários não tinham sido preparados para valores e atitudes voltadas ao respeito ao meio ambiente e suas possíveis consequências, caso totalmente ao contrário.

Aos poucos aquela gurizada cabeluda, barba por fazer e de roupas exóticas, foi conquistando a simpatia dos funcionários em geral, ao mesmo tempo em que iam levando-os a conscientização sobre a importância da preservação do meio ambiente.

O sonho não parou aí. Estava na hora de ter um espaço com a identidade do grupo. Primeiro era fazer o barraco. Então com o apoio de Zedek foi cedido um terreno de depósitos de materiais e um carpinteiro funcionário, que quase não aparecia, e muitos amigos, mas muitos mesmo foram levantando pau por pau, tábua por tábua. A subprefeitura comprou as tábuas de eucalipto e Ismael foi até uma

fazenda no bairro rural próximo de Cassandra e lá foram selecionadas as árvores de eucalipto a serem cortadas para servir de estrutura do barraco. Pela primeira vez cortou uma árvore... Sentiu dó, mas o fim justificava. Tudo por fazer!

Após alguns meses inauguraram, com a presença do prefeito, o que ele mesmo chamou de Barraco Ecológico. Inventaram um aquário de caixa d'água, com vidro e muitos penduricalhos e informações e estava montado o NEA- Núcleo de Educação Ambiental, da subprefeitura de Cassandra. Nome oficial, mas que de pessoa jurídica não tinha nada. Com o Barraco em pé, outros foram se agrupando, mais e mais estudantes e professores. Entre eles Espinosa e Claro, o velho selvagem da motocicleta. Assim, iniciaram-se os trabalhos com os estudantes de Cassandra, repassando aquilo que teoricamente aprendiam na Academia do Mar, sobre ecossistemas costeiros, etc. Era muito bom ir à sede do NEA, sentir aquele ambiente diferente, com bancos de escola de madeira e bem antigos, as tais carteiras ou classes, cercados de coisas catadas na praia, conchas, ossos, um aquário funcionando, uma luz natural e certo cheiro de mar. Isso parece muito nostálgico e romântico.

O professor Espinosa era um divulgador do trabalho e sempre que alguém desejava saber se havia algum grupo organizado com um olhar para o ambiente, ele, meio esquisitamente, falava: "procura o galpão do Ismael".

Mas era hora de partir. Havia novas perspectivas profissionais chamando Ismael a se agrupar com outros companheiros, que já formados pela Academia do Mar estavam realizando um trabalho fundamental na conservação das tartarugas marinhas e valorização das comunidades costeiras. Então ele foi embora... Deixou a chave do barraco na mão de um colega que havia feito parte do início da história.

Assim, após um verão com muita festa e sol, uma reflexão e a determinação dos quatro rapazes Rs e Doce, a moça séria de maneiras agradáveis, que estudavam na Academia do Mar, em investir esforços para o último ano do curso e a busca de realização profissional. Também uma disciplina cursada durante o verão na Academia do Mar foi fundamental para a aplicação do enfoque holístico e sistêmico em temas ambientais. Ressaltando que o grande salto qualitativo foi a formulação do quadro conceitual que possibilitava entender o porquê da existência daqueles diferentes tipos de ambientes associados a um quadro de evolução geológica daquele ambiente. O trato com a questão ambiental, que até então não era científica, passou a fazer parte das habilidades dos alunos que passaram a cursar tal disciplina.

Mas foi aí que ao conhecer melhor aquela singela, mas pioneira iniciativa do gestor Zedek, que aquela vontade de fazer algo diferente se manifestou no grupo.

Com o passar do tempo foi percebido por este grupo maior a necessidade de institucionalização do NEA. Era o espaço físico e o apoio institucional que precisavam. Já tinham firmado convênios com a Academia do Mar e a Subprefeitura de Cassandra, mas faltava elaborar melhor os objetivos e o formato daquela iniciativa. Dois rapazes Rs foram à capital carioca e por meio da orientação de uma pessoa ligada a uma Fundação de Conservação da Natureza, a mais antiga entidade conservacionista de âmbito nacional em atividade no Brasil, trouxeram seu estatuto, que serviu base para a elaboração, a muitas mãos, do estatuto da Associação NEMA, tendo como palco mais uma vez a Avozinha. O NEA virou NEMA – Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental. Com personalidade jurídica foi feito o Comodato da sede do Barraco com a subprefeitura de Cassandra. Assim, no dia 6 de agosto de 1986, o NEMA foi (re)criado, agora com autonomia para buscar parcerias e apoio financeiro para realização de suas atividades de Educação, Monitoramento e Conservação Ambiental.

O NEMA começou a ser usado frequentemente, com várias palestras, montagem de aquários e um trabalho diário junto à subprefeitura de Cassandra, para orientação das podas das arvores e fixação das dunas em frente ao Balneário. Na atmosfera do Barraco havia espaço, liberdade e criatividade para experimentação, para testar a resistência e as possibilidades, do que tinham disponível e do próprio grupo. Praticar o conhecimento adquirido na Academia do Mar (usar e retrabalhar, traduzir, conhecer mais), fazer o máximo com pouco recurso financeiro. Todo o esforço feito era bem vindo e bem recebido - pelas crianças, pelos amigos, por todos, gerava muita satisfação, e isso motivava para sempre fazer o melhor possível. Todos davam o melhor de si, da melhor forma que era possível, com gosto. Um espaço de aprendizado e de contato direto com a praia, os animais e as pessoas que a utilizavam.

Mas, necessitavam ir mais longe, buscar recursos para manter as pessoas e o Barraco funcionando. Alguns apoiadores que já estavam mais imersos no mundo acadêmico foram fundamentais para a ponte entre autoridades, técnicos e pesquisadores de outras instituições que vinham visitar a Academia do Mar. Entre elas, uma autoridade ligada à Marinha que recomendou o NEMA buscar recursos junto a um Programa de Educação Ambiental Marítima. A aprovação do Projeto junto aos órgãos governamentais deu muita moral ao grupo e fortaleceu a instituição. Assim, foi possível contratar até uma secretária, que apesar do susto do primeiro dia de trabalho em que ao abrir o armário uma cobra estava lá, enroladinha. Isso não prejudicou sua permanência, pois está até hoje por lá. Outras iniciativas então passaram a se concretizar. A atuação em um programa de reforço cultural, em que várias instituições

participavam foi de grande valor e aprendizado, com importante repercussão regional e municipal. Depois o Convênio com uma instituição de proteção à fauna proporcionou tratar a questão da mortalidade dos pinípedes, lobos e leões-marinhos, como um assunto de manejo para conservação e com isso a aquisição do primeiro carro, um jipe vermelho.

A vida andou... O NEMA passou a construir seus significados de Educação Ambiental, mas esta é outra história.

O que interessa agora é que um novo território, um laboratório vivo estava atuante, com corpo, mente e espírito.

Quanto a Ismael, benemérito fundador, continua pelos mares do Brasil navegando em ondas de sensibilidade e amor à natureza.

A seguir apresento os metatextos, elaborados na segunda etapa da pesquisa, que correspondem às três categorias emergentes: Território – Laboratório Vivo, Significados do NEMA e Organicidade.

5.2 Território - Laboratório Vivo

A categoria Território, como Laboratório Vivo, trata do lugar, um conceito fundamental resgatado da Geografia, numa perspectiva mais ampla em que Santos (1997) considera como a dimensão da existência que se manifesta por meio “de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições—cooperação e conflito são a base de uma vida em comum”.

Era essa a proposta. Articular pessoas, num contexto acadêmico, político apartidário e abrir espaço para buscar soluções para as questões ambientais locais. O Território – Laboratório Vivo compreende as subcategorias academia, determinação, animais – praia – lugar, barraco, parcerias institucionais e projetos tendo como mediadores os intelectuais orgânicos que o NEMA começava a constituir.

O termo “intelectual” segundo Lahuerta (1998) surge no fim do século XIX, como uma derivação de *intelligentsia*, palavra criada pelos russos, provavelmente a partir do latim. *Intelligentsia* definia um novo grupo social surgido na Rússia no século XIX, isto é, uma camada de indivíduos cultos e preocupados com os assuntos públicos que, constituída inicialmente por nobres, passou a ter percepção de si mesma como grupo social particular. No

final do século XIX, os europeus ocidentais – mais precisamente os franceses – apropriaram-se do conceito de *intelligentsia* e criaram a palavra “intelectual” para definir o indivíduo que integrava esse grupo.

O conceito de intelectual orgânico de Antonio Gramsci desponta como primeiro nó teórico dessa rede que proponho constituir no contexto acadêmico, sobre a constituição de intelectuais orgânicos nessa multiterritorialidade que é o espaço do NEMA. Gramsci contribuiu de maneira fundamental para iluminar as estratégias políticas progressistas e forneceu um valioso instrumental teórico para analisar a sociedade.

Gramsci vai considerar que a função dos intelectuais reside exatamente em formar uma camada de intelectuais médios que liguem a massa à direção, para impedir a existência desse hiato entre dirigentes e dirigidos. Segundo Gramsci, o objetivo da batalha pela mudança é conquistar, um após outro, todos os instrumentos de difusão ideológica (escolas, universidades, editoras, meios de comunicação social e sindicatos), uma vez que os principais confrontos ocorrem na esfera cultural e não nas fábricas, nas ruas ou nos quartéis (GRAMSCI, 1982).

As reflexões de Gramsci rompem com o entendimento dos intelectuais como um grupo em si, solto no ar, “autônomo e independente” (Gramsci, 1975, p. 1.513). Passa longe da concepção de uma “intelligentsia” livremente “flutuante” e acima das partes, dotada de uma missão especial e de capacidades “objetivas”.

Cabe aos intelectuais orgânicos as seguintes tarefas para a concretização de uma nova hegemonia: a) Não se cansar jamais na recorrência dos seus argumentos e variar literariamente a sua forma; a repetição é o meio mais didático e eficaz para agir sobre a mentalidade popular; b) Trabalhar incessantemente para elevar intelectualmente as camadas populares, cada vez mais vastas, para dar personalidade ao amorfo e ao elemento de massa, o que significa trabalhar na criação de elites de intelectuais de um novo tipo que surjam diretamente da massa e que permaneçam em contato com ela para tornarem-se os seus sustentáculos. Esta segunda necessidade, quando satisfeita, é o que realmente modifica o panorama ideológico de uma época. (GRAMSCI, 1999, p.110)

O caminho era estudar o mar. A primeira geração NEMA chega a Rio Grande no início da década de 1980 com uma grande vontade de se abrir para o mundo e para dentro de si também. Um fértil território intelectual, o laboratório vivo. A flexibilização do conceito de território permite tratar de

territorialidades, que conforme Suertegaray (2001), “é a expressão da coexistência de grupos, por vezes num mesmo espaço físico em tempos diferentes”.

Início dos anos 80, ditadura em vigor, abertura despontando, jovens de todas as partes do mundo, ambiente acolhedor (não o clima), tudo contribuindo para as iniciativas brotarem.

Optei por estudar e atuar na oceanografia porque identificava, como apreciador das coisas do mar e mergulhador que era, uma possibilidade de contribuir para "melhorar" o mundo já que, naqueles tempos idos, a questão ambiental começava a ser discutida e eu já tinha sido vítima, ao voltar de um mergulho em Ilha Bela, de uma grande mancha de piche flutuante que me obrigou, inclusive, a raspar os cabelos.

Alias Badanha, Garreta e eu fazemos parte de uma pequena turma que entrou no meio de 1979 transferidos de outras Universidades. Acho que a única vez que se fez transferência na FURGA. Sorte, destino,.....simplesmente escrevi, sem conhecer nada, tinha vaga e me fui...vindo do interior e tendo visto o mar duas vezes na vida. Mas tinha me inscrito para oceanografia no Rio de Janeiro. Mas passei em Agronomia...

De acordo com Suertegaray (2001), contemporaneamente fala-se em complexidades territoriais, entendendo território como campo de forças, ou “teias ou redes de relações sociais”.

Em um curso sobre Administração Pública, que realizei em Madrid, conheci uma menina que era amiga do Joca Thomé, a qual me deu referências dele. Primeiro chegou o Joca, depois o Regis Pinto, Daniele, Garreta, Renato Gordo, outros os quais pedi um assessoramento na área.

Foi aí que ao conhecer melhor aquela singela, mas pioneira iniciativa e o gestor da ABC, Renato Tubino Lempeck, que aquela vontade de fazer algo diferente se manifestou.

Pessoas de diferentes realidades se agrupam a fim de estabelecer outra relação com a cidade, que cheirava a amônia, mas, por conseguinte apresentava uma beleza nos casarios, no ambiente natural ainda selvagem. O território da praia, na qual foi observada uma série de situações de degradação: pesca predatória, animais mortos por óleo, lixo marinho.

Muitas vidas, poucas humanas, cassinão no inverno deserto ainda. Muitos bichos, peixes, mamíferos, quelônios, aves...costeiros e marinhos. Muitos mortos, ou doentes...E começamos assim, cuidando dos bichos doentes. Na verdade encontrei no Badanha o parceiro para essas empreitadas. Ele já tinha o binóculo e habito de observação das aves e morava na Vila Vozinha com muito espaço no quintal.

Na ida, uma série de situações que impressionou como resultado da magnitude. Só lamento não ter registrado os números e a lembrança que hoje tenho está relacionada à ordem de grandeza do que foi constatado.

Foram contados mais de 70 pinguins mortos, 30 pinípedes e umas 20 tartarugas marinhas, além de aves e alguns peixes ao longo dos 12 km de praia, entre o Cassino e o navio.

Não tínhamos ideia do que podia ser, mas as conjecturas apontavam para algo que, necessariamente, não deveria ser bom.

O contato inicial com o ambiente natural, suas potencialidades e fragilidades, uma compreensão ecológica com base científica.

Comecei minha convivência com o mar através das caminhadas matinais, vespertinas ou noturnas, na praia, a pé, bicicletas, ou mesmo à cavalo, nas costas da égua Rosinha, minha grande companheira das noites estreladas, a me aquecer no frio do minuano. Ou ainda nas saídas de campo para observar aves com o professor Vooren, com quem fiz meu primeiro estagio.

O NEMA me proporcionou um contato maior com o ambiente natural e suas especificidades – os ecossistemas: a biodiversidade, as interações e transformações ambientais.

Mesmo tendo a Universidade como referência esta não bastou para desenvolver uma atitude frente às questões ambientais em virtude de não serem comprovações científicas, daí a determinação em constituir um novo território. Um território alternativo, com identidade, e consagrar mediante as experiências e expectativas de um grupo, uma tendência ao rebelde, que com o passar dos anos formou gerações que perseguem a possibilidade de mudança, de transformação.

Acompanhando esse choque veio a certeza de que muito pouco, para ser otimista, poderia se esperar dos professores da FURG quanto ao enfrentamento dessas questões ambientais ainda não cientificamente fundamentadas.

Sempre era fazer acontecer, trabalhar e acreditar significou também uma alternativa ao meio acadêmico tão frio tão distante. A educação ambiental praticada ali, diferente do que já tinha visto, fazia mais sentido, era mais palpável.

Tinha me decepcionado com as pesquisas na academia. Não conseguia enxergar o porquê de se pesquisar aquilo, nem o para quê ou para quem, aquilo iria servir.

Em um contexto acadêmico extremamente fértil, Homem e Natureza, mais uma vez se confrontam.

E surgem *As asas do Professor NEMA...*

Trabalhos científicos em desconexão
Laboratórios, formol e coletas
Caranguejos e tubarões, sopas despedaçadas de quelas e ventres
conversas de sábios outliers
o poderoso e gélido método científico a martelar, martelar,
martelar...
Estranhamentos do mundo real
Uma viagem sem volta
Aos retorcidos manguezais do pensamento
As grandes marés do Mamanguape
Os sábios do lugar – meninos e velhos pescadores
Explosões de dúvidas e incertezas
O grande mergulho no ser-natureza

Uma viagem de volta
A maior praia do mundo
Um oceanólogo em construção

Dentro dessa discussão, surge a multiterritorialidade em que Haesbaert (2007) desenvolve o debate cada vez mais transdisciplinar em torno do espaço geográfico e do território em suas múltiplas dimensões, uma vez que estamos impregnados das influências de inúmeros outros espaços e escalas.

O território, como espaço dominado e/ou apropriado, manifesta hoje um sentido multi-escalar e multidimensional que só pode ser devidamente apreendido dentro de uma concepção de multiplicidade, de uma multiterritorialidade. E toda ação que se pretenda transformadora, hoje, necessita, obrigatoriamente, encarar esta questão: ou se trabalha com a multiplicidade de nossos territórios, ou não se alcançará nenhuma mudança efetivamente inovadora. Os movimentos anti-globalização e anti-neoliberalismo que o digam, zapatistas à frente. Pensar multiterritorialmente é a única perspectiva para construir outra sociedade, ao mesmo tempo mais universalmente igualitária e mais multiculturalmente reconhecedora das diferenças humanas. (Haesbaert, 2005, p. 6790).

A visão inovadora e revolucionária desconstrói a concepção do intelectual “superior” e separado, com o filósofo “detentor da verdade” e guia da *pólis* que se formou a partir da tradição platônica do “filósofo-rei” (SEMERARO, 2003). As ideias de Gramsci passam a fundamentar a formação dos novos intelectuais na práxis hegemônica dos subalternos, cujas lutas teóricas e práticas buscam criar outra filosofia e outra política, capazes de promover a superação do poder como dominação e construir efetivos projetos de democracia popular.

Eu fazia parte do Conselho Universitário como representante estudantil, sem direito a voto, mas com voz.
Tremula mas com voz...tempos difíceis...

Além disso, havia um grupo de alunos, alguns da oceanografia e outros da geografia - cujos nomes não me recordo - que atuavam junto à comunidades pesqueiras de Rio Grande e São José do Norte tentando auxiliá-los na sua mobilização para fins de cobrar, junto à FURG, de respostas para questões importantes relacionadas às suas atividades pesqueiras já que, como era fácil se constatar, a instituição estava "de costas" para essa realidade e os pesquisadores, com raras exceções, encontravam-se encastelados em seus laboratórios gerando informações que, no mais das vezes, não tinham aplicação prática para os maiores interessados nelas, a população pesqueira.

Percebe-se durante o caminho, um movimento que impulsiona um sentido e novamente, uma vontade original.

Em 1982, no simpósio de ecossistemas costeiros realizado na Furg com ajuda da Duke University, onde também participamos na organização pois eu era representante da oceano pelo Diretório dos estudantes, conheci uma bióloga e seu namorado, do ES que me informou que fariam o primeiro ano do trabalho de campo do Tamar, protegendo as desovas de careta e *Dermochelys* em Regência. Já me alistei como voluntário e para lá fui em dezembro de 1982 ficando até Março de 1983. Maravilhosa experiência, contraste também

entre a emoção e a realidade. Proteger animais ameaçados, lidando com a realidade de quem se alimentava dos mesmos. Ensinaamentos que universidade nenhum propicia. Voltei com outra cabeça e cheio de gás.

O NEMA como uma multiterritorialidade mediada por intelectuais orgânicos que constituíram um laboratório vivo, uma sede, um barraco, um espaço real de trabalho, de busca de parceiros e com isso a possibilidade de mexer nesse território que no pensamento de Souza (1995) “são no fundo relações sociais”.

Bom mas primeiro era fazer o barraco. A autarquia comprou as tabuas de eucalipto e eu fui a uma fazenda no bolacha selecionar as arvores de eucalipto também que seria cortadas ainda para serem a estrutura do barraco. Primeira vez que cortei uma arvore..que dó, mas o fim justificava.

Num terreno de depósitos da Autarquia, com um carpinteiro da autarquia, que quase não aparecia, e muitos amigos, mas muitos mesmo, que seria injusto tentar lembrar(possso ate tentar faze-lo depois) fomos levantando pau por pau, tabua por tabua, e depois de alguns meses inauguramos, com a presença do prefeito, (que não me lembro o nome), o que ele mesmo chamou de Choupana Ecológica.

Tendo personalidade jurídica, fizemos um Comodato e lhes entreguei um terreno de esquina, a rua Maria Araújo nº 450, forneci material para que construissem o barraco, como também mandei comprar reservatórios de água para que usassem como aquários.

Ao longo desse período procurei contribuir, sempre que possível, como ponte entre autoridades, técnicos e pesquisadores de outras instituições que vinham visitar o PLP - Projeto Lagoa dos Patos - e o NEMA.

De acordo com Semeraro (2002) ao longo dessas últimas duas décadas, vimos emergir como onda avassaladora uma crescente categoria de intelectuais que se disseminaram na mídia, na publicidade, no entretenimento, em Organizações Não-Governamentais (ONGs), em serviços administrativos e no controle do sistema.

Inventamos um aquário de caixa d'água, com vidro e muitos penduricalhos e informações e estava montado do NEA- Núcleo de Educação Ambiental do ABC. Nome oficial mas que de pessoa jurídica não tinha nada.

Equilibrar uma vontade de influir e participar dos processos com voz ativa e ao mesmo tempo ser modelo de contracultura, evidenciado nas roupas, discurso e costumes sempre foi um enorme desafio e talvez ainda seja.

E era exatamente aquilo que eu queria: fazer algo que fizesse a diferença. Não sabia como, onde, nem quando, mas queria já. Para mim isso era um sonho possível, mesmo que sua realização fosse impossível de imaginar naquele momento.

Em algum momento acho que antes disso, tive um contato com o Vooren, na FURG, para saber se havia algum grupo organizado com um olhar para o ambiente, e ele, meio esquisitamente, falou: “procura o galpão do Joca”, e eu suponho que era o Joca dessa turma, mas o tal galpão eu nunca vi, e acho que nem procurei.

Havia espaço, liberdade e criatividade para experimentação, para testar a resistência e as possibilidades (do que tínhamos disponível e de nós mesmos).

Gramsci revela vários tipos de intelectuais: urbanos, industriais, rurais, burocráticos, acadêmicos, técnicos, profissionais, pequenos, intermediários, grandes, coletivos, democráticos etc. Apesar de alguns terem função de intelectual mais reafirmada na sociedade, o grau dessa atividade entre seus componentes é apenas quantitativo, nunca qualitativo. Isso quer dizer que o desempenho de diferentes funções intelectuais nunca deve justificar hierarquias ou divisão de classes na sociedade.

As relações institucionais com a Autarquia do Cassino e a Universidade foram fundamentais.

Como não tínhamos dinheiro, só o carro, fomos buscar ajuda na autarquia do Cassino onde tivemos a felicidade de conhecer Lempeck que prontamente se propôs a conseguir o combustível. Só que só tinha álcool e nosso carro era a gasolina. Prontamente, em casa mesmo, sob orientação do meu parceiro de residência Helio Bulhões, desmontamos o motor, fomos a Quase Nova (ferro velho) compramos pistões de álcool, e transformamos o velho Gurgel. O reservatório de água se transformou no de gasolina para a partida nos dias frios. Coisas de maluco...

Era o espaço físico e o apoio institucional (Convênio ABC + Departamento de Oceanografia/FURG) que precisávamos, mas faltava elaborar melhor os objetivos e o formato daquela iniciativa.

Sentindo esta necessidade e, como no Cassino residia um grande número de estudantes da novel Faculdade de Oceanologia, os chamei para uma conversa.

Aos poucos aquela gurizada cabeluda, barba por fazer e de roupas exóticas, foi conquistando a simpatia dos funcionários em geral.

As novas territorialidades apresentam-se como voláteis e constituem parte do tecido social, expressam uma realidade, mas não substituem em nosso entender a dominação política de territórios em escalas mais amplas. Não podendo ser somente descritas, mas explicadas quando inseridas em espaços de dimensão relacional. (SUERTEGARAY, 2001).

O lugar, ou simplesmente o cenário em que essa história se passa é, igualmente, surpreendente, revelador,

Como tínhamos o Barraco já, outros foram se agrupando mais e mais estudantes e professores. Vooren, Euclides, velho Oda, E iniciamos os trabalhos com os estudantes do Cassino, repassando aquilo que teoricamente aprendíamos na furg, sobre ecossistemas costeiros, etc.

Para mim, que participava nos bastidores, era muito legal ir à sede do NEMA, sentir aquele ambiente diferente, com bancos de escola de madeira e bem antigos, as tais carteiras ou classes, como se dizia na minha infância, cercados de coisas catadas na praia, conchas, ossos, um aquário funcionando, uma luz natural e certo cheiro de mar. Eu sei que tudo isso parece muito nostálgico e romântico.

Tínhamos então melhores condições de monitorar a praia, na verdade carro e álcool...Muitos estudantes participavam destas saídas maravilhosas à praia. Não só, pois tinha o Odair também.

Praticar o conhecimento da universidade (usar e retrabalhar, traduzir, conhecer mais), fazer o máximo com o pouco recurso que tínhamos.

Nas saídas de campo, nas palestras e nas oficinas aprendíamos cada vez mais sobre o ambiente e sobre nós mesmos, compreendendo a complexidade dessa singela e sensível relação entre o 'eu' e o 'universo'.

Havia também um tensionamento na academia. Orientados por mestres qualificados o grupo buscava ampliar as perspectivas para o campo, fazendo a conexão do conhecimento com a realidade. Não era difícil ver os conflitos:

Foi importante também para experimentarmos uma forma alternativa de se fazer pesquisa de campo sem o apoio formal da Universidade.

A ideia era que professores universitários nos capacitassem, estudantes universitários, para capacitarmos professores e estudantes das escolas do balneário. Ideia simples, mas de execução complicada.

Estava difícil de se empolgar com o que tinha visto e vivenciado na faculdade e nas oportunidades de estágio na Base Oceanográfica.

Eu e Joca voltamos do estágio do TAMAR na Bahia 1982/83 e começamos a fazer o levantamento de tartarugas mortas no Cassino, acho também que fazíamos anotações de aves e mamíferos. Esse trabalho da mortalidade de tartarugas foi apresentado na Primeira Semana Acadêmica de Oceanografia que ajudamos a organizar.

Vem então a determinação. Segundo Souza (2001), “em qualquer circunstância, o território encerna a materialidade que constitui o fundamento mais imediato de sustento econômico e de identificação cultural de um grupo”. (SOUZA, 2001, p. 108). Um território autônomo, onde as pessoas têm a liberdade de manifestar suas escolhas e potencialidades, gerando um espaço socialmente equitativo.

Lembro de um momento de reflexão no início de 86, depois de um verão muito intenso, onde juntamente com quatro colegas e amigos (Rico, Gordinho, Ali, Garreta) montamos o KAYA BAR, como forma de nos manter em Rio Grande/Cassino nesta época, pois tínhamos uma disciplina (Ecologia Marinha) que havia passado para curso de verão, após sua suspensão no semestre. O Bar havia fechado (acho que era março), estávamos ali para entregar a casa alugada e estudar para fazer a última prova do curso. A reflexão era se seria melhor continuar com o Bar e ganhar um dinheirinho imediato ou então se direcionar para o último ano do curso e a profissão.

Quando administrei a Autarquia do Cassino – ABC, de 1983 a 1988, senti a necessidade de um assessoramento na área do meio ambiente. Na época, praticamente não existiam órgãos governamentais que assessorassem os administradores públicos neste sentido.

E a relação com a autarquia melhorava a medida que viam que fazíamos um bom trabalho na praia. Lempeck então se propôs a me contratar, e com o salário mínimo, eu pagava o resto das despesas, como peças de reposição para o carro (tínhamos o mecânico Helio), madeira para fazer as portas do carro, etc...

Foi então que em 1984 fizemos uma parceria e ficou decidido a criação do NEA, mais tarde transformado em NEMA.

O NEMA começou a ser usado frequentemente, com várias palestras, montagem de aquários e um trabalho diário junto a ABC, para orientação das podas das árvores e fixação das dunas em frente ao Balneário.

Então, a partir do exposto, posso considerar o NEMA uma multiterritorialidade, um novo território que se constituiu em função da necessidade de criar um espaço que não existia no lugar, no contexto do movimento ambientalista.

A temática de Haesbaert entorno do mito da desterritorialização, do fim dos territórios à multiterritorialidade, aponta para sua força como componente essencial para a vida social. A possibilidade de experimentar diferentes territórios ao mesmo tempo, reconstruindo constantemente o nosso foi a base para o entendimento de território no sentido mais amplo.

Percebemos que essa “necessidade territorial” ou de controle e apropriação do espaço pode estender-se desde um nível mais físico ou biológico (enquanto seres com necessidades básicas como água, ar, alimento, abrigo para repousar), até um nível mais imaterial ou simbólico (enquanto seres dotados do poder da representação e da imaginação e que a todo instante re-significam e se apropriam simbolicamente do seu meio), incluindo todas as distinções de classe socioeconômica, gênero, grupo etário, etnia, religião etc. (Haesbaert, 2007, p.340)

Herdei uma administração competente, mas que pouco caso dava ao meio ambiente, apenas um órgão de fiscalização da Marinha, vez por outra realiza uma vistoria na praia, a fim de combater a comercialização de areia, na época era uma constante. Não culpo as administrações anteriores, vislumbro que apenas por ignorância, tendo em vista que o trato com o meio ambiente era novidade.

Iniciamos dois trabalhos mais com a autarquia, deposição dos galhos de poda para recomposição das Dunas na frente do Balneário, na verdade uma experiência mais ao sul e instalação (imagine só) de

Um sistema alternativo de tratamento de esgoto com aguapé. Fazíamos pequenas bacias aos longos dos valões do Cassino e introduzíamos aguapé para que purificassem a água e chegassem melhor as praias...rs

Com o passar do tempo foi percebido por este grupo maior a necessidade de institucionalização do NEA.

O que se quer ali não é ganhar para trabalhar, mas sim trabalhar para ganhar... dinheiro claro, mas também satisfação pelo trabalho bem feito e pensado não somente para benefício próprio, mas para benefício da comunidade,

O espaço físico estava construído era necessário buscar outros parceiros, recursos, autonomia para fortalecer a equipe e implementar os Projetos NEMA.

Em contrapartida me dariam assessoramento na área do meio ambiente, tais como: orientação na poda de árvores, retirada de areia da praia para aterro nas ruas do Balneário, preservação das dunas, orientações sobre a remoção de areia na implantação de loteamentos e outros que não me recordo agora. Aos poucos eles foram conscientizando os operários da ABC, sobre a importância da preservação do meio ambiente.

No início não foi fácil, nossos funcionários não tinham sido preparados para valores e atitudes voltadas ao respeito ao meio ambiente e suas possíveis consequências, caso totalmente ao contrário.

Eu e Gordinho fomos ao RJ e com o apoio da nossa querida Elza Savaget, na época na Fundação Roberto Marinho, nos forneceu os documentos que foram à base da criação institucional do NEMA, isto no final de 1986.

Posteriormente houve uma reunião do projeto Lagoa no galetto Caxias, onde professor Vooren apresentou-me ao Dr. Clerênio que era o coordenador da CIRM na época, quando então tive oportunidade de falar-lhe sobre o NEMA. O Dr. Clerênio então recomendou-se buscar recursos junto ao Programa Mentalidade Marítima, criado pela Dra. Judith Cortesão para a Marinha

Nasce assim o projeto Mentalidade Marítima que foi conduzido se não me falha a memória pelo Léo, Pinto e Dani.

Mas nas discussões dos caminhos do NEMA. Lembro que a aprovação do Projeto Mentalidade Marítima junto a CIRM e depois junto a CAPES deu muita moral ao grupo e fortaleceu a instituição (chegada da Anaí!!!).

Depois o Convênio como IBDF (1988) proporcionou tratar a questão da mortalidade dos pinípedes como um assunto de manejo para conservação, mas também a compra de nosso primeiro carro (o jipe vermelho).

O Programa de Reforço Cultural (MC), trabalho conjunto como Museu Oceanográfico, Museu Histórico, Casa da Cultura e Capitania dos Portos foi outro de grande valor e aprendizado, com importante repercussão regional e municipal.

Esse mexer no tecido social no que tange as questões ambientais ancora a discussão sobre o papel das ONGs. Haesbaert (2007) considera que as ONGs – organizações não governamentais sejam as entidades que melhor indicam o “caos sistêmico” ou a des-ordem socioespacial fruto da tensão de territorialidades que nos atravessa, até porque em torno delas é que o fenômeno rede, fundamental no des-ordenamento do espaço contemporâneo, ganha sua maior legitimidade. Afinal as ONGs não só contribuem para debilitar o Estado-nação como ao mesmo tempo, colocam novos desafios aos movimentos sociais Haesbaert (2004).

Sempre penso que poderia ter feito mais, muito mais, muito melhor, mas olho pra trás com um sentimento muito bom, de poder dizer que também faço parte de uma história bonita, construída a varias mãos!

Por virmos de outras terras foi muitas vezes ampliada pelo contraste no reconhecimento público que tínhamos entre nossos pares em Brasília, no RS ou nos grandes centros acadêmicos e no tratamento por vezes mesquinho que encontramos em Rio Grande.

E todo o esforço feito era bem vindo e bem recebido - pelas crianças, pelos amigos, por todos, gerava muita satisfação, e acho que isso fazia com que eu fizesse sempre o melhor que me era possível.

Eu conseguia enxergar no trabalho que desenvolvíamos no NEMA e nos projetos, como a Oceanografia se relacionava com a realidade de Rio Grande e como ela poderia ser realmente útil para transformar a realidade e não apenas se resumir a projetos e trabalhos científicos, publicados e engavetados, de uma Universidade-ilha.

E assim fui também mudando a vida de algumas pessoas, as quais passavam pelo mesmo processo, só que em outro espaço.

O caminho seguiu. Em seu ciclo de ordem e desordem, o NEMA passou a influir nos caminhos do meio ambiente. Difundiu seus profissionais por toda a costa brasileira que levam a referência de ter sido NEMA ou até mesmo de ter sentido o NEMA para trilhar novos caminhos.

O Caminho

A espiral do fazer,
Segredo revelado de torvelinhos e de conchas desgastadas
A coragem e a abençoada loucura aprendida dos amigos leais
Cavaleiros andantes de banhados, lagoas
Noites ou sol escaldante.
A persistência dos projetos
Descoberto no movimento constante das areias
Os saberes dos povos costeiros
Desvendados através da aproximação e do ouvir
A matemática estranha das contas à prestar
No desafio diário de achar e gastar os dinheiros
O novo, o novo, e outra vez o novo
Disfarçado na tênue geografia da planície costeira
As chaves do grande túnel temporal achadas
no percorrer incessante da franja litorânea
A bem-querência planetária
Desperta nos corpos radiantes de noctilucas
O súbito encontro da contra-mola que resiste,
no ingênuo e poderoso agir transformador
A metamorfose do dia-a-dia, escancarada
nas bruscas mudanças do vento sul
O poema da vida
Refletido no brilho do olho das crianças
em algazarra marinha.
O espanto
A percepção do todo,
ora mascarado de gota
ora vestido de universo.

5.3 Significados do NEMA

A categoria Significados do NEMA aparece como um elemento fundamental no agir do NEMA. O NEMA é uma referência no fazer EA, uma vez que além da EA ser um componente comum em todos os Projetos ali realizados, foi o caminho seguido como meio de contextualizar toda a racionalidade acadêmica, com criatividade e inovação.

Nesta categoria aparecem os amigos, as pessoas, a arte e a ciência, o diálogo, a educação ambiental, o significado do NEMA como instituição, a filosofia - seus princípios e vertentes de trabalho e a transformação como subcategorias que constituem o significado da EA do NEMA.

Falar do significado do NEMA é falar do envolvimento das pessoas. O NEMA antes de qualquer coisa é um espaço de trabalho com amigos.

As narrativas a seguir o NEMA como um local de construção de amizades, constituídas por ideias e valores.

Uma espiral de amigos fiéis e confidentes, verdadeiros e leais.

Identificação de valores e crenças entre as pessoas

O Nema representa como espaço de trabalho com amigos, tanto “velhos” como novos e na forma flexível de conseguir meios para realizar seus objetivos, porém com uma consistência forte de princípios éticos na relação com a natureza e com as pessoas que convivem mais diretamente com ela, principalmente pescadores e comunidades costeiras.

Dois espaços foram emblemáticos na história do NEMA. A Vila Avozinha, palco de profundas discussões e celebrações e o Bar Kaya, ambos na Praia do Cassino.

No primeiro ano como jovem professor da FURG, conheci um “pessoal da Oceano” que estava montando um bar chamado Kaya: Gordinho, Lelena, Régis Pinto, Dani, Rico, Éder... Lembro que pintei a palavra Kaya para eles num muro do quintal da casa onde o bar foi organizado. E assim fui conhecendo uma tribo inteira: Joca, Carla, Sabugo, Marcos, Rita, o Régis que era músico e nos deixou cedo demais, Aranha, Dênis...

Com a energia de trabalho do Bar Kaya, conversando com os colegas e amigos do Bar (Rico e Gordinho) mais alguns outros empolgados em fazer algo diferente, como Danielle Paludo, Régis Muller, Luciano Brusque e Beto Tagliani, começamos a discutir na Vila Vozinha (QG) dar continuidade ao trabalho do NEA, que o JOCA havia começado em 1985, junto a Autarquia do Balneário Cassino.

Bom, ideias não faltavam, tudo regado a muita festa, musica, bebidas e outras cositas, mas, inocentes na época, apesar de já mal vistas.

As derrubadas na Vila Avozinha ou nas casas de um de nós eram grandes congraçamentos, muitas vezes berços de novos projetos, acertos das

relações, desabafos, namoros e ressacas. Lidar com essas carências e negociar as ausências com a família foi outro capítulo, com ares de drama, por vezes.

Muitos e muitos dias e noites nos reunimos em volta daquela grande mesa da Vila Avozinha, opiniões diversas, discussões, mas uma base teórica sólida estava sendo construída.

A sociedade civil para Gramsci não representa o conjunto das relações materiais, mas o conjunto das relações ideológico-culturais; não a vida comercial e industrial, mas a vida espiritual/intelectual. Dessa concepção, são essenciais as "ideologias orgânicas", pois "... elas 'organizam' as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc" (Gramsci, 1999, p. 237).

O NEMA é um ideal de vida, de sociedade, de mundo. Se não concretizado, ao menos intencionalmente vivo pela mudança.

Uma grande aventura da juventude e começo de carreira.

É o melhor que uma organização deve reunir: flexibilidade e efetividade na ação, consistência de princípios e relacionamento humano com respeito e amizade.

Muitas boas ideias brotam naturalmente, sem muitos planejamentos, ou mesmo sem nenhum com foi o caso. E dependem das pessoas apenas vingarem ou não. Essa foi e esta sendo feita por pessoas, muitas vezes contra a maré e a corrente....mas segue.

Um espaço pioneiro e único para a discussão de temas afeitos à complexidade, imbricação e aberração da relação entre a questão ambiental e os seres humanos.

Todos eram jovens, com ansiedade para a vida, com a perspectiva de realizar uma mudança e tratar das questões ambientais, algo ainda incipiente na Universidade. O conhecimento científico sem conexão com a comunidade. A vida começou no mar e esse grupo de jovens aspirantes oceanólogos queria salvar o mar. Isso desperta nas pessoas uma vontade de aproximação, de curiosidade. A motivação para conhecer e entrar no NEMA vem das pessoas. A vibração do trabalho contagia e seduz. Saber o que fazem lá. Que é possível um espaço alternativo ser sério, que tem pessoas que pensam e agem.

Como a Carla que apaixonada pelo seu trabalho seduzia a todos! De conhecer o NEMA a fazer alguns dos amigos mais importantes da minha vida foi um pulo.

Cheguei lá através de um relato de uma arte –educadora como eu, que apaixonada – Luciane Goldberg – deixou-me empolgada a participar de um trabalho tão vibrante.

Os “orgânicos” são os intelectuais que fazem parte de um organismo vivo e em expansão. Seriam aqueles reconhecidos como sujeitos ativos imbuídos de “espírito criativo”, porque promovem a universalização da

intelectualidade. Seu movimento no mundo define sua identidade e a vida social não é descrita simplesmente por regras científicas, mas preferencialmente exprimem as experiências e os sentimentos que as massas por si mesmas não conseguem exprimir. Os relatos demonstraram isso, a dificuldade em expressar o que o NEMA significa. Um misto de emoção, sentimento e sonho.

Tudo que vem sendo dito e debatido sobre Educação Ambiental nos últimos trinta anos, nos quais o planeta apresentou sinais acelerados de desgaste, traz em suas especificidades algum aspecto que nos incita a estudar, considerar, valorizar, exercitar, construir para transformar algo para melhor. Transformar-se e muitas vezes se reconectar e reinventar o que sempre existiu: o homem cósmico.

Os debates e o estudo sistemático, as diferentes visões em diferentes momentos permitiram pensar o NEMA numa base sólida.

Pensar no NEMA é pensar em uma nova abordagem para a ciência, se vista por outro paradigma, em meio a um intrincado sistema de relações.

Essa maneira de sentir/pensar/agir sempre foi algo muito fora do contexto de Rio Grande, sempre um pouco a frente de seu tempo, vislumbrando e vivendo outras influências como Paulo Freire, Capra, etc...).

Com referenciais de vanguarda, fomos pensar sobre novas bases de sustentação. Também a definição das vertentes de trabalho, os pilares filosóficos tornarem-se fundamentais para compreensão da função do NEMA enquanto instituição e o que isso poderia ter um impacto nas políticas de meio ambiente locais e nacionais.

A filosofia de trabalho da instituição, baseada na cooperação e apoio mútuo de seus integrantes foi uma grande experiência, agregando valores que foram extremamente importantes no desenvolvimento de minha carreira na área ambiental.

Gramsci privilegia a função organizativa na medida em que entende que a atividade intelectual diz respeito à organização tanto da cultura quanto de outras dimensões da vida em sociedade. Apresenta os intelectuais intimamente entrelaçados nas relações sociais, pertencentes a uma classe, a um grupo social vinculado a um determinado modo de produção. Para Gramsci a compreensão de si mesmo e das contradições da sociedade acontecem pela inserção ativa nos embates hegemônicos. A filosofia e a educação devem

tornar-se “práxis política” para continuar a ser filosofia e educação (Gramsci, 1975, p. 1.066).

Impregnado pelos recém surgidos ventos do pós-modernismo, até mesmo a crítica e a contestação exigiam da gente uma posição muito bem demarcada e uma forte impregnação dos valores pelos quais debatíamos. Não era plausível separar a teoria da prática.

Nossos projetos de EA mudaram o modo de ver o ambiente humano imaterial dessas pesquisadoras. Elas, por sua vez, estão multiplicando esses inícios pelo mundo afora.

A Educação Ambiental já vinha desde o seu primeiro nome NEA em 1985 e assim que assumiu sua personalidade jurídica como NEMA em 1987 aprovou seu primeiro projeto O Projeto Mentalidade Marítima: Proposta de EA para a zona costeira do Rio Grande do Sul.

Pensamos então na sede, no velho barraco, para termos onde levar os bichos, e já com a primeira ideia de fazer educação, que chamamos de Ambiental.

O caminho era a Educação Ambiental marinha, ausente na FURG e recém falada em poucas publicações disponíveis na época e o monitoramento de praia.

Na época não tínhamos um método pedagógico de EA e o prof. Haroldo doou-me um livro relatando as práticas que eram realizadas em uma universidade norte americana, que eram baseadas em experiências sensoriais das crianças, de forma a desenvolver a sua sensibilidade à natureza. Tratava-se portanto de uma educação ambiental com enfoque naturalista.

A referência unicamente naturalista de fazer EA não suportava a forma que o NEMA queria dar ao seu conteúdo. As esferas de inter-relação em Educação Ambiental apresentadas por Sauv e e Orellana, 2001, transitam entre o eu - construção da identidade, o outro – construção da alteridade e o mundo – relações com o meio de vida.   necessário entender as coisas no seu contexto maior, com os diferentes níveis de complexidade, de forma processual (CAPRA, 1994) e promover a articula o ético-política entre os três registros ecológicos: do ambiente, das rela es sociais e das rela es humanas, sugerida por Guattari (1990). Nessa perspectiva o fazer Educa o Ambiental do NEMA perpassou as correntes propostas por SAUVÉ, 2005 de naturalista, a conservacionista/recursista, resolutiva, sistêmica, científica, humanística, moral/ tica, holística, biorregionalista, prática, crítica, feminista, etnográfica, ecoeducativa e sustentável. Cada uma delas se amalgamando   medida e se ia tecendo os significados de EA.

Um balé harmônico de pensamentos, comportamentos, saberes e atitudes. Mas pensar s  não adiantava.

Impossível teoria sem prática.

O resultado prático desses debates e de estudo sistemático foi a criação dos programas de educação ambiental dos primeiros projetos, como o "Mentalidade Marítima".

Passamos de um estado de menor conhecimento a um estado de maior conhecimento, capaz de popularizar a ciência e transformar a realidade. Cabe ressaltar que Huergo (2001) conceitua popularização da ciência como uma ação cultural que, referenciada na dimensão reflexiva da comunicação e no diálogo entre diferentes, pauta suas ações respeitando a vida cotidiana e o universo simbólico do outro. Sández Mora (2003, p. 9) defende que "popularizar é recriar de alguma maneira o conhecimento científico, tornando acessível um conhecimento super especializado".

Impregnado pelos recém surgidos ventos do pós-modernismo, até mesmo a crítica e a contestação exigiam da gente uma posição muito bem demarcada e uma forte impregnação dos valores pelos quais debatíamos. Não era plausível separar a teoria da prática.

A Educação Ambiental, ainda constituindo-se de corpo e alma no campo da educação, não domina nem discute com profundidade as teorias de aprendizagem no âmbito das ciências do comportamento no contexto de uma sociedade sustentável. Na medida em que humanizo a natureza eu me naturalizo, na perspectiva de ser natureza gero respostas a partir do mundo material que é assimilado pelos meus saberes. A subjetividade brota desse entendimento.

A proposta foi que eu me aproximasse mais do grupo em função da suposta carência pedagógica do projeto. Com minha parca contribuição na reflexão filosófica e pedagógica, começamos a discutir diferentes espectros de ação (com moradores do Cassino, da Querência, com veranistas, com escolas da rede pública, ampliando - ao longo do tempo - para a 4ª. Seção da Barra e até o Taim).

A EA do NEMA possui uma episteme? Um modelo pedagógico? Com certeza. Mas qual? Empírica? Mas não esse modelo diretivo. Não consideramos ninguém que nos chega como tabula rasa, determinado, muito menos sem passado, sem vivência, em que a memorização e a repetição são a razão do método. Só a memória das pessoas a serem resgatadas, e assim na inconclusão permitir que novos olhares possam sensibilizar e motivar a compreensão de uma materialidade que não fica só na aparência. Busca ver

além dos muros da alienação do saber. Dar a possibilidade de concientizar-se para dar um novo sentido: uma sociedade, justa, solidária e igual.

Esse movimento permitiu compreender processos e eternizar conceitos. A diversidade de pessoas que foram encontrar no espaço do NEMA a possibilidade de mediar a conexão entre o conhecimento acadêmico e o saber da comunidade tiveram como base a interdisciplinaridade.

Os conceitos de EA que me foram apresentados ali, hoje são tão intrínsecos à minha maneira de ser que parece que eu sempre fui assim e que não existe outro jeito de ser.

Uma simples combinação entre sentimentos, razão, natureza, tempo e espaço, em meio propício, De Relações, de Humanidades, de Ecologia.

O início desse período significou a materialização de um ideal, o ambientalismo deixou ser abstrato, tomou forma, várias formas.

A abordagem interdisciplinar entre arte e ciência fez toda a diferença. O NEMA não faz Educação Ambiental sem a Arte. Artistas cientistas e cientistas artistas comungaram toda a especulação conceitual diretamente relacionada com a prática.

Tentando ensinar o grafismo infantil ao grupo de jovens cientistas, para que estes entendessem melhor os desenhos das crianças, me dei conta de como se dava a inter na prática.

Pensamento convergente e divergente se encontravam - sempre em exaustivos debates na fronteira artes-ciências. Acho que depois desses debates, verdadeiras sessões de pensamento intuitivo, fomos todos nós nos constituindo como artistas-cientistas.

Quando cheguei à FURG, na segunda metade dos anos 80, fui trabalhar no Departamento de Letras e Artes com disciplinas cujo tema era, sobretudo, a arte contemporânea. As articulações primárias eram feitas especialmente no âmbito da cultura brasileira, estendendo pontes com a semiótica, o cinema, a música, a literatura, a performance e a poesia. Tudo era conceitual.

Freire (2001) deixa bem claro em seus escritos que teoria sem prática é exercício racional abstrato, sem efeito concreto e prática sem teoria é ativismo que não resulta em processos objetivos de mudança.

Trazer Paulo Freire para este diálogo pode contribuir sobre o significado de EA que o NEMA desenhou uma EA libertadora. Na concepção freiriana, seu método permite a partir de pressupostos antropológicos momentos fundamentais para vir a ser: primeiramente a investigação temática, a leitura de mundo a fim de que o sujeito se aproxime do mundo e retire desse mundo lido

o que serve para ele e para os outros. Esse momento serve para aguçar a curiosidade epistemológica do sujeito. Partir do que já conhece, por meio de uma atividade interativa do educador educando, tem-se a tematização. Assim, o educador testemunha e motiva para que essa leitura, esse mundo lido seja compartilhado com o outro, estabelecendo-se aí o diálogo.

O NEMA representa hoje na minha vida uma possibilidade exitosa de como a arte pode ser um instrumento de luta no caminho da EA emancipatória.

O prazer estético proporcionado pela natureza estava presente em nossa rotina o que para mim gerava um sentimento de equilíbrio, uma sensação de 'pertencimento'.

Esse conhecimento tem função emancipadora e a reconstrução do mundo lido é o ato de problematizar, descobrir o significado, o sentido daquele conhecimento. *Isso nos leva à recusa de qualquer posição fatalista que empresta a este ou aquele fator condicionante um poder determinante, diante do qual nada se pode fazer.* (Freire, 2001). Esse é o pensamento que tem se tornado homogêneo quanto à participação da sociedade na resolução das questões ambientais. Deveríamos renunciar nossa capacidade de pensar, projetar, sonhar? Não, a Educação Ambiental como prática da liberdade vem trazer a problematização a partir do respeito pela identidade e pelo pensamento. Só a práxis pode emancipar os sentidos do sentir, do que sou, da minha subjetividade. São muitos os sonhos de possibilidade de vir a ser.

Foi a minha entrada na educação ambiental. Ampliou o meu conceito de educação ambiental para muito mais do que apenas cuidar das plantas, dos animais e dos ambientes, da "natureza" separando ela do ser humano. o NEMA significa muito para mim, significa minha constituição enquanto oceanóloga e educadora ambiental,

Permitiu-me trabalhar com oceanólogos que viam a Oceanografia de outra maneira. Não fragmentada como na universidade mas integrada, imersa na sociedade e não separada dela. Reencontro e encantamento pela Oceanografia pela veia da educação.

A diversidade de métodos, que a Educação Ambiental nos proporciona, diante as muitas leituras de mundo, leva-nos a compreensão das múltiplas realidades tendo a ciência como fonte de criação e não de descoberta. Isso faz

parte de novas formas de ver a vida, em todas as suas dimensões para todos, não só para quem é considerado à margem.

Estou visceralmente ligada a esse fazer interdisciplinar. Aprendi a sistematizar meus estudos e investigações com o Éder Paulo e o Léo, naqueles tempos, o que me ensinou a ser também uma cientista da arte. Aprendi com vocês, contigo, especialmente a descobrir a diversidade no ambiente monocrômico da praia do Cassino, naquelas saídas com crianças e professoras. Depois desse aprendizado inicial, me lancei por mares cada vez mais profundos da EA.

Assim, na Educação Ambiental como prática para a liberdade, é meta para a construção de uma nova sociedade, distante da que conhecemos, com a adoção de múltiplos procedimentos, participação e diálogos cognitivos, conteudistas, perceptivos, sensoriais e lúdicos.

Um espaço lúdico, artístico, educativo, científico, empírico, pragmático, filosófico, de comemoração, de brincadeira, de valorização dos amigos, tudo junto e que convivem bem, se complementam e que tornam o Nema diferente de todos os lugares de trabalho que já conheci - o mais legal de trabalhar.

Nas páginas em que Gramsci descreve com sua linguagem colorida e insuperável a relação entre intelectuais e “povo-nação” (Gramsci, 1975, p. 361-362), percebe-se claramente o abismo que separa a concepção dos intelectuais populares que “sentem” com “paixão” a vida dos “subalternos” e os intelectuais convencionais, funcionais à elite e especializados na administração e no controle da sociedade.

Essa paixão pode ser representada a partir da elaboração do programa de Educação Ambiental para a Zona Costeira do Rio Grande do Sul Mentalidade Marítima, em 1989. Para a definição dos conteúdos de ciências partimos da pergunta: quais temas gostaríamos de ter aprendido na escola? Assim, crianças das séries iniciais passaram a frequentar o NEMA uma vez por semana. O Mentalidade Marítima, consistia de 15 aulas, com uma visão de macro para micro escala: do universo até chegar à Planície Costeira do Rio Grande do Sul, a praia do Cassino.

Sem duvida muita coisa e muita gente ficou pra trás, no tempo e na memória, e fui injusto com alguns. Enxergamos as coisas do nosso angulo, com diferentes visões em diferentes momentos, portanto natural as varias versões própria e de terceiros.

Ainda tenho a visão daquelas aulas laboratório com alunos dos bairros Bolacha e Querência chegando de cavalo, carroça naqueles dias frios do inverno, naquela caminhada da Vila Vozinha carregando a pé o projetor de slides da FURG, coberto com toalha para não pegar chuva....

O Programa passa a ser referência para a inserção da EA no currículo formal²². Vimos outra lógica. Nenhum de nós possuía uma compreensão aprofundada das etapas de desenvolvimento do pensamento humano. A lógica da escola tinha a ver com isso. Uma criança de primeira série não conseguiria abstrair de tal forma noções sobre a formação da Terra e suas relações cósmicas. Foi necessário mudar a estrutura do Programa. Esse conflito pedagógico nos levou a elaborar a metodologia das Ondas. Assim, invertemos a ordem.

²² Durante os anos de 1987 a 1989, foi realizada uma experiência-piloto extraclasse, com quatro escolas de 1^a a 4^a séries do balneário Cassino. As crianças vinham até o NEMA e participavam de saídas de campo, palestras e oficinas, em que eram abordados temas como a evolução do Universo e da vida, a biodiversidade e aspectos socioambientais do litoral brasileiro, em especial a costa do Rio Grande do Sul e o estuário da Lagoa dos Patos. Esta experiência resultou na elaboração de um Programa de Educação Ambiental com 15 aulas, envolvendo as ciências e a arte. Concluída a experiência-piloto e definido o programa de aulas, partimos para o trabalho com educadores, tendo em vista sua capacidade multiplicadora. Durante os dois anos seguintes, realizamos cursos e oficinas com diferentes grupos, o que resultou no amadurecimento e na evolução da pesquisa: organização e elaboração de textos e de atividades. Em 1992 recebemos o apoio financeiro do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE. A partir daí não era mais a escola que vinha ao NEMA, mas era o NEMA que abria novos caminhos na escola. Surgia uma nova etapa do Projeto. O objetivo era testar e discutir o Programa com os educadores de 1^a a 4^a série. Abriu-se então, na escola, um espaço para a “aula do NEMA”, e este foi para nós mais um desafio, pois não queríamos que a educação ambiental se configurasse como uma disciplina. Paralelamente a isso, tornou-se indispensável envolver a Secretaria Municipal de Educação no caminho que a escola, a ONG NEMA e a comunidade estavam trilhando, reconhecendo a questão ambiental e comprometendo-se frente a esta enquanto política pública. Um convênio com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Rio Grande – SMEC – formalizou em 1993 o início do processo de implantação da educação ambiental no ensino. Assim, em 1994 e 1995, com apoio da SMEC e do Fundo Nacional do Meio Ambiente - FNMA, foi possível formar uma equipe com profissionais de diferentes áreas do conhecimento e buscar referenciais teóricos que fundamentassem o trabalho que havia começado pela via prática, ampliando nossa atuação para outras escolas da rede municipal, através de cursos, oficinas e assessorias. A forma que encontramos de conectar o programa de 15 aulas com a realidade escolar foi transformá-lo em uma proposta interdisciplinar entre arte, ciências do ambiente e educação psicofísica, estruturada em cinco temas geradores de conteúdos e atividades, os quais chamamos de *Ondas Mentalidade Marítima*. Mesmo com uma metodologia interdisciplinar em mãos, ainda assim os educadores questionavam: “como desenvolver a educação ambiental em sala de aula, considerando a estrutura curricular oficial? Será mais uma coisa para fazermos?” Percebemos que ainda havia dificuldade em conectar a nossa metodologia com o conteúdo programático adotado pela SMEC, uma vez que a escola não possuía autonomia para alterar seu fluxo. Essa integração só foi possível quando a nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação (LDB - Lei nº 9394), os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs e seus Temas Transversais e a regulamentação da Política Nacional de Educação Ambiental, deram amparo legal e vieram facilitar esse processo, culminando na formação de um grupo de trabalho com o objetivo de construir o Projeto de Educação Ambiental da Rede Municipal de Ensino. Com esta perspectiva, em 1998 o grupo de trabalho realizou uma releitura no conteúdo programático, a partir dos pressupostos da educação ambiental, viabilizando assim a sua implantação no ensino formal. A continuidade do Projeto foi assessorar a SMEC e estimular as escolas na elaboração de seus próprios projetos de educação ambiental. Bons ventos nos levaram para o município vizinho de São José do Norte. Percebemos que a metodologia iniciada em outra realidade poderia ser o ponto de partida para um novo trabalho. Um processo semelhante de implantação da educação ambiental vem se dando desde 1996, incluindo a releitura do conteúdo programático e cursos de capacitação para todos os educadores da rede municipal de ensino. Construíram o universo *Mentalidade Marítima*, aproximadamente 500 educadores e 10000 crianças de 100 escolas públicas municipais de Rio Grande e São José do Norte. Além disso, a Proposta *Mentalidade Marítima* tem apoiado as ações de educação ambiental vinculadas a outros projetos executados pelo NEMA em Unidades de Conservação e em comunidades do litoral do Rio Grande do Sul e do Brasil.

A experiência da elaboração da metodologia Ondas²³, a qual envolve as ciências do ambiente, a arte e a educação psicofísica, permitiu que cada um de nós pudesse compartilhar os conceitos específicos das três áreas sem que uma fosse mais importante que a outra, num processo equânime do conhecimento. Foi um exercício de humildade muito interessante.

O trabalho pioneiro do Mentalidade Marítima, com base intuitiva mas com uma dedicação coletiva, foi fundamental para transformar o NEMA num local de referência. O NEMA representou na minha vida o início da Educação Ambiental em Rio Grande e o início da EA na minha vida também. Esses inícios foram marcados pela senda da Interdisciplinaridade.

No projeto "Ondas que te quero mar" vivenciei a metodologia das 'ondas' que tem como base a interdisciplinaridade entre artes, ciências do ambiente e educação psicofísica – pude experimentar esse trabalho coletivo de construção de conhecimento e aprender como acontece o trabalho interdisciplinar educativo seja como crianças, educadores, pescadores, etc.

O caldeirão de vivências do grupo conectadas a outras, de pessoas do NEMA, professores, estudantes, crianças, adolescentes resultou em uma rede de inusitadas percepções e resultados. Era a pesquisa. Era o momento de o NEMA ir para a escola e com a elaboração da metodologia das Ondas passamos a aprimorá-la, num contexto de balsas de travessias, atoleiros, vento sul, tempestades e ondas gigantes. No momento em que escrevemos tudo isso, nossa pesquisa alçou voo.

²³ A *Onda 1 – Ser Natureza* inicia com a pergunta quem eu sou? O corpo como nosso primeiro meio ambiente. Daí visão sistêmica, consciência corporal – mente, corpo, espírito, figura humana são os conceitos tratados, acompanhados de uma prática como desenho, auto-massagem, noções de célula, tecido, órgãos, organismo. Essa visão então é ampliada - *Onda 2 - O lugar onde vivemos*, a qual trata do pertencimento, aspectos naturais, culturais, históricos, econômicos e sociais. Uma saída de campo na qual contemplamos a complexidade do ambiente. Onde eu moro, o que tem de bom o que eu não gosto, as cores, as texturas, as representações humanas adaptadas às assanas, posturas da ioga. Abrimos então nosso universo perceptual, no qual vamos entrar no mundo da diversidade – *Onda 3 – Biodiversidade*, diversidade biológica e cultural, isto é, a biodiversidade e eu como único na variedade, de onde vim, que manifestações culturais estão presentes no meu espaço e no planeta, as artes, o patrimônio histórico. Tomando consciência de toda essa diversidade amplio com lentes poderosas para uma visão do universo – *Onda 4 – Biosfera e Ecologia*, o meu planeta, que não está sozinho no espaço e outras infinitas galáxias que estão de alguma forma realizando trocas de energia, de ciclos biogeoquímicos e que mantêm toda a vida. Que relações ecológicas são essas? O que nos sustenta? A terra viva. Esse meio ambiente é infinito? Dando-me conta então de toda essa universalidade volto para onde vivo e ali reflito sobre as suas condições retomando a *Onda 2 – o lugar onde vivemos*, em diversas escalas – minha casa, meu bairro, minha escola, minha cidade e junto com o grupo com que convivo vamos pensar em ações soluções dos nossos conflitos – *Onda 5 – Planejamento ambiental*. Imagine esse movimento todo realizado por três áreas do conhecimento? E nossas cabeças? Pensamos, discutimos, planejamos, escrevemos, lemos, buscamos, nos constituímos como aprendentes um da área do outro, palpitando, convergindo, analogizando nossas teorias e práticas.

Contribuir para o desenvolvimento de técnicas, métodos e práticas voltadas à educação focada na área ambiental seja no ensino formal ou não formal;

O livro *Ondas que te quero mar: Educação Ambiental para comunidades costeiras*, permitiu elaborar diferentes formas de organização de um grupo interdisciplinar. Essa experiência da publicação inspirou e motivou outros projetos do NEMA a produzirem materiais educativos sobre suas especificidades; as dunas, os mamíferos, a agroecologia, as unidades de conservação, os resíduos sólidos... popularizando a ciência com base na experiência. Um estratégico ponto de fuga empírico.

O olhar mais apurado, o amor pelo ambiente e por sua diversidade e o conhecimento científico permitiram que eu criasse as imagens – desenhos e pinturas – atividades e lugares tomaram vida através dos traços e cores que fluíam dessa intensidade, desse olhar, desse amor, desse desejo de cuidar e de educar nossa população para um encantamento com esse universo tão rico que nos cercava.

Desnecessário dizer da sensibilidade estética expressa nas publicações do NEMA, sempre atentos que estão ao fazer e apreciar a arte. É isso. A influencia do NEMA na pesquisa em arte.

Nesse andar, os referenciais teóricos foram sendo sistematizados. O rumo da base teórica buscou estabelecer uma rede de pensadores ligados ao pensamento sistêmico, complexo e interdisciplinar.

No contexto da Educação Ambiental, a busca sempre foi por uma educação emancipatória, transformadora, o que significa englobar as múltiplas esferas da vida planetária e social, inclusive a individual, ou o processo educativo não pode ser dito como transformador. (LOUREIRO, 2004).

O NEMA representou uma dessas portas, dessas frentes, dessas zonas de fronteira que se abriram. Os dias passados no barracão ou nas escolas foram momentos de ampliação dos meus pontos de contato com a realidade. E a cada vez, em cada situação, algum solavanco eu levava.

A Educação Ambiental hoje tem autonomia política para considerar o objetivo e o subjetivo, o natural e o cultural, o político, o ético e o estético, com vistas ao desenvolvimento ideal da humanidade, com ênfase na autonomia e no pensamento crítico.

Um movimento histórico de rediscussão da sociedade, da natureza, da vida em seus significados mais profundos, influenciando também a educação na conformação do que se designa Educação Ambiental. A dificuldade de

pensar o futuro está na nossa incapacidade de pensar o presente. Numa Educação Ambiental libertadora as crianças, homens e mulheres devem crescer e viver integrados à sociedade e não submetidas a ela.

A Educação Ambiental libertadora é uma tendência ao rebelde do pensamento educacional contemporâneo com alternativas radicais, justas e pacíficas. A proposta pedagógica exige um profundo embasamento teórico, vindo de diferentes áreas do conhecimento, sem polivalência, mas constituído de muitas mãos.

A Cleusa em parceria com o Marcos Pereira, que era também colega da FURG. Os dois foram criando um método de ensino alternativo, híbrido, com a bagagem de artes e filosofia, junto com o pessoal do NEMA, que entrava com a parte de ciências do ambiente. Era um trabalho difícil, pois os “dois lados” apenas começavam a conversar depois de séculos de separação, e lembro que as dificuldades existiam.

Foi latente a preocupação da instituição com a questão estética, uma sabedoria empírica que se expandiu e tornou-se uma marca no fazer educação ambiental, um diferencial construído historicamente pelos atores que por lá passaram – e foram muitos: cientistas e artistas trabalhando juntos, em comunhão.

A adequação à proposta freiriana de “leitura de mundo” pode contribuir para essa nova relação natureza, homem e sociedade, nessa ordem. Humanizar a natureza para nos naturalizarmos. Como somos seres inconclusos, essa reflexão avança nas palavras de Freire: *Pronunciando o mundo os homens se transformam...*

Significou um amadurecimento grande em relação a mim mesmo, a capacidade de negociar, de entender melhor as necessidades dos outros e compreensão dos processos.

Liberdade/expansão - pura combinação que deverá explorar o limite.

Sempre temos algo a dizer nas reuniões, e sempre tentamos, nesses espaços, sermos críticos, construtivos, leais aos princípios solidários e verdadeiros.

A variabilidade de opiniões nem sempre é a garantia de nosso sucesso coletivo. Por isso a Educação Ambiental é multireferencial na sua essência, uma vez que as noções e conceitos podem ser originários de várias áreas do saber. Essa é verdadeira revolução, a recuperação da humanidade.

A abordagem holística, fortemente influenciada pela valorização da arte e na aposta na sensibilidade do ser humano acabou por me transformar também.

Um novo aprendizado foi realizado, ligado às questões sociais e ambientais, no qual teoria e prática foram inseparáveis. Ciência, metodologia e experiência prática é a tônica de inovação do como fazer. Houve em cada um de nós metamorfoses no processo de desenvolvimento da inteligência. Resgatamos, ampliamos, renovamos, revisitamos conceitos, conteúdos e atividades. Para sabermos escolher as estratégias e ferramentas apropriadas para solucionar problemas ambientais, é preciso conhecer um pouco dos alicerces, funcionamento e evolução da ciência nos diferentes contextos do cotidiano.

Todo esse universo de mergulho proporcionado pela pesquisa me levaram a descobertas que construíram um ideal profissional – eu acredito na potência e na força dessa visão – é possível sim mudar o mundo, torná-lo mais poético, mais sensível e mais belo aos olhos das pessoas que o habitam.

O grande desafio de nossa época como educador ambiental é pensar sistemicamente em criar e manter comunidades duradouras, ou seja, ambientes sociais, culturais e físicos, nos quais nossas necessidades e empenhos possam ser satisfeitos sem restringir as oportunidades das gerações futuras (PAULI, 2001). As mudanças que a Educação Ambiental almeja comprometem cada comunidade, cada lar, cada indivíduo. (UNESCO, 1999).

As soluções dos problemas nesse nível da sociedade deverão estar arraigadas na especificidade cultural e ambiental da cidade ou da região para que as pessoas participem e apoiem esta mudança.

O trabalho com a arte contemporânea e a arte-educação foram amolecendo minha casca, me deixando um pouco mais suscetível ao mundo. Naquele tempo, acho que já vivia coisas que só fui aprender a dizer muito tempo depois.

O NEMA com toda paciência do mundo me transformou numa profissional! Num processo continuo me mostrou responsabilidades, prazos, necessidades operacionais, processos de trabalho, atuação em rede, e muitas outras coisas. Impossível descrever, e espero não ter sido tão evasiva, mas considero essa passagem pelo NEMA como uma mala cheia que saí carregando!

A EA é permeada de conexões. Conexões entre as significações que apresentam um caráter representativo apoiado nos instrumentos semióticos, ou seja, início da função simbólica (ou semiótica), a qual possibilita a evocação de acontecimentos ocorridos no passado e a antecipação de eventos que ainda não ocorreram. A projeção de cenários ambientais e sociais que qualquer ser

humano deseja para viver melhor. É possível criar meios para interpretar a realidade, organizar os problemas em pensamento e atribuir significado às situações. A práxis da EA nos permite demarcar a partir de um levantamento preliminar quais as condições materiais que vivem as pessoas e posteriormente buscar nesses elementos questionamentos que orientem para uma base teórica a partir da problematização.

Como decorrência dessa trajetória, o NEMA representa, única e exclusivamente por mérito das equipes - em termos abrangentes - que desenvolveram atividades e dirigiram a instituição, uma das principais, se não a principal, referências voltadas à compreensão, divulgação e disseminação de informações, bem como educação para a manutenção dos atributos naturais da na zona costeira e marinha brasileira.

Os anos que trabalhei junto ao NEMA, me proporcionaram uma prática constante e multidisciplinar e a companhia de grandes amigos. A atuação e o envolvimento em vários projetos e a dinâmica do grupo resultaram no meu enriquecimento como profissional.

E a Educação Ambiental muda tudo.

O empírico que me refiro são pontos de fuga que a prática de EA no NEMA tomou como estratégias de consolidar o trabalho e a visão integrada de meio ambiente. Todo o desenvolvimento é composto de conflitos e incompatibilidades momentâneas que devem ser ultrapassadas um nível mais alto de equilíbrio. É como passar de uma situação limite para outra limite. O inédito viável acontece.

O NEMA proporciona a transformação pessoal, permite vivências, experiências e trocas.

Se forja uma forma de agir e é nesse momento que algo se modifica se transforma e nos conduz de forma dialética, revela possibilidades e impele a um fazer, a um agir transformador.

Mais do que o único caminho, um caminho que transforma para fazer diferença nas pessoas e no mundo.

Tem gente que entra e fica, se encontra, se transforma.

Foi dentro do Nema que passei a sentir que a verdadeira riqueza e felicidade é ter um estilo de vida simples, dando à natureza o espaço que deveria lhe pertencer em nossas vidas. Obrigada à equipe do Nema, por ter feito e, de certa forma, ainda fazer parte da minha vida.

Reconheço os processos que levaram um grupo a desenvolver outra cultura no contexto do movimento ambientalista. Formas de transgredir com alguns paradigmas das novas cartadas do capitalismo. Chegamos num tempo

em que os intelectuais orgânicos estão diante de novas tarefas. Para Gramsci a maior delas:

A partir do momento em que um grupo subalterno se torna realmente autônomo e hegemônico, suscitando um novo tipo de Estado, nasce concretamente a exigência de construir uma nova ordem intelectual e moral, ou seja, um novo tipo de sociedade e, portanto, a exigência de elaborar os conceitos mais universais, as armas ideológicas mais sofisticadas e decisivas. (Gramsci, 1975, p. 1.509)

O NEMA é fonte de transformação. Fica evidente o quanto a EA influenciou no caminho profissional das pessoas. Onde quer que estejam buscarão esses referenciais para a vida do trabalho e outras situações na vida pessoal.

Porque mais do que um instrumento de trabalho, agora eu sei que sou uma agente de mudança, e isso eu aprendi no NEMA. NEMA um ser que vive e transforma pessoas.

Acredito que grande parte do que sou, penso ser e acredito ser tem raízes no NEMA. Esta instituição representa respeito ao meio ambiente e a sociedade e, acima de tudo, é um exemplo de persistência. O NEMA me motiva.

O NEMA pra mim é isso. Fonte de muitas coisas: conhecimento, informação, amizade, sustento, crescimento pessoal, dúvidas, contradições, descobertas e redescobertas.

A EA do NEMA foi inspiração para elaboração de muitas monografias, dissertações e teses. Tanto de pessoas que tiveram a experiência NEMA, quanto de pesquisadores de fora do NEMA, diante a dimensão que a metodologia da EA do NEMA tomou.

Ele foi meu 'objeto' de pesquisa no que tange a relação entre artes e ciências do ambiente e a importância da educação estética para a educação ambiental, o que vim a denominar como estética valorativa do ambiente. Através da dissertação pude vislumbrar que o NEMA proporcionou a construção de um imaginário ambiental que se deu a partir da presença da arte em todas suas atividades educativas, desde a fotografia aos materiais gráficos didáticos produzidos e a metodologia construída, imaginário esse estampado em milhares de desenhos infantis de crianças que vivenciaram atividades interdisciplinares de educação ambiental no seio do projeto "Ondas que te quero mar".

O território estava formado. Agora o NEMA é como se fosse uma entidade.

Há quem diga que o NEMA é uma entidade divina, um ser, chamado "Seu NEMA". Há aqueles que acreditam que o NEMA é um professor.

Tenho um enorme carinho pelo NEMA. Foi uma bênção ter participado desse processo.

O Significado do NEMA representa o movimento na sua própria história. Ao longo de sua trajetória de 27 anos de atuação na zona costeira, centenas de pessoas das diferentes áreas do conhecimento, vivenciaram o dia-a-dia do NEMA, com criatividade e livre pensar, fortalecendo a missão institucional e fundamentando os conceitos do *fazer*.

Representa a minha história e eu, para o Nema, a pré história.

Talvez a uma imagem para o NEMA seria a de um grande chafariz. Um chafariz lindo, enorme, cheio de cores, de onde brota água e luz. Uma fonte construída, por muitas pessoas, com vários estilos representados.

Outros significados que o NEMA assume para mim: RESPONSABILIDADE, ÉTICA, ESTÉTICA, COOPERAÇÃO, COLABORAÇÃO, CRIATIVIDADE, COMPROMETIMENTO, ADAPTAÇÃO.

Isso é o Nema pra mim, o período de mais luz na minha vida, o tempo mais claro, um porto seguro pra voltar a qualquer tempo.

Gramsci defende a formação do intelectual orgânico, uma vez que a filosofia da práxis, além de representar “o coroamento de todo o movimento de reforma moral e intelectual” (Gramsci, 1975, p. 1.448), deve ser a reinvenção de um novo intelectual que sabe sintetizar o melhor da filosofia, da política, da economia, da ciência e da arte (Gramsci, 1996, Carta de 1/8/1932).

Gramsci foi o primeiro marxista que a partir da política e da reflexão política parecia falar para nós, os intelectuais. Na realidade, era um dos nossos; de algum modo expressava aquilo que queríamos ter sido sem nunca conseguir: homens políticos capazes de reter a densidade cultural dos fatos do mundo, intelectuais cujo saber se desenvolve e se realiza no próprio processo de transformação. Se até termos acesso a Gramsci vivemos a posse da cultura com um agudo sentimento de culpa, depois dele podíamos nos reencontrar com aquilo que efetivamente éramos, com nossas grandezas e misérias. Não mais “engenheiros das almas”, oprimidos por um mandato impossível; mas homens que, da mesma forma que os encanadores, cumpriam uma função na trama social. (ARICÓ, 1998 p.23-4)

Essa é uma história de amor.

De bem querer com a natureza, de bem querer pelos amigos, de um bem querer pela vida, pelo planeta, pelo cosmos. Um bem querer que brota de uma essência, de algo original, capaz de animar nossa existência e sobrevivência.

De minha parte eu cheguei no NEMA querendo mudar o mundo, não sabendo muito como.

Aprendi inclusive a aprender!

Eu entrei um e sai outro.

Templo à beira-mar
Frestas de maresia e ideias fervilhantes
Ondas de retorno.
Ondas de ressaca.
Outras ondas...
Jovens em busca de um caminho
De um trabalho...
de um sonho...
O desejo do suor mais salgado
mais brilhante
Ilusões?
Utopias concretizáveis?
Um caminho diferente?
Lampejos da busca inicial
Vontade de experimentar intuições
Vontade de compartilhar saberes
Vontades...
e mais vontades.
A oportunidade do encontro.
A oportunidade de reconhecer o primeiro passo
A oportunidade de alçar vôo...

5.4 Organicidade

A categoria Organicidade aparece na perspectiva de discutir sobre o devir em ser NEMA e seguir para outros caminhos tendo como referência a organicidade da sua constituição, como intelectuais. Envolve as subcategorias rupturas, aprendizado, experiência, coletivo, referência, formação de gerações e caminhos profissionais.

O novo território foi constituído, cheio de incertezas e desafios: naturais e culturais; e a educação que significa ambiental para os caminhos de formação, de compreensão da natureza e de formas alternativas e criativas de mudança e transformação. Pensar a inteireza nessa organização reside o pensar sistêmico para compreender a dinâmica do NEMA.

A sabedoria sistêmica baseia-se por um profundo respeito a natureza, a qual é totalmente compatível com os *insights* da ecologia moderna. O respeito pela sabedoria da natureza é ainda corroborado pelo *insight* de que a dinâmica da auto-organização em ecossistemas é basicamente a mesma que a dos organismos humanos, o que nos força a compreender que nosso meio ambiente é não só vivo, mas também inteligente. A inteligência dos ecossistemas, em contraste com tantas instituições humanas, manifesta-se na tendência predominantemente para estabelecer relações de cooperação que

facilitam a integração harmoniosa de componentes sistêmicos em todos os níveis de organização. (CAPRA, 1982 p.381)

Meu primeiro referencial para compreender essa nova forma de pensar a realidade, a organicidade e a interdependência ecológica foi a Hipótese Gaia de Lovelock (2006), químico norte-americano que fez uma descoberta magnífica, talvez uma das mais brilhantes do século XX, na área das ciências biológicas. Lovelock formulou um modelo surpreendente de auto-organização não-linear, global e ecologicamente sublime, onde todo o planeta Terra surge como sistema vivo, auto-organizador. Também o conhecimento acerca da Teoria Geral dos Sistemas de Bertalanffy (1975) e o seu trabalho pioneiro e seminal sobre a Teoria Sistêmica dos seres vivos e das sociedades, levou-me a conhecer Capra (1994), inclusive pessoalmente, durante o Fórum Social Mundial, o qual me colocou entre a dimensão da filosofia e da ciência com suas obras O Tao da Física, Ponto de Mutação, Sabedoria Incomum e As conexões ocultas. Seus conceitos e reflexões foram fundamentais para a formulação de um conceito de meio ambiente vinculado à concepção sistêmica da vida. Esse aporte teórico foi o substrato na formação e movimentos do NEMA.

A imersão no universo da EA e dos novos paradigmas, sistêmicos, ético-estéticos, holísticos de perceber o ambiente em sua totalidade, na interação e interdependência de todos os fenômenos permitiu obter uma visão ambiental completa, integral, que inclui a multidimensionalidade humana, não esquecendo é claro da unidade.

Isso significou aprofundar ou entender relações, mudanças de percepção que são características do pensamento sistêmico - das partes para o todo, de objetos para relações, de conteúdo para padrão. Essa relação está intimamente conectada ao paradigma emergente, descrito por Santos (1995), em que a complexidade, a ambiguidade, a inter-relação, a interdependência, a coexistência e a auto-organização são a base para um pensamento crítico independente. Este considera que a época em que vivemos *é uma época de transição entre o paradigma da ciência moderna e um novo paradigma* que ele designa *ciência pós-moderna*. Santos (1995) observa que, a ciência, para se constituir nesta nova etapa, deve romper com o “conhecimento” evidente do senso comum para depois romper com esse rompimento. Com base nisso, enuncia que *todo conhecimento científico-natural é científico-cultural, todo*

conhecimento é local e total, todo conhecimento é autoconhecimento, todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum. O paradigma ético-estético, a ecosofia, descrita por Guattari, (1989), aponta para a necessidade de pensarmos em ecologia ambiental – do meio ambiente, ecologia social – das relações sociais e ecologia humana – da subjetividade humana, para o entendimento da complexidade entre unidade e multiplicidade.

Os intelectuais do NEMA foram para a academia se encharcaram de um conhecimento altamente técnico e com coragem constituíram um espaço de formação para compartilhar com a sociedade a possibilidade de ressignificar o lugar onde vivem por meio das ações de monitoramento e de Educação Ambiental.

A organicidade está na Educação Ambiental que perpassa todos os Projetos com uma metodologia interdisciplinar, está na recuperação do cordão de dunas costeiras, na criação de Unidades de Conservação e implementação dos Planos de Manejo de outras, no cultivo de arroz orgânico nas planícies do Taim, na conservação de mamíferos e tartarugas marinhas, no envolvimento comunitário, na representatividade em espaços de discussão e planejamento de gestão costeira da costa brasileira, nas publicações, monografias, dissertações e teses, tudo isso amalgamado com a contribuição de cada sujeito que fez parte disso, que emerge de acordo com os diferentes níveis de potencialidade na formação de todos.

Acreditar nos seus sonhos, realizar um movimento por vezes radical de romper com padrões determinados de ter e ser para ser e fazer a diferença no mundo. Muitas pessoas já passaram pelo NEMA, de ascendências e descendências variadas. Vieram de diversos lugares do Brasil, sendo a maioria de locais sem mar, fora da costa, mas que no fluxo da onda acabaram se reunindo para consolidar um espaço potente que formou gerações. O NEMA.

E representa, hoje, conhecimentos, vivências, oportunidades, fazeres e experiências incorporados no que sou hoje, pessoalmente e profissionalmente.

No NEMA eu me construí, reaprendi a ver o mundo, desconstruí muitos conceitos, aprendi, errei, fiz amigos, me inspirei neles, busquei dar o meu melhor, me chateei, me decepcionei com pessoas, mas nunca com o NEMA, com suas ideias e aspirações. Pois é, nesse caso ele parece uma entidade espiritual mesmo.

Despertou novos significados para o termo realização profissional.

O NEMA vem me transformando, me levando para novos caminhos. Então espero.

Assim, não sei o quanto o NEMA tem um pouco de mim, mas sei que tenho muito do NEMA na minha constituição, pessoal e profissional.

Essa é a organicidade desse processo. A vida-inorgânica transbordada do próprio organismo do corpo cotidiano. Qual a motivação das pessoas para chegarem ao NEMA? Qual a predisposição? Rupturas, inquietudes, busca de novas experiências?

Seria por acaso que um garoto criado em um apartamento na cidade de Porto Alegre cursaria biologia e estaria hoje vivendo no Cassino? A opção por estar estudando (cursando doutorado) os botos também não é um acaso. Não acredito neste acaso. Aliás, não conheço nenhum outro exemplo próximo.

Naquela época o cassino ainda era uma comunidade pequena de jovens sonhadores

Fui aberta a trabalhar lá, pois era minha última tentativa de me “encontrar” e fazer valer a pena todas as dificuldades que estava enfrentando.

O descontentamento e a falta de perspectiva em espaços formais como a Universidade não incitava a outro modo de fazer ciência, de se comprometer com a qualidade de vida das pessoas, com a conservação da natureza mesmo tendo o conhecimento científico não havia um espaço para por em prática o encantamento para a compreensão da complexidade do ambiente natural.

Os cursos teóricos/práticos dos quais fiz parte no final da década de 80 e início dos anos 90 despertaram em mim esta grande paixão, me colocaram em contato direto com os processos naturais e me guiaram para compreender o quão valioso é o lugar em que hoje estou vivendo.

Não só a criticidade, mas também a sensibilidade de enxergar as riquezas que existem ao nosso redor, sejam elas naturais ou culturais.

O Nema representou para mim, durante os anos que estudei na FURG (80 a 85) um espaço de aprendizado e de contato direto com a praia, os animais e as pessoas que a utilizavam.

Nele se encontra os segredos, a beleza da planície costeira selvagem, a matemática das coisas, o limite da relação do homem e a natureza.

Para Capra (1982) hoje está ficando mais evidente que a excessiva ênfase no método científico e no pensamento racional, analítico, levou a atitudes profundamente antiecológicas.

O tópico principal era “como é que se aprende a ter consciência ambiental?”

Essência do pensamento ecológico: Uma das coisas mais difíceis de serem entendidas pelas pessoas em nossa cultura é o fato de que se fazemos algo que é bom, continuar a fazê-lo não será necessariamente melhor. A consciência ecológica somente surgirá quando aliarmos ao nosso conhecimento racional uma intuição da natureza não-linear de nosso meio ambiente. (CAPRA, 1982, p. 39).

Pensamento racional é linear, ao passo que a consciência ecológica decorre de uma intuição de sistemas não-lineares.

Me proporcionou o aprendizado que não se encontra na Academia, na Universidade, conhecimento e formação profissional.

Questionar os fatos da realidade dados como normais que, por não encontrarem eco na academia, não encontram fórum para tal.

Para Gramsci, o intelectual é uma figura que tanto pode agir para a transformação da sociedade quanto para a sua reprodução.

Além disso, depois de ter aulas com alguns professores fraquíssimos - algumas aulas eram ditadas de livros - comecei a me dar conta que a vida universitária estava longe de ser o que eu tanto esperava. Passei, inclusive, a ter ojeriza à geologia.

No segundo semestre fiz estágio no Laboratório de Crustáceos Decápodes e, a partir daí, passei a não ter maior interesse em participar de atividades de cunho científico na área de oceanografia biológica.

Não existe idade para começar o envolvimento com as questões ambientais. Nesses 27 anos formou-se uma geração que teve o interesse aguçado para a vida e a natureza.

Uma escola que já formou outra geração, que inspirou e inspira centenas de crianças e adultos. Passaram pelo Nema crianças que hoje dedicam seu esforço, seu compromisso, seu trabalho ao Nema, ou que se espelham no que viveram no Nema quando crianças e buscam uma forma parecida de trabalho, de experiência, de vivência. Eu vivi no Nema e minha filha também viveu.

O resultado trabalho do NEMA foi a formação de duas gerações de profissionais nas mais diversas áreas (Geógrafos, biólogos, oceanólogos, ecólogos, pedagogos, artistas...), extremamente engajados na preservação da natureza e na sustentabilidade.

O Nema representa pra mim o meu ponto de partida. Foi como o começo de tudo. Talvez no passado tenha sido um pouco inconsciente da minha parte, mas a verdade é que quando comecei a frequentar o Nema aos meus 9 anos foi quando comecei a descobrir o que eu gostaria de ser e de fazer (trabalhar) na minha vida.

A ideologia proposta há 25 anos, por um grupo de jovens ousados e excêntricos, reunidos em um barraco de madeira na

Praia do Cassino, continua viva e passando de geração em geração. Fazer parte dessa história é uma honra.

Também a sensibilidade de aguçar nossos sentidos e de os por em alerta.

E foi ainda minha primeira experiência profissional duradoura.

Sobre o papel dos intelectuais na sociedade Gramsci considera que “todos são intelectuais (...). Porque não existe atividade humana da qual se possa excluir alguma intervenção intelectual” (Gramsci, 1975, p. 1.516). Todo o homem é um intelectual, já que todos têm faculdades intelectuais e racionais, mas nem todos têm a função social de intelectuais. Ele propôs a ideia de que os intelectuais modernos não se contentariam mais de apenas produzir discursos, mas estariam engajados na organização das práticas sociais. Nisso reside a possibilidade de perceber em cada homem e em cada mulher, sua ação no mundo, a mão na massa, com potencialidade de libertar-se sem aprisionar nada nem ninguém.

*O NEMA representou para mim tudo isso, mas se fosse para resumir; * A oportunidade que a vida me deu de exercitar e fazer a diferença, com simplicidade, dedicação, criatividade e amizade.*

Apreendi a melhor administrar as minhas capacidades pessoais e formação recente em oceanografia, e que foi um período importantíssimo no direcionamento dos meus caminhos profissionais posteriores.

Mesmo que seja utópico, parece-me que a não consideração dessas questões traz o risco de transformar o nosso trabalho em mais uma lenda do imaginário técnico científico traduzida em contos da carochinha para o boi da cara preta dormir, a ser apreciada e julgada pelas próximas gerações, ainda que se considere os estrondosos "cases" de sucesso e revolucionários resultados até então obtidos.

Capacidade intelectual, não é privilégio de alguns, pertence à todos, tanto quando é considerado o acúmulo de conhecimento no curso da história, como quando se busca compreender as conexões que formam o mundo em que vivemos. Isso representa a insistência em reconhecer a relação de reciprocidade entre sujeitos que aprendem e ensinam ao mesmo tempo.

Uma lição de humildade em várias ocasiões, em especial por perceber as grandes qualidades pessoais e profissionais.

Nasce o “intelectual orgânico que deverá interagir no meio social”.

São escassos os exemplos de instituições do terceiro setor que, de fato, cumprem com o seu papel em termos de independência de princípios, retidão de ação e foco nas atividades inerentes à complementação das

ações do executivo que, por um motivo qualquer, não cumpre atender.

Capra (2002) considera que a partir das últimas descobertas científicas todas as formas de vida até as sociedades humanas, empresas, e Estados nacionais organizam-se segundo o mesmo padrão e princípios básicos: o padrão em rede.

Os sistemas vivos são organizados de tal modo que formam estruturas de múltiplos níveis, cada nível dividido em subsistemas, sendo cada um deles um *todo* em relação a suas *partes*, e uma *parte* relativamente a *todos* maiores. (CAPRA, 1982, p. 40.)

A maneira bem humorada dos Nemas de lidarem com todas essas questões me marcou também, e deu uma leveza a todo esse processo.

Para o autor, as redes vivas são autogeradoras. Cada comunicação gera pensamentos e um significado. Os quais dão origem a novas comunicações. Dessa maneira, a rede inteira gera a si mesma, produzindo um contexto comum de significados, um corpo comum de conhecimentos, regras de conduta, um limite e uma identidade coletiva para seus membros. CAPRA, 2002.

Que integrava as questões que afetam a vida das pessoas e dos outros seres vivos que habitam o planeta. Via essa interdependência entre os processos e a necessidade de intervenções para torná-los mais sustentáveis.

Significou quebra de paradigmas, mudança de comportamento, de atitudes perante a vida, de "quereres" em geral.

Mudei minha maneira de ver o mundo, as pessoas, as coisas em geral.

Nessa mistura de outros (vontades) interagindo em estrutura.

Propor medidas e alternativas para aplicar, quando existentes, e buscar, quando necessário, informações para buscar outras alternativas de usos do ambiente levando em conta as suas características, limitações e fragilidades em contraponto aos valores culturais até então dominantes.

A nova concepção de mundo inaugurada por Marx e a influência proveniente de Gramsci inspirou, no século passado, intelectuais e políticos a se engajar em partidos dos trabalhadores, em movimentos populares e mobilizar lutas pela independência dos povos colonizados, pela libertação das ditaduras e pela democratização dos direitos sociais (Sartre, 1994; Lahuerta, 2001).

Cheguei ao NEMA, como técnica, em março de 2004, sem ideia do que esperavam de mim e com um leve pré-conceito sobre ONGs. Digo leve, porque este não me impediu de aceitar a proposta, pois creio que tinha mais necessidade do que preconceito.

Minha base sólida pessoal e profissional provém daqueles momentos dos anos oitenta, acrescidas de muitas outras experiências ao longo destes 25 anos, mas que não me deixam esquecer jamais o que vivi, aprendi e deixei de legado ao NEMA, que cresce se modifica e se mantém graças aquilo que todos nós deixamos de melhor na sua construção.

Assegurar condições jurídicas de desempenhar atividades no setor público mediante a formalização de contratos para realização de projetos e contratação de pessoal técnico;

Foi bonito acompanhar a crescente influência do Nema em níveis regionais e nacionais.

Isso pra mim representa que o meu sonho não é só meu, que é coletivo, e que tem pessoas que dedicam sua vida a isso.

Em termos práticos considero que a incansável batalha para evitar que a questão ambiental seja espezinhada e se transforme em moeda de troca a ser barganhada pelo executivo junto aos grupos econômicos que, de fato, determinam os rumos do nosso País e ditam os referenciais políticos, deve ser o maior, se não o principal, objetivo.

As organizações, segundo Capra, (2002) são comunidades de pessoas que interagem umas com as outras para construir relacionamentos, ajudar-se mutuamente e tornar significativas as suas atividades cotidianas num plano pessoal.

Outra forma de trabalhar sem deixar de ser eficiente.

Fonte de descobertas, pois descobri em mim, através do NEMA, uma pessoa que gosta muito de trabalhar com pessoas e que não gosta tanto, como pensava antes, de trabalhar "em laboratório". Entre muitas tantas descobertas...

Acho que é isso. O NEMA representou uma importante experiência de aprendizagem de mim mesmo.

Sonhar juntos e perseverar, uma bela receita de sucesso, impregnada de energia humana de alta qualidade.

Um lugar para criar e desenvolver a coragem. Nada me acontece, e mesmo se acontecer só faz crescer a mais coragem para lançar-se a despeito do medo. Coragem para enfrentar qualquer situação - a perigosa, a medíocre, a de pobreza de espírito, a de aceitação.

Ter solidariedade orgânica entre seus membros. Assim como um organismo biológico, onde cada órgão tem uma função e depende dos outros para sobreviver. Se cada membro exercer uma função específica na divisão do trabalho da sociedade, ele estará vinculado a ela através de um sistema de direitos e deveres, e também sentirá a necessidade de se manter coeso e solidário aos outros.

O NEMA me trouxe também a noção que um ambiente de trabalho possa ser, tranquilo, descontraído, aconchegante e cheio de calor humano, sem deixar de ser eficiente,

NEMA, lugar para ensinar com sensibilidade.

Após tantos anos de atuação hoje vemos os resultados desse trabalho na sociedade e no próprio ambiente natural, pelo qual a instituição zelou e continua zelando permanentemente.

De acordo com Capra 2002, os sistemas vivos criam-se e recriam-se continuamente mediante a transformação ou a substituição dos seus componentes. Sofrem mudanças estruturais contínuas ao mesmo tempo em que preservam seus padrões de organização em teia.

No interior da instituição fui, a cada dia, sentindo-me parte de uma equipe que compartilha desejos e sonhos através da pesquisa e da intervenção ativista nas comunidades costeiras.

O protagonismo que sempre marcou a organização acabou moldando todos nós.

A minha passagem pelo NEMA não foi gratificante nem para mim e nem para a Instituição "daquela época".

O NEMA me mostrou um mundo novo dos orgânicos, da produção local, das comunidades, carentes/rurais e de pescadores,

A beleza de acompanhar uma ideia, se transformando em uma meta, em um projeto, depois em resultados e finalmente, servindo de degrau para novas transformações.

Pela integração entre as áreas do conhecimento, enfim, pelo 'laboratório formativo' constituído ao longo dos anos.

Existe um movimento interno que não é harmônico o tempo todo. Há perturbações. Épocas sem projetos, sem recursos, saída de pessoas, entrada de novas e é nessa dança que a própria organização reajusta, redireciona e segue em frente. Capra descreve esse processo quando discute as metamorfoses das organizações vivas:

Esse processo passa por diversos estágios distintos. Para começar, é preciso que dentro da organização haja uma certa abertura às perturbações para que o processo se desencadeie; e é preciso que haja uma rede ativa de comunicações, dotada de múltiplos anéis de realimentação, para que o acontecimento inicial seja amplificado. O estágio seguinte é o ponto de instabilidade que pode manifestar-se na forma de tensão, caos, incerteza ou crise. Nesse estágio o sistema pode entrar em colapso ou pode romper uma barreira e entrar num novo estágio de ordem, caracterizado pela novidade e por uma experiência de criatividade que muitas vezes parece mágica. As organizações humanas sempre contêm estruturas projetadas e

estruturas emergentes. As estruturas projetadas ou planejadas são as estruturas formais da organização, que constam de documentos oficiais. As estruturas emergentes criadas pelas comunidades de prática proporcionam a novidade, a criatividade e a flexibilidade. São versáteis e adaptáveis, capazes de mudar, de evoluir. (CAPRA, 2002, p. 131)

Uma enorme lição de perseverança e de como melhorar diante das adversidades e da insensibilidade da sociedade em relação aos nossos esforços, sem contar a falta crônica de grana.

Depois de formado e atuando na área de conservação marinha, o Nema passou a ser uma referência de qualidade e de resultados concretos de uma organização pequena no tamanho, mas grande nos objetivos alcançados.

Ainda que corra o risco de ser considerado como romântico, ou até mesmo inocente, conto que o futuro do NEMA não seja tão árduo como foi o passado e que, ao mesmo tempo, continue a trilhar o caminho de desbravamento de novas searas, distantes do lugar comum, e que, como resultado, continue a se tornar, cada vez mais, uma referência já que, no nosso País, são raros os faróis a nortear o rumo daqueles que buscam singrar por águas ainda não navegadas e, portanto, distantes dos lugares comuns.

Mas o *link* com a Universidade fortaleceu-se no que diz respeito a produção intelectual. O NEMA passa a ser reconhecido pela academia como um campo fértil para produção acadêmica na forma de estágios curriculares, monografias, dissertações e teses.

Uma escola que é a referência de conservação do meio ambiente numa cidade onde muito próxima está uma universidade muito importante com muitos profissionais altamente qualificados e reconhecidos internacionalmente.

O curso de oceanografia trouxe muitos conhecimentos acadêmicos, mas foi no NEMA que tive as vivências e experiências práticas e me transformei de estudante em profissional da área ambiental.

Ao final do curso fiz meu trabalho de graduação baseado nessas experiências envolvendo as imagens e a educação ambiental.

Faz seis anos que faço parte dessa construção. Comecei como estagiária do Projeto Tartarugas Marinhas, fiz ali minha monografia de conclusão do curso de Biologia, minha dissertação de mestrado na Oceanografia Biológica.

Como, no curso de uma trajetória profissional, processa-se esse se decidir pelo ambiental? Quais as vias pelas quais se dá o acesso, a opção ou a conversão ao ambiental? Quais as consequências dessa escolha?

Tem gente que entra, sai e volta...

A volta de um sonho coletivo e de uma construção coletiva.

Procurei conhecer melhor o trabalho desta ONG e logo passei a estagiar em alguns projetos e colaborar na questão das imagens,

dando palestras para crianças e produzindo exposições fotográficas.

No fim de 2010 eu saí do NEMA. Sentindo que eu ainda poderia fazer mais ali, mas com a certeza que tudo que eu aprendi está em mim e vai me ajudar a ser feliz nos caminhos que eu escolher profissionalmente daqui pra frente.

Mas essa inserção pode também não ser boa para todos. Mesmo assim, permite a escolha de ficar ou voar por outros ventos.

Tem gente que entra e logo sai achando que ali não era o seu lugar.

E como isso parece difícil para muitas pessoas, aquelas que não se adaptam ao NEMA. E é mesmo difícil...

A minha passagem pelo NEMA não foi gratificante nem para mim e nem para a Instituição "daquela época".

O que deveria ser para mim uma espécie de estágio e início de carreira profissional acabou se tornando numa decepção tanto para mim quanto para o NEMA.

A organicidade se constituiria como uma força que consegue "ligar" elementos virtuais e atuais, mantê-los coesos e dar dinamicidade ao processo auto-produtivo. Esses elementos constituem a singularidade de cada um, como intérprete e autor, como se relaciona consigo, com o outro, quais suas referências culturais, tudo o que permeia sua vida, a possibilidade de retorno à criação a cada execução da produção.

Num primeiro momento, a entrada em um grupo que queria mudar o mundo, e eu tateava essa intenção, sem saber muito como. Fazer parte era importante.

Eu fui estudar oceano e cheguei no Cassino ainda com 17 anos.

A experiência que fui processando foi, aos poucos, me deslocando. Eu era uma criatura eminentemente urbana. Na infância, passava as férias na beira da Lagoa, no Laranjal, costumava ir bastante ao Cassino, pescava nos Molhes da Barra, e ia muito para a zona rural de Pelotas, para a colônia. Mas depois de adolescente, fui me distanciando disso tudo e cada vez mais aderindo ao espaço urbano. Tinha morado em Porto Alegre e em Campinas, já.

No final de 2006, eu já estava prestes a abandonar o curso e voltar para Minas Gerais. Estava longe de casa, da minha família.

Seria uma meta ponto de vista sobre a vida, a terra, o cosmo, a humanidade, o homem, o conhecimento, as culturas adolescentes, as artes? Ou uma utopia?

O homem é alguém que ainda tem muito pela frente. No seu trabalho e através dele, ele é constantemente remodelado. Ele está constantemente a frente, topando com limites que já não são mais limites; tomando consciência deles, ele os ultrapassa (BLOCH 2005, p. 57).

Para Capra (1982) a estrutura orgânica é determinada por processos. Os organismos mostram um elevado grau de flexibilidade e plasticidade internas. A plasticidade e a flexibilidade, cujo funcionamento é controlado mais por relações dinâmicas do que por rígidas estruturas mecânicas, dão origem a numerosas propriedades características que podem ser vistas como aspectos diferentes do mesmo princípio dinâmico – o princípio de auto-organização.

Um organismo vivo é um sistema auto-organizador, o que significa que sua ordem em estrutura e função não é imposta pelo meio ambiente, mas estabelecida pelo próprio sistema. Os sistemas auto-reguladores exibem um certo grau de autonomia. Isso não quer dizer que os sistemas vivos estejam isolados do meio ambiente, eles interagem continuamente, mas essa interação não determina sua organização.

O Gadamer diz que experimentado é o sujeito que, exatamente por isso, vive aberto a outras experiências. Ele fala que a experiência nos confronta com a nossa incompletude e que isso nos leva a um estado de abertura permanente para o que ainda é novo. Isso é o que eu aprendi mais tarde. Mas isso é o que eu fazia, na época.

Não há distinção de nada, as oportunidades são muito ofertadas.

A organicidade dos novos intelectuais está relacionada principalmente à sua profunda vinculação à cultura, à história e à política das classes subalternas que se organizam para construir uma nova civilização. Além de especialistas na sua profissão, que os vincula profundamente ao modo de produção do seu tempo, elaboram uma concepção ético-política que os habilita a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam (Gramsci, 1975, p. 1.518). Por isso, estão ao mesmo tempo conectados ao mundo do trabalho, às organizações políticas e culturais mais avançadas que o seu grupo social desenvolve para dirigir a sociedade.

O proletariado, como classe, é pobre de elementos organizacionais, não tem e não pode formar-se um extrato próprio de intelectuais senão de forma muito lenta, com muito sacrifício e somente depois da conquista do poder estatal. Mas é também importante e útil que na massa dos intelectuais haja uma fratura de caráter orgânico, historicamente caracterizada; que se constitua, como formação de

massa, uma tendência de esquerda – no significado moderno da palavra, isto é, orientada para o proletariado internacional. (GRAMSCI 1978, 158).

Tributário de uma formação em Filosofia, cursada na transição das décadas de 70 e 80, herdeiro de um entendimento político da realidade e implicado até os ossos em movimentos coletivos - movimento estudantil, movimento sindical, grupo de teatro, entre outros - não me era possível entender a contemporaneidade de forma isolada.

Imediatamente a conexão, há uma clareza de funções.

A beleza de acompanhar uma ideia, se transformando em uma meta, em um projeto, depois em resultados e finalmente, servindo de degrau para novas transformações.

Segundo Semeraro (2003), os intelectuais orgânicos às classes populares caracterizam-se pela democratização do poder, pela expansão dos direitos, pela eliminação da violência e do embuste. Ao desvendar as contradições na sociedade e ao socializar o poder, os intelectuais populares, por um lado, subvertem a concepção de dominação, de autoritarismo e de burocratismo. Por outro criam uma nova concepção de política fundada sobre o conceito de hegemonia, de democracia, de ‘dirigentes’ de uma nova civilização. Ao fazer parte ativa dessa trama, os intelectuais “orgânicos” se interligam a um projeto global de sociedade e a um tipo de Estado capaz de operar a “conformação das massas no nível de produção” material e cultural exigido pela classe no poder. (SEMERARO, 2003, p. 270-271)

É tão mais fácil as vezes bater ponto e fazer o trabalho que o chefe quer que tu faça, trabalhar somente dia de semana, em horário determinado e nunca levar trabalho pra casa.

É, mas no NEMA não tem horário, não tem lugar, tudo é ditado pelos caminhos que os projetos te levam, que as pessoas te levam, que teus sonhos te levam. E a disposição é muita!

E perceber que nem tudo que eu pensava tinha que ser o caminho escolhido, que tinha que aprender a seguir, além de aprender a coordenar equipes.

O grupo social emergente, que labuta por conquistar a hegemonia política, almeja conquistar a própria ideologia intelectual tradicional, ao mesmo tempo que forma seus próprios intelectuais orgânicos. Para que essa concepção de mundo possa dar organicidade social, é necessária sua difusão na sociedade. Segundo Gramsci, (...) Justamente na sociedade civil operam os intelectuais (*Lettere dal carcere*, 7 de setembro de 1931)”.

A história foi sendo escrita, e em algum momento surgiu o NEMA, que se constituiu em minha vida como um lugar onde se buscava ensinar com sensibilidade as questões ligadas ao ambiente, visando à construção de uma consciência engajada.

Pessoalmente foi muito importante, acredito que ajudou a desenvolver uma força e confiança muito grande que eu tenho no poder das coisas bem feitas. Sei que no período que atuei no NEMA fiz boas coisas para a praia do Cassino e para algumas pessoas,

O NEMA representa muito para mim, tenho a satisfação de ter introduzido na Administração Municipal do Rio Grande como um todo, o respeito ao Meio Ambiente. Desta forma, informando ao poder público municipal e a comunidade, os valores e atitudes voltados para o respeito à Natureza.

O NEMA influenciou não somente na minha formação como um cidadão, mas teve um papel fundamental, em conjunto com outros fatores, na escolha da minha profissão e no desenvolvimento do meu espírito crítico.

Capra referindo-se às organizações vivas, fala sobre a importância das comunidades de prática²⁴. Para ele o meio mais eficaz para intensificar o potencial da criatividade e aprendizado de uma organização e mantê-la viva e vibrante consiste em apoiar e fortalecer as comunidades de prática (CAPRA, 2002).

Delineou muitas das minhas escolhas após, em outros desafios frente à unidades de conservação e centros de fauna.

Uma direção que parte sempre de uma experiência criativa.

No NEMA eu consegui fazer a diferença! Entre um projeto e outro, fui fazendo a diferença na minha vida, aprendendo coisas novas, descobrindo e me espantando com minhas capacidades, aprendendo a lidar com minhas limitações.

Que ao mesmo tempo nos conecta nessa experiência.

Gramsci mostra o interesse em recriar a escola, apesar de esta não ser o único espaço para a formação de intelectuais. Para essa tarefa, contribuem também o partido, a fábrica, a igreja, a atividade política, a participação nas organizações, nos movimentos sociais e culturais etc.

²⁴ Comunidades de prática – termo inventado por Etienne Wenger, teórico da comunicação para designar essas redes sociais autogeradoras, numa referência não ao padrão de organização, através do qual os significados são gerados, mas ao próprio contexto comum de significados. (CAPRA 2002, p.119)

O Nema é uma escola de praia, de mar, de duna, de vento, traz o aprendizado de viver nesses lugares que balançam, têm outras dimensões e mudam de ares muitas vezes ao dia.

O Nema é uma escola. Uma escola de construção, de formação e de desenvolvimento da personalidade profissional de quem passa por aqui. Uma escola de ótimas oportunidades para manifestação de ideias, de qualquer tipo que inspire liberdade, a liberdade de criação e de expressão. Uma escola de crescimento pessoal e profissional, juntos. Uma escola de desenvolvimento dos princípios que trazemos das nossas vidas. Um espaço com muitas possibilidades para praticar a ética, a crítica, experimentar o sentido das diferenças, quaisquer que sejam, para e praticar o esforço de entendimento dessas diferenças.

O NEMA representou pra mim uma grande escola, onde tive a oportunidade de crescer tanto no lado profissional, estagiando e colaborando em diferentes projetos, como no lado pessoal convivendo com seus integrantes, todos seres humanos muito especiais.

Para mim o NEMA é tudo isso, é uma escola metade homem, metade ideais e sentimentos que transcendem a matéria.

O NEMA funciona!! pra mim isto também significa que uma ONG pode funcionar de maneira verdadeira, idônea, e também cumprir o papel que se propõe perante a sociedade.

Como será que se deu esse tempo de aprendizagem para todos nós? Quantas vezes nos deparamos com situações que necessitavam ser transformadas? Numa organização viva, a criação do conhecimento é natural, e a partilha dos conhecimentos adquiridos com os amigos e colegas é uma experiência satisfatória do ponto de vista humano. De acordo com Wheatley (1997) “trabalhar para uma organização voltada para a criação de conhecimento é uma motivação maravilhosa – não porque a organização terá mais lucros, mas porque nossa vida valerá mais à pena”.

O aprendizado das organizações é um fenômeno social. A compreensão sistêmica da vida e da cognição demonstra de maneira bem clara que o aprendizado das organizações tem aspectos individuais e coletivos. (CAPRA, 2002).

Com a tarefa de pensar e planejar juntamente com profissionais de diferentes áreas aprendi muitas coisas.

Significou, portanto o aprendizado do compromisso, das responsabilidades, e da sensação de tarefas cumpridas.

Aprendi muito. E aprendi a aprender. Aprendi a prestar atenção. Aprendi a considerar algumas sutilezas que nem sabia levar em conta. O exercício de conhecer, explorar e entender o ambiente de uma praia arenosa - aparentemente monótona e vazia - me produzia deslocamentos e proporcionava descobertas que festejo até hoje. Aprendi que quando parece que não tem nada para aprender é que tem muito que aprender.

Nesse tempo aprendi muito sobre arte, pela necessidade de pensar projetos, preparar oficinas – muitas vezes semanais – e atender grupos tão distintos: professoras da rede pública, jovens e crianças em situação de risco e jovens e crianças de classes privilegiadas que pagavam por oficinas de verão, e também estudantes universitários como eu.

Exercer a intelectualidade, coletivamente, é dialético, o que justifica em Gramsci a formulação de “intelectual coletivo” e de “filósofo democrático” (Gramsci, 1975p. 1.332). Segundo Semeraro (2007) Gramsci aprofunda essa inseparável dialética entre intelectual e mundo circunstante, entre estrutura e superestrutura, entre o que está dado e a iniciativa de sujeitos organizados, de modo a gerar uma “catarse” pessoal e social, um processo da subjetivação ético-política que caracteriza a construção do conhecimento e a prática coletiva de ensino- aprendizagem.

Traz o aprendizado de viver com a vista para amplidão do infinito no horizonte. Uma escola onde se aprende a conviver com o revés da natureza. O esforço de tirar o jeep do atoleiro, atravessar a lagoa de fusca ou conseguir consertar a rural do meio da praia, onde não passa quase ninguém, mostram como é importante aprender e viver essas coisas simples que se tornam muita história pra contar.

No NEMA conheci também o significado de ‘equipe’ – o privilégio de trabalhar com amigos, de conhecer a cumplicidade, o companheirismo e o apoio. Trabalhávamos com prazer, com alegria, com brincadeira, com paixão e com amizade.

São muitas experiências de vida humana e profissional que cada um vivencia no NEMA, cada um do seu jeito, da sua maneira.

Uma Escola que demanda uma práxis coletiva carregada de intenções – único elo.

Fonte de dúvidas, porque o NEMA me deixa sempre na sombra da dúvida! Será que eu quero fazer isso ou aquilo? Do que eu gosto afinal? Como decidir? Gosto de tudo? Vou ter projeto para trabalhar no ano que vem? Como vou me sustentar depois que o projeto acabar? Educação ambiental ou pesquisa com as tartarugas marinhas? E o lixo? E os pescadores? Fonte das mais variadas dúvidas!

Fonte de contradições do sistema capitalista.

No NEMA eu aprendia até ouvindo a conversa dos outros no telefone, isso porque, o telefone também é coletivo, e as ligações são feitas assim na sala ou na cozinha, em companhia de todos.

De acordo com Lahuerta (1998), de vários modos, de perspectivas revolucionárias ou conservadoras, trabalha-se segundo um pressuposto comum: o de que se está imerso numa profunda crise cultural, que conforme Bloch, (1978) “num mundo de lutas, cadáveres, heróis, terrores, perigos e decisões”. Donde se compreende que, em diversas culturas e em todas

correntes de pensamento significativas, tenha-se imposto com radicalidade inédita a discussão sobre a natureza e a função social dos intelectuais (LAHUERTA, 1998).

A personalidade histórica de um filósofo individual resulta também da relação ativa entre ele e o ambiente cultural que ele quer modificar, ambiente que reage sobre o filósofo e, obrigando-o a uma contínua autocrítica, funciona como mestre (Gramsci, 1975, p. 1.331).

Todo trabalho que fiz em 20 anos no nordeste, no norte e nos últimos 3^a anos no sudeste, tem como base sólida e convicções advindas daqueles anos no final dos anos oitenta, na mesa da Vila Vozinha, do barraco do NEMA, daqueles projetos pioneiros, dos grandes amigos e colegas.

Ao final de 88, sem vislumbrar perspectivas em Rio Grande, aceitei um convite do Ricardo para ir trabalhar no Peixe-Boi, por meio do NEMA, que assegurou a infra-estrutura jurídica para tal, onde fiquei até início de 91. Terminada a atividade no Peixe-Boi fui para a SUDEMA, órgão estadual de meio ambiente, onde permaneci até o início de 92. Mas, aí, já é outra história que só volta a ser retomada, na oceanografia, em 2002.

Como mencionei acima, o NEMA continua a me influenciar, através das suas ações nas diferentes esferas socioambientais. Sinto orgulho de fazer parte desta história e isso me motiva para continuar neste duro caminho que começou a ser traçado na minha vida: a luta pela conservação da natureza e a valorização da comunidade do Rio Grande.

E hoje, aqui na Austrália, trabalhando pro governo Australiano na conservação e manejo de parques e reservas, me vi, diversas vezes, referindo ao meu passado no Nema para os meus atuais colegas, contando experiências que tive e expressando minha alegria e orgulho de ter tido a oportunidade de vivenciar tantos momentos e histórias com o meio ambiente, tudo graças ao Nema.

Em novembro de 1985 recebi o convite para assumir uma base do Tamar no ES, primeiro lugar onde participei como voluntário. Pensei, pensei, pensei e topei. Novos ares, horizontes, muito por fazer naquele nordeste ainda se abrindo...Fui em Dezembro de 1985.

Foram muitos caminhos, escolhas que tiveram na sua formação essa organicidade de constituir, enquanto seres de relações, com consciência, sentidos e sentimentos.

Mas o que realmente importa é que o NEMA é feito de gente, e gente da melhor qualidade. Que dentro de suas diferenças profissionais e acima disso são humanas, capazes de sonhar, querer e realizar um mundo diferente a sua volta.

Continuamos a buscar, cada um do seu jeito, na sua vida, um jeito parecido com o do Nema, as vezes está bem próximo, as vezes é muito longe. Qualquer vivência no Nema pode ser uma referência.

Pessoas realmente engajadas por um trabalho, grupo, democracia, beleza, natureza, compromisso pessoal, conhecimento, prudência, construção de saberes coletivos, amizades.

Orgulho de ter tido a oportunidade de integrar sua equipe por alguns anos e por ver que minhas imagens dão continuidade à minha presença.

Enfim, quando maresia
úmida neblina tempestade de areia
ou erosão do tempo turvar as visões marinhas
e o ciclo completo do meu ser
transformado em oroborus brilhante
apoucar a minha linha do tempo
e os lampejos da memória
permitir o vislumbre do abrigo cálido e seguro
das asas do Professor NEMA,
Em meio a já confusos ventos e sonhos salgados
restará um grande sorriso
um suspiro desta memória construída.

6 SONS



Gustav Klimt

Medicine, 1900-1907

O homem de ciência reconhece que a única realidade para si é ele próprio, e o único mundo real o mundo como a sua sensação lho dá. Por isso, em lugar de seguir o falso caminho de procurar ajustar as suas sensações às dos outros, fazendo ciência objetiva, procura, antes, conhecer perfeitamente o seu mundo, e a sua personalidade.

Nada mais objetivo do que os seus sonhos.

Nada mais seu do que a sua consciência de si.

Sobre essas duas realidades requinta ele a sua ciência.

É muito diferente já da ciência dos antigos científicos, que, longe de buscarem as

leis da sua própria personalidade e a organização dos seus sonhos, procuravam as leis do "exterior" e a organização daquilo a que chamavam "Natureza".

Fernando Pessoa

6.1 O movimento em Ondas na formação do intelectual orgânico no NEMA

O movimento em Ondas na constituição de intelectuais orgânicos é reflexo do significado que a Educação Ambiental tem no NEMA. Assim, as *ondas que se quebra mar* dão o fluxo para o desenho da espiral do intelectual orgânico do NEMA.

Barbarela e Alexandre já estavam lá. Chegaram juntos para sustentar um novo espaço que dependia exclusivamente da força de um grupo, da dedicação e da persistência. O NEMA.

Nesse meio tempo chega Valentina, já formada e com todo o pique para se incorporar inicialmente na equipe, como voluntária. Os três já haviam embarcado na primeira onda: Quem eu sou?

Partindo da pergunta “Quem eu sou?”, busca-se a valorização da singularidade e o (re)conhecimento e contextualização do ser humano como parte integrante do meio em que vive e seu papel como agente transformador. A partir do auto-conhecimento, envolvendo os aspectos físico, mental, emocional e espiritual, é possível entender o ser humano como um sistema e ampliar essa visão para o mundo à nossa volta.²⁵

A reflexão os fez compreender o corpo físico como espaço interdependente em que a mente faz peripécias se as condições forem favoráveis para romper com esquemas que poderiam determinar seu andar no mundo. O espaço NEMA foi constituído por essas muitas pessoas que se envolveram em si e entre si. O rompimento e o despertar para unir-se em “comunidades práticas” foi latente no processo de cada um, seja atrás de um sonho, seja atrás de si mesmo.

Precisavam prosseguir, ir adiante, deixar um legado capaz de levar cada um que passasse por ali a assumir um significado autêntico de que a mudança é possível. De questionamentos e desafios, chamando a atenção dos demais estudantes do novo espaço para associarem-se em torno da valorização do patrimônio natural, totalmente ignorado pela sociedade. Romper com o

²⁵ CRIVELLARO, MARTINEZ NETO & RACHE, 2001.

preconceito de que não necessariamente tudo pode ser de qualquer maneira. Que a sociedade civil pode se organizar com esmero e conduta limpa diante as alianças, mostrando competência técnica com responsabilidade, seriedade e compromisso. Mas estavam sozinhos naquele momento, precisam de novas mentes impulsionadas pelas oportunidades para novas iniciativas.

Emílio passava todo o dia na frente do NEMA e cumprimentava a rapaziada que circulava por ali. Um dia resolveu chegar e saber o que faziam ali, pois pouco sabia. Convidou Ruth para não chegar sozinho. O casal entrou e sem nenhuma censura expressaram a agradável sensação que sentiram. Uau, disse Emílio, que lugar legal, tem cheiro de mar e gosto de algas. Deve ser o máximo trabalhar aqui. Enquanto isso, Ruth ficou acompanhando o sol filtrar seus raios pelas frestas das paredes de madeira que penetravam na água dos aquários, refletindo cores e energia.

Alexandre muito emocionado foi contando a história toda, os projetos atuais, os futuros, enfim mostrando que estavam ali para fazer o melhor, dar o melhor de si, num lugar diferenciado, sem frieza, com esse despertar para uma nova visão de si, do mundo, das relações. Romper com o preconceito que uma geração filhote da ditadura iria apenas reproduzir o sistema. Mas não, a determinação e a autenticidade assumida pelo grupo fortaleceu sua identidade. Levantar uma bandeira sem partido, mas com intenção de interferir nas políticas nacionais. Só dependia das escolhas de cada um. Quais desejos e aspirações? Não era um emprego, não tinha carteira assinada. Tinha que manter aquela estrutura física e valorizar as pessoas que quisessem agregar-se com seu trabalho e dedicação. Era se jogar ou não. Precisava ter coragem.

Esse contato foi suficiente para que Ruth fizesse sua opção. Queria fazer um estágio ali, pois isso poderia catalisar seus projetos futuros de ser uma professora universitária. Assim, aos poucos foi ocupando seu espaço, fazendo pequenos trabalhos, manutenção dos aquários, pegar correspondência nos Correios, tirar Xerox, enfim... um pouco de cada coisa. Ruth vai se ambientando com Valentina, pois faziam uma boa dupla.

Para Emílio, o NEMA era seu lugar. Como não tinha vindo antes aqui, bem pertinho da minha casa, disse Emílio. Diferente do ambiente frio dos laboratórios e que em pouco tempo já havia feito um “tour” por vários deles tentando encontrar alguém mais sensível aos processos naturais, ter uma visão

mais integrada na busca de soluções reais por meio da pesquisa. Esse movimento e a chegada ao NEMA despertou-lhe uma vontade de passar por essa nova experiência.

As saídas de campo começaram a mudar sua concepção de natureza, de meio ambiente, passou a ver com outras lentes os perigos que a praia cor de chocolate e os ambientes associados começavam a alertar. O conceito de meio ambiente, de educação ambiental e conservação foram fundamentais como para compreender os processos com uma visão crítica, sistêmica e holística em que a arte foi o diferencial para esse olhar da realidade.

Uma imensa praia oceânica, um estuário que abriga inúmeras espécies marinhas e costeiras, ambientes como dunas, lagoas, banhados, pântanos salgados, matas, campos, arroios... Paisagem selvagem de rara beleza...²⁶

Era o embarque na onda 2, o lugar onde vivemos:

*O que é meio ambiente?
Na onda 1, meio ambiente é o corpo.
Aqui ampliamos essa noção para o lugar onde vivemos.
Pode ser nossa casa, escola, bairro, cidade, país... Planeta!
Precisamos considerar os aspectos naturais e sociais e suas relações dinâmicas, pois conhecer nosso ambiente é conhecer nossa origem e o momento presente para construir o futuro.*

Ruth e Emílio passaram a perceber sensitivamente o espaço que estavam conhecendo. Era ver, olhar, cheirar, tatear, degustar, sentir e perceber esse meio ambiente. Deixavam fluir as sensações e pensavam sobre o que essas percepções lhes informavam. Passaram a refletir sobre como cada um deles poderia contribuir para proporcionar um pouco mais de bem-estar para as pessoas e o lugar onde vivem.

O pertencimento àquele lugar. Reconstruir o sentimento de pertencer à natureza, a esse fluxo de vida de que participamos. Explorar todas as suas faces e interfaces, o patrimônio natural, buscar explicações científicas para a compreensão dos fenômenos. Os aspectos históricos e econômicos que movem esse lugar, suas fragilidades e potenciais danos a todos. Essas informações passam a circular entre estudantes, professores, gestores em palestras e cursos promovidos pelos projetos. Valentina possuía a habilidade em sistematizar essas informações com uma linguagem técnica e estética

²⁶ Texto de abertura do Informativo NEMA, 25 anos, 2010.

capazes de sensibilizar as pessoas a obterem uma percepção diferente do ambiente em que viviam.

A praia cor de chocolate. Suja para alguns. Feia. Minha fala permite a reflexão. Novos conceitos, que reelaborados, descobrem o novo, ver as potencialidades.

Mais uma vez Emílio volta àquela reflexão: Quem eu sou? Quero isso? As situações precisam ser transformadas? Tenho aspiração e motivação para isso? Não, pensou ele, esse lugar não é para mim. Quero só pesquisar. Não quero fazer o corpo a corpo. Sensibilizar a comunidade a buscar soluções para os problemas ambientais? Elaborar projetos, buscar parceiros, prestar contas, escrever relatórios e ainda ter que estabelecer meus prazos, meus horários de trabalho? Não. Não tenho esse perfil. Quero publicar papers, artigos em revistas indexadas, internacionais, aqui não há tempo para isso. É muito trabalho. Emílio então se despediu. Formou-se, virou doutor e passou a mandar seus alunos para estagiar no NEMA, pois lá eles iriam saber o que queriam. Valia à pena ter contato com essa experiência. Ela foi determinante para estabelecer seus rumos.

Enquanto isso Ruth e Valentina já estavam imersas na onda 3 – na biodiversidade,

Falar em biodiversidade significa considerar cada ser único e importante na composição e equilíbrio da variedade. Podemos perceber a diversidade nos ecossistemas, culturas, etnias, sociedades, políticas, economias e criações humanas. Nesta onda propõe-se um estudo da dinâmica evolutiva da vida na Terra, chegando-se à biodiversidade costeira. Esse estudo vem contribuir para a compreensão e valorização de todas as formas de vida.

Passaram a questionar-se novamente sobre seu papel como agentes transformadoras. O que e como fazer para isso tornar-se realidade? Sentiam-se “eternas aprendizes”. Juntamente com Barbarela, que incentivou e apoiou Valentina em abrir-se para novos caminhos, ela decolou. Foi atrás da novidade, do inédito. Aprendeu muito. Escreveu projetos, tentando justificar com argumentos simples e exequíveis suas metas e objetivos, elaborou ofícios, redigiu atas, participou de reuniões, ouviu somente, se posicionou de forma radical por vezes. Interagiu com pessoas de diferentes áreas do conhecimento. Conheceu outras iniciativas pelo Brasil.

Como coordenadora de projetos pode então colocar em prática ideias novas, com a formação de uma equipe com pessoas de diferentes áreas do conhecimento. A coordenação de um projeto dá essa autonomia. Viu na ação a forma mais eficaz para mudança da visão e atitudes do homem para com seu meio ambiente (ecológico, social, histórico, ético e cultural). Esta mudança era capaz de gerar ações/soluções de harmonia.

Barbarela casou e com os gêmeos que teve foi cuidar da vida doméstica por um tempo. Trabalhou em outros lugares, retornou para a Universidade para se qualificar e voltou para o NEMA.

- Não consegui me adaptar em nenhuma estrutura, disse ela. Quero a autonomia e a liberdade de pensar por mim mesma, e esse lugar é aqui, mesmo com a instabilidade financeira. Mas ela não aguentou. Voltou a se questionar e seguiu em busca da tal estabilidade financeira, pois viver nos altos e baixos dos projetos não garantia seu sustento. Sua alta capacidade de sistematização, organização e coordenação levou a ocupar um cargo administrativo num órgão governamental na implementação de políticas e apoio a projetos ambientais do Brasil. Mas suas referências e princípios sempre retornavam para aquele barraco de madeira.

Alexandre foi para o mundo. Embarcou na onda 4 – Biosfera e ecologia.

*Viajando pelo cosmos percebemos que a Terra não está sozinha. Um universo muito maior guarda outros planetas, luas, estrelas, cometas... Alguns são perfeitamente visíveis, outros ficam só na imaginação. O Planeta Azul pulsa de tanta energia numa faixa ecológica do Sistema Solar, onde a vida se desenvolveu e atingiu um alto nível de complexidade. Nele há uma combinação perfeita dos elementos ar, água, terra e fogo. Não há desperdícios nessas trocas, só transformações. A dança louca e perfeita da natureza é guiada por modelos cíclicos complexamente organizados e dinâmicos. Essas noções só poderão ser compreendidas se tratarmos a Terra como um organismo vivo – **Gaia**. Precisamos respeitá-la.*

Foi representar o grupo e apresentar os resultados das conquistas dos projetos de educação ambiental e conservação, bem como o estado da arte dos mares, em espaços institucionalizados. Lugares de solidariedade internacional, levando-o a refletir com mais profundidade sobre os modos de desenvolvimento das sociedades humanas, num contexto privilegiado para discutir a educação, desenvolvimento e sustentabilidade. Essas experiências possibilitaram trabalhar num organismo de abrangência internacional. Com seu

espírito aventureiro seguiu para novas conquistas, disseminando seus princípios de conservação da natureza para outros locais que estavam desprovidos de iniciativas.

Enquanto isso, no barraco o grupo aprovava novos projetos, agregava novas pessoas, com longas discussões em que as ideias brilhavam e a projeção de melhores condições de trabalho e a ampliação para outras frentes tinha o cuidado na escolha de seus parceiros. O reconhecimento vinha dos resultados obtidos até aquele momento.

Isso levou Valentina e Ruth a ampliar o trabalho para outros públicos, comunidades em vulnerabilidade social, agricultores, mulheres rurais, pescadores, catadores, carroceiros. Isso tudo compôs um acervo de imagens e dados que abrem campo para muitos estudos. Foi possível desenvolver metodologias para recuperação de ambientes, conservação de espécies e educação ambiental, que se tornaram referência de iniciativas bem sucedidas e divulga-las à sociedade por meio de materiais educativos e trabalhos científicos.

Nesse rumo Ruth ingressou na universidade, foi professorar, levar sua experiência transformadora e aglutinar ao seu redor estudantes com o objetivo de tocá-los com a prática que adquiriu ao longo dos anos. Talvez tenha ido com muita expectativa para a academia, pois pretendia sensibilizá-la aos profundos movimentos da sociedade, assumindo uma expressão condizente e sustentável com todos os recursos do pensar racional e criativo, sem mediocridade, nem nivelamento. Só o tempo iria mostrar.

Valentina chegou à onda 5, no planejamento ambiental,

Este é o momento de repensar como será nossa passagem por este Planeta. O entendimento da inter-relação e interdependência entre todos os fenômenos sociais e ambientais nos permite a escolha de estratégias que garantam a melhoria da qualidade de vida. O que queremos, por que queremos e onde podemos buscar soluções para os desafios do nosso tempo?

Completo o movimento das Ondas no NEMA. Os outros completaram suas Ondas em outros espaços. Ela assumiu o NEMA como seu território de formação, motivando outras pessoas que, movidas pela sua paixão em explicar seu envolvimento, acabavam integrando-se ao grupo. Com isso o desejo de posicionamento em busca desse sentido na vida, esse prazer funcional do

exercício, que por si só é, fazer, ver, olhar e produzir conhecimento a partir da objetividade com “espírito criativo”, porque assim é possível promover a universalização da intelectualidade.

Tinha mais sucesso em trabalhos coletivos do que em uma “carreira solo”. Muitas vezes voltou àquela reflexão. Quem eu sou? O que fazer? Como fazer? Desistir ou persistir? Valentina conseguiu isso, estar inteira nesse espaço, presente, e ao mesmo tempo transitar pela academia, incorporar novos conceitos e subverter suas próprias dificuldades, tendo pontos de fuga inusitados.

Agora era seguir e seguir, se manter vigilante para que as manifestações da ideologia capitalista não contaminem o espaço com a personificação, tirando a identidade da instituição, nem que o engessamento congele seu “modus operandi”. A compreensão desse modo de fazer não apenas em produzir discursos, mas de estar engajado na organização das práticas sociais é que faz do NEMA um grupo social autônomo e independente se manter por quase três décadas diante as profundas transformações da sociedade nesta virada de século.

Reuni nessa narrativa a percepção das pessoas que formaram o NEMA e por eles são formados sobre sua própria formação nesse espaço como intelectual orgânico. As três gerações que formou chegaram à procura das mesmas coisas, de mudar o mundo, de se transformar, de ter a experiência, de fazer ciência, com consciência. Os tempos podiam ser outros, mas a busca por algo que desse significado à suas trajetórias profissionais encontraram no território o laboratório vivo a EA mediadora dessa organicidade.

Nas falas dos intelectuais orgânicos se percebe o impacto que o NEMA teve em suas vidas. Os pioneiros tiveram sensibilidade, determinação e coragem em criar um espaço que não existia na região, sendo este espaço uma alternativa para realizar um ideal, algo que não encontraram na academia.

Estavam determinados a gerar um conhecimento de sujeito a sujeito, uma compreensão intelectual ou objetiva e uma compreensão humana intersubjetiva, aprender em conjunto o texto e o contexto, o ser e o seu meio ambiente, o local e o global, o multidimensional, em suma, o complexo, isto é,

as condições do comportamento humano - o “bem pensar” para o “bem agir” formou a egrégora²⁷ desenhada para a valorização de qualquer saber.

Confirmando a tese que espaços experienciais como NEMA, que realizam projetos ambientais e sociais e que apostam na intuição, na autonomia e na criatividade são potenciais para a formação de intelectuais orgânicos.

A liberdade, a conexão com o ambiente, com a educação, com a arte, com a ciência, a relação entre a prática, a vivência e a pesquisa, a consciência política social e ambiental, a possibilidade de conjecturar, de sentir, de intuir, de trabalhar coletivamente produz intelectuais orgânicos. Esse é o argumento que permeia todo o trabalho e que possibilita dizer que NEMA forma intelectuais orgânicos.

Ser esse intelectual orgânico significa criatividade, transpiração na pesquisa de campo, administração para que todos tenham as mesmas possibilidades no compartilhamento da estrutura de trabalho, estudo, leituras que revelam além da aparência das coisas, horas de trabalho burocrático, relatórios, prestação de contas, tempo de recursos financeiros escassos. Ele vem se aprimorando, na medida da necessidade, num processo intuitivo, crescente e contínuo, como proposta pedagógica. Isso tudo muito orgânico, constituindo-se a cada um desses momentos.

Nisso está o conjunto das relações ideológico-culturais, fruto de uma maneira de ser, de se vestir, de falar e de ter a espiritualidade integrada à intelectualidade. “Ideologias orgânicas” que fazem parte de um organismo vivo e em expansão. Organizam, planejam, constituem um território para o movimento do saber, para desenvolver a consciência do seu papel social para que suas lutas permitam a organização tanto da cultura quanto de outras dimensões da vida em sociedade.

Mas todos se constituíram intelectuais orgânicos? Tenho a convicção que sim, mesmo tendo perpassado por uma onda, isso os levou à compreensão de si mesmo e das contradições da sociedade que acontecem pela participação ativa nos embates hegemônicos. A recorrência da compreensão de si mesmo em qualquer ponto dessa caminhada faz com que a

²⁷ Egrégora provém do grego egrégoroi e designa a força gerada pelo somatório de energias físicas, emocionais e mentais de duas ou mais pessoas, quando se reúnem com qualquer finalidade.

filosofia e a educação tornem-se uma prática política para que possa continuar seguindo seus princípios filosóficos e de formação e também de redefinir-se a si mesmo e de definir o próprio grupo social com respeito às relações que se mantém com o lugar em que se vive.

Esse aspecto foi fundamental para que se iniciasse uma série de ações que buscavam melhoria de qualidade de vida, conexão entre o conhecimento científico e a comunidade, esta distante e totalmente desinformada sobre as questões ambientais. A conexão desse conhecimento por meio dos Projetos ganhou a bem-querência do NEMA pela comunidade e mudou a percepção sobre o lugar onde vivem. Valorizar as potencialidades e identificar os problemas.

Isso também gerou embates com gestores públicos no decorrer dos tempos. Estar presente e se fazer representar em conselhos, audiências públicas e adotar uma postura por vezes radical frente a determinadas ações faz com que seu trabalho seja visto como uma força de resistência perante o poder público. Também permitiu que fossem levadas para estes espaços as reivindicações da comunidade que em alguns momentos, ou quase todos, esteve excluída nas tomadas de decisão.

Dessa forma, o NEMA representa os interesses coletivos trazendo a público as ideias e uma análise crítica e propositiva para uma sociedade melhor com uma concepção ético-política que habilita seus integrantes a exercerem funções culturais, educativas e organizativas. É a conquista da própria ideologia intelectual tradicional, ao mesmo tempo em que forma seus próprios intelectuais orgânicos.

Outro aspecto importante é o trabalho coletivo, entre amigos, bastante presente nas falas dos sujeitos. Compartilhar espaço físico e ideias com pessoas de diferentes áreas do conhecimento fortaleceu o fazer interdisciplinar. Aproximou a arte da ciência e possibilitou criar uma estética própria dando identidade ao grupo.

Busquei compreender o significado do NEMA na captação e (trans)formação de pessoas sob o conceito gramsciano de intelectuais orgânicos. O trabalho é além do NEMA, mas ele está ali. A compreensão do contexto de surgimento do NEMA e a relevância/sustentabilidade da filosofia de implantação, bem como o impacto das experiências no espaço do NEMA sobre

a vida fora dele mostraram que quem incorpora o NEMA na sua essência tem a possibilidade escolher seus caminhos, de transgredir pré-conceitos e subverter a burocracia.

Transformar o conhecimento em sabedoria e a sabedoria em ação é um desafio diário que exige criatividade, persistência, continuidade e autonomia. Os princípios, os conceitos e as experiências realizadas definiram os caminhos do fazer do NEMA na formação e difusão de profissionais tendo a arte e a ciência como essência primordial para exalar seus ricos perfumes.

Espero ter trazido com essa tese-história de ciência e de amor à natureza que é o NEMA: inspiração e motivação para que tenhamos espaços de luta e de liberdade com pessoas sensivelmente preparadas para os novos tempos.

Também que sirva para que o próprio NEMA sempre recorra a Onda 1 - Quem eu sou?, para cada vez que for se re-inventar não perder a conexão com sua forma de conduzir os processos de formação no laboratório vivo e de valorização de seus profissionais, abrindo espaço para novas ideias sem perder o rigor e a autenticidade e a gratidão por viver nesse Planeta.

Nada supera a Terra. Lugar da consciência planetária e cósmica, a Terra como uma matriz de vida, esse jardim compartilhado que alimenta o universo simbólico com muitas flores de energia não é descrita simplesmente por regras científicas, mas por experiências e sentimentos que possam contagiar seus habitantes.



Gustav Klimt
Dánae, 1907-1908

E la nave va! Filme dirigido pelo italiano Federico Fellini, em 1983, que mostra os eventos ocorridos a bordo de um navio luxuoso, onde os amigos de uma falecida cantora de ópera se reúnem para o funeral dela.

Toda a seqüência de abertura é feita em tons de sépia, como se houvesse sido filmado realmente naquela época (em 1914), e sem nenhum outro som além do ruído do projetor. Gradualmente, a sépia se dá lugar ao filme colorido e podemos ouvir o diálogo dos personagens.

Ela vai, à bordo da nave, e viu o tom sépia transformar a pesquisa em cores vibrantes e a ouvir brilhantes diálogos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

AGGIO, A. (Org.). *Gramsci: a vitalidade de um pensamento / apresentação* Leandro Konder. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

ANDRADE, O. *Manifesto Poesia Pau-Brasil*. Correio da Manhã. São Paulo, Março 1924.

_____. *Manifesto Antropófago*, Revista de Antropofagia, ANO I, N° I. Piratininga, Maio, 1928.

ARICÓ, J. *La cola del diablo. Itinerário de Gramsci en América Latina*. Buenos Aires: Puntosur, 1988.

BACHELARD, G. *O novo espírito científico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1985.

BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Modernidade Líquida*. . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BECKER, F. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. In: _____. *Educação e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 15-32.

BERGSON, H. *Correspondências, obras e outros escritos*, São Paulo, Abril Cultural, 1974.

BERTALANFFY, L Von. *Teoria Geral dos Sistemas*. Ed. Vozes:1975.

BLOCH, E. *O Princípio Esperança*. Vol. I (Tradução de Nélio Schneider), Vol II (Tradução e notas de Werner Fuschs) e Vol. III (Tradução e notas de Nélio Schneider). Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. UERJ, 2005 – 2006.

_____. *Marxismo e Literatura*. In: Realismo, materialismo, utopia (Uma polêmica: 1935-1940). Lisboa: Moraes, 1978, p.70

BRANDÃO, C. R. *Comunidades aprendentes*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Divisão de Educação Ambiental, 2005.

CAMARGO, A. Governança para o século 21. In: TRIGUEIRO, A. *Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 307-322.

CAPRA, F. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

_____. *A Teia da Vida*. Cultrix, São Paulo: 1996.

_____. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. *Sabedoria incomum*. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. *O tao da física*. São Paulo: Cultrix, 1975.

CARVALHO, I. C. de M. A. *Educação Ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, J. C. de P. *Estrutura, organização e educação: o imaginário sócio-organizacional e as práticas educativas*. In: FISCHMANN, R. (Org.). *Escola brasileira: temas e estudos*. São Paulo: Atlas, 1987.

CRIVELLARO, C.V.L.; MARTINEZ NETO, R.; RACHE, R.P. *Ondas que te quero mar: educação ambiental para comunidades costeiras: Mentalidade Marítima - relato de uma experiência*. Porto Alegre: Gestal, 2001.

CUPELLI, R. L.; GALIAZZI, M. C. *Dos (auto)relatos às narrativas ficcionais: as (re)existências de uma comunidade interpretativa de professores educadores ambientais*. INTERACÇÕES NO. 11, PP. 153-173, 2009.

CUPELLI, R. L. *Inventar e (re)existir : a produção de sentidos na constituição de professores educadores ambientais*. Dissertação (Mestrado em Educação ambiental) Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2008.

DASSMANN, E. *Toward a biosphere consciousness*. In: WORSTER, D. *The ends of the Earth*. Perspectives on modern environmental history. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

DUARTE Jr., J. F. *O sentido dos sentidos*. Curitiba: Criar, 2001.

ESTRADA, A. A. *Os fundamentos da teoria da complexidade em Edgar Morin*. *Akrópolis Umuarama*, v. 17, n. 2, p. 85-90, abr./jun. 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. & HORTON, M. *O Caminho se faz Caminhando*. *Conversas sobre Educação e Mudança Social*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

GABEIRA, F. *Vida alternativa*. Porto Alegre: L&PAA, 1985a.

GALIAZZI, M. C.; MELLO, D. *A paisagem da pesquisa narrativa*. IV Seminário de Pesquisa Qualitativa. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005. Texto não publicado.

GIROUX, H. *Os professores como intelectuais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. 3ª Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 2 v.

_____. *Cadernos do cárcere*. v. 1. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *Cadernos do cárcere*. v. 2. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a.

_____. *Cadernos do cárcere*. v. 3. Tradução: Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000b.

_____. *Intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____. *Lettere dal carcere: 1926-1937*. Palermo: Sellerio, 1996. 2v.

_____. *Concepção dialética da história*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GUATARRI, F. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1989.

_____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana L. de Oliveira e Lúcia C. Leão. São Paulo: Ed. 34, 1998.

GUIMARÃES, M. *A formação de educadores ambientais*. 4. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. *Da desterritorialização à multiterritorialidade*. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – Universidade de São Paulo - 20 a 26 de março de 2005 –(p. 6790)

HAESBAERT, R.; PORTO-GONÇALVES C. W. *A nova desordem mundial*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HALL, S. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. São Paulo: DP&A, 2001.

HART, P. *Narrativa, Conhecimento e Metodologias Emergentes na Pesquisa em Educação Ambiental: questões de qualidade*. In: Galiuzzi, Maria do Carmo; Freitas, J. V. (Orgs). *Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental* – Ijuí: Ed. Unijuí, 2005, 216p.

HOHLFELDT, A. *A fermentação cultural da década brasileira de 60*. Revista FAMECOS, Porto Alegre: nº 11, dezembro 1999, semestral.

HUERGO, J. *La Popularización, mediación e negociación de significados*. In: Seminário Latinoamericano: estratégias para la formación de popularizadores en ciencias e tecnologia, 2001, Cono Sur, La plata.

JANTSCH, A. P. & BIANCHETTI, L. *Interdisciplinaridade - Para além da filosofia do sujeito*. In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (Orgs.) *Interdisciplinaridade. Para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis: Vozes, 1997a.

JOLIVET, R. *Metafísica. Tratado de Filosofia*. Vol III. Rio de Janeiro: Agir, 1972a. p. 78.

LAHUERTA, M. *Intelectuais e resistência: vida acadêmica, marxismo e política no Brasil*. Caderno AEL, Campinas, n. 14/15, p. 35-53, 2001.

LAYRARGUES, P.P. *Para que a Educação Ambiental encontre a educação*. In: LOUREIRO, C.F.B. *Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2009.

- LENS, J. L. *La pedagogia dialógica como marco teórico-estratégico para la formación de popularizadores en ciencia tecnología*. In: SEMINÁRIO LATINOAMERICANO: ESTRATEGIAS PARA LA FORMACIÓN DE POPULARIZADORES EN CIÊNCIA Y TECNOLOGIA, 2001, Cono Sul, La Plata.
- LIMA, V. L. *As Ondas que fizeram mar em Rio Grande: A construção de um Projeto de Educação Ambiental no entrelaçamento das trajetórias de vida dos seus autores*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre/RS, 2006.
- LOUREIRO, C.F.B. *Trajectoria e Fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2009.
- LOUREIRO, C.F.B. *Mundialização do capital, sustentabilidade democrática e políticas públicas: Problematizando os caminhos da educação ambiental*. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande, v. 22, p. 1-11, jan./jul. 2009.
- LOVELOCK, J. *A Vingança de Gaia*. Brasil: Editora Intrínseca, 2006.
- _____. *Gaia : a new look at life on earth*. New York: Oxford, 1995.
- LUTZENBERGER, J. *Ecologia. Do jardim ao poder*. Porto Alegre: L&PM, 1985a.
- _____. *Fim do futuro?* Porto Alegre: Movimento, 1980a.
- MADEIRA, M. C. S. *A história de Carla, uma educadora ambiental*. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2004.
- MALTZ, B. Antropofagia: Rito, Metáfora e Pau-Brasil. In: FERREIRA, S.; MALTZ, B.; TEIXEIRA, J.; (Orgs.) *Antropofagia e Tropicalismo*. Porto Alegre - RS. Editora da Universidade/UFRGS, 1993.
- MANACORDA, M. A. *História da Educação - Da Antigüidade aos nossos dias*. 6ª Edição. São Paulo: Cortez, 1997. Pág. 127.
- MARQUES, M. O. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- _____. *Teses sobre Feuerbach*. In: MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã* (anexo). São Paulo: Martins Fontes, 1998a.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.
- MIGUEL, A.; ZAMBONI, E. (org.). *Representações do espaço: Multidisciplinaridade na educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- MINAYO, M.C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí : Unijuí, 2007.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawya. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.
- _____. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MOURA, A.C.O.S. de; CRIVELLARO, C.V.L.; SILVA, K.G da; *Descubra a Lagoa Verde: um passeio pelos Arroios Bolaxa, Senandes, Canal São Simão e arredores*. Fotografias Rodrigo Moreira da Silva . Rio Grande , RS: Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental – NEMA, 2009. 28 p.; il. Col.
- Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental – NEMA. *Dunas costeiras – manejo e conservação/ Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental – NEMA*. Rio Grande, RS: NEMA, 2008. 28 p.; il. Col.
- _____. *Agroecologia: um caminho amigável de conservação da natureza e valorização da vida / Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental – NEMA*. Rio Grande, RS: NEMA, 2008
- _____. *Taim! Banhado de vida!* Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental – NEMA. Rio Grande, RS: NEMA, 2004; Reimpressão, 2007. 16 p.; il. Col.
- PALAZZO Jr.; J.T.; CARBOGIM, J.B.P. (org.). *Conservação da Natureza: e eu com isso?* Fortaleza, CE : Editora Fundação Brasil Cidadão, 2012.
- PAULI, G. *Upsizing: como gerar mais renda criar mais postos de trabalho e eliminar a poluição*. Porto Alegre : Fundação Zeri, Brasil, 2001.
- PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- PEREIRA, C. A. M. *O que é Contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PIERPAULI, J. R. *Racionalidad práctica y filosofía política – El modelo elaborado por Alberto Magno y su significado en la obra de Tomás de Aquino*. México: Folia Universitária, 2004.
- PRIGOGINE, I. *A Nova Aliança - Metamorfose de Ciência* (com Isabelle Stengers); Brasília: UNB, 1984.
- RACHE, R. P. *A Educação Ambiental como política pública no município do Rio Grande, RS*. Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2004.
- REIGOTA, M. *Desafios à educação ambiental escolar*. In: JACOBI, P. et al. (orgs.). *Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências*. São Paulo: SMA, p.43-50. 1998.
- REIGOTA, M.. *A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna*. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 1994.
- _____. *Ecologistas*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

RATZEL, F. *El território, La sociedade y El Estado*. MENDONZA, J.G.; JIMENEZ, J.M. y CANTERO, N.O. (Orgs.) *El pensamiento geográfico. Estudio Interpretativo y Antología de Textos (De Humboldt a las tendencias radicales)*. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

ROSZAK, T. *A Contracultura – Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Petrópolis: Vozes, (1972 [1969]).

SÁNSHEZ MORA, A. M. *A divulgação da ciência como literatura*. Tradução: Silvia Perez Amato. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, UFRJ, 2003.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, B. de S. *Um Discurso sobre as Ciências*. 7ª Ed., Porto: Afrontamento: 1995.

_____. *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*. 3ª Ed., Porto: Afrontamento, 1993.

SARTRE, J.-P. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.

SAUVÉ, L. *Educação Ambiental: possibilidades e limitações*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M. e CARVALHO, I. C. M. *Educação Ambiental: Pesquisa e Desafios*. Porto Alegre, 2003.

SEMERARO, G. Tornar-se “dirigente”: o projeto de Gramsci no mundo globalizado. In: COUTINHO, C.N.; TEIXEIRA, A.P. (Org.). *Ler Gramsci: ler a realidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *A filosofia da práxis e o (neo)pragmatismo de R. Rorty*. Revista Brasileira de Educação, Campinas, n. 29, p. 95-104, 2005.

SIMIONATTO, I. *Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social*. São Paulo: Cortez, 1995, p.96-7

SOULÉ, M.E. *Conservation Biology and the Real World*, 1986.

SOUZA, M. J. L. O território; sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C. e CORRÊA, R. L. (Orgs.) *Geografia Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOUZA, M. L. *Histórias de professores de química em rodas de formação em rede: colcha de retalhos tecida em partilhas (d)e narrativas*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2011.

SUCHODOLSKI, B. *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas*. Artes Gráficas, 1992.

SUERTEGARAY, D. M. A. *O espaço geográfico uno e múltiplo*. Revista Eletrônica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidade de Barcelona. Nº 93, 15 de julho de 2001.

TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E RESPONSABILIDADE GLOBAL. Rio de Janeiro, Fórum Global, 1992.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Bases Teórico-Methodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.

_____. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. *Declaração sobre o Ambiente Humano*. Conferência de Estocolmo, 1972.

VELOSO, C. *Verdade tropical*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

WERTSCH, J. V. *Mind as action*. New York: Oxford University Press, 1998.

WHEATLEY, M. *Seminar on Self-Organizing Systems*, Sundace, Utah, 1997.

WILBER, K. (Org.) *O paradigma holográfico*. São Paulo: Cultrix, 1985.

WITTENBERG, P. *O Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental (NEMA) sob a perspectiva da mídia radical alternativa*. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.29, n.2, p. 133-148, jul./dez. 2006

ANEXOS

ANEXO I

a. Categoria Território – Laboratório Vivo

Subcategoria - O lugar, a praia e os animais

B1 Levantamento de tartarugas mortas
G24 Tartaruga levada para o museu
G7 Arrastões
G8 Objetos provenientes dos navios
G15 Registro de animais mortos
J6 Observando as aves
J8 Convivência com o mar
J9 Conhecendo as aves
J10 Cuidando dos bichos
J11 O transporte da Dermochelys
J12 Protegendo as tartarugas
J13 A intensificação dos trabalhos na praia
J6 Observando as aves
J7 Duas vezes tinha visto o mar
LM9 Conhecer de perto os encantos da praia e do mar onde viviam
G15 Surf e monitoramento de praia
G17 Monitoramento de tartarugas
J5 Vivendo o Cassino intensamente
G2 O lugar Rio Grande
G6 Primeira impressão
G23 Mortalidade de animais
G4 Insalubridade do ambiente
G9 Explorando a praia
JC4 - Cenário surpreendente e revelador
LU 11 - Contato maior com o ambiente natural
LU 12 - Aprender o ambiente e a nós mesmos
LU 13 - Ampliação da relação com a natureza
LU 14 - Compreensão do lugar, do entendimento científico, leva à valorização
LU 29 - Coração alegre em contato com o ambiente
ML 2 - Os encontros casuais no ambiente me despertaram o NEMA
BL3 - Preservação é essencial para o futuro do Planeta
CR4 - Preservar e respeitar
CR5 - Conhecer o local é fundamental

Subcategoria Parcerias institucionais

J14 Busca de ajuda institucional
J15 Um carro pra monitorar a praia
J16 O primeiro salário
Z10 Os alemães e o NEMA
L3 Os estudantes como apoio na administração municipal
RP6 Aproximando-se da iniciativa governamental
RP7 Apoio institucional formalizado
T4 Buscar recursos junto ao Programa Mentalidade
RP11 Busca de outros apoios para a formalização
RP18 O trabalho conjunto com outras instituições e a repercussão regional e municipal.
G27 Estabelecendo as pontes

Subcategoria Barraco – a sede

J20 A construção do barraco
J21 A choupana ecológica
J22 O NEA
J24 Início dos trabalhos com os estudantes
Z2 O galpão do Joca
Z9 Sentir o ambiente do NEMA
L5 A criação do NEA - NEMA
L5 O comodato da sede e a compra de equipamentos

RP10 O NEA vira NEMA
RP13 Dia a dia, utilizando o espaço
T1 Assumi a coordenação
A12 - Paredes pintadas de criatividade
A13 - Piso de luxo
A14 - Espaço bem aproveitado e utilizado

Subcategoria Projetos

J25A recuperação das dunas do Cassino
J25 a Sistema alternativo de tratamento de esgoto
L2 Areia comercializada
RP17 Os mamíferos e a compra do jipe
RP16 O primeiro projeto aprovado e a chega da Anaí
L1 Assessoria em MA
L6 Assessoria e capacitação de funcionários
G35 Solução para os problemas ambientais
LU 31 - Viu o que o NEMA te proporciona?
A6 - Trabalhar para ganhar e não ganhar para trabalhar
A40 - Mudar também a vida dos outros
JB11 - Fonte de sustento suado
ME8 - A chegada no estágio

Subcategoria Academia

J18 Capacitar-se para capacitar
GS 2 Alternativa de se fazer pesquisa de campo
J4 Representação estudantil
RP4 Oportunidades na faculdade sem empolgação
G5 Falta de manifestação
G13 Decepção das aulas
G14A perda de interesse pelo estudo científico
G22 Falta de aplicação prática
G26A disciplina que mudou o modo de ver o ambiente
RP2 Futuro incerto
G10 Instituição estava "de costas
G11 Questões ambientais fora do currículo do curso
G20 Esperar pouco da universidade
G26 Outro enfoque a ser visto
G27 Questão ambiental não era científica
G31 - Incapacidade e insensibilidade da universidade
JC15 - Contexto acadêmico de confronto
F9 - Experiências acadêmicas
JC21 - Supera o acadêmico tradicional
BL1 - Essencial na vida acadêmica pelo aprendizado científico
D5 - Alternativa para aquecer o meio acadêmico
JB8 - Fonte de informação para além do mundinho acadêmico
ME4 - O problema da fragmentação
ME5 - Falta de pertencimento na academia
ME6 - Pesquisa pra quem pesquisar
ME7 - Melhorar o planeta estava quase desencantando
ME15 - Longe de uma Universidade ilha
ME25 - De volta à academia como educadora

Subcategoria Determinação

D2 Espaço, liberdade e criatividade para experimentação
D3 Fazer o máximo com o pouco recurso
D4 Todo o esforço feito era bem vindo e bem recebido
D5 Dávamos o melhor de nós
J3 Muito por fazer
L XA conquista
RP3 Decisão diversão ou trabalho
J2 Iniciativas que brotam
G1 Possibilidade de contribuir para "melhorar" o mundo
L7 O despreparo para lidar com o MA
JC12 - Uma vontade original sempre impulsiona o caminho
F5 - Apresentação ao NEMA
K33 a K61 - O Caminho
H2 - O retorno

A7 - Sentir ter feito nossa parte para melhorar o mundo
H9 - Perseverança para seguir
H17 - O não reconhecimento local
LI25 - Sempre se pode fazer mais, mas fazer parte dessa história é muito bom
H18 - O desafio de ser diferente e fazer melhor
A36 - A utopia é concretizável?
A38 - Acreditar na realização do impossível!
A47 - Perfeição dos
BL 4 - Fazer o melhor possível sempre sonhos
D1 - Estava perto precisava conhecer melhor
ME9 - Curiosidade em conhecer
ME24 - Resgatar sonhos e lutar por novos

b. Categoria Significados do NEMA

Subcategoria – Significado

B2 Filho que ajudei a criar
B3 O tempo destrói até a memória
B4 Eu a pré-história
D1 Grande aventura na minha juventude
GS5 Flexibilidade e efetividade na ação
LM10 NEMA porto seguro para voltar sempre
D6 Enorme carinho
MV10 Momentos de ampliação dos meus pontos de contato com a realidade.
P7 Grande parte do que sou tem raízes no NEMA
L10 Orgulho do NEMA
P1 A dificuldade de expressar o significado teve e continua tendo
JC1 - História de amor
JC11 - Pensar sobre novas bases de sustentação
JC24 - Balé harmônico de pensamentos, comportamentos, saberes e atitudes
LU 30 - Sentimento de equilíbrio, sensação de pertencimento
A 1 - Nos bailes da vida
A 3- Difícil não ter um olhar romântico, idealista
A4 - Ideal de vida
A8 - NEMA uma ONG?
A9 - Entidade divina: Seu NEMA
A10 - Professor NEMA
A45 - NEMA representa realização de ideias e ideais
A49 - Pouco se explica o resto se sente
JB1 - NEMA um chafariz
JB2 - De cor e luz
JB3 - Uma fonte de estilos
JB4 - Que permite novas construções
JB5 - Fonte de conhecimento, informação, amizade, sustento, crescimento pessoal, dúvidas, contradições, descobertas e redescobertas
F12 - Significados do NEMA
L11 - A difícil explicação
L12 - Mas é fácil
L13 - Muitas lembranças
ME1 - Misto de emoções, sentimentos, lembranças e sonhos
ME2 - NEMA: encontro com a oceanografia

Subcategoria - Educação Ambiental

C1Q início da EA em Rio Grande
C7 Arte como instrumento na luta pela emancipação
T3 Não tínhamos um método pedagógico de EA
C8 Projetos de EA mudaram o modo de ver o ambiente humano
J17A primeira ideia de fazer EA
RP9Q caminho da EA marinha e o monitoramento
RP14 As lembranças
MV5 Contribuição na reflexão filosófica e pedagógica no MM
RP12A base intuitiva do MM transformou o NEMA em referência local
G36 Desenvolvimento de técnicas no ensino formal ou não formal
G39 Disseminação da EA
G37 O tema mar na escola
LU 8 - O Mentalidade Marítima construiu uma visão daquilo que acredito ser a educação ambiental e sua importância
LU 23 - NEMA protagonista da minha dissertação, momento mais rico de construção do conhecimento de minha trajetória
LU 24 - A educação estética na educação ambiental
LU 25 - Construção de um imaginário ambiental
LU 26 - A estética, uma sabedoria empírica que se expandiu e tornou-se uma marca no fazer educação ambiental
LU 27 - Potência e força dessa visão de mudar o mundo, torná-lo mais poético, mais sensível e mais belo
A5 - Educação sensível às verdadeiras necessidades humanas
A25 - Querendo mudar o mundo, inspiração para dissertação
D3 - O início: um estágio na EA

JB18 - A Educação Ambiental muda tudo
JB19 - Constituir-me educadora
ME12 - Os oceanólogos na educação
ME14 - Reencontro e encantamento pela Oceanografia pela veia da educação
ME16 - A importância dos conceitos de EA
ME17 - Constitui-me uma educadora ambiental
ME21 - Constituí-me uma oceanógrafa educadora ambiental

Subcategoria Arte-ciência

C2 Ensinar o grafismo infantil ao grupo de jovens cientistas
C3 Constituindo como artistas-cientistas
C5 No NEMA não se faz EA sem arte.
C6 Ser também uma cientista da arte
C9 Sensibilidade estética
Z11A influencia do NEMA na pesquisa em arte
Z8 Arte, filosofia e ciência
LM5 Espaço com arte, ciência, filosofia e comemoração com os amigos
MV4 Vivência de situações de consciência ambiental- Arte e EA
MV8 O amolecer da casca
MV1 Viver num mundo conceitual
H14 - A abordagem holística e a arte transformam
C7 Arte como instrumento na luta pela emancipação
LU 15 - Espaço para desabrochar a artista que havia em mim
LU 16 - O ambiente criado em imagens
LU 17 - Desenhar a diversidade significou ampliar a percepção do ambiente
LU 18 - Encantamento com esse universo tão rico que nos cercava.
LU 19 - Imagens que se multiplicaram nas mãos das pessoas
LU 20 - O poder da arte de eternizar
LU 21 - Me vejo nos desenhos produzido
LU 22 - Meus desenhos me mantém viva no lugar
L17 - A importância da Arte na EA do NEMA
L18- Espaço real de trabalhar a arte
L19 - O estágio voluntário no dia do aniversário
L110 - Arte caminha junta com as outras áreas

Subcategoria Amigos, pessoas

J28 O envolvimento de outras pessoas
J30 Depende das pessoas
Z1 O encontro no Kaya
Z3 As festas e a música na Vila
K4 Prática constante e o trabalho entre amigos
L4 Conhecendo os estudantes da praia
L8 Trabalho e diversão: As festas no Camping
RP 15 A conquista de outras pessoas
J26 Boas ideias, música e festas
J19 Festas, aulas e provas
GS 4 Espaço de trabalho com amigos
F2 - Construção de amizades
F4 - Amigos e o NEMA
F7 - Amigos mais importantes da vida
H12 - As festas e consolidações
F8 - NEMA é amizade
H7 - Fiéis e confidentes amigos
H20 - Verdadeiros e leais
JC2 - Bem querer pela natureza e pelos amigos
A34 - A primeira pessoa da acolhida
A37 - O que será que ele pensou...
A52 - Fontes inspiradoras de amigos
D2 - A motivação pelos amigos
D11 - Espiral de amizades
JB9 - Fonte de amizade
JB10 - Identificação de valores e crenças com as pessoas
LI6 - A vibração contagiou o ingresso
MA5 - Incentivo vem dos colegas
ME11 - Uma bela surpresa
MA20 - Colegas que viram amigos

Subcategoria – Diálogos

C4 Debates e de estudo sistemático
J29 Diferentes visões em diferentes momentos
RP8 Pensar o NEMA numa base sólida
G30 Espaço pioneiro e único para a discussão
MV3 Impossível teoria sem prática
F6 - Motivação pela paixão
H5 - Compreensão dos processos
H15 - Referenciais de vanguarda
JC14 - Pensar NEMA é pensar relações
D6 - A introjeção dos conceitos se eternizam
A35 - Conversas reveladoras
LI16 - A conversa para produção

Subcategoria Transformação

JC10 - Transformação, forma dialética
JC19 - O fazer, o agir transformador
A19 - Permanecer para se transformar
A48 Caminho que transforma
A51 - Sou uma agente de mudança
A53 - NEMA um ser que vive e transforma pessoas
BL2 - Transformação como pessoa
BL 6 - Luta por uma sociedade melhor, que está integrada ao meio ambiente
BL 7 - Adoção de outro estilo de vida
CR1 - Momento de muitas transformações pessoais
JB12 - Fonte de transformação pessoal
D15 - Saí outro
LI5 - Mudanças significativas e positivas em minha trajetória de vida
LI21 - O processo de transformação, de realizar sonhos com responsabilidade
LI22 - Saí com uma mala cheia de conhecimento e práticas
MA1 - Mudança significativa na minha vida (um ideal de vida)

Subcategoria Filosofia

JC3 - Essência de algo original
JC16 - Explorar o limite com liberdade
JC18 - Condições necessárias são propícias para combinar sentimento e razão
JC23 - Relação humanidades ecologia
H10 - O sensível pessoal
ML 6 - Filosofia de cooperação e apoio mútuo
D4 - Agora era real: materialização de um ideal
D13 - Compreensão da filosofia
LI 11 - Preocupação do NEMA em brigar pelo direito de uma vida mais harmônica, com a atuação dos homens no mundo e como transformá-las em ações sustentáveis
LI23 - O modus operandi do NEMA garantiu esse presente
LI24 - Uma hierarquia que não é achatadora
ME19 - Sem perder a filosofia raiz

c. Categoria Organicidade

Subcategoria Aprendizado

GS 1 Espaço de aprendizado

LM1 Aprendizado de viver

LM2 Aprender a viver na adversidade

Experiência de aprendizagem

Z6 NEMA, lugar para ensinar com sensibilidade

LM1 Escola NEMA – oportunidade para manifestação de ideias

MV11 Considerar algumas sutilezas que nem sabia levar em conta

MV12 Pequenos movimentos grandes efeitos

P4 Compreender o lugar que vivo

LM4 Lugar para criar e desenvolver a coragem

D6 Ajudou a desenvolver uma força e confiança

RP22 Oportunidade de exercitar e fazer a diferença

RP23 O NEMA cresce se modifica e se mantém graças aquilo que todos nós deixamos

MV9 A experiência confrontada com a incompletude

RP 19 A diversidade de atividades como essenciais para a formação profissional e pessoal

MV6 Como é que se aprende a ter consciência ambiental

F11 - Muitos aprendizados

H8 - Aprender a aprender

F10 - Atuação no NEMA

H23 - Sonhar junto, a energia humana para um trabalho de alta qualidade

JC20 - NEMA uma escola

JC22 - Escola de vida

ML 4 - Trabalho de conclusão inspirado no NEMA

ML 1 - Escola de seres humanos especiais

A11 - Escola metade homem, metade ideais

A41 - Escola de vida: autonomia de ação e ideias..

CR3 - Ser sensível ao que rodeia

D9 - Aprendizado do compromisso

D10 - Mostra do mundo orgânico

D14 - Proporciona ter outra visão da realidade

Subcategoria Referência

G40 Independência de princípios, retidão de ação e foco nas atividades

G44 Incansável batalha

G45 Risco de transformar o nosso trabalho em mais uma lenda

LM8 Referência de conservação do meio ambiente

L9 MA como preocupação e respeito da administração municipal

G32 Questionar os fatos da realidade

G33 Proposição de alternativas

G34 Formalização e capacidade técnica

G43 A persistência

H9 - Perseverança para seguir

H21 - Referência Positiva

JC6 - NEMA um caminho

H13 - NEMA como frente de ação nacional

LU 3 - Admiração e respeito pelo que ele é

H19 - O protagonismo que sempre marcou a organização acabou moldando todos nós,

LU 6 - Resultados concretos

A21 - Quem é sempre retorna

CR6 - Grupo forte e batalhador

JB21 - A perspectiva de fazer parte do chafariz

L19 - Trabalhar em uma ONG séria é possível

LI20 - Conhecer para confiar

Subcategoria Formação de gerações

LM6 As gerações formadas e a inspiração para as pessoas

L11 A semente que germinou

K3 Formando gerações

K5 NEMA vivo passando por gerações

K1 Relação com o NEMA na infância

K2 Eternamente comprometido com o MA

M1 A descoberta na infância de trabalhar com o MA

LM7 Vivência no Nema pode ser uma referência

H6 - Grandes qualidades pessoais e profissionais
JC17 - O intelectual orgânico nasce e mexe no meio social
LU 5 - Laboratório formativo
K62 a K67 - A despedida
A15 - Feito de gente da melhor qualidade
A16 - Só me estenderam a mão
A17 - Não basta indicação, precisa intenção e trabalho
A18 - Muitas oportunidades ofertadas
A33 - Sonhos mas com responsabilidade
BL 5 - Percepção de um futuro melhor ainda
JB6 - Fonte de crescimento profissional
L15 - Ampliação os espaços de atuação
ME22 - Exemplos de vida que levo

Subcategoria Caminho profissional

J23Rio Grande – Nordeste cuidando das tartarugas
J27 A partida
Z12Afastamento e Reconhecimento
Z13Outros caminhos
M3Alegria e orgulho de ter o NEMA como referencia hj
P2Influência na escolha da profissão e espírito crítico
RP 20 Confiança para partir
RP 21 A carreira profissional com base nas convicções sólidas construídas no barraco e com os amigos
D7Direcionamento dos meus caminhos profissionais
G28 Um tempo para exercitar a prática
M2A influência para o despertar
P3O saber, apreciar o MA ancorado em experiências passadas
P6Motivação para continuar na luta pela conservação e valorização da comunidade
GS 3 Referência de qualidade e de resultados concretos
RP1Momento importante na minha formação pessoal e profissional
J1Preenchendo os espaços da memória...
F13 - NEMA fundamental na formação
F14 - Outros caminhos
H22 - As escolhas futuras fruto da experiência NEMA
JC7 - Direção que parte de uma experiência criativa
A46 - Trabalho por liberdade
A50 - A saída indesejada
D12 - Outros caminhos para a realização profissional

Subcategoria Experiência

JC8 - Conexão com a experiência
JC5 - Lugar do limite da relação homem natureza
JC26 - Conexão dos resultados com as nossas verdades
JC27 - Aguçar sentimentos e por em alerta
K1 a K15 - A busca
LU 2 - Representa experiências incorporadas no que sou hoje
LU 4 - Espaço da intervenção e do sonho
LU 7 - A primeira experiência com a EA e com a Cleusa
LU 33 - Representar minha experiência NEMA por meus desenhos, minha arte, minha sensibilidade, meu olhar
ML 5 - Vivências e experiências práticas me transformaram de estudante em profissional da área ambiental
A24 - Construção, desconstrução de conceitos, transformações divinas
A32 - Sugar e experimentar
A39 - Fazer para fazer a diferença
A44 - Deixa o NEMA te levar
JB20 - Deixa o NEMA te levar
D8 - Primeira experiência profissional duradoura

Subcategoria Coletivo

H3 - O coletivo
H4 - Compartilhar ideias
LU 9 - Sentir-se parte dos sonhos e desejos
H11 - Humor para o enfrentamento
JC9 - Todos interagindo em estrutura
JC13 - Conexão e clareza das funções
JC25 - Práxis coletiva

K16 a k32 - O encontro
LU 10 - Trabalho coletivo de aprender como acontece o trabalho interdisciplinar
LU 28 - Trabalhar em equipe, trabalhar com os amigos
LU 32 - Orgulho de pertencer ao grupo e ver que minhas imagens dão continuidade à minha presença
ML 3 - Inserção na equipe
A22- Experiência intensa
A23 - Cada um vive o NEMA do seu jeito
L12 - Dedicção de um sonho coletivo
L14 - Aprender com o trabalho em equipe, com as outras áreas
A30 - Diversidade de profissionais comprometidos com o bem estar social e ambiental
LI4 - O trabalho coletivo e engajado
MA3 - Aprender no coletivo com respeito à individualidade

Subcategoria Rupturas

P5 A saída do apartamento e a escolha pela Biologia
MV7 O urbano vem para a praia
MV2 Entendimento político da realidade e implicado até os ossos em movimentos coletivos
G16 Mudança radical
F1 - Chegada precoce
F3 - Cassino dos jovens sonhadores
H1 - Grupo que queria mudar o mundo
H16 - Sensação de estrangeiro
LU 1 - NEMA uma fase importante
A26 - A chegada com pré-conceitos de ONGs mas necessidade de aprendizagem
A27 - Experiência em uma ONG: bichos-grilo sim, mas com organização
A28- Livre do preconceito
A29 - ONGS possuem computadores e pessoas trabalhando
A31 - Todos tinham sonhos
A43 - O modelo de trabalho é outro
CR2 - Despertar de um olhar crítico
D7 - Outra forma de trabalhar sem deixar de ser eficiente
JB13 - Fonte de dúvidas: autonomia para novos caminhos
JB 14 - Fonte de contradições do sistema capitalista
ME3 - Quase desistindo

ANEXO II

Há quem diga que o NEMA é uma entidade divina, um ser, chamado “Seu NEMA”. Há aqueles que acreditam que o NEMA é um professor.

Difícil falar do NEMA sem ter um olhar romântico, idealista... *Sintetizar um misto de emoções, sentimentos, lembranças e sonhos provocados por essa pergunta...* o NEMA para mim é um pouco do que eu posso explicar e um pouco do que eu posso sentir.

A verdade que o NEMA é um ideal, um ideal de vida, de sociedade, de mundo. Se não concretizado, ao menos intencionalmente vivo pela mudança.

Mas essa é uma história de amor, de bem querer com a natureza, de bem querer pelos amigos, de um bem querer pela vida, pelo planeta, pelo cosmos. Um bem querer que brota de uma essência, de algo original, capaz de animar nossa existência e sobrevivência.

Muitas boas ideias brotam naturalmente, sem muitos planejamentos, ou mesmo sem nenhum com foi o caso. E dependem das pessoas apenas vingarem ou não. Essa foi e esta sendo feita por pessoas, muitas vezes contra a maré e a corrente....mas segue. O Nema representa como espaço de trabalho com amigos, tanto

“velhos” como novos e na forma flexível de conseguir meios para realizar seus objetivos, porém com uma consistência forte de princípios éticos na relação com a natureza e com as pessoas que convivem mais diretamente com ela, principalmente pescadores e comunidades costeiras.

Representa a minha história e eu, para o Nema, a pré história.

Grande aventura na minha juventude e começo de carreira. É “tudo de bom” que uma organização deve reunir: flexibilidade e efetividade na ação, consistência de princípios e relacionamento humano com respeito e amizade.

Talvez a uma imagem para o NEMA seria a de um grande chafariz. Um chafariz lindo, enorme, cheio de cores, de onde brota água e luz. Uma fonte construída, por muitas pessoas, com vários estilos representados. *Outros significados que o NEMA assume para mim: RESPONSABILIDADE, ÉTICA, ESTÉTICA, COOPERAÇÃO, COLABORAÇÃO, CRIATIVIDADE, COMPROMETIMENTO, ADAPTAÇÃO.*

Pessoas importantíssimas se juntaram a esta iniciativa, que tenho medo de esquecer alguém, mas Éder, Leo, Henrique, Cleusa Peralta e seu marido, Lelena e o professor de fisiologia, Euclides, ajudaram em muito não só no dia a dia (lembro que a 1ª. função do Éder foi de cuidar dos aquários...),

Os anos que trabalhei junto ao NEMA, me proporcionaram uma prática constante e multidisciplinar e a companhia de grandes amigos. A atuação e o envolvimento em vários projetos e a dinâmica do grupo resultaram no meu enriquecimento como profissional.

Colegas de trabalho, que se tornaram os mais fiéis amigos e confidentes. Significou um início de uma espiral de amizades que hoje vejo indispensável. Possibilitou uma identificação com essas pessoas, gente com valores e crenças parecidas com as minhas.

A motivação para conhecer e entrar no NEMA vem das pessoas. A vibração contagia o ingresso como *a Carla que apaixonada pelo teu trabalho seduzia a todos! De conhecer o NEMA a fazer alguns dos amigos mais importantes da minha vida foi um pulo.*

Cheguei lá através de um relato de uma arte –educadora como eu, que apaixonada – Luciane Goldberg – deixou-me empolgada a participar de um trabalho tão vibrante. *Fiz muitos amigos, exemplos de vida e de profissionais comprometidos com o seu trabalho e com a continuidade de*

um projeto de vida institucional. E são estes os meus exemplos, que me permeiam. Que me fizeram (re)aprender a sonhar e a acreditar no trabalho realizado.

No primeiro ano como jovem professor da FURG, conheci um “pessoal da Oceano” que estava montando um bar chamado Kaya: Gordinho, Lelena, Régis Pinto, Dani, Rico, Éder... Lembro que pintei a palavra Kaya para eles num muro do quintal da casa onde o bar foi organizado. E assim fui conhecendo uma tribo inteira: Joca, Carla, Sabugo, Marcos, Rita, o Régis que era músico e nos deixou cedo demais, Aranha, Dênis...

Com a energia de trabalho do Bar Kaya, conversando com os colegas e amigos do Bar (Rico e Gordinho) mais alguns outros empolgados em fazer algo diferente, como Danielle Paludo, Régis Muller, Luciano Brusque e Beto Tagliani, começamos a discutir na Vila Vozinha (QG), como dar continuidade ao trabalho do NEA, que o JOCA havia começado em 1985, junto a Autarquia do Balneário Cassino.

O NEA que depois virou NEMA, nome mais adequado inclusive ao que já fazia, já tinha muita gente envolvida, pronta para seguir seguindo.. o que hoje é uma das experiências de entidade costeira mais bem sucedidas que tenho notícia.

Bom, ideias não faltavam, tudo regado a muita festa, musica, bebidas e outras cositas mas, inocentes na época, apesar de já mal vistas.

As derrubadas na Vila Avozinha ou nas casas de um de nós eram grandes conagraçamentos, muitas vezes berços de novos projetos, acertos das relações, desabafos, namoros e ressacas. Lidar com essas carências e negociar as ausências com a família foi outro capítulo, com ares de drama, por vezes.

Mas a Vila Avozinha também foi espaço para profundas discussões. **Muitos e muitos dias e noites nos reunimos em volta daquela grande mesa da Vila Avózinha, opiniões diversas, discussões, mas uma base teórica sólida estava sendo construída.** Um espaço pioneiro e único para a discussão

de temas afeitos à complexidade, imbricação e aberração da relação entre a questão ambiental e os seres humanos.

Sem duvida muita coisa e muita gente ficou pra trás, no tempo e na memória, e fui injusto com alguns. Enxergamos as coisas do nosso angulo, com diferentes visões em diferentes momentos, portanto natural as varias versões própria e de terceiros.

Pensar no NEMA é pensar em uma nova abordagem para a ciência, se vista por outro paradigma, em meio a um intrincado sistema de relações.

Essa maneira de sentir/pensar/agir sempre foi algo muito fora do contexto de Rio Grande, sempre um pouco a frente de seu tempo, vislumbrando e vivendo outras influências como Paulo Freire, Capra, etc...).

Pensamos então na sede, no velho barraco, para termos onde levar os bichos, e já com a primeira ideia de fazer educação, que chamamos de Ambiental. O caminho era a Educação Ambiental marinha, ausente na FURG e recém falada em poucas publicações disponíveis na época e o monitoramento de praia. Na época não tínhamos um método pedagógico de EA e o prof. Haroldo doou-me um livro relatando as práticas que eram realizadas em uma universidade norte americana, que eram baseadas em experiências sensoriais das crianças, de forma a desenvolver a sua sensibilidade à natureza. Tratava-se portanto de uma educação ambiental com enfoque naturalista.

O resultado prático desses debates e de estudo sistemático foi a criação dos programas de educação ambiental dos primeiros projetos, como o "Mentalidade Marítima".

O trabalho pioneiro do Mentalidade Marítima, com base intuitiva mas com uma dedicação coletiva, foi fundamental para transformar o NEMA num local de referência. O NEMA representou na minha vida o início da Educação Ambiental em Rio Grande e o início da EA na minha vida também. Esses inícios foram marcados pela senda da Interdisciplinaridade.

Impregnado pelos recém surgidos ventos do pós-modernismo, até mesmo a crítica e a contestação exigiam da gente uma posição muito bem demarcada e uma forte impregnação dos valores pelos quais debatíamos. Não era plausível separar a teoria da prática. Nossos projetos de EA mudaram o modo de ver o ambiente humano imaterial dessas pesquisadoras. Elas, por sua vez, estão multiplicando esses inícios pelo mundo afora.

A proposta foi que eu me aproximasse mais do grupo em função da suposta carência pedagógica do projeto. Com minha parca contribuição na reflexão filosófica e pedagógica, começamos a discutir diferentes espectros de ação (com moradores do Cassino, da Querência, com veranistas, com escolas da rede pública, ampliando - ao longo do tempo - para a 4^a. Seção da Barra e até o Taim). Contribuir para o desenvolvimento de técnicas, métodos e práticas voltadas à educação focada na área ambiental seja no ensino formal ou não formal;

Ainda tenho a visão daquelas aulas laboratório com alunos dos bairros Bolacha e Querência chegando de cavalo, carroça naqueles dias frios do inverno, naquela caminhada da Vila Vozinha carregando a pé o projetor de slides da FURG, coberto com toalha para não pegar chuva....

Como decorrência dessa trajetória, o NEMA representa, única e exclusivamente por mérito das equipes - em termos abrangentes - que desenvolveram atividades e dirigiram a instituição, uma das principais, se não a principal, referências voltadas à compreensão, divulgação e disseminação de informações, bem como educação para a manutenção dos atributos naturais da na zona costeira e marinha brasileira.

Significou um amadurecimento grande em relação a mim mesmo, a capacidade de negociar, de entender melhor as necessidades dos outros e compreensão dos processos.

Liberdade/expansão - pura combinação que deverá explorar o limite.

Sempre temos algo a dizer nas reuniões, e sempre tentamos, nesses espaços, sermos críticos, construtivos, leais aos princípios solidários e verdadeiros.

O NEMA representou uma dessas portas, dessas frentes, dessas zonas de fronteira que se abriram. Os dias passados no barracão ou nas escolas foram momentos de ampliação dos meus pontos de contato com a realidade. E a cada vez, em cada situação, algum solavanco eu levava.

Uma estrutura pela qual, pensamentos, comportamentos, saberes, atitudes, fluem conduzidos por um balé de conexões. E a Educação Ambiental muda tudo.

Os conceitos de EA que me foram apresentados ali, hoje são tão intrínsecos à minha maneira de ser que parece que eu sempre fui assim e que não existe outro jeito de ser.

Uma simples combinação entre sentimentos, razão, natureza, tempo e espaço, em meio propício, De Relações, de Humanidades, de Ecologia. O início desse período significou a materialização de um ideal, o ambientalismo deixou ser abstrato, tomou forma, várias formas.

Foi a minha entrada na educação ambiental. Ampliou o meu conceito de educação ambiental para muito mais do que apenas cuidar das plantas, dos animais e dos ambientes, da "natureza" separando ela do ser humano. o NEMA significa muito para mim, significa minha constituição enquanto oceanóloga e educadora ambiental,

Permitiu-me trabalhar com oceanólogos que viam a Oceanografia de uma outra maneira. Não fragmentada como na universidade mas integrada, imersa na sociedade e não separada dela. Reencontro e encantamento pela Oceanografia pela veia da educação

O NEMA representa hoje na minha vida uma possibilidade exitosa de como a arte pode ser um instrumento de luta no caminho da EA emancipatória.

Passados tantos anos, me orgulho em constatar que no NEMA não se faz EA sem arte. Preciso dizer mais? Isso me constituiu como a primeira arte-educadora (vinculada ao movimento das associações de arte-educadores do Brasil - AGA e FAEB)

A arte tem esse poder de eternizar, de se multiplicar, de tomar vida pelos olhares do 'outro'.

Tentando ensinar o grafismo infantil ao grupo de jovens cientistas, para que estes entendessem melhor os desenhos das crianças, me dei conta de como se dava a inter na prática.

Pensamento convergente e divergente se encontravam - sempre em exaustivos debates na fronteira artes-ciências. Acho que depois desses debates, verdadeiras sessões de pensamento intuitivo, fomos todos nós nos constituindo como artistas-cientistas.

Quando cheguei à FURG, na segunda metade dos anos 80, fui trabalhar no Departamento de Letras e Artes com disciplinas cujo tema era, sobretudo, a arte contemporânea. As articulações primárias eram feitas especialmente no âmbito da cultura brasileira, estendendo pontes com a semiótica, o cinema, a música, a literatura, a performance e a poesia. Tudo era conceitual.

Minha primeira experiência foi justamente em uma das Oficinas do recém nascente Projeto Mentalidade Marítima. O lance era a vivência de situações de consciência ambiental em sintonia com práticas de sensibilização e expressão. Arte e Educação Ambiental.

Estou visceralmente ligada a esse fazer interdisciplinar. Aprendi a sistematizar meus estudos e investigações com o Éder Paulo e o Léo, naqueles tempos, o que me ensinou a ser também uma cientista da arte. Aprendi com vocês, contigo, especialmente a descobrir a diversidade no ambiente monocromático da praia do Cassino, naquelas saídas com crianças e professoras. Depois desse aprendizado inicial, me lancei por mares cada vez mais profundos da EA.

A Cleusa, com quem eu vivia, é que se envolveu com mais profundidade, em parceria com o Marcos Pereira, que era também colega da FURG. Os dois foram criando um método de ensino alternativo, híbrido, com a bagagem de artes e filosofia, junto com o pessoal do NEMA, que entrava com a parte de ciências do ambiente. Era um trabalho difícil, pois os "dois lados" apenas começavam a conversar depois de séculos de separação, e lembro que as dificuldades existiam.

O trabalho com a arte contemporânea e a arte-educação foram amolecendo minha casca, me deixando um pouco mais suscetível ao mundo. Naquele tempo, acho que já vivia coisas que só fui aprender a dizer muito tempo depois.

A abordagem holística, fortemente influenciada pela valorização da arte e na aposta na sensibilidade do ser humano acabou por me transformar também. Um espaço lúdico, artístico, educativo, científico, empírico, pragmático, filosófico, de comemoração, de brincadeira, de valorização dos amigos, tudo junto e que convivem bem, se complementam e que tornam o Nema diferente de todos os lugares de trabalho que já conheci - o mais legal de trabalhar.

O olhar mais apurado, o amor pelo ambiente e por sua diversidade e o conhecimento científico permitiram que eu criasse as imagens - desenhos e pinturas - atividades e lugares tomaram vida através dos traços e cores que fluíam dessa intensidade, desse olhar, desse amor, desse desejo de cuidar e de educar nossa população para um encantamento com esse universo tão rico que nos cercava.

Desnecessário dizer da sensibilidade estética expressa nas publicações do NEMA, sempre atentos que estão ao fazer e apreciar a arte. É isso.

A influência do NEMA na pesquisa em arte

Nesta época, eu desenvolvi uma pesquisa com objetos feitos a partir de fragmentos naturais e culturais, que foi a base do meu Mestrado em Educação Ambiental, que até foi exposta na Alemanha, e que, penso eu, foi muito influenciada por toda aquela atmosfera de viver o ambiente e querer ensinar sobre ele, de pensar ambiente e estética no mesmo processo, coisa que repercutiu, mais tarde, no Doutorado, também.

Minhas imagens povoaram o NEMA, a praia do Cassino, a cidade do Rio Grande e foram parar nas mãos de crianças, pescadores, vagoneteiros, professores, pesquisadores – como explicar essa sensação?

É como se eu me mantivesse viva nesse lugar. Eu faço parte dessa história – eu sou esse lugar.

O prazer estético proporcionado pela natureza estava presente em nossa rotina o que para mim gerava um sentimento de equilíbrio, uma sensação de 'pertencimento'.

Hoje quando chego no NEMA eu me reencontro, eu me vejo nos desenhos e ilustrações que estampam paredes da instituição, camisetas, cadernos, cartões postais e, muitas vezes as ruas em placas e outdoors.

NEMA protagonista da minha dissertação, momento mais rico de construção do conhecimento de minha trajetória

Ele foi meu 'objeto' de pesquisa no que tange a relação entre artes e ciências do ambiente e a importância da educação estética para a educação ambiental, o que vim a denominar como estética valorativa do ambiente.

Através da dissertação pude vislumbrar que o NEMA proporcionou a construção de um imaginário ambiental que se deu a partir da presença da arte em todas suas atividades educativas, desde a fotografia aos materiais gráficos didáticos produzidos e a metodologia construída, imaginário esse estampado em milhares de desenhos infantis de crianças que vivenciaram atividades interdisciplinares de educação ambiental no seio do projeto "Ondas que te quero mar".

A estética, uma sabedoria empírica que se expandiu e tornou-se uma marca no fazer educação ambiental

Apreendi inclusive a aprender! No tempo que estive lá passei a trabalhar no programa de gráficos corel draw, primeiro pela necessidade da Rita de uma ajuda para tal, e depois pelo prazer de ver as coisas ficarem prontas e mais bonitas. Dominei o programa com a ajuda coletiva de quem já sabia algumas coisas, e de outros tantos colegas com inspirações e colocações estéticas apuradas.

Todo esse universo de mergulho proporcionado pela pesquisa me levaram a descobertas que construíram um ideal profissional – eu acredito na potência e na força dessa visão – é possível sim mudar o mundo, torná-lo mais poético, mais sensível e mais belo aos olhos das pessoas que o habitam.

Nas falas de seus principais integrantes – os que tive a oportunidade de entrevistar, foi latente a preocupação da instituição com a questão estética, uma sabedoria empírica que se expandiu e tornou-se uma marca no fazer educação ambiental, um diferencial construído historicamente pelos atores que por lá passaram – e foram muitos: cientistas e artistas trabalhando juntos, em comunhão.

Querendo mudar o mundo, inspiração para dissertação De minha parte eu cheguei no NEMA querendo mudar o mundo, não sabendo muito como. Em minha dissertação de mestrado descrevo este momento:

É difícil expressar o significado que o NEMA teve e continua tendo na minha vida.

Tenho um enorme carinho pelo NEMA. Foi uma bênção ter participado desse processo.

Momentos de ampliação dos meus pontos de contato com a realidade.

Grande parte do que sou tem raízes no NEMA

Acredito que grande parte do que sou, penso ser e acredito ser tem raízes no NEMA. Esta instituição representa respeito ao meio ambiente e a sociedade e, acima de tudo, é um exemplo de persistência. O NEMA me motiva.

A filosofia de trabalho da instituição, baseada na cooperação e apoio mútuo de seus integrantes foi uma grande experiência, agregando valores que foram extremamente importantes no desenvolvimento de minha carreira na área ambiental.

O NEMA para mim hoje é um orgulho! Acompanho o seu crescimento de longe, através de notícias, informações de amigos e pesquisa. Nas minhas visitas aos filhos aí no Rio Grande, indo ao Cassino, faço questão de pelo menos passar na frente do antigo barraco. Se a porta estiver aberta entro, porque sempre rola o saudoso chimarrão e a volta a um passado que para mim foi muito feliz.

O NEMA pra mim é isso. Fonte de muitas coisas: conhecimento, informação, amizade, sustento, crescimento pessoal, dúvidas, contradições, descobertas e redescobertas. O NEMA proporciona a transformação pessoal, permite vivências, experiências e trocas. Condições necessárias são propícias para combinar sentimento e razão. Se forja uma forma de agir e é nesse momento que algo se modifica se transforma e nos conduz de forma dialética, JC19 - revela possibilidades e impele a um fazer, a um agir transformador. Fez parte de um grande momento da minha vida, um momento de transformação como pessoa, como mulher, como mãe, e Isso é o Nema pra mim, o período de mais luz na minha vida, o tempo mais claro, um porto seguro pra voltar a qualquer tempo. Mais do que o único caminho, um caminho que transforma para fazer diferença nas pessoas e no mundo.

Tem gente que entra e fica, se encontra, se transforma;

Porque mais do que um instrumento de trabalho, agora eu sei que sou uma agente de mudança, e isso eu aprendi no NEMA. NEMA um ser que vive e transforma pessoas.

Foi dentro do Nema que passei a sentir que a verdadeira riqueza e felicidade é ter um estilo de vida simples, dando à natureza o espaço que deveria lhe pertencer em nossas vidas. Obrigada à equipe do Nema, por ter feito e, de certa forma, ainda fazer parte da minha vida.

O NEMA com toda paciência do mundo me transformou numa profissional! Num processo continuo me mostrou responsabilidades, prazos, necessidades operacionais, processos de trabalho, atuação em rede, e muitas outras coisas. Impossível descrever, e espero não ter sido tão evasiva, mas considero essa passagem pelo NEMA como uma mala cheia que saí carregando!

Eu entrei um e saí outro.

ANEXO III – RELATOS

RELATO 1

Olá Carla;

tudo bem guria?

Logo que eu li seu e-mail, tive que recorrer ao site do Nema para me situar cronologicamente e poder comentar a sua pergunta.

Por um acaso, nessa semana, recebi um telefonema de uma bióloga que queria me entrevistar no IBAMA. Ela está fazendo mestrado sobre a criação da APA da Baleia Franca, onde tive uma pequena participação e, igual a essa sua, já havia me esquecido de muita coisa. Datas, pessoas, locais, procedimentos etc. A guria ficou um pouco decepcionada comigo e eu comigo mesmo.

Ocorre que eu e alguns colegas não participamos de todo o processo de criação da APA, porque depois, entrou uma outra equipe e tomou as rédeas da coisa.

Com o Nema foi mais ou menos assim, porém, com um detalhe a mais Carla: eu não participei da idéia, da gênese e organização do NEMA.

O Nema foi criado em 1985 e o barraco em 1986. Eu me formei em 1984. Quando estava na Bahia trabalhando no TAMAR em 1986, recebi a notícia da criação do Núcleo pelo Joca Thomé.

O ano passado, quando eu estive aí com os meus filhos, o Kleber me contou que as fichas de monitoramento mais antigas do NEMA eram as que eu, Joca, Garreta e outros, havíamos feito, creio, entre 1983 e 1984. Eu e Joca voltamos do estágio do TAMAR na Bahia 1982/83 e começamos a fazer o levantamento de tartarugas mortas no Cassino, ...acho também que fazíamos anotações de aves e mamíferos.

Esse trabalho da mortalidade de tartarugas foi apresentado na Primeira Semana Acadêmica de Oceanografia que ajudamos a organizar.

O Nema, dessa forma é um filho que eu ajudei, inconsciente, na concepção, mas não na sua criação. Hoje, vejo que, sem pensar nesse fim, estava na olaria amassando o barro dos tijolos. Já a ideia, foi formulada por aqueles que continuaram o trabalho e vislumbraram o horizonte que aquilo podia alcançar. Talvez, a melhor coisa a fazer é uma mesa redonda regada a vinho com essas pessoas para garimpar os detalhes que se perderam momentaneamente no tempo. "O tempo, esse tirano que destrói até a memória".

O Nema representa a minha história e eu, para o Nema, a pré história.

De qualquer maneira fico muito feliz de ser mencionado nos relatos.

Se tiver um tempo, vou procurar algumas fotos desse período.

Carla, espero ter te ajudado um pouco no seu trabalho. Pode me perguntar mais a qualquer hora.

Um grande abraço

B. F.

RELATO 2

Olá Carla,

Vou relatar os fatos que vivenciei de acordo com minhas lembranças. Não sei exatamente o contexto que vc gostaria (se pessoal ou profissional), mas vou me ater aos fatos.

Assumi a coordenação do então NEA, creio que em 1985 (O Joca pode confirmar das datas) quando o Joca "me passou o cetro". Eu estava retornando do mestrado. Mudei então o nome para NEMA para incluir uma atividade que vínhamos realizando que era o Monitoramento Ambiental. Na época não tínhamos um método pedagógico de EA e o prof. Haroldo doou-me um livro relatando as práticas que eram realizadas em uma universidade norte americana, que eram baseadas em experiências sensoriais das crianças, de forma a desenvolver a sua sensibilidade à natureza. Tratava-se portanto de uma educação ambiental com enfoque naturalista.

Posteriormente, houve uma reunião do projeto Lagoa no galetto Caxias, onde o professor Vooren apresentou-me ao Dr. Clerenio que era o coordenador da CIRM na época, quando então tive oportunidade de falar-lhe sobre o NEMA. O Dr. Clerênio então recomendou-se buscar recursos junto ao Programa Mentalidade Marítima, criado pela Dra Judith Cortesão para a Marinha (Creio que existe até hoje). Nasce assim o projeto Mentalidade Marítima que foi conduzido se não me falha a memória pelo Léo, Pinto e Dani

Abraço a todos e desculpe a pressa...

B.

RELATO 3

O NEMA representou na minha vida o início da Educação Ambiental em Rio Grande e o início da EA na minha vida também. Esses inícios foram marcados pela senda da Interdisciplinaridade. Tentando ensinar o grafismo infantil ao grupo de jovens cientistas, para que estes entendessem melhor os desenhos das crianças, me dei conta de como se dava a inter na prática. Pensamento convergente e divergente se encontravam - sempre em exaustivos debates na fronteira artes-ciências. Acho que depois desses debates, verdadeiras sessões de pensamento intuitivo, fomos todos nós nos constituindo como artistas-cientistas. O resultado prático desses debates e de estudo sistemático foi a criação dos programas de educação ambiental dos primeiros projetos, como o "Mentalidade Marítima". Passados tantos anos, me orgulho em constatar que no NEMA não se faz EA sem arte. Preciso dizer mais? Isso me constituiu como a primeira arte-educadora (vinculada ao movimento das associações de arte-educadores do Brasil - AGA e FAEB) a fazer educação ambiental em nossa cidade. Estou visceralmente ligada a esse fazer interdisciplinar. Aprendi a sistematizar meus estudos e investigações com o Éder Paulo e o Léo, naqueles tempos, o que me ensinou a ser também uma cientista da arte. Aprendi com vocês, contigo, especialmente a descobrir a diversidade no ambiente monocrômico da praia do Cassino, naquelas saídas com crianças e professoras. Depois desse aprendizado inicial, me lancei por mares cada vez mais profundos da EA. Mas a pergunta tem uma resposta bem objetiva: O NEMA representa hoje na minha vida uma possibilidade exitosa de como a arte pode ser um instrumento de luta no caminho da EA emancipatória. A prova disso é que arte-educadoras como a Cláudia Campestrine, a Rita Rache, a Luzinha Goldberg, a Nara Marone que dialogaram conosco nessa senda inter, hoje são autoras de artigos, teses e publicações muito instigantes. Somos citadas nessas publicações (ver a dissertação da Luzinha, especialmente). Nossos projetos de EA mudaram o modo de ver o ambiente humano imaterial dessas pesquisadoras. Elas, por sua vez, estão multiplicando esses inícios pelo mundo afora. Desnecessário dizer da sensibilidade estética expressa nas publicações do NEMA, sempre atentos que estão ao fazer e apreciar a arte. É isso.

Depois podemos nos agendar para eu poder te ajudar mais de perto. Um abraço.

C.P.C.

RELATO 4

O NEMA foi uma grande aventura na minha juventude e começo de carreira. Havia espaço, liberdade e criatividade para experimentação, para testar a resistência e as possibilidades (do que tínhamos disponível e de nós mesmos), praticar o conhecimento da universidade (usar e retrabalhar, traduzir, conhecer mais), fazer o máximo com o pouco recurso que tínhamos. E todo o esforço feito era bem vindo e bem recebido - pelas crianças, pelos amigos, por todos, gerava muita satisfação, e acho que isso fazia com que eu fizesse sempre o melhor que me era possível. Acho que todos que estávamos no NEMA naquele tempo dávamos o melhor de nós, fazíamos da melhor forma que nos era possível, com gosto. Pessoalmente foi muito importante, acredito que ajudou a desenvolver uma força e confiança muito grande que eu tenho no poder das coisas bem feitas. Sei que no período que atuei no NEMA fiz boas coisas para a praia do Cassino e para algumas pessoas, aprendi a melhor administrar as minhas capacidades pessoais e formação recente em oceanografia, e que foi um período importantíssimo no direcionamento dos meus caminhos profissionais posteriores. Tenho um enorme carinho pelo NEMA. Foi uma bênção ter participado desse processo.

Desculpe ter demorado tanto a te escrever. Se você precisar de algo mais histórico das minhas impressões, não sei se vou me lembrar das datas direito, mas posso tentar.

Um gde beijo. muito carinho e admiração. D.P.

RELATO 5

Carlinha, aí vai:
beijo, G.S.

O QUE O NEMA REPRESENTA E OU REPRESENTOU NA MINHA VIDA

O Nema representou para mim, durante os anos que estudei na FURG (80 a 85) um espaço de aprendizado e de contato direto com a praia, os animais e as pessoas que a utilizavam. Foi importante tb para experimentarmos uma forma alternativa de se fazer pesquisa de campo sem o apoio formal da Universidade. Depois de formado e atuando na área de conservação marinha, o Nema passou a ser uma referência de qualidade e de resultados concretos de uma organização pequena no tamanho, mas grande nos objetivos alcançados. Outro aspecto importante para mim é o que o Nema representa como espaço de trabalho com amigos, tanto “velhos” como novos e na forma flexível de conseguir meios para realizar seus objetivos, porém com uma consistência forte de princípios éticos na relação com a natureza e com as pessoas que convivem mais diretamente com ela, principalmente pescadores e comunidades costeiras.

Em resumo, o Nema representa para mim “tudo de bom” que uma organização deve reunir: flexibilidade e efetividade na ação, consistência de princípios e relacionamento humano com respeito e amizade.

RELATO 6

NEMA(NEA)-Minha visão resumida da (h)história

Difícil relatar algo passado há 30 anos atrás, com tanta informação preenchendo os espaços da memória...na verdade precisamos deletar as insignificantes, quando conseguimos distingui-las. Início dos anos 80, ditadura em vigor, abertura despontando, jovens de todas as partes do mundo, ambiente acolhedor(não o clima), tudo contribuindo para as iniciativas brotarem. Tudo por fazer. Eu fazia parte do Conselho Universitário como representante estudantil, sem direito a voto, mas com voz. Tremula mas com voz...tempos difíceis...

Estudantes, moradores do Cassino, vivendo intensamente aquele ambiente maravilhoso, forte, marcante para toda uma vida de muita gente.

Muitas vidas, poucas humanas, cassinão no inverno deserto ainda. Muitos bichos, peixes, mamíferos, quelônios, aves...costeiros e marinhos. Muitos mortos, ou doentes...E começamos assim, cuidando dos bichos doentes. Na verdade encontrei no Badanha o parceiro para essas empreitadas. Ele já tinha o binóculo e hábito de observação das aves e morava na Vila Vozinha com muito espaço no quintal.

Alias Badanha, Garreta e eu fazemos parte de uma pequena turma que entrou no meio de 1979 transferidos de outras Universidades. Acho que a única vez que se fez transferência na FURGA. Sorte, destino,.....simplesmente escrevi, sem conhecer nada, tinha vaga e me fui...vindo do interior e tendo visto o mar duas vezes na vida. Mas tinha me inscrito para oceanografia no Rio de Janeiro. Mas passei em Agronomia...

Comecei minha convivência com o mar através das caminhadas matinais, vespertinas ou noturnas, na praia, a pé, bicicletas, ou mesmo à cavalo, nas costas da egua Rosinha, minha grande companheira das noites estreladas, a me aquecer no frio do minuano. Ou ainda nas saídas de campo para observar aves com o professor Vooren, com quem fiz meu primeiro estágio. Choque da realidade entre a emoção e a razão. Observávamos no binóculos os talhamares (*Rhincops nigra*) a voarem maravilhosos literalmente cortando os mares, e a responder ao mestre. Qual a cor das penas primárias? Das secundárias? Lindo não? Os doentes, ou com óleo no corpo levávamos, Badanha e eu, e vários companheiros e companheiras lógico, que teria que fazer uma lista enorme, para a Vila Vozinha, onde moraram muitos, ou para a casa de alguns felizardos que conseguiam casas com piscinas, ou que tinham algibre(deposito subterrâneo)de água de chuva para que os lobos marinhos, pingüins, petreus, etc pudessem se recuperar e voltarem aos mares. Apenas uma atitude de cuidar dos bichos.

Assim fazemos durante um tempo, na Kombi do Garreta, até *Dermochelys* transportamos, vivas e putrefas. Urubus das praias éramos.

Em 1982, no simpósio de ecossistemas costeiros realizado na furg com ajuda da Duke University, onde também participamos na organização pois eu era representante da oceano pelo Diretório dos estudantes, conheci uma bióloga e seu namorado, do ES que me informou que fariam o primeiro ano do trabalho de campo do Tamar, protegendo as desovas de careta e *Dermochelys* em Regência. Já me alistei como voluntario e para la fui em dezembro de 1982 ficando ate Marco de 1983. Maravilhosa experiência, contraste também entre a emoção e a realidade. Proteger animais ameaçados, lidando com a realidade de quem se alimentava dos mesmos. Ensinaamentos que universidade nenhum propicia.

Voltei com outra cabeça e cheio de gás.

Intensificamos os trabalhos na praia com um Gurgel velho, presente do meu velho pai, sem portas e capota rasgada, no ameno inverno riograndino. Mas fizemos a capota de lona e as portas de madeira e seguimos percorrendo as praias, resgatando animais e registrando as ocorrências, no meu caso focando mais as tartarugas agora, e quase matando Vooren de pneumonia.

Como não tínhamos dinheiro, só o carro, fomos buscar ajuda na autarquia do Cassino onde tivemos a felicidade de conhecer Lempeck que prontamente se propôs a conseguir o

combustível. Só que só tinha álcool e nosso carro era a gasolina. Prontamente, em casa mesmo, sob orientação do meu parceiro de residência Helio Bulhões, desmontamos o motor, fomos a Quase Nova(ferro velho) compramos pistões de álcool, e transformamos o velho Gurgel. O reservatório de água se transformou no de gasolina para a partida nos dias frios. Coisas de maluco...

Tínhamos então melhores condição de monitorar a praia, na verdade carro e álcool...Muitos estudantes participavam destas saídas maravilhosas à praia. Não só, pois tinha o Odair também. E a relação com a autarquia melhorava a medida que viam que fazíamos um bom trabalho na praia. Lempeck então se propôs a me contratar, e com o salário mínimo, eu pagava o resto das despesas, como peças de reposição para o carro(tínhamos o mecânico Helio), madeira para fazer as portas do carro, etc...

Pensamos então na sede, no velho barraco, para termos onde levar os bichos, e já com a primeira idéia de fazer educação, que chamamos de Ambiental. A idéia era que professores universitários nos capacitassem, estudantes universitários, para capacitarmos professores e estudantes das escolas do balneário. Idéia simples mas de execução complicada.

Tudo isso no meio das aulas, provas, estágios com Chao, Vooren, Cassiano, etc. Festas e mais festas...

Bom mas primeiro era fazer o barraco. A autarquia comprou as tabuas de eucalipto e eu fui a uma fazenda no bolacha selecionar as arvores de eucalipto também que seria cortadas ainda para serem a estrutura do barraco. Primeira vez que cortei uma arvore..que dó, mas o fim justificava. Num terreno de depósitos da Autarquia, com um carpinteiro da autarquia, que quase não aparecia, e muitos amigos, mas muitos mesmo, que seria injusto tentar lembrar(posso ate tentar fazê-lo depois) fomos levantando pau por pau, tabua por tabua, e depois de alguns meses inauguramos, com a presença do prefeito, (que não me lembro o nome), o que ele mesmo chamou de Choupana Ecológica.

Inventamos um aquário de caixa d'água, com vidro e muitos penduricalhos e informações e estava montado do NEA- Núcleo de Educação Ambiental do ABC. Nome oficial mas que de pessoa jurídica não tinha nada.

Nesse período já me alternava, inverno em Rio Grande, com faculdade e Nea, e verão nas praias de desovas do nordeste, protegendo as tartarugas, Praia do Forte, Arembepe e Noronha.

Como tínhamos o Barraco já, outros foram se agrupando mais e mais estudantes e professores. Vooren, Euclides, velho Oda, E iniciamos os trabalhos com os estudantes do Cassino, repassando aquilo que teoricamente aprendíamos na furg, sobre ecossistemas costeiros, etc.

Iniciamos dois trabalhos mais com a autarquia, deposição dos galhos de poda para recomposição das Dunas na frente do Balneário, na verdade uma experiência mais ao sul e instalação(imagine só) de um sistema alternativo de tratamento de esgoto com aguapé. Fazíamos pequenas bacias aos longos dos valões do Cassino e introduzíamos aguapé para que purificassem a água e chegassem melhor as praias...rs

Bom, ideias não faltavam, tudo regado a muita festa, musica, bebidas e outras cositas mas, inocentes na época, apesar de já mal vistas.

Em novembro de 1985 recebi o convite para assumir uma base do Tamar no ES, primeiro lugar onde participei como voluntario. Pensei, pensei, pensei e topei. Novos ares, horizontes, muito por fazer naquele nordeste ainda se abrindo...Fui em Dezembro de 1985.

O NEA que depois virou NEMA, nome mais adequado inclusive ao que já fazia, já tinha muita gente envolvida, pronta para seguir seguindo..Principalmente Regis Pinto e Daniela Paludo, e outros, que organizaram o que hoje é uma das experiências de entidade costeira mais bem sucedidas que tenho noticia.

Sem duvida muita coisa e muita gente ficou pra trás, no tempo e na memória, e fui injusto com alguns. Enxergamos as coisas do nosso angulo, com diferentes visões em diferentes momentos, portanto natural as varias versões própria e de terceiros.

Mas resumo dizendo que muitas boas idéias brotam naturalmente, sem muitos planejamentos, ou mesmo sem nenhum com foi o caso. E dependem das pessoas apenas vingarem ou não. Essa foi e esta sendo feita por pessoas, muitas vezes contra a maré e a corrente....mas segue.

J.T.

RELATO 7

O QUE O NEMA REPRESENTA E/OU REPRESENTOU NA MINHA VIDA

Quando comecei a construir em mim o que veio a chamar-se de “consciência ecológica”, ou “consciência ambiental”, num patamar diferente daquilo que já me habitava, foi num período em que recém havia chegado a Rio Grande com toda a família (Cleusa, Tatiana e Carolina), indo residir primeiramente em dois endereços no Bolaxa, no ano de 1986: a casa da Zilá e a do Grafulha. Posteriormente, mudei-me para o Cassino: primeiro na casa da Ro Alquati, depois para o chalé verde da Henrique Buhle, antes de fixar-me na Fernando Freire, onde vivo até hoje, passados alguns desvios de rota.

No primeiro ano como jovem professor da FURG, conheci um “pessoal da Oceano” que estava montando um bar chamado Kaya: Gordinho, Lelena, Régis Pinto, Dany, Rico, Éder... Lembro que pinteí a palavra Kaya para eles num muro do quintal da casa onde o bar foi organizado. E assim fui conhecendo uma tribo inteira: Joca, Carla, Sabugo, Marcos, Rita, o Régis que era músico e nos deixou cedo demais, Aranha, Dênis... Em algum momento, acho que antes disso, tive um contato com o Vooren, na FURG, para saber se havia algum grupo organizado com um olhar para o ambiente, e ele, meio esquisitamente, falou: “procura o galpão do Joca”, e eu suponho que era o Joca dessa turma, mas o tal galpão eu nunca vi, e acho que nem procurei.

Eles eram um pessoal muito massa, que adorava se divertir junto, e fui fazendo amizade, eu e a família, com aquelas figuras todas que deixavam o reggae de Marley rolar solto na Vila Avozinha... Na verdade, eu não lembro bem da ordem das coisas, e nem vou me preocupar muito com isso, mas creio que foi em 1987 que conheci outro braço da tribo: o Pieter e a Gisele, e talvez tenha sido através deles que conheci a Carla e o Washington. O Pieter tinha um bar na esquina da Henrique Buhle, o Caldo Quente, e na primeira vez que lá estivemos ele estava com Pat Metheny no toca-discos (!), e aí começou outra longa história que dura até hoje.

Em comum a toda essa turma havia o compartilhar das delícias naturais do ambiente marinho, e o cultivo de um cuidado com esse ambiente associado às atividades humanas.

A história foi sendo escrita, e em algum momento surgiu o NEMA, que se constituiu em minha vida como um lugar onde se buscava ensinar com sensibilidade as questões ligadas ao ambiente, visando à construção de uma consciência engajada. Eu não participava diretamente, não dava aulas, mas dava algum suporte no que eu podia, já que era professor todo o dia, em todos os dias. Creio que contribuí com alguns itens gráficos, inclusive reestruturando a marca do NEMA, que havia sido criada pela Dany Paludo. A Cleusa, com quem eu vivia, é que se envolveu com mais profundidade, em parceria com o Marcos Pereira, que era também colega da FURG. Os dois foram criando um método de ensino alternativo, híbrido, com a bagagem de artes e filosofia, junto com o pessoal do NEMA, que entrava com a parte de ciências do ambiente. Era um trabalho difícil, pois os “dois lados” apenas começavam a conversar depois de séculos de separação, e lembro que as dificuldades existiam, mas também existia uma vontade de fazer a ponte e tornar operativa a tal da interdisciplinaridade. Para mim, que participava nos bastidores, era muito legal ir à sede do NEMA, sentir aquele ambiente diferente, com bancos de escola de madeira e bem antigos, as tais carteiras ou classes, como se dizia na minha infância, cercados de coisas catadas na praia, conchas, ossos, um aquário funcionando, uma luz natural e certo cheiro de mar. Eu sei que tudo isso parece muito nostálgico e romântico. Então, vamos para o que pode parecer mais objetivo, mesmo que seja outra pura ilusão.

Em finais da década de 1980 e início de 1990 aconteceu o Projeto Água, tornado possível por um convênio com o IPN, um instituto da Alemanha que mandava uns caras estranhos e cheios de teorias metodológicas para o Brasil, mas com as mentes

abertas ao ponto de encontrarem naquilo que a equipe FURG/NEMA estava fazendo o objeto prático que as teorias deles estavam buscando. Durante algum tempo, isso deu samba e algumas sinfonias beethovenianas, até que os discos ficaram arranhados, por assim dizer. Lembro de algumas rugas que prefiro não detalhar, com os lados endurecendo a conversa, ora um, ora outro, num claro cenário de disputa por espaço, por domínio, por comando, temperadas por questões muito mais delicadas do que estas. O saldo, no entanto, sem aprofundar a análise, me parece que foi positivo, não sei da parte do pessoal do NEMA.

Nesta época, eu desenvolvi uma pesquisa com objetos feitos a partir de fragmentos naturais e culturais, que foi a base do meu Mestrado em Educação Ambiental, que até foi exposta na Alemanha, e que, penso eu, foi muito influenciada por toda aquela atmosfera de viver o ambiente e querer ensinar sobre ele, de pensar ambiente e estética no mesmo processo, coisa que repercutiu, mais tarde, no Doutorado, também. Entrou ano, saiu ano, minha vida mudou totalmente, me separei de um longo casamento, passei a frequentar outras tribos, inclusive teoricamente menos saudáveis, e o convívio com aquela “tribo de atuadores da franja litorânea” ficou, no mínimo, escasso. A vida faz isso. Fomos nos perdendo de vista, alguns foram embora, foram assumindo postos em outros estados da federação, em outros países, o colega parceiro da universidade foi para Pelotas, prei durante dez anos, mas ainda tive a honra de ver meu nome nos agradecimentos do “Ondas que te quero mar”, que o NEMA lançou, e lembro que fiquei pensando: “Puxa! Eu aqui?” Depois, passei anos em Florianópolis, voltei e continuei sendo professor do Curso de Artes Visuais, raramente caminho pela praia, muito menos catando coisas. É claro que perdi um bom bocado daquela pureza que ainda respirava, mesmo com toda aquela fumaça...

Carla, um abraço!

Grato por aqueles tempos e por esses momentos de reflexões rasas.

Z. F.

RELATO 8

O NEMA em minha vida...

Bem... a minha relação com o NEMA teve início na década de 80, quando, por incentivo dos meus Pais, eu e meu irmão participamos dos cursos de verão.

A partir desse momento, uma semente foi plantada e a cada dia tínhamos mais certeza de que seríamos eternamente comprometidos com a preservação do Meio Ambiente e propagação dos bons valores".

O resultado trabalho do NEMA foi a formação de duas gerações de profissionais nas mais diversas áreas (Geógrafos, biólogos, oceanólogos, ecólogos, pedagogos, artistas ...), extremamente engajados na preservação da natureza e na sustentabilidade.

Os anos que trabalhei junto ao NEMA, me proporcionaram uma prática constante e multidisciplinar e a companhia de grande amigos. A atuação e o envolvimento em vários projetos e a dinâmica do grupo resultaram no meu enriquecimento como profissional.

A ideologia proposta há 25 anos atrás, por um grupo de jovens ousados e excêntricos, reunidos em um barraco de madeira na Praia do Cassino, continua viva e passando de geração em geração.

Fazer parte dessa história é uma honra.

K.G.

RELATO 9

BRASÍLIA 05.08.2011

O QUE O NEMA REPRESENTOU OU REPRESENTA PARA MIM?

Quando administrei a Autarquia do Cassino – ABC, de 1983 a 1988, senti a necessidade de um assessoramento na área do meio ambiente. Na época, praticamente não existiam órgãos governamentais que assessorassem os administradores públicos neste sentido.

Herdei uma administração competente, mas que pouco caso dava ao meio ambiente, apenas um órgão de fiscalização da Marinha, vez por outra realiza uma vistoria na praia, a fim de combater a comercialização de areia, na época era uma constante.

Não culpo as administrações anteriores, vislumbro que apenas por ignorância, tendo em vista que o trato com o meio ambiente era novidade.

Sentindo esta necessidade e, como no Cassino residiam grande números de estudantes da novel Faculdade de Oceanologia, os chamei para uma conversa.

Em um curso sobre Administração Pública, que realizei em Madrid, conheci uma menina que era amiga do Joca Thomé, a qual me deu referências dele. Primeiro chegou o Joca, depois o Regis Pinto, Daniele, Garreta, Renato Gordo, outros os quais pedi um assessoramento na área. Foi então que em 1984 fizemos uma parceria e ficou decidido a criação do NEA, mais tarde transformado em NEMA.

Tendo personalidade jurídica, fizemos um Comodato e lhes entreguei um terreno de esquina, a rua Maria Araújo nº 450, forneci material para que construíssem o barraco, como também mandei comprar reservatórios de água para que usassem como aquários.

Em contrapartida, me dariam assessoramento na área do meio ambiente, tais como: orientação na poda de árvores, retirada de areia da praia para aterro nas ruas do Balneário, preservação das dunas, orientações sobre a remoção de areia na implantação de loteamentos e outros que não me recordo agora.

Aos poucos eles foram conscientizando os operários da ABC, sobre a importância da preservação do meio ambiente.

No início não foi fácil, nossos funcionários não tinham sido preparados para valores e atitudes voltadas ao respeito ao meio ambiente e suas possíveis consequências, caso totalmente ao contrário.

Aos poucos aquela gurizada cabeluda, barba por fazer e de roupas exóticas, foi conquistando a simpatia dos funcionários em geral.

A título de curiosidade: certa vez um deles foi me visitar e estava de cabelos e barba impecáveis, unhas limpas e vestido nos conformes. Perguntei se teria alguma solenidade ou algo afim, me respondeu: Não Renato! Meus pais estão chegando hoje de São Paulo. Achei aquilo o máximo e demos boas risadas.

Emprestava o Camping Municipal para as festas da Oceanologia, era sempre convidado.

Bons Tempos!

O NEMA representa muito para mim, tenho a satisfação de ter introduzido na Administração Municipal do Rio Grande como um todo, o respeito ao Meio Ambiente. Desta forma, informando ao poder público municipal e a comunidade, os valores e atitudes voltados para o respeito a Natureza.

O NEMA para mim hoje é um orgulho! Acompanho o seu crescimento de longe, através de notícias, informações de amigos e pesquisa. Nas minhas visitas aos filhos aí no Rio Grande, indo ao Cassino, faço questão de pelo menos passar na frente do antigo barraco. Se a porta estiver aberta entro, porque sempre rola o saudoso chimarrão e a volta a um passado que para mim foi muito feliz.

Falo aos meus filhos que sou um privilegiado por ter participado da criação do NEMA e ver que aquela sementinha germinou e hoje transformou-se em uma árvore frondosa e vigorosa, prestando relevantes serviços a comunidade e ao Brasil. **R.T.L.**

RELATO 10

O Nema é uma escola. Uma escola de construção, de formação e de desenvolvimento da personalidade profissional de quem passa por aqui. Uma escola de ótimas oportunidades para manifestação de idéias, de qualquer tipo que inspire liberdade, a liberdade de criação e de expressão. Uma escola de crescimento pessoal e profissional, juntos. Uma escola de desenvolvimento dos princípios que trazemos das nossas vidas. Um espaço com muitas possibilidades para praticar a ética, a crítica, experimentar o sentido das diferenças, quaisquer que sejam, para e praticar o esforço de entendimento dessas diferenças.

O Nema é uma escola de praia, de mar, de duna, de vento, traz o aprendizado de viver nesses lugares que balançam, têm outras dimensões e mudam de ares muitas vezes ao dia. Traz o aprendizado de viver com a vista para amplidão do infinito no horizonte. Uma escola onde se aprende a conviver com o revés da natureza. O esforço de tirar o jeep do atoleiro, atravessar a lagoa de fusca ou conseguir consertar a rural do meio da praia, onde não passa quase ninguém, mostram como é importante aprender e viver essas coisas simples que se tornam muita história pra contar.

Um lugar para se aproximar dos bichos que praticamente nunca tivemos contato na vida. Bichos do mar frio, que nadam muitas milhas e que voam muitos quilômetros e que ficam muito perto da gente e que a gente fica conhecendo, dão exemplo e sentido ao nosso trabalho, a nossa vida, traz uma vida muito diferente.

Um lugar para criar e desenvolver a coragem. Nada me acontece, e mesmo se acontecer só faz crescer a mais coragem para lançar-se a despeito do medo. Coragem para enfrentar qualquer situação - a perigosa, a medíocre, a de pobreza de espírito, a de aceitação.

Um espaço lúdico, artístico, educativo, científico, empírico, pragmático, filosófico, de comemoração, de brincadeira, de valorização dos amigos, tudo junto e que convivem bem, se complementam e que tornam o Nema diferente de todos os lugares de trabalho que já conheci - o mais legal de trabalhar.

Uma escola que já formou outra geração, que inspirou e inspira centenas de crianças e adultos. Passaram pelo Nema crianças que hoje dedicam seu esforço, seu compromisso, seu trabalho ao Nema, ou que se espelham no que viveram no Nema quando crianças e buscam uma forma parecida de trabalho, de experiência, de vivência. Eu vivi no Nema e minha filha também viveu. Continuamos a buscar, cada um do seu jeito, na sua vida, um jeito parecido com o do Nema, as vezes está bem próximo, as vezes é muito longe. Qualquer vivência no Nema pode ser uma referência. Pra ela foi andar de carro tracionado pela praia, hoje circula pela Austrália de land rover vermelho, a cor do jeep que a carregou com muitas outras crianças pelas praias do sul do Brasil.

Uma escola que é a referência de conservação do meio ambiente numa cidade onde muito próximo está uma universidade muito importante com muitos profissionais altamente qualificados e reconhecidos internacionalmente. Conseguir se destacar num espaço como esse é muita coisa. E é referência porque fez e faz as coisas acontecerem e todo mundo vê – em dez anos toda cidade viu crescer as dunas do Cassino, no mesmo período todas as crianças do balneário conheceram bem mais de perto os encantos da praia e do mar onde viviam, foi o tempo para que os leões marinhos, descansados como são, pudessem desfrutar descansadamente do seu espaço nos

molhes sem perturbação, o tempo para as crianças das cidades da volta da Lagoa do Peixe, lugar com acesso muito difícil, conhecerem sobre a migração das aves de um hemisfério para o outro, passarinhos pequenos que sempre estavam perto delas na praia no verão e que elas nem tinham idéia que voam mais de mil quilômetros por dia, de lá até os Estados Unidos -, tudo isso que é ampliação do universo perceptual, e que o Nema pode mostrar até hoje.

Isso é o Nema pra mim, o período de mais luz na minha vida, o tempo mais claro, um porto seguro pra voltar a qualquer tempo. L.M.

RELATO 11

Oi Carlinha,

Desculpa tanta demora pra te responder. E que na verdade não sei bem o que e como dizer.

O Nema representa pra mim o meu ponto de partida. Foi como o começo de tudo. Talvez no passado tenha sido um pouco inconsciente da minha parte, mas a verdade eh que quando comecei a frequentar o Nema aos meus 9 anos foi quando comecei a descobrir o que eu gostaria de ser e de fazer (trabalhar) na minha vida. Hoje jah estah bem claro pra mim o quando o Nema me influenciou. Fiz graduação e mestrado em Geografia, sempre trabalhando com conservação e monitoramento ambiental. E hoje, aqui na Austrália, trabalhando pro governo Australiano na conservação e manejo de parques e reservas, me vi, diversas vezes, referindo ao meu passado no Nema para os meus atuais colegas, contando experiências que tive e expressando minha alegria e orgulho de ter tido a oportunidade de vivenciar tantos momentos e historias com o meio ambiente, tudo graças ao Nema.

Desculpa também a falta de acento....as vezes o "h" funciona como o acento final da palavra.

Beijos. M.A.

RELATO 12

Quando cheguei à FURG, na segunda metade dos anos 80, fui trabalhar no Departamento de Letras e Artes com disciplinas cujo tema era, sobretudo, a arte contemporânea. As articulações primárias eram feitas especialmente no âmbito da cultura brasileira, estendendo pontes com a semiótica, o cinema, a música, a literatura, a performance e a poesia. Tudo era conceitual.

Tributário de uma formação em Filosofia, cursada na transição das décadas de 70 e 80, herdeiro de um entendimento político da realidade e implicado até os ossos em movimentos coletivos – movimento estudantil, movimento sindical, grupo de teatro, entre outros – não me era possível entender a contemporaneidade de forma isolada.

Impregnado pelos recém surgidos ventos do pós-modernismo, até mesmo a crítica e a contestação exigiam da gente uma posição muito bem demarcada e uma forte impregnação dos valores pelos quais nos debatíamos. Não era plausível separar a teoria da prática.

A aproximação com o NEMA se deu através da Cleuza e do Zezé, que moravam no Cassino e já estavam envolvidos com o grupo (na época, coordenados pela Dani e pelo Pinto). Minha primeira experiência foi justamente em uma das Oficinas do recém nascente Projeto Mentalidade Marítima. O lance era a vivência de situações de consciência ambiental em sintonia com práticas de sensibilização e expressão. Arte e Educação Ambiental.

A proposta foi que eu me aproximasse mais do grupo em função da suposta carência pedagógica do projeto. Com minha parca contribuição na reflexão filosófica e pedagógica, começamos a discutir diferentes espectros de ação (com moradores do Cassino, da Querência, com veranistas, com escolas da rede pública, ampliando – ao longo do tempo – para a 4ª. Seção da Barra e até o Taim). O tópico principal era “como é que se aprende a ter consciência ambiental?”.

A experiência que fui processando foi, aos poucos, me deslocando. Eu era uma criatura eminentemente urbana. Na infância, passava as férias na beira da Lagoa, no Laranjal, costumava ir bastante ao Cassino, pescava nos Molhes da Barra, e ia muito para a zona rural de Pelotas, para a colônia. Mas depois de adolescente, fui me distanciando disso tudo e cada vez mais aderindo ao espaço urbano. Tinha morado em Porto Alegre e em Campinas, já.

O trabalho com a arte contemporânea e a arte-educação foram amolecendo minha casca, me deixando um pouco mais suscetível ao mundo. Naquele tempo, acho que já vivia coisas que só fui aprender a dizer muito tempo depois. O Gadamer diz que experimentado é o sujeito que, exatamente por isso, vive aberto a outras experiências. Ele fala que a experiência nos confronta com a nossa incompletude e que isso nos leva a um estado de abertura permanente para o que ainda é novo. Isso é o que eu aprendi mais tarde. Mas isso é o que eu fazia, na época.

O NEMA representou uma dessas portas, dessas frentes, dessas zonas de fronteira que se abriram. Os dias passados no barracão ou nas escolas foram momentos de ampliação dos meus pontos de contato com a realidade. E a cada vez, em cada situação, algum solavanco eu levava. Aprendi muito. E aprendi a aprender. Aprendi a prestar atenção. Aprendi a considerar algumas sutilezas que nem sabia levar em conta.

O exercício de conhecer, explorar e entender o ambiente de uma praia arenosa – aparentemente monótona e vazia – me produzia deslocamentos e proporcionava descobertas que festejo até hoje. Aprendi que quando parece que não tem nada para aprender é que tem muito que aprender.

Aprendi a ter paciência (não muita – confesso que ainda sou deveras ansioso). Aprendi a ser humilde, a não me antecipar ao que vem pela frente, deixar a realidade se mostrar antes de saltar e já enquadrar o que julgo que estou vendo. Aprendi a perceber o silêncio e o vento de outra maneira. Aprendi a fazer pequenos movimentos e entender que os efeitos desses pequenos movimentos podiam render muita coisa.

Acho que é isso. O NEMA representou uma importante experiência de aprendizagem de mim mesmo.

M.V.P. Porto Alegre, 19 de julho de 2011.

RELATO 13

NEMA

É difícil expressar o significado que o NEMA teve e continua tendo na minha vida. O NEMA influenciou não somente na minha formação como um cidadão, mas teve um papel fundamental, em conjunto com outros fatores, na escolha da minha profissão e no desenvolvimento do meu espírito crítico. Isso significa dizer que o NEMA teve uma contribuição significativa do que hoje eu realizo no meu dia a dia. O respeito que tenho ao meio ambiente, do saber observar, apreciar, compreender a possibilidade de relações harmoniosas do homem com o meio ambiente estão ancoradas em experiências (cursos) passadas realizadas pelo NEMA. Os cursos teóricos/práticos dos quais fiz parte no final da década de 80 e início dos anos 90 despertaram em mim esta grande paixão, me colocaram em contato direto com os processos naturais e me guiaram para compreender o quão valioso é o lugar em que hoje estou vivendo. Seria por acaso que um garoto criado em um apartamento na cidade de Porto Alegre cursaria biologia e estaria hoje vivendo no Cassino? a opção por estar estudando (cursando doutorado) os botos também não é um acaso. Não acredito neste acaso. Aliás, não conheço nenhum outro exemplo próximo. Como mencionei acima, o NEMA continua a me influenciar, através das suas ações nas diferentes esferas socioambientais. Sinto orgulho de fazer parte desta história e isso me motiva para continuar neste duro caminho que começou a ser traçado na minha vida: a luta pela conservação da natureza e a valorização da comunidade do Rio Grande. Acredito que grande parte do que sou, penso ser e acredito ser tem raízes no NEMA. Esta instituição representa respeito ao meio ambiente e a sociedade e, acima de tudo, é um exemplo de persistência. O NEMA me motiva.

Beijoca.

P.

RELATO 14

O QUE O NEMA REPRESENTA E OU REPRESENTOU NA MINHA VIDA?!

Quando pensei em responder este questionamento, tive que voltar 25 anos no tempo, relembrar fatos, datas, pessoas, enfim, mergulhar num momento importante na minha formação pessoal e profissional. Naquela segunda década dos anos oitenta, o Brasil vivia um momento de transição quanto ao regime militar, crise econômica e um futuro incerto na visão de muitos estudantes de graduação do curso de oceanologia da FURG.

Lembro de um momento de reflexão no início de 86, depois de um verão muito intenso, onde juntamente com quatro colegas e amigos (Rico, Gordinho, Ali, Garreta) montamos o *KAYA BAR*, como forma de nos manter em Rio Grande/Cassino nesta época, pois tínhamos uma disciplina (Ecologia Marinha) que havia passado para curso de verão, após sua suspensão no semestre. O Bar havia fechado (acho que era março), estávamos ali para entregar a casa alugada e estudar para fazer a última prova do curso. A reflexão era se seria melhor continuar com o Bar e ganhar um dinheirinho imediato ou então se direcionar para o último ano do curso e a profissão. Estava difícil de se empolgar com o que tinha visto e vivenciado na faculdade e nas oportunidades de estágio na Base Oceanográfica.

Com a energia de trabalho do *Kaya*, conversando com os colegas e amigos do Bar (Rico e Gordinho) mais alguns outros empolgados em fazer algo diferente, como Danielle Paludo, Régis Muller, Luciano Brusque e Beto Tagliani, começamos a discutir na Vila Vozinha (QG), como dar continuidade ao trabalho do NEA, que o JOCA havia começado em 1985, junto a Autarquia do Balneário Cassino.

Foi aí que ao conhecer melhor aquela singela, mas pioneira iniciativa e o gestor da ABC, Renato Tubino Lempeck, que aquela vontade de fazer algo diferente se manifestou. Era o espaço físico e o apoio institucional (Convênio ABC + Departamento de Oceanografia/FURG) que precisávamos, mas faltava elaborar melhor os objetivos e o formato daquela iniciativa. Muitos e muitos dias e noites nos reunimos em volta daquela grande mesa da Vila Vozinha, opiniões diversas, discussões, mas uma base teórica sólida estava sendo construída. O caminho era a Educação Ambiental marinha, ausente na FURG e recém falada em poucas publicações disponíveis na época e o monitoramento de praia.

Com o passar do tempo foi percebido por este grupo maior a necessidade de institucionalização do NEA. Eu e Gordinho fomos ao RJ e com o apoio da nossa querida Elza Savaget, na época na Fundação Roberto Marinho, nos forneceu os documentos que foram à base da criação institucional do NEMA, isto no final de 1986. O trabalho pioneiro do Mentalidade Marítima, com base intuitiva mas com uma dedicação coletiva, foi fundamental para transformar o NEMA num local de referência. O NEMA começou a ser usado frequentemente, com várias palestras, montagem de aquários e um trabalho diário junto a ABC, para orientação das podas das árvores e fixação das dunas em frente ao Balneário. Ainda tenho a visão daquelas aulas laboratório com alunos dos bairros Bolacha e Querência chegando de cavalo, carroça naqueles dias frios do inverno, naquela caminhada da Vila Vozinha carregando a pé o projetor de slides da FURG, coberto com toalha para não pegar chuva....

Pessoas importantíssimas se juntaram a esta iniciativa, que tenho medo de esquecer alguém, mas Éder, Leo, Henrique, Cleuza Peralta e seu marido, Lelena e o professor de fisiologia, Euclides, ajudaram em muito não só no dia a dia (lembro que a 1ª. função do Éder foi de cuidar dos aquários...), mas nas discussões dos caminhos do NEMA. Lembro que a aprovação do Projeto Mentalidade Marítima junto a CIRM e depois junto a CAPES deu muita moral ao grupo e fortaleceu a instituição (chegada da Anaí!!!). Depois o Convênio como IBDF (1988) proporcionou tratar a questão da mortalidade dos pinípedes como um assunto de manejo para conservação, mas também a compra de nosso primeiro carro (o jipe vermelho). O Programa de Reforço Cultural (MC), trabalho conjunto como Museu Oceanográfico, Museu Histórico, Casa

da Cultura e Capitania dos Portos foi outro de grande valor e aprendizado, com importante repercussão regional e municipal.

Acredito que todas estas iniciativas (educação ambiental, monitoramento costeiro, conservação dos pinípedes, manejo de dunas, gestão de projetos e administração de ONG) foram essenciais na minha formação profissional e pessoal. Com a base do NEMA, com a certeza que era possível fazer as coisas acontecerem por vontade e dedicação, que me atrevi a sair do sul e do NEMA para dar continuidade a minha carreira profissional e vida. Todo trabalho que fiz em 20 anos no nordeste, no norte e nos últimos 3^a anos no sudeste, tem como base sólida e convicções advindas daqueles anos no final dos anos oitenta, na mesa da Vila Vozinha, do barraco do NEMA, daqueles projetos pioneiros, dos grandes amigos e colegas.

O NEMA representou para mim tudo isso, mas se fosse para resumir; * A oportunidade que a vida me deu de exercitar e fazer a diferença, com simplicidade, dedicação, criatividade e amizade. Minha base sólida pessoal e profissional provém daqueles momentos dos anos oitenta, acrescidas de muitas outras experiências ao longo destes 25 anos, mas que não me deixam esquecer jamais o que vivi, aprendi e deixei de legado ao NEMA, que cresce se modifica e se mantém graças aquilo que todos nós deixamos de melhor na sua construção. Beijo Carla
R.P.L.

RELATO 15

O QUE O NEMA REPRESENTOU NA MINHA VIDA

Eu fui estudar oceano e cheguei no Cassino ainda com 17 anos, não conhecia ninguém, mas isso não era um problema porque rapidamente construí amizades. Naquela época o cassino ainda era uma comunidade pequena de jovens sonhadores. E foi através da amizade que conheci o NEMA. Tenho uma memória péssima, mas creio que quem me apresentou o NEMA foi você mesmo Carlinha, que apaixonada pelo teu trabalho seduzia a todos!

De conhecer o NEMA a fazer alguns dos amigos mais importantes da minha vida foi um pulo, portanto para mim antes de qualquer coisa o NEMA representa AMIZADE.

Eu trabalhei em alguns projetos em várias etapas da minha vida acadêmica, fiz o meu trabalho de graduação sob a co-orientação do Kleber e com o apoio logístico do NEMA e depois de formada trabalhei um ano como técnica. Nestas diferentes experiências aprendi muito e estes aprendizados são os outros significados que o NEMA assume para mim: RESPONSABILIDADE, ÉTICA, ESTÉTICA, COOPERAÇÃO, COLABORAÇÃO, CRIATIVIDADE, COMPROMETIMENTO, ADAPTAÇÃO. Esses aprendizados ficaram em mim, portanto o NEMA foi fundamental na minha formação.

Um dos grandes frutos da minha experiência no NEMA foi a criação do ARTESTAÇÃO, uma ONG cultural que foi criada sob inspiração do que eu havia experimentado no NEMA e tal como ele se mantém viva, atuante, significativa.

Acho que era isso, qualquer coisa me diz que refaço.

Um abraço e muito SUCESSO na tua pesquisa.

F.P.

RELATO 16

Oi carla, segue minha resposta para tua instigante pergunta.
Beijos
H. I.

O que o Nema significou para mim?

Num primeiro momento, a entrada em um grupo que queria mudar o mundo, e eu tateava essa intenção, sem saber muito como. Fazer parte era importante.

Num segundo momento, já formado e rodado, significou uma redenção e uma volta do filho pródigo, após experiências no mundo capitalista selvagem.

A volta de um sonho coletivo e de uma construção coletiva.

A beleza de acompanhar uma ideia, se transformando em uma meta, em um projeto, depois em resultados e finalmente, servindo de degrau para novas transformações.

Significou um amadurecimento grande em relação a mim mesmo, a capacidade de negociar, de entender melhor as necessidades dos outros e compreensão dos processos.

Uma lição de humildade em várias ocasiões, em especial por perceber as grandes qualidades pessoais e profissionais de colegas de trabalho, que se tornaram os mais fiéis amigos e confidentes. E perceber que nem tudo que eu pensava tinha que ser o caminho escolhido, que tinha que aprender a seguir, além de aprender a coordenar equipes.

Uma enorme lição de perseverança e de como melhorar diante das adversidades e da insensibilidade da sociedade em relação aos nossos esforços, sem contar a falta crônica de grana. Lidar com essas carências e negociar as ausências com a família foi outro capítulo, com ares de drama, por vezes.

A maneira bem humorada dos Nemas de lidarem com todas essas questões me marcou também, e deu uma leveza a todo esse processo. As derrubadas na Vila Vózinha ou nas casas de um de nós eram grandes conagraçamentos, muitas vezes berços de novos projetos, acertos das relações, desabafos, namoros e ressacas.

Além de transformar o Cassino e Rio Grande em várias frentes de ação, foi bonito acompanhar a crescente influência do Nema em níveis regionais e nacionais.

A abordagem holística, fortemente influenciada pela valorização da arte e na aposta na sensibilidade do ser humano acabou por me transformar também. Essa maneira de sentir/pensar/agir sempre foi algo muito fora do contexto de Rio Grande, sempre um pouco a frente de seu tempo, vislumbrando e vivendo outras influências (Paulo Freire, Capra, etc...).

Essa sensação de estrangeiro que vários de nós já carregávamos, por virmos de outras terras foi muitas vezes ampliada pelo contraste no reconhecimento público que tínhamos entre nossos pares em Brasília, no RS ou nos grandes centros acadêmicos e no tratamento por vezes mesquinho que encontramos em Rio Grande.

Equilibrar uma vontade de influir e participar dos processos com voz ativa e ao mesmo tempo ser modelo de contracultura, evidenciado nas roupas, discurso e costumes sempre foi um enorme desafio e talvez ainda seja.

O protagonismo que sempre marcou a organização acabou moldando todos nós, que sempre temos algo a dizer nas reuniões, e sempre tentamos, nesses espaços, sermos críticos, construtivos, leais aos princípios solidários e verdadeiros.

Por fim, ser Nema com certeza é uma referência muitíssimo positiva em minha trajetória e delineou muitas das minhas escolhas após, em outros desafios frente a unidades de conservação e centros de fauna.

Sonhar juntos e perseverar, uma bela receita de sucesso, impregnada de energia humana de alta qualidade.

RELATO 17

O que representou o NEMA em minha vida?

“Bem, eu fiquei pensando... o que poderia escrever sobre isso e...”

Em primeiro lugar, uma linda história de amor! Falo de um amor incondicional, a priori, uma experiência de “bem querer”. De bem querer com a natureza, de bem querer pelos amigos, de um bem querer pela vida, pelo planeta, pelo cosmos. Um bem querer que brota de uma essência, de algo original, capaz de animar nossa existência e sobrevivência. O lugar, ou simplesmente o cenário em que essa história se passa é, igualmente, surpreendente, revelador, nele se encontra os segredos, a beleza da planície costeira selvagem, a matemática das coisas, o limite da relação do homem e a natureza.

Pensar no NEMA é pensar em um caminho! Uma direção que parte sempre de uma experiência criativa, que ao mesmo tempo nos conecta nessa experiência. Nessa mistura de outros (vontades) interagindo em estrutura, se forja uma forma de agir e é nesse momento que algo se modifica se transforma e nos conduz de forma dialética, a um pensar equilibrado sobre novas bases de sustentação. Percebe-se durante o caminho, um movimento que impulsiona um sentido e novamente, uma vontade original. Imediatamente a conexão, há uma clareza de funções.

Pensar no NEMA é pensar em uma nova abordagem para a ciência, se vista por outro paradigma, em meio a um intrincado sistema de relações. Em um contexto acadêmico extremamente fértil, Homem e Natureza, mais uma vez se confrontam: liberdade/expansão - pura combinação que deverá explorar o limite. Nasce o “intelectual orgânico que deverá interagir no meio social”. Uma simples combinação entre sentimentos, razão, natureza, tempo e espaço, em meio propício, revela possibilidades e impele a um fazer, a um agir transformador.

Pensar no NEMA enfim, é pensar em uma Escola, já que desenvolve uma linha de pensamento característico, voltado a superação do “acadêmico” tradicional. Trata-se de uma Escola de Vida! De Relações, de Humanidades, de Ecologia. Uma estrutura pela qual, pensamentos, comportamentos, saberes, atitudes, fluem conduzidos por um balé de conexões. Uma Escola que demanda uma práxis coletiva carregada de intenções – único elo.

De tudo o que o NEMA representou em minha vida, destaco a habilidade para a busca de resultados e da conexão desses resultados com a verdade, também a sensibilidade de aguçar nossos sentidos e de os por em alerta.

J. C.

RELATO 18

Querida Carla,

Quando estava respondendo a este e-mail, me dei conta que o texto que havia escrito estava mais em tom de crítica e desabafo, por isso parei, apaguei tudo e resolvi apenas te dar um retorno breve: a minha passagem pelo NEMA não foi gratificante nem para mim e nem para a Instituição "daquela época". O que deveria ser para mim uma espécie de estágio e início de carreira profissional acabou se tornando numa decepção tanto para mim quanto para o NEMA. Eu fui considerado inapto e me eliminaram dos quadros da Instituição.

Por favor, não tome minha resposta como grosseria de minha parte, apenas procurei ser sincero.

Independente da minha opinião, quando conversamos sobre sua tese, fiquei super curioso sobre o resultado de tal reflexão. Peço-lhe que não esqueça de me enviar uma cópia de sua tese quando ficar pronta.

Beijos, O.

RELATO 19

As asas do Professor NEMA

K.G.S.

A busca

*Trabalhos científicos em desconexão
Laboratórios, formol e coletas
Caranguejos e tubarões
sopas despedaçadas de queilas e ventres
conversas de sábios outliers
o poderoso e gélido método científico
a martelar, martelar, martelar...
Estranhamentos do mundo real
Uma viagem sem volta
Aos retorcidos manguzeais do pensamento
As grandes marés do Mamanguape
Os sábios do lugar - meninos e velhos pescadores
Explosões de dúvidas e incertezas
O grande mergulho no ser-natureza
Uma viagem de volta
A maior praia do mundo
Um oceanólogo em construção*

O encontro

*Templo à beira-mar
Frestas de maresia e idéias fervilhantes
Ondas de retorno.
Ondas de ressaca.
Outras ondas...
Jovens em busca de um caminho
De um trabalho...
de um sonho...
O desejo do suor mais salgado
mais brilhante
Ilusões?
Utopias concretizáveis?
Um caminho diferente?
Lampejos da busca inicial
Vontade de experimentar intuições
Vontade de compartilhar saberes
Vontades...
e mais vontades.
A oportunidade do encontro.
A oportunidade de reconhecer o primeiro passo
A oportunidade de alçar vôo...*

O Caminho

*A espiral do fazer,
Segredo revelado de torvelinhos
e de conchas desgastadas
A coragem e a abençoada loucura
aprendida dos amigos leais
Cavaleiros andantes de banhados, lagoas
Noites ou sol escaldante.
A persistência dos projetos*

*Descoberto no movimento constante das areias
Os saberes dos povos costeiros
Desvendados através da aproximação e do ouvir
A matemática estranha das contas à prestar
No desafio diário de achar e gastar os dinheiros
O novo, o novo, e outra vez o novo
Disfarçado na tênue geografia da planície costeira
As chaves do grande túnel temporal
achadas no percorrer incessante da franja litorânea
A bem-querência planetária
Desperta nos corpos radiantes de noctíluas
O súbito encontro da contra-mola que resiste,
no ingênuo e poderoso agir transformador
A metamorfose do dia-a-dia, escancarada
nas bruscas mudanças do vento sul
O poema da vida
Refletido no brilho do olho das crianças
em algazarra marinha.
O espanto
A percepção do todo,
ora mascarado de gota
ora vestido de universo*

A despedida

*Enfim,
quando maresia
úmida neblina
tempestade de areia
ou erosão do tempo
turvar as visões marinhas
e o ciclo completo do meu ser
transformado em oroborus brilhante
apoucar a minha linha do tempo
e os lampejos da memória
permitir o vislumbre do abrigo cálido e seguro
das asas do Professor NEMA,
Em meio a já confusos ventos e sonhos salgados
restará um grande sorriso
um suspiro
desta memória construída.*

RELATO 20

O QUE O NEMA REPRESENTA E OU REPRESENTOU NA MINHA VIDA

O NEMA representou uma fase extremamente importante na minha vida e representa, hoje, conhecimentos, vivências, oportunidades, fazeres e experiências incorporados no que sou hoje, pessoalmente e profissionalmente.

Sempre tive muito respeito pelo NEMA, por sua história, seu trabalho, sua trajetória de formação – pela seriedade de suas propostas, por seu engajamento social e ambiental, pelo espaço da intervenção e do sonho, pela integração entre as áreas do conhecimento, enfim, pelo ‘laboratório formativo’ constituído ao longo dos anos. Após tantos anos de atuação hoje vemos os resultados desse trabalho na sociedade e no próprio ambiente natural, pelo qual a instituição zelou e continua zelando permanentemente.

Eu já trabalhava com Educação Ambiental no projeto Utopias Concretizáveis Interculturais coordenado pela prof. Dra Cleusa Helena Guaíba Peralta quando fui convidada pela amiga Rita Patta Rache para compor a equipe do projeto de educação ambiental “Mentalidade Marítima”, que hoje denomina-se “Ondas que te quero mar” e confesso que esse evento marcou minha trajetória de vida de forma muito significativa, delineando crenças e construindo uma visão daquilo que acredito ser a educação ambiental e sua importância.

No interior da instituição fui, a cada dia, sentindo-me parte de uma equipe que compartilha desejos e sonhos através da pesquisa e da intervenção ativista nas comunidades costeiras. No projeto “Ondas que te quero mar” vivenciei a metodologia das ‘ondas’ que tem como base a interdisciplinaridade entre artes, ciências do ambiente e educação psicofísica – pude experimentar esse trabalho coletivo de construção de conhecimento e aprender como acontece o trabalho interdisciplinar educativo seja como crianças, educadores, pescadores, etc.

O NEMA me proporcionou um contato maior com o ambiente natural e suas especificidades – os ecossistemas: a biodiversidade, as interações e transformações ambientais. Nas saídas de campo, nas palestras e nas oficinas aprendíamos cada vez mais sobre o ambiente e sobre nós mesmos, compreendendo a complexidade dessa singela e sensível relação entre o ‘eu’ e o ‘universo’. Apesar de ter passado pela biologia, de vivenciar a praia, o mar, as dunas, as lagoas intensamente no meu percurso individual o NEMA ampliou essa relação, oportunizou um aprofundamento e um entendimento científico desses ambientes levando-me a uma valorização mais profunda desse lugar que habitei por boa parte da minha vida e que me habita, que pulsa dentro de mim.

Posso dizer que no NEMA desabrochei a artista que dormia dentro de mim. O olhar mais apurado, o amor pelo ambiente e por sua diversidade e o conhecimento científico permitiram que eu criasse as imagens – desenhos e pinturas - mais belas e significativas da minha trajetória artística. Capivaras, dunas, leões marinhos, tartarugas marinhas, garças, cisnes-do-pescoço-preto, lobos marinhos, focas, tahãs, quero-queros, tuco-tucos, figueiras, gaivotas, barcos, e uma infinidade de animais, plantas, atividades e lugares tomaram vida através dos traços e cores que fluíam dessa intensidade, desse olhar, desse amor, desse desejo de cuidar e de educar nossa população para um encantamento com esse universo tão rico que nos cercava. Minhas imagens povoaram o NEMA, a praia do Cassino, a cidade do Rio Grande e foram parar nas mãos de crianças, pescadores, vagoneteiros, professores, pesquisadores – como explicar essa sensação? A arte tem esse poder de eternizar, de se multiplicar, de tomar vida pelos olhares do ‘outro’.

Há 08 anos residindo em Fortaleza, no Ceará, quando chego no NEMA eu me reencontro, eu me vejo nos desenhos e ilustrações que estampam paredes da instituição, camisetas, cadernos, cartões postais e, muitas vezes as ruas em placas e outdoors. É como se eu me mantivesse viva nesse lugar. Eu faço parte dessa história – eu sou esse lugar.

Ampliando mais ainda sobre o que o NEMA representou e representa para mim ele foi tema da minha dissertação de mestrado em educação ambiental, o momento mais rico de

construção de conhecimento da minha trajetória de vida. Ele foi meu 'objeto' de pesquisa no que tange a relação entre artes e ciências do ambiente e a importância da educação estética para a educação ambiental, o que vim a denominar como estética valorativa do ambiente. Através da dissertação pude vislumbrar que o NEMA proporcionou a construção de um imaginário ambiental que se deu a partir da presença da arte em todas suas atividades educativas, desde a fotografia aos materiais gráficos didáticos produzidos e a metodologia construída, imaginário esse estampado em milhares de desenhos infantis de crianças que vivenciaram atividades interdisciplinares de educação ambiental no seio do projeto "Ondas que te quero mar".

Nas falas de seus principais integrantes – os que tive a oportunidade de entrevistar, foi latente a preocupação da instituição com a questão estética, uma sabedoria empírica que se expandiu e tornou-se uma marca no fazer educação ambiental, um diferencial construído historicamente pelos atores que por lá passaram – e foram muitos: cientistas e artistas trabalhando juntos, em comunhão. Todo esse universo de mergulho proporcionado pela pesquisa me levaram a descobertas que construíram um ideal profissional – eu acredito na potência e na força dessa visão – é possível sim mudar o mundo, torná-lo mais poético, mais sensível e mais belo aos olhos das pessoas que o habitam.

No NEMA conheci também o significado de 'equipe' – o privilégio de trabalhar com amigos, de conhecer a cumplicidade, o companheirismo e o apoio. Trabalhávamos com prazer, com alegria, com brincadeira, com paixão e com amizade. Como não manter o coração alegre quando se está em contato com o ambiente? O prazer estético proporcionado pela natureza estava presente em nossa rotina o que para mim gerava um sentimento de equilíbrio, uma sensação de 'pertencimento'.

Como sempre dizia o Kleber (meu 'diretor de arte') quando fazíamos saída de campo e nos encontrávamos em momentos mágicos de contato com o ambiente: "ta vendo o que o NEMA te proporciona?"

Tenho muito orgulho de toda essa trajetória, orgulho do que é o NEMA e do trabalho que vem fazendo há tantos anos. Orgulho de ter tido a oportunidade de integrar sua equipe por alguns anos e por ver que minhas imagens dão continuidade à minha presença.

Confesso que foi difícil iniciar esse relato, primeiramente porque acredito que não dá para exprimir em um texto o que o NEMA representou e representa na minha vida. É pouco, é pequeno, não basta. Talvez meus desenhos possam falar mais sobre isso, minha arte, minha sensibilidade, meu olhar. Posso substituir as palavras por eles? **L.G.G.**

RELATO 21

O NEMA representou pra mim uma grande escola, onde tive a oportunidade de crescer tanto no lado profissional, estagiando e colaborando em diferentes projetos, como no lado pessoal convivendo com seus integrantes, todos seres humanos muito especiais.

Durante o período em que cursei oceanografia na FURG, em Rio Grande, iniciei também meu trabalho como fotógrafo de natureza e aonde eu ia atrás da Natureza no Rio Grande do Sul encontrava o pessoal do NEMA em seus projetos de monitoramento e educação ambiental.

Procurei conhecer melhor o trabalho desta ONG e logo passei a estagiar em alguns projetos e colaborar na questão das imagens, dando palestras para crianças e produzindo exposições fotográficas. Ao final do curso fiz meu trabalho de graduação baseado nessas experiências envolvendo as imagens e a educação ambiental.

O curso de oceanografia trouxe muitos conhecimentos acadêmicos, mas foi no NEMA que tive as vivências e experiências práticas e me transformei de estudante em profissional da área ambiental. A filosofia de trabalho da instituição, baseada na cooperação e apoio mútuo de seus integrantes foi uma grande experiência, agregando valores que foram extremamente importantes no desenvolvimento de minha carreira na área ambiental.

M.L.

RELATO 22

O QUE O NEMA REPRESENTA NA MINHA VIDA

Nos bailes da vida

Composição: Milton Nascimento - Fernando Brant

Só quem toma um sonho

Como sua forma de viver

Pode desvendar o segredo

de ser feliz

Foi nos bailes da vida ou num bar em troca de pão

Que muita gente boa pôs o pé na profissão

De tocar um instrumento e de cantar

Não importando se quem pagou quis ouvir

Foi assim

Cantar era buscar o caminho que vai dar no sol

Tenho comigo as lembranças do que eu era

Para cantar nada era longe, tudo tão bom

Té a estrada de terra na boléia de um caminhão

Era assim

Com a roupa encharcada e alma repleta de chão

Todo artista tem de ir aonde o povo está

Se foi assim, assim será

Cantando me disfaço e não me canso de viver

Nem de cantar

É com a letra desta música que começo este texto. Música que para mim retrata todo o sentimento que sinto pelo NEMA assim como o espírito que vejo no NEMA e na maioria das pessoas que fazem parte dele.

Difícil falar do NEMA sem ter um olhar romântico, idealista... A verdade que o NEMA é um ideal, um ideal de vida, de sociedade, de mundo. Se não concretizado, ao menos intencionalmente vivo pela mudança. A lógica que o NEMA opera não é a de mercado, é a de ideias de transformação social, de bons sentimentos, de cuidado com o outro através do cuidado com o meio, de educação sensível às verdadeiras necessidades humanas. O que se quer ali não é ganhar para trabalhar, mas sim trabalhar para ganhar... dinheiro claro, mas também satisfação pelo trabalho bem feito e pensado não somente para benefício próprio, mas para benefício da comunidade, pela sensação do dever cumprido, do sincero sentimento de que fizemos nossa parte para melhorar o mundo.

Alguns dizem que o NEMA é uma ONG, há quem diga que o NEMA é uma entidade divina, um ser, chamada "Seu NEMA". Há aqueles que acreditam que o NEMA é um professor. Para mim o NEMA é tudo isso, é uma escola metade homem, metade ideais e sentimentos que transcendem a matéria.

Como matéria, o NEMA é uma casa simples, sem luxos. Preserva a simplicidade de suas paredes sem reboco, pintadas de cal com muita criatividade. O piso sim que está um luxo, graças a uma doação. Por dentro, mesas, cadeiras, armários... nada modulado, mas muito bem aproveitado e utilizado. Mas o que realmente importa é que o NEMA é feito de gente, e gente da melhor qualidade. Que dentro de suas diferenças profissionais e acima disso são humanas, capazes de sonhar, querer e realizar um mundo diferente a sua volta.

Quando eu cheguei ao NEMA, no fim de 2003, quase na virada para 2004 fui recebida por pessoas que só me estenderam a mão. Eu fui por indicação sim, mas a mão estendida foi porque eu queria aprender. Para entrar no NEMA só basta isso, intenção de aprender e trabalhar... Não há distinção de nada, as oportunidades são muito ofertadas. Tem gente que entra e fica, se encontra, se transforma; Tem gente que entra e logo sai achando que ali não era o seu lugar. Tem gente que entra, sai e volta... Tem gente que entra, gosta, tem uma experiência intensa e depois sai. Este último caso é o meu. São muitas experiências de vida humana e profissional que cada um vivencia no NEMA, cada um do seu jeito, da sua maneira.

No NEMA eu me construí, reaprendi a ver o mundo, desconstruí muitos conceitos, aprendi, errei, fiz amigos, me inspirei neles, busquei dar o meu melhor, me chateei, me decepcionei com pessoas, mas nunca com o NEMA, com suas ideias e aspirações. Pois é, nesse caso ele parece uma entidade espiritual mesmo.

De minha parte eu cheguei no NEMA querendo mudar o mundo, não sabendo muito como. Em minha dissertação de mestrado descrevo este momento:

Cheguei ao NEMA, como técnica, em março de 2004, sem ideia do que esperavam de mim e com um leve pré-conceito sobre ONGs. Digo leve, porque este não me impediu de aceitar a proposta, pois creio que tinha mais necessidade do que preconceito. Durante a faculdade eu nunca estive em contato com uma ONG e o que ouvia falar sobre elas sempre me remetia à idéia de trabalho informal, de um bando de “bichos-grilo” trabalhando em situações precárias, sem organização. E agora pensando, quão sérias são as imagens formadas no preconceito. Pois ao chegar ao NEMA nenhuma delas permaneceu a me rondar. Lembro-me de ficar espantada que no NEMA existiam computadores e pessoas trabalhando neles. Que existiam profissionais formados de diversas áreas, mestres e doutorandos trabalhando em projetos diversos e comprometidos com o bem estar social e ambiental. Em pouco tempo de convivência pude perceber o quanto tinham de responsabilidade e sonhos. E eu, chegando sem nenhuma experiência, só queria “sugar” tudo o que pudesse, me informar sobre tudo e aprender tudo muito rápido. Eu também tinha sonhos e logo queria ter responsabilidades.

Lembro-me da primeira pessoa que me recebeu no NEMA, o Renato. Certa vez, ele me deu uma carona na qual conversamos sobre trabalho, mas não lembro bem o quê, mas lembro até hoje de algo que eu disse: - Eu gostaria de fazer algo que fizesse a diferença no mundo, algo realmente bom! Lembro também de ter me sentido meio desconfortável com o que havia dito, me senti como alguém inexperiente sendo deflagradamente utópica, ainda mais por estar falando isso para alguém com muita experiência profissional. O imaginei pensando: - Pobre, nem sabe o que é trabalhar ainda e já quer mudar o mundo! Não que eu acredite que ele tenha pensado isso, e sim que foi um pensamento reverso meu, de recriminação ao meu próprio desejo. E era exatamente aquilo que eu queria: fazer algo que fizesse a diferença. Não sabia como, onde, nem quando, mas queria já. Para mim isso era um sonho possível, mesmo que sua realização fosse impossível de imaginar naquele momento.

No NEMA eu consegui fazer a diferença! Entre um projeto e outro, fui fazendo a diferença na minha vida, aprendendo coisas novas, descobrindo e me espantando com minhas capacidades, aprendendo a lidar com minhas limitações, e assim fui também mudando a vida de algumas pessoas, as quais passavam pelo mesmo processo, só que m outro espaço.

Então pra mim o NEMA é uma escola da vida, que ensina mais do que a sociedade capitalista, pois ensina a trabalhar com autonomia de ação e ideias.. e como isso parece difícil para muitas pessoas, aquelas que não se adaptam ao NEMA. E é mesmo difícil... é tão mais fácil as vezes bater ponto e fazer o trabalho que o chefe quer que tu faça, trabalhar somente dia de semana, em horário determinado e nunca levar trabalho pra casa. É, mas no NEMA não tem horário, não tem lugar, tudo é ditado pelos caminhos que os projetos te levam, que as pessoas te levam, que teus sonhos te levam. E a disposição é muita!

Para mim o NEMA representa isso: mais que um local de trabalho, uma escola; mais do que execução de tarefas, realização de ideias e ideais; mais do que trabalho por dinheiro, trabalho por liberdade e satisfação pessoal; mais do que pessoas perfeitas, pessoas que sonham; mais do que o único caminho, um caminho que transforma para fazer diferença nas pessoas e no mundo. São muitos sentimentos e lembranças que se misturam e me atrapalham para colocá-los no papel. Mas é isso mesmo, o NEMA para mim é um pouco do que eu posso explicar e um pouco do que eu posso sentir.

No fim de 2010 eu saí do NEMA. Sentindo que eu ainda poderia fazer mais ali, mas com a certeza que tudo que eu aprendi está em mim e vai me ajudar a ser feliz nos caminhos que eu escolher profissionalmente daqui pra frente. Porque mais do que um instrumento de trabalho, agora eu sei que sou uma agente de mudança, e isso eu aprendi no NEMA.

É isso... Esse foi um relato para a pesquisa de doutorado de Carla Valeria Leonini Crivellaro, minha sempre fonte inspiradora. Também foi uma carta de agradecimento ao NEMA e as pessoas que fazem do NEMA um ser que vive e transforma pessoas.

Recife, 29 de agosto de 2011

A.F.M.

RELATO 23

O Nema foi parte essencial na minha vida acadêmica, devido ao grande aprendizado científico que me proporcionou, mas foi importante, principalmente, na minha transformação como pessoa.

Eu sempre amei a natureza e acreditei que a preservação é essencial para o futuro do Planeta. Mas foi devido às vivências que tive no Nema, com a equipe toda sempre engajada em fazer o melhor possível em prol de causas ambientais e humanas, dando uma grande importância para cada ser, individualmente, que percebi que um futuro melhor ainda é possível. Percebi que existem pessoas que realmente lutam por um motivo nobre: a preservação da vida como um todo, humana, animal e vegetal e pela formação de uma sociedade melhor, que está integrada ao meio ambiente. Foi dentro do Nema que passei a sentir que a verdadeira riqueza e felicidade é ter um estilo de vida simples, dando à natureza o espaço que deveria lhe pertencer em nossas vidas. Obrigada à equipe do Nema, por ter feito e, de certa forma, ainda fazer parte da minha vida.

B.L.

RELATO 24

Ola Carlinha, tenho o maior prazer de dar meu depoimento sobre o tempo que vivenciei no nema! Fez parte de um grande momento da minha vida, um momento de transformação como pessoa, como mulher, como mãe, e principalmente como profissional, me despertando um olhar mais crítico em relação a sociedade em que a gente vive com seus valores e ações cotidianos dentro do seu "meio ambiente" assim como ao ambiente natural. Não só a criticidade, mas também a sensibilidade de enxergar as riquezas que existem ao nosso redor, sejam elas naturais ou culturais, e a necessidade de preservar e respeitar essa diversidade já tão ameaçada e manter esse equilíbrio fundamental a nossa sobrevivência no planeta. É do local que se chega ao global!! Parabéns ao NEMA, pela força que vocês tem juntos e parabéns pra ti tb Carlinha, que é uma das grandes cabeças (e mãos e pés, hehhhehe) e que me ensinou bastante tb! Fico feliz que Rio Grande foi abençoada em ter um grupo tão forte e batalhador como é o NEMA. Beijo grande! C.

RELATO 25

Comecei a trabalhar no NEMA em Janeiro de 2006, na época já morava no cassino há dois anos, já tinha conhecimento do trabalho desenvolvido, morava apenas a duas quadras de distancia da sede, e motivado por um amigo fui até lá pedir um estágio. Comecei no Projeto " Ondas que te quero mar" de educação ambiental. O início desse período significou a materialização de um ideal, o ambientalismo deixou ser abstrato, tomou forma, várias formas, mas sempre era fazer acontecer, trabalhar e acreditar significou também uma alternativa ao meio acadêmico tão frio tão distante. A educação ambiental praticada ali, diferente do que já tinha visto, fazia mais sentido, era mais palpável. Os conceitos de EA que me foram apresentados ali, hoje são tão intrínsecos à minha maneira de ser que parece que eu sempre fui assim e que não existe outro jeito de ser.

O NEMA me trouxe também a noção que um ambiente de trabalho possa ser, tranquilo, descontraído, acolhedor e cheio de calor humano, sem deixar de ser eficiente, e foi ainda minha primeira experiência profissional duradoura, significou, portanto o aprendizado do compromisso, das responsabilidades, e da sensação de tarefas cumpridas. O NEMA me mostrou um mundo novo dos orgânicos, da produção local, das comunidades, carentes/rurais e de pescadores, Significou um início de uma espiral de amizades que hoje vejo indispensável e me despertou novos significados para o termo realização profissional.

Mas o mais importante e talvez sirva de resumo a tudo que eu escrevi, e ainda creio que seja uma das principais razões/missões do NEMA, significou quebra de paradigmas, mudança de comportamento, de atitudes perante a vida, de "quereres" em geral. Eu entrei um e sai outro.

D. M.

RELATO 26

Cassino, 03 de julho de 2011.

O QUE O NEMA REPRESENTA NA MINHA VIDA?

Se eu tivesse que representar o NEMA com uma imagem, seria a de um grande chafariz. Um chafariz lindo, enorme, cheio de cores, de onde brota água e luz. Uma fonte construída, por muitas pessoas, com vários estilos representados. Mas nessa fonte ainda tem alguns espaços para novas construções, por ter sido construída com uma boa base. O NEMA pra mim é isso. Fonte de muitas coisas: conhecimento, informação, amizade, sustento, crescimento pessoal, dúvidas, contradições, descobertas e redescobertas.

Fonte de conhecimento, porque muito do que sei, profissionalmente, conheci através do NEMA. Me proporcionou o aprendizado que não se encontra na Academia, na Universidade, conhecimento e formação profissional.

Fonte de informação, porque ali a gente sai do mundinho da Universidade e tem a possibilidade de estar informado. Informado sobre o que acontece na praia, na pesca, no Cassino, na cidade, nas esferas políticas. A gente sabe o que sai no jornal, nas revistas, etc.

Fonte de amizade, porque se eu for contar nos dedos meus amigos hoje, conheci no ou através do NEMA. O NEMA me possibilitou uma identificação com essas pessoas, gente com valores e crenças parecidas com as minhas.

Fonte de sustento, porque é de onde hoje eu recebo o dinheiro que me sustenta.

Fonte de crescimento pessoal, porque o NEMA proporciona a transformação pessoal, permite vivências, experiências e trocas.

Fonte de dúvidas, porque o NEMA me deixa sempre na sombra da dúvida! Será que eu quero fazer isso ou aquilo? Do que eu gosto afinal? Como decidir? Gosto de tudo? Vou ter projeto para trabalhar no ano que vem? Como vou me sustentar depois que o projeto acabar? Educação ambiental ou pesquisa com as tartarugas marinhas? E o lixo? E os pescadores? Fonte das mais variadas dúvidas!

Fonte de contradições, sim, me causa contradições. Venho de uma família com boas condições financeiras, pai médico, mãe corretora de imóveis, uma irmã médica e a outra advogada. Lá na casa deles é importante ter grana! Ganhar bem. Sempre se esperou isso das filhas. No NEMA? Não se ganha tão bem assim, como eles gostariam. E a cobrança sempre vem. Tem tempos que sei muito bem o que quero, em outros não tão bem assim...

Fonte de descobertas, pois descobri em mim, através do NEMA, uma pessoa que gosta muito de trabalhar com pessoas e que não gosta tanto, como pensava antes, de trabalhar “em laboratório”. Entre muitas tantas descobertas...

Nema: fonte de eternas redescobertas sobre mim mesma.

Faz seis anos que faço parte dessa construção. Comecei como estagiária do Projeto Tartarugas Marinhas, fiz ali minha monografia de conclusão do curso de Biologia, minha dissertação de mestrado na Oceanografia Biológica. Comecei a trabalhar no projeto de pesca, iniciei um trabalho com adolescentes da Barra, no Projeto Ondas. E agora não sei mais o que quero! Doutorado? Sim. Mas em que área? Não sei. O NEMA vem me transformando, me levando para novos caminhos. Então espero. Por enquanto, ficarei por lá, aproveitando de tudo isso que o NEMA me proporciona, fazendo parte desse maravilhoso chafariz.

J.B.

RELATO 27

Espero que ainda de tempo para contribuir com a tua tese, o que para mim é uma honra.

O QUE O NEMA REPRESENTA E OU REPRESENTOU PRA MINHA VIDA
O Nema representou e representa pra mim uma mudança significativa na minha vida (um ideal de vida), mudei minha maneira de ver o mundo, as pessoas, as coisas em geral. No Nema aprendi a valorizar mais as pessoas, o trabalho em equipe, respeitando a individualidade de cada um. Esse aprendizado é constante. O grande incentivo de trabalhar no NEMA, vem dos meus colegas, os técnicos e dos coordenadores que são profissionais extremamente competentes e valorizam o trabalho bem feito.

Para qualquer coisa, estou a sua disposição.

bjos,
M.

RELATO 28

O que o NEMA significa na minha vida?

Essa é uma pergunta muito difícil. Sintetizar um misto de emoções, sentimentos, lembranças e sonhos provocados por essa pergunta...

O NEMA, antes de tudo, foi importante para que eu pudesse encontrar o meu lugar na Oceanografia. No final de 2006, eu já estava prestes a abandonar o curso e voltar para Minas Gerais. Estava longe de casa, da minha família e não me “achar” na fragmentação das “Oceanografias” Física, Química, Biológica e Geológica. Os estágios e as disciplinas do curso de Oceanologia na FURG faziam com que a gente escolhesse uma área e se especializasse nela. E o meu tour pelas “Oceanografias” não me fazia sentir que eu pertencesse àquele lugar.

Tinha me decepcionado com as pesquisas na academia. Não conseguia enxergar o porquê de se pesquisar aquilo, nem o para quê ou para quem, aquilo iria servir. Estava me desencantando do sonho que tinha quanto vim para Rio Grande estudar Oceanografia. Do sonho de pesquisar e trabalhar na área de meio ambiente, ajudando a melhorar o planeta em que vivo.

Então, como já disse, no final de 2006, fui fazer o estágio no NEMA. Queria sair da academia e tinha ouvido falar do trabalho do NEMA. Fui aberta a trabalhar lá, pois era minha última tentativa de me “encontrar” e fazer valer a pena todas as dificuldades que estava enfrentando. Quando cheguei lá, (re)encontrei a Ana e o Rodrigo, que já tinha conhecido na matrícula do curso. Foram eles que me ajudaram quando cheguei em Rio Grande, pois o Rodrigo é da mesma cidade que a minha. Foram eles que me receberam, me apresentaram os projetos e me convidaram a participar do projeto “Ondas que te quero mar: educação ambiental para comunidades costeiras”.

Permitiu-me trabalhar com oceanólogos que viam a Oceanografia de uma outra maneira. Não fragmentada como na universidade mas integrada, imersa na sociedade e não separada dela. Que integrava as questões que afetam a vida das pessoas e dos outros seres vivos que habitam o planeta. Via essa interdependência entre os processos e a necessidade de intervenções para torná-los mais sustentáveis. O NEMA me possibilitou achar o meu lugar na Oceanografia e (re)encantar-me com ela. Eu conseguia enxergar no trabalho que desenvolvíamos no NEMA e nos projetos, como a Oceanografia se relacionava com a realidade de Rio Grande e como ela poderia ser realmente útil para transformar a realidade e não apenas se resumir a projetos e trabalhos científicos, publicados e engavetados, de uma Universidade-ilha.

Foi a minha entrada na educação ambiental. Ampliou o meu conceito de educação ambiental para muito mais do que apenas cuidar das plantas, dos animais e dos ambientes, da “natureza”

separando ela do ser humano. (Re) integrou o ser humano à natureza. Foi durante o meu trabalho no NEMA que fui me constituindo educadora ambiental. Na prática, no trabalho com as comunidades.

Pude conhecer uma instituição comprometida com as questões ambientais e com a comunidade. E que se perpetua e vai se constituindo de acordo com seus integrantes mas sem perder suas raízes, seus fundamentos, sua forma de ver o mundo e de agir nele para transformá-lo.

Fiz muitos amigos, exemplos de vida e de profissionais comprometidos com o seu trabalho e com a continuidade de um projeto de vida institucional. E são estes os meus exemplos, que me permeiam. Que me fizeram (re)aprender a sonhar e a acreditar no trabalho realizado.

Por isso tudo, o NEMA significa muito para mim, significa minha constituição enquanto oceanóloga e educadora ambiental, um exemplo de instituição e de profissionais, mas também exemplos de vida que levo para a minha vida profissional e pessoal. Assim, não sei o quanto o NEMA tem um pouco de mim mas sei que tenho muito do NEMA na minha constituição, pessoal e profissional. O meu trabalho no NEMA, mudou alguns dos meus sonhos e resgatou outros, me ensinando a lutar por eles. Hoje a minha opção pelo mestrado em educação ambiental está encharcada do NEMA e das pessoas que o constituíram e o constituem, nesse movimento contínuo.

M.G.

RELATO 29

O que o Nema representa na minha vida não é uma pergunta simples de responder. Por conta disso tenho protelado este momento. Também não é tão difícil, a verdade é que são tantas histórias, vivências e sentimentos que às vezes não queremos remexer.

O Nema me lembra muitas coisas: pessoas realmente engajadas por um trabalho, grupo, democracia, beleza, natureza, compromisso pessoal, conhecimento, prudência, construção de saberes coletivos, amizades.

Mas me reduzo neste a falar de meu percurso e mudanças significativas e positivas em minha trajetória de vida, sem palavras rebuscadas. Cheguei lá através de um relato de uma arte –educadora como eu, que apaixonada – Luciane Goldberg – deixou-me empolgada a participar de um trabalho tão vibrante. E outra, a educação que o NEMA propunha através daquela fala dava ênfase e total importância a Arte, a área do conhecimento que escolhi para minha vida. Embora vários avanços tenham ocorrido na área das artes no Brasil, ainda não temos espaços reais dentro de diversos programas educativos e instituições, escolas, etc. Conhecendo e vivendo o Nema do dia 15 de fevereiro de 2005 – dia do meu aniversário no qual me apresentei para a então coordenadora do Ondas Rita Rache para um estágio voluntário - até meados de maio de 2009, comprovei que a Arte é realmente norteadora - junto com outras áreas do conhecimento - de uma educação que acontece e dá certo.

O NEMA realmente preocupa-se e “briga” pelo direito de uma vida mais harmônica, com a atuação dos homens no mundo e como transformá-las em ações sustentáveis. Isso pra mim representa que o meu sonho não é só meu, que é coletivo, e que tem pessoas que dedicam sua vida a isso.

Nesse tempo, aprendi muito sobre arte, pela necessidade de pensar projetos, preparar oficinas – muitas vezes semanais –e atender grupos tão distintos: professoras da rede pública, jovens e crianças em situação de risco e jovens e crianças de classes privilegiadas que pagavam por oficinas de verão, e tbm estudantes universitários como eu.

Com a tarefa de pensar e planejar juntamente com profissionais de diferentes áreas aprendi muitas coisas. Difícil enumerá-las, mas por exemplo aprendi sobre hábitos e pelagem de animais, políticas públicas de educação, comitês e redes de bacias hidrográficas, dinâmicas de diversos ecossistemas, aprendi a entender e aceitar opiniões diferentes das minhas. Coisas distintas que se produz, se conversa, se faz dentro do NEMA.

Aprendi inclusive a aprender! No tempo que estive lá passei a trabalhar no programa de gráficos corel draw, primeiro pela necessidade da Rita de uma ajuda para tal, e depois pelo prazer de ver as coisas ficarem prontas e mais bonitas. Dominei o programa com a ajuda coletiva de quem já sabia algumas coisas, e de outros tantos colegas com inspirações e colocações estéticas apuradas. No NEMA eu aprendia até ouvindo a conversa dos outros no telefone, isso porque, o telefone também é coletivo, e as ligações são feitas assim na sala ou na cozinha, em companhia de todos.

O NEMA funciona!! pra mim isto também significa que uma ONG pode funcionar de maneira verdadeira, idônea, e também cumprir o papel que se propõe perante a sociedade. Isto representou pra mim, que devemos também confiar em ONGs em um país cheio de falcatruas e desvios de dinheiro.

O NEMA com toda paciência do mundo me transformou numa profissional! Num processo continuo me mostrou responsabilidades, prazos, necessidades operacionais, processos de trabalho, atuação em rede, e muitas outras coisas. Impossível descrever, e espero não ter sido tão evasiva, mas considero essa passagem pelo NEMA como uma mala cheia que saí carregando! E eu ganhei tudo assim, de graça, sem pressões absurdas por parte dos coordenadores e diretores, com julgamentos e olhares críticos de construção, de ajuda mesmo. Hoje, trabalhando para uma grande empresa posso reconhecer e valorizar muitíssimo esse tipo de hierarquia que não é “achatadora”.

Sempre penso que poderia ter feito mais, muito mais, muito melhor, mas olho pra trás com um sentimento muito bom, de poder dizer que também faço parte de uma história bonita, construída a varias mãos!

L.P.

RELATO 30

Sou nascido em São Paulo, SP, e cheguei na FURG em agosto de 1979. Optei por estudar e atuar na oceanografia porque identificava, como apreciador das coisas do mar e mergulhador que era, uma possibilidade de contribuir para "melhorar" o mundo já que, naqueles tempos idos, a questão ambiental começava a ser discutida e eu já tinha sido vítima, ao voltar de um mergulho em Ilha Bela, de uma grande mancha de piche flutuante que me obrigou, inclusive, a raspar os cabelos.

Identifiquei, nessa formação, a possibilidade de atuar profissionalmente e contribuir para - segundo a acepção de Gurdjieff para a definição de uma boa profissão - fazer o melhor para mim e o melhor para os outros que estão à volta.

Ao chegar à Rio Grande, uma grata surpresa. O porto, o casario antigo, o estuário, barcos de pesca e aquele cheiro de peixe comum e generalizado.

Prenúncio de um período, sem dúvidas, muito interessante.

As aulas eram no campus cidade, em agosto, a ocorrência de "rebojo" era comum. Surpreendia-me constatar a insalubridade do ambiente das salas de aulas, com aquele cheiro de enxofre que ficava na garganta.

E, mais impressionante ainda, constatar que não ocorriam manifestações contrárias àquela barbaridade por nenhuma das partes: alunos em geral, alunos da oceanografia e professores de qualquer um dos cursos.

Foi a primeira impressão que tive a respeito de Rio Grande e do quão conformadas as pessoas eram com a externalização dos custos da produção de hidrocarbonetos por uma empresa que era o orgulho da Região.

Nas palavras de um subsecretário da CIRM, era o cheiro do progresso... Na praia, o que mais impressionava eram os arrastões que deixavam, após a seleção das espécies de interesse comercial, centenas de quilos de espadas, corvinas, bagres, pescadas amarelas e papas-terra de menor tamanho.

Além da quantidade de objetos provenientes de navios como pallets, tambores plásticos e de metais, além de muitas bóias de vidro e petrechos utilizados nas atividades pesqueiras. Nessa época, até porque as disciplinas que havia me matriculado eram, basicamente, de engenharia, passava boa parte do tempo na praia, surfando. Tinha um Land Rover que servia para levar e trazer pessoas e objetos em excursões que chegavam até o Sarita. Não preciso dizer que fui reprovado na maior parte das disciplinas.

Além disso, havia um grupo de alunos, alguns da oceanografia e outros da geografia - cujos nomes não me recordo com exceção do Eber - que atuavam junto às comunidades pesqueiras de Rio Grande e São José do Norte tentando auxiliá-los na sua mobilização para fins de cobrar, junto à FURG, de respostas para questões importantes relacionadas às suas atividades pesqueiras já que, como era fácil se constatar, a instituição estava "de costas" para essa realidade e os pesquisadores, com raras exceções, encontravam-se encastelados em seus laboratórios gerando informações que, no mais das vezes, não tinham aplicação prática para os maiores interessados nelas, a população pesqueira.

1980

Comecei, efetivamente, o curso de oceanografia.

E, logo de cara, a constatação que preocupações afeitas às causas ambientais não faziam parte do currículo explícito do curso e, nem tampouco, das preocupações dos professores e colegas. Demorei um pouco para entender o porquê desse alheamento com a realidade por parte de alunos que, comungando em comum o mesmo gosto e admiração pelo mar, eram insensíveis aos problemas já perceptíveis.

Mas, dei-me conta logo mais, decorria da estória de vida e dos locais de origem de cada dos colegas e, como não poderia deixar de ser, dos respectivos objetivos e anseios que alimentavam para a vida.

Além disso, depois de ter aulas com alguns professores fraquíssimos - algumas aulas eram ditadas de livros - comecei a me dar conta que a vida universitária estava longe de ser o que eu tanto esperava.

Passei, inclusive, a ter ojeriza a geologia.

No segundo semestre fiz estágio no Laboratório de Crustáceos Decápodes e, a partir daí, passei a não ter maior interesse em participar de atividades de cunho científico na área de oceanografia biológica.

Continuava, nessa época, frequentando a praia independentemente do tempo e da estação do ano.

Não me recordo bem como se deu, mas que, ao longo desse ano - mediante convite do Badanha ou Joca - aproveitamos algumas idas ao navio para surfar e registrar animais mortos na praia.

No final desse ano, e enquanto me preparava para mudar radicalmente de vida, o Joca, caso não esteja enganado, estava se preparando para fazer um estágio na Praia do Forte.

1981

Parece-me, logo no início do ano e após a volta do estágio na Praia do Forte, que o Joca sugeriu que se começasse a percorrer, periodicamente, um trecho de praia para monitorar tartarugas marinhas.

Nessa época tinha um Fiat panorama branco, com uma grande área no bagageiro, onde trazíamos exemplares coletados que, muitas vezes, deixavam o carro empestado com o cheiro.

Particpei de umas duas ou três dessas atividades.

Logo depois, Joca apareceu com um Gurgel vermelho e, a partir daí, ausentei-me dessas atividades.

Nesse ano desempenhei atividades de pesca com o camarão sete-barbas - *Artemesia longinaris* - que, depois de capturados, eram limpos, congelados e vendidos em Porto Alegre e São Paulo. A atividade era algo difícil.

Posteriormente, identifiquei na apicultura, graças ao José Joaquim Riegel de Brito - Paul Bahne - e Anastas, uma atividade mais gratificante e menos incerta.

Foi nessa época que, ao cursar a disciplina de Planctologia, tive um choque que quase me fez desistir do curso.

Ao se abordar o tema afeito à blooms e maré vermelha, perguntei se o que havia ocorrido em 1978 no Hermenegildo, quando cavalos e bois foram intoxicados por se encontrarem próximos à praia, fartamente noticiado nos jornais de São Paulo, era maré vermelha ou estava relacionado à carga de brometo de metila do navio Taquari, que havia afundado, anos antes, nas proximidades de Cabo Polônio, no Uruguai?

A Yara, professora responsável pela disciplina, teve um choque e se transtornou com a questão.

Deu uma ensaboada e não respondeu o que havia sido perguntado. Da minha parte, bem como de mais alguns colegas que centraram carga na questão, ficou claro que o tema era tabu e não poderia ser abordado.

Esse evento, para mim, foi emblemático uma vez que dava a medida em que tais demandas que começavam a surgir estavam longe de encontrar eco junto ao corpo docente e de pesquisadores da FURG.

Posteriormente vim a entender o porquê...

Afinal, em uma área de segurança nacional, próximo à fronteira e com professores oriundos de países em que a ditadura militar havia sido muito mais truculenta do que no Brasil - Argentina e Uruguai - como esperar que ocorressem manifestações que haveriam a se contrapor a interesses dos grupos que contava com o apoio da caserna?

Acompanhando esse choque veio a certeza de que muito pouco, para ser otimista, poderia se esperar dos professores da FURG quanto ao enfrentamento dessas questões ambientais ainda não cientificamente fundamentadas.

Em julho, no grande divisor de águas na minha vida, o nascimento do Gabriel fez-me fincar, repentinamente, os pés no chão já que, a partir de então, minha vida tomou outro rumo. Deixei de me preocupar por questões afeitas ao difuso e passei a dedicar meu tempo e energia para fins mais pragmáticos relacionados ao pagamento das contas, principalmente. No final do ano, por ocasião do I Encontro de Oceanólogos realizados na FURG, outro evento também emblemático.

Depois de assistir diversas apresentações, não entender quase nada da maior parte delas e não identificar aplicação prática dos trabalhos - basta lembrar das atividades de 1979 com os pescadores - cansamo-nos de passar por papagaios de pirata e, aproveitando que tinha entrado uma frente, fomos para o navio surfar. Éramos em três: Ewerton, Oldemar Carvalho Junior e eu.

Na ida, uma série de situações que impressionou como resultado da magnitude. Só lamento

não ter registrado os números e a lembrança que hoje tenho está relacionada à ordem de grandeza do que foi constatado.

Foram contados mais de 70 pinguins mortos, 30 pinípedes e umas 20 tartarugas marinhas, além de aves e alguns peixes ao longo dos 12 km de praia, entre o Cassino e o navio. Não tínhamos idéia do que podia ser mas as conjecturas apontavam para algo que, necessariamente, não deveria ser bom.

A despeito de tais constatações, caímos na água e surfamos ótimas ondas. Numa atitude depois considerada algo afoita em face do constatado na praia.

Na volta para o Cassino para participar das atividades da tarde do Encontro, encontramos um tambor de 120 litros de detergente pesado para graxa de máquinas rolando no meso litoral, com um pouco de líquido dentro e etiquetas chamando atenção para a periculosidade da substância.

Embora tivéssemos claro que não era o barril o responsável pela grande mortandade de animais marinhos, consideramos que não poderíamos deixar de pontuar o Encontro com essa sinistra aparição.

Colocamos o barril no carro e voltamos para o Cassino.

No outro dia, por ocasião do encerramento do evento, considerei importante, mesmo sem contar com o apoio dos amigos, trazer o presente para o centro do anfiteatro, como estratégia para dividir o problema com os participantes, visto se tratar do I Encontro Brasileiro de Oceanólogos.

Não me parecia normal, ainda que parecendo ser simplista ou, mesmo, inocente, que os colegas e professores pudessem fazer ouvidos moucos à um emblema de tão importante questão.

E, o que para mim não foi surpresa, fizeram.

Tomara que alguém tenha uma foto do barril no meio do anfiteatro da SURPLADE, enquanto era encerrado o Encontro.

1982

Apreendi a levar o curso da FURG dividindo meu tempo com as obrigações relacionada à apicultura, da qual dependia.

Minha participação, portanto, nas atividades extra-classes e sociais viu-se muito diminuída. A ressaltar, apenas, o distanciamento do conteúdo da maior parte das disciplinas para com os problemas afeitos às causas difusas.

Algo facilmente superável com algum interesse e boa vontade do professor, como a experiência advinda das minhas atividades docentes a partir de 2002, viria a demonstrar.

1983

Idem anterior.

E, uma grata surpresa!

A disciplina de Morfologia do Fundo Oceânico, com o Grande General, foi outro divisor de águas na minha relação com a FURG e com a profissão.

Não tanto pelo conteúdo de aula, que era muito interessante mas e, principalmente, pelas características do professor, Haroldo Asmus.

Ele, inclusive, foi o primeiro Professor a discordar do mantra dominante que rezava que não haviam fundamentos científicos para a abordagem dos problemas ambientais. Esse, talvez, tenha um dos mais importantes estímulos que tive para continuar o curso e, a partir daí, identificar alguma possibilidade de atuar profissionalmente na área. Afinal, já no terceiro ano, não identificava perspectivas maiores para a minha atuação, como oceanógrafo, em atividades que já havia praticado e não via sentido. Seja em laboratório de oceanografia biológica, seja como monitor de química analítica ou mesmo na área de maricultura que me despertava, no início, algum interesse.

Nessa época tinha uma kombi furgão que, em algumas situações foi utilizada para saídas em campo. Tanto no Cassino como, também, entre São José do Norte e Lagoa do Peixe. Recordo-me, inclusive, de uma *Dermochelys coriacea*, com quase mais de 400 kg e sem uma nadadeira anterior, que, com muito esforço, colocamos dentro para ser levada para o Museu. Sem esquecer do querido Brusque, que também, vez ou outra, participava colocava seu carro na roda para fazer esse tipo de atividade.

1984

Último ano do curso, teoricamente. Tempo dividido entre as disciplinas e as atividades com as abelhas.

No final do primeiro semestre, uma péssima surpresa com a qual, posteriormente, seria muito grato.

Fui reprovado em Biologia Pesqueira e, após, tranquei o curso.

Dediquei-me integralmente às abelhas e passei a morar na campanha, no interior de Pedro Osório. Período muito interessante quando, por pouco, não larguei a universidade.

1985

Volta às aulas com apenas uma disciplina, no primeiro semestre, e atividades com abelhas fora do período das aulas.

No segundo semestre comecei a estagiar no Projeto Mapas Temáticos da Região Estuarina da Lagoa dos Patos, com a Marta Saint Pastous e Lídia Habiaga. Experiência interessante.

Outra situação que marcou ocorreu durante à aula de ADECO - Administração de Ecossistemas Costeiros quando o professor, Milton Asmus, estava abordando a temática afeita às funções ecológicas das dunas e ecossistemas costeiros enquanto que, ao olhar pela janela, constatávamos os tratores e caminhões da FURG detonando aqueles típicos exemplos de ecossistemas costeiros, já seriamente comprometidos.

Lembro-me de ter olhado para o Joca, que também tinha reparado no contra-senso, e a partir daí, em um insight conjunto, deixar eclodir uma idéia conjunta.

Chamamos atenção do professore e dos colegas em aula a respeito do referido contra-senso quando, depois de intenso debate em aula, foi feita a sugestão de se criar um abaixo-assinado - parece-me que o Milton assinou, preciso localizar a cópia do documento - apoiado por todos os alunos.

A Viviane Testa, que era do CA, encampou a idéia e encaminhou para a SURPLADE chamando atenção do Pró-Reitor Bernardelli para a incoerência do ato.

Em termos práticos tal iniciativa não deu em nada e os tratores e caminhões continuaram seu nobre trabalho alguns meses depois do final da disciplina.

Afinal, o Plano Diretor do Campus Carreiros assim determinava e o progresso, era imperioso, deveria continuar...

Uma ocorrência destacada também se deu nesse ano, mas não me recordo em qual semestre, de extrema importância para a qualificação do curso...

Deve ter sido no primeiro.

A greve dos alunos na disciplina de ecologia contra a incompetência dos professores responsáveis. Algo que todos nós já havíamos passado e que todas as vítimas concordavam. Afinal, uma das disciplinas mais importantes do curso era vilipendiada e desprezada por pessoas desqualificadas e sem vontade de se preparar para tal tarefa.

Foi um fuzuê com reuniões que iam e vinham.

Em termos práticos, o desdobramento desse evento foi benéfico e proveitoso para o curso, alunos e, inclusive, NEMA.

No meio para o final do ano, greve dos professores e funcionários por melhores condições de trabalho e de salário.

1986

A greve obrigou-nos a permanecer em Rio Grande ao longo do verão. Como estratégia para assegurar melhor sobrevivência e qualidade de vida, alguém - não sei se Ricardo, Regis, Gordinho ou Alexandre Adornes - tiveram a idéia de abrir um bar para passar pelo verão, ter uma base de apoio e um local para se alimentar e, ademais, não gastar dinheiro em outros bares.

Eu entrei de carona na estória já que dispunha da estrutura logística.

No que respeita à oceanografia, FURG e Nema, o Pinto, Müller saudoso e Ricardo, entre outros, cursaram, no verão, a disciplina de ecologia, que foi transferida, pelo método garganta abaixo, para o Milton Asmus, já que com os outros responsáveis (será melhor irresponsáveis?) os alunos não queriam nem de longe enxergar.

O Miltinho, segundo o meu entender e as conversas que presenciei, sentia-se com um rojão na mão...

O que fazer com a disciplina, que deveria ser ministrada nas férias, com os alunos insatisfeitos e a ponto de se rebelar se não fosse bem aplicada, logo após a sua volta do doutorado? Haroldo Asmus teve, aí também, importante papel.

Sugeri que se fizesse uso da linha dos trabalhos desenvolvidos nos Mapas Temáticos da Região Estuarina da Lagoa dos Patos, que já havia identificado e delimitado os principais sistemas e unidades de recursos ambientais / ecossistemas, para nortear as aulas e atividades de campo em cada um dos principais ecossistemas e, a partir daí, no estudo das respectivas características.

Essa turma, muito prejudicada no primeiro semestre, acabou sendo premiada pela qualidade das aulas e dos produtos, representados pelos trabalhos dos grupos, realizados e criando uma situação que passou a ser distintivo no curso, relacionada à tal capacidade de aplicar enfoque holístico e sistêmico em temas ambientais.

A partir daí - e segundo a minha percepção - o trato com a questão ambiental, que até então não era científica, passou a fazer parte das habilidades dos alunos que passaram a cursar tal disciplina.

Para o NEMA foi ótimo já que os egressos daquela turma passaram a dispor de privilegiada visão de conjunto da região a partir dos ecossistemas aí presentes.

Algo que, até então, só poderia ser reconhecido no âmbito dos trabalhos dos Mapas Temáticos.

Não desmerecendo, é claro, as atividades realizadas pelos outros pesquisadores. Mas, apenas ressaltando que o grande salto qualitativo foi a formulação do quadro conceitual que possibilitava entender o por quê da existência daqueles diferentes tipos de ambientes associados à um quadro de evolução geológica daquele ambiente.

1986 a 1992

Logo em março, tive a oportunidade de começar a trabalhar no Projeto Mapas Temáticos e, em 1987, no Projeto Estrutura e Dinâmica do Sistema Lagoa dos Patos onde permaneci até o final de 1988.

No final de 1988, com o desmonte proposital do PLP por parte da direção da Universidade - o Reitor que havia assinado o convênio com a CIRM, responsável pelo financiamento do PLP com um valor aproximado de 1,5 milhões de dólares, havia se comprometido a manter os 11 técnicos de nível superior contratados para esse trabalho para fins de assegurar a continuidade das atividades - constatei do quão negativo um ambiente universitário podia ser. A ressaltar, apenas, que parte dos objetivos do PLP se materializaram na forma de equipamentos para laboratórios e, até mesmo, pela retomada das propostas originais do Projeto por outros pesquisadores, que se materializaram em publicações e continuidade de alguns trabalhos.

Afinal, como registrado por diversos consultores que tomaram conhecimento da proposta e das características desse Projeto, caracterizava-se como uma iniciativa pioneira e diferenciada ao se cotejar com os trabalhos semelhantes que eram desenvolvidos em outros locais do Brasil e fora dele.

Essa experiência nefasta me fez conhecer um outro lado, nada benfazejo, da FURG.

Ao longo desse período procurei contribuir, sempre que possível, como ponte entre autoridades, técnicos e pesquisadores de outras instituições que vinham visitar o PLP - Projeto Lagoa dos Patos - e o NEMA.

Ao final de 88, sem vislumbrar perspectivas em Rio Grande, aceitei um convite do Ricardo para ir trabalhar no Peixe-Boi, por meio do NEMA, que assegurou a infra-estrutura jurídica para tal, onde fiquei até início de 91. Terminada a atividade no Peixe-Boi fui para a SUDEMA, órgão estadual de meio ambiente, onde permaneci até o início de 92. Mas, aí, já é outra história que só volta a ser retomada, na oceanografia, em 2002.

Isto posto, e considerando as interpretações dos fatos apresentados como eixo integrador ao longo do qual minha vida foi construída, chegamos à tua pergunta:

O que o NEMA representa e ou representou na minha vida?

O NEMA representou a primeira referência que se mostrou capaz de:
- caracterizar um espaço pioneiro e único para a discussão de temas afeitos à complexidade, imbricação e aberração da relação entre a questão ambiental e os seres humanos;
- registrar a insuficiência, incapacidade e insensibilidade da universidade de fazer frente aos

desafios impostos à sociedade pelas questões afeitas à esfera ambiental;

- questionar os fatos da realidade dados como normais que, por não encontrarem eco na academia, não encontram fórum para tal;
- propor medidas e alternativas para aplicar, quando existentes, e buscar, quando necessário, informações para buscar outras alternativas de usos do ambiente levando em conta as suas características, limitações e fragilidades em contraponto aos valores culturais até então dominantes;
- assegurar condições jurídicas de desempenhar atividades no setor público mediante a formalização de contratos para realização de projetos e contratação de pessoal técnico;
- identificar alternativas para solução de problemas ambientais - dunas do Cassino, Parque Lagoa Verde, entre outros - em um momento em que o poder público não apresentava condições - pessoal tecnicamente qualificado e interesse político - para tomar as iniciativas cabíveis;
- contribuir para o desenvolvimento de técnicas, métodos e práticas voltadas à educação focada na área ambiental seja no ensino formal ou não formal;
- atuar junto à rede pública de ensino para a inserção de temas afeitos às ciências do mar, moral e ética, cidadania e temas correlatos mediante o desenvolvimento e aplicação de técnicas e métodos;
- mais algumas outras diversas outras a serem detalhadas pelos colegas que melhor podem precisar.

Como decorrência dessa trajetória, o NEMA representa, única e exclusivamente por mérito das equipes - em termos abrangentes - que desenvolveram atividades e dirigiram a instituição, uma das principais, se não a principal, referências voltadas à compreensão, divulgação e disseminação de informações, bem como educação para a manutenção dos atributos naturais da na zona costeira e marinha brasileira.

Ressalta tal importância o fato de que no nosso País, como decorrência das características da população, da implantação do modelo de estado mínimo e das características neo-liberais do modelo econômico adotado, são escassos os exemplos de instituições do terceiro setor que, de fato, cumprem com o seu papel em termos de independência de princípios, retidão de ação e foco nas atividades inerentes à complementação das ações do executivo que, por um motivo qualquer, não cumpre atender.

Afinal, e como resultado de o Estado brasileiro ainda ser incipiente, as políticas de governo do grupo ora dominante passam a ser denominadas como políticas de Estado que, de maneira geral, buscam atender interesses econômicos de curto prazo da base que assegurou as condições econômicas para sustentação do grupo que está no poder.

Nesse contexto, tem sido cada vez mais corriqueiro se constatar que as instituições do terceiro setor passaram a se tornar prestadoras de serviços para o executivo, nas áreas que demonstra incompetência, e, a partir daí, tornam-se dependentes, subservientes e, como tal, incapazes de contribuir para o aprimoramento do Estado brasileiro visto responder, da primeira à última instância, por seus interesses particulares e pela atuação em causa própria.

Ainda que corra o risco de ser considerado como romântico, ou até mesmo inocente, conto que o futuro do NEMA não seja tão árduo como foi o passado e que, ao mesmo tempo, continue a trilhar o caminho de desbravamento de novas searas, distantes do lugar comum, e que, como resultado, continue a se tornar, cada vez mais, uma referência já que, no nosso País, são raros os faróis a nortear o rumo daqueles que buscam singrar por águas ainda não navegadas e, portanto, distantes dos lugares comuns.

Em termos práticos, considero que a incansável batalha para evitar que a questão ambiental seja espezinhada e se transforme em moeda de troca a ser barganhada pelo executivo junto aos grupos econômicos que, de fato, determinam os rumos do nosso País e ditam os referenciais políticos, deve ser o maior, se não o principal, objetivo.

Mesmo que seja utópico, parece-me que a não consideração dessas questões traz o risco de transformar o nosso trabalho em mais uma lenda do imaginário técnico científico traduzida em

contos da carochinha para o boi da cara preta dormir, a ser apreciada e julgada pelas próximas gerações, ainda que se considere os estrondosos "cases" de sucesso e revolucionários resultados até então obtidos.

Forte abraço
P.F.G. H.